

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Jéssica Patrícia Silva de Sá

**ASPECTOS SIMBÓLICOS DA PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA
EM CONTEXTOS DE ADVERSIDADE**

Belo Horizonte

2022

Jéssica Patrícia Silva de Sá

**ASPECTOS SIMBÓLICOS DA PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA
EM CONTEXTOS DE ADVERSIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Usuários, Gestão do conhecimento e Práticas informacionais

Orientador: Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula

Belo Horizonte

2022

S111a

Sá, Jéssica Patrícia Silva de.

Aspectos simbólicos da prática da leitura literária em contextos de adversidade [recurso eletrônico] / Jéssica Patrícia Silva de Sá. – 2022.

1 recurso online (225 f. : il., color.) : pdf.

Orientador: Claudio Paixão Anastácio de Paula.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 196-207.

Apêndice: f. 208-225.

Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Leitura - Teses. I. Paula, Cláudio Paixão Anastácio de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. III. Título.

CDU: 028

Ficha catalográfica: Maianna Giselle de Paula – CRB6: 2642

Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Às 14:00 horas, do dia 10 de fevereiro de 2022, por videoconferência, realizou-se a sessão pública para a defesa da Tese de **Jéssica Patrícia Silva de Sá**. A presidência da sessão coube ao Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula, orientador. Inicialmente, o presidente fez a apresentação da Comissão Examinadora assim constituída: Prof. Rubem Borges Teixeira Ramos (UFG), Profa. Maria da Conceição Carvalho (ECI/UFMG - aposentada), Dra. Marina Nogueira Ferraz (Faculdade de Medicina/UFMG), Dra. Eni Alves Rodrigues (Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais), Profa. Eliana Guimarães Almeida (Centro Pedagógico da UFMG), Profa. Ana Paula Meneses Alves (ECI/UFMG) e Prof. Cláudio Paixão Anastácio de Paula (ECI/UFMG), orientador. Em seguida, a candidata fez a apresentação do trabalho que constitui sua Tese de Doutorado, intitulada: "**Aspectos simbólicos da prática da leitura literária em contextos de adversidade**". Seguiu-se a arguição pelos examinadores e logo após, a Comissão reuniu-se, sem a presença da candidata e do público e decidiu considerar aprovada a Tese de Doutorado. O resultado final foi comunicado publicamente a candidata pelo presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ata que, depois de lida, se aprovada, será assinada pela Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 10 de fevereiro de 2022.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Paixão Anastacio de Paula, Professor do Magistério Superior**, em 17/02/2022, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eni Alves Rodrigues, Usuária Externa**, em 18/02/2022, às 07:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubem Borges Teixeira Ramos, Usuário Externo**, em 18/02/2022, às 07:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Meneses Alves, Professora do Magistério Superior**, em 18/02/2022, às 10:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marina Nogueira Ferraz, Bibliotecária-Documentalista**, em 21/02/2022, às 11:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliana Guimaraes Almeida, Professora Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 01/04/2022, às 21:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cintia Aparecida Chagas, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 09/04/2022, às 12:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1228043** e o código CRC **3E7BB726**.

DEDICATÓRIA

*Para meus pais, Carminha e Eugênio,
que sonharam todos os meus sonhos comigo.*

Para Glauber, por ser parte.

AGRADECIMENTOS

Ter o privilégio de pesquisar a leitura e os leitores de literatura é um sonho que me acompanha desde meados da graduação em Biblioteconomia e realizá-lo por meio desta tese me proporcionou muito contentamento e satisfação.

No entanto, investigar a leitura literária em meio à pandemia, ao negacionismo do conhecimento científico, às ameaças de desmonte das universidades públicas e à perigosa desgovernança do país foi, verdadeiramente, um ato de resistência. Além disso, somaram-se questões pessoais e profissionais, como o tratamento da ansiedade e a conciliação dos estudos com o trabalho. Diante dessa conjuntura, à medida que esta pesquisa sobre leitura como resistência às adversidades foi sendo desenvolvida, o próprio ato da escrita da tese tornou-se para mim um modo de resistir, trazendo tenacidade, resiliência e esperança por dias melhores.

A tese discute, com base na ciência, a sutileza e força da arte, retomando a essência do que é humano, a luta constante com as desventuras da vida e a contínua capacidade humana de reconstrução. Ciência, literatura, leitura, leitores... Luzes em tempos sombrios. Nesse contexto de luta, expresso meus sinceros agradecimentos aqueles que estiveram ao meu lado.

À minha família, meus pais e minha irmã Melissa, pelo apoio e amor incondicional, por acreditarem no meu potencial e não medirem esforços para me acolher e amparar. Tenho orgulho da nossa história.

Ao meu marido Glauber, meu melhor amigo e companheiro, agradeço pelo amor, carinho e cuidado constantes, por ser tão especial em minha vida, por trilhar comigo o caminho que escolhi, por compreender a miscelânea de emoções que envolve uma pesquisa de doutorado.

Aos meus filhotes caninos, Malu e Rodrigo, pelo carinho gratuito que me oferecem, pela inocência do seu amor, pelo apoio silencioso durante a escrita da tese.

Aos familiares e amigos que torceram pelo meu sucesso acadêmico, pelas palavras de carinho e incentivo.

Ao meu orientador, Claudio Paixão, pelo acolhimento paternal desta orientanda e pela confiança nesta pesquisa. Ter um orientador psicólogo é um bônus, pois não faltaram palavras de incentivo, elogios e afeto, o que não impediu as críticas assertivas e os apontamentos certos. Não poderia existir um orientador melhor para esta tese,

Claudio! Minha eterna gratidão pela nossa parceria, afirmo de boca cheia que este trabalho é nosso.

Às professoras da banca de qualificação, Profa. Eliana Guimarães, Profa. Maria da Conceição Carvalho e Profa. Marina Nogueira, foi um privilégio ter três pesquisadoras tão competentes discutindo o projeto da tese, generosamente fazendo análises importantes e indicando referências fundamentais para esta pesquisa. Minha admiração por vocês é imensa e cada uma faz parte da minha trajetória acadêmica e também da minha história de vida.

Aos membros da banca da defesa, Profa. Ana Paula Meneses, Profa. Eliana Guimarães, Prof. Rubem Ramos, Profa. Maria da Conceição Carvalho, Profa. Marina Nogueira e Profa. Eni Rodrigues, pelo genuíno interesse na pesquisa, pela leitura cuidadosa do texto, pelas ponderações e críticas essenciais.

Aos colegas do PPGCI, em especial, Andreza Gonçalves e Emanuelle Amaral, amigas e companheiras dessa caminhada, que viveram comigo as dores e as delícias do doutorado, compartilhando tantas informações, histórias e risadas. Um agradecimento especial para a amiga Rosilene Coelho de Sá, pelas discussões metodológicas que me abriram horizontes, pelas ideias e conselhos.

Aos colaboradores dessa pesquisa, os apaixonados leitores! A emoção de conhecer suas histórias íntimas e saber das batalhas diárias que enfrentaram com o auxílio da leitura é algo que transborda meu coração. Tive a sorte de entrevistar pessoas tão incríveis, foi um privilégio mergulhar em suas experiências. Meus eternos agradecimentos, sem vocês não haveria esta pesquisa.

À equipe do Cultura Pocket e aos membros da Sociedade Literária CP, que recebem as minhas pesquisas de maneira colaborativa e gentil desde o mestrado.

À Universidade Pública, que possibilitou minha formação como bibliotecária e cientista da informação, sem a qual eu não teria acesso ao ensino superior.

À Escola de Ciência da Informação da UFMG, onde me sinto em casa.

À ciência e aos pesquisadores que me precederam, por forneceram a base sobre a qual esta pesquisa se estrutura.

À sabedoria infinita da vida, luz e natureza divina, incompreensível, contínua, presente e pulsante.

“Temendo a violência do mundo dos seres, e ao mesmo tempo fascinado por ela, o homem vive e se move entre palavras, ora fortalecendo, ora atenuando o vínculo destes dois mundos: o original dos seres e o simbólico da linguagem.”

(Marisa Lajolo, 2018, p. 46)

RESUMO

A leitura de obras literárias é uma experiência que desperta uma enorme gama de sensações, sentimentos, pensamentos e reflexões nos leitores. Assim sendo, a presente pesquisa objetivou investigar a apropriação simbólica da leitura literária por leitores em situações de adversidade, no que se refere às fragilidades físicas, psicológicas ou sociais. Para alcançar o objetivo geral, foram considerados os seguintes objetivos específicos: caracterizar a apropriação simbólica da leitura literária pelos leitores; compreender a relação entre as experiências de leitura e o enfrentamento de situações adversas – sejam elas fragilidades físicas, psicológicas ou sociais. A investigação vincula-se ao olhar da Ciência da Informação sobre os processos de apropriação simbólica, viés pertinente ao estudo dos sujeitos e da compreensão dos modos como se apropriam da informação. O aporte teórico contemplou discussões a respeito da leitura, literatura e as inter-relações entre leitor e texto. A própria natureza do objeto de estudo evocou a necessidade do uso de uma abordagem qualitativa, efetivada pela junção dos métodos Abordagem Clínica da Informação e História Oral. Adotou-se como técnicas de coleta de dados a entrevista semiestruturada e o incidente crítico, já como forma de análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo. A amostra intencional foi composta por cinco leitores pertencentes a um grupo de leitura coletiva de um aplicativo de mensagens instantâneas. A análise dos dados resultou na criação de três grandes categorias, a saber: histórias de vida e trajetórias de leitura, apropriação simbólica da leitura literária, experiências de leitura no enfrentamento de situações adversas. A análise realizada demonstrou que a leitura não é simples distração, mero prazer desprezível, mas sim, experiência afetiva, social e existencial, capaz de proporcionar autonomia, elucidar vivências singulares, promover a atividade psíquica, elaborar emoções e pensamentos. Discutiram-se as imagens eleitas pelos colaboradores da pesquisa como representações simbólicas da própria leitura e de si mesmos enquanto leitores, o que resultou na composição de cinco modos de apropriação simbólica ou subcategorias de símbolos atribuídos a prática da leitura: equilíbrio emocional, fuga/refúgio, identidade, conexão, elaboração da morte. Compreendeu-se que a leitura literária em contextos *a priori* desfavoráveis atua como suporte de importantes processos psíquicos: processamento/integração, circum-ambulação, identificação/catarse, consolação, amplificação. Por fim, a pesquisa propôs o conceito de leitura fluídica, na qual o leitor é capaz de guiar-se pela sua necessidade atual e transitar por diversos perfis de leitura, de modo a atender às suas necessidades psicológicas, emocionais e sociais. Tal perfil foi evidenciado nessa investigação, categorizando o leitor que se apropria dos textos literários de modo dinâmico e intuitivo de maneira a enfrentar as adversidades.

Palavras-chave: Leitura literária. Apropriação simbólica. Adversidade. Leitores.

ABSTRACT

Reading literary works is an experience that awakens a huge range of sensations, feelings, thoughts and reflections in readers. Therefore, this research aimed to investigate the symbolic appropriation of literary reading by readers in situations of adversity, with regard to physical, psychological or social weaknesses. To achieve the general objective, the following specific objectives were considered: to characterize the symbolic appropriation of literary reading by readers; understand the relationship between reading experiences and coping with adverse situations - be they physical, psychological or social weaknesses. The investigation is linked to the view of Information Science on the processes of symbolic appropriation, bias pertinent to the study of the subjects and the understanding of the ways in which they appropriate information. The theoretical contribution included discussions about reading, literature and the interrelationships between reader and text. The very nature of the object of study evoked the need to use a qualitative approach, effected by the combination of the Clinical Approach to Information and Oral History methods. The semi-structured interview and the critical incident were adopted as data collection techniques, while content analysis was used as a means of data analysis. The intentional sample was composed of five readers belonging to a group of collective reading of an instant messaging application. The analysis of the data resulted in the creation of three major categories, namely: life stories and reading trajectories, symbolic appropriation of literary reading, reading experiences in coping with adverse situations. The analysis showed that reading is not a simple distraction, a mere unpretentious pleasure, but an affective, social and existential experience, capable of providing autonomy, elucidating singular experiences, promoting psychic activity, elaborating emotions and thoughts. The images chosen by the research collaborators were discussed as symbolic representations of their own reading and of themselves as readers, which resulted in the composition of five modes of symbolic appropriation or subcategories of symbols attributed to the practice of reading: emotional balance, escape/refuge, identity, connection, elaboration of the death. It was understood that literary reading in a priori unfavorable contexts acts as a support for important psychic processes: processing/integration, circum-ambulation, identification/catharsis, consolation, amplification. Finally, the research proposed the concept of fluid reading, in which the reader is able to be guided by his current need and move through different reading profiles, in order to meet his psychological, emotional and social needs. Such a profile was evidenced in this investigation, categorizing the reader who appropriates literary texts in a dynamic and intuitive way in order to face adversity.

Keywords: Literary reading. Symbolic appropriation. Adversity. Readers.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Possíveis articulações teóricas entre estudos sobre leitura literária e CI	27
FIGURA 2 – A literatura entre representação e simbolização	34
FIGURA 3 – O sistema literário	37
FIGURA 4 - Componentes fundamentais da efetivação da leitura	46
FIGURA 5 – Inter-relação entre as dimensões individual e social na prática da leitura	59
FIGURA 6 – Esquema do desenho metodológico da pesquisa	75
FIGURA 7 – O processo de apropriação simbólica da leitura sob a perspectiva da ACI	80
FIGURA 8 – Processo inferencial na análise de conteúdo.....	93
FIGURA 9 – Resiliência psicológica.....	103
FIGURA 10 – Categorização dos símbolos escolhidos pelos leitores.....	134
FIGURA 11 – Apropriações simbólicas da leitura literária identificadas	135
FIGURA 12 – Palavras associadas ao equilíbrio emocional	136
FIGURA 13 – Palavras associadas ao binômio fuga/refúgio.....	142
FIGURA 14 – Palavras associadas à identidade.....	149
FIGURA 15 – Palavras associadas à ideia de conexão	154
FIGURA 16 – Palavras associadas ao binômio vida/morte.....	160
FIGURA 17 – Ó sepultura, onde está a sua vitória?	160
FIGURA 18 – Processos psíquicos envolvidos nas experiências de leitura literária	166
FIGURA 19 – Amplificação do conjunto de perfis de leitura de Bértolo (2014) com a inserção do perfil fluídico de leitura	190

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Tipologias de adversidades e suas características.....	61
QUADRO 2 – Colaboradores da pesquisa.....	90
QUADRO 3 – Categorias de análise	95
QUADRO 4 – Os leitores, segundo eles mesmos.....	97
QUADRO 5 – Situações adversas vivenciadas pelos colaboradores da pesquisa.....	99
QUADRO 6 – Momentos de vida dos colaboradores da pesquisa.....	105
QUADRO 7– O(a) professor(a) como mediador(a) de leitura.....	109
QUADRO 8 – Figura materna como mediadora de leitura	110
QUADRO 9 – Figura paterna como mediadora de leitura	110
QUADRO 10 - Preferências literárias dos leitores.....	114
QUADRO 11 – O papel da leitura na vida dos sujeitos	117
QUADRO 12 – Imagens que representam a leitura literária	119
QUADRO 13 – Estilos musicais que representam a leitura literária.....	125
QUADRO 14 – Animais que representam o leitor enquanto lê.....	129

LISTA DE SIGLAS

ACI – Abordagem Clínica da Informação

BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CI - Ciência da Informação

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRÓLITO.....	16
1 INTRODUÇÃO.....	19
2 APORTE TEÓRICO.....	30
2.1 LEITURA E LITERATURA.....	30
2.2 INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITOR E TEXTO.....	38
2.2.1 Os perfis de leitura de Constantino Bértolo.....	39
2.2.2 Estudos da recepção.....	44
2.3 APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA.....	45
2.4 A (IN)UTILIDADE DA LEITURA.....	49
2.5 SUBJETIVIDADE E SIMBOLIZAÇÃO.....	55
2.6 RESISTÊNCIA À ADVERSIDADE.....	60
2.7 A EXPERIÊNCIA DO LEITOR.....	65
2.7.1 Identificação.....	66
2.7.2 Catarse.....	68
2.7.3 Apropriação.....	69
2.7.4 Evasão.....	69
2.7.5 Consolação.....	70
2.7.6 Sublimação.....	71
2.7.7 Amplificação e circum-ambulação.....	72
3 METODOLOGIA.....	74
3.1 ABORDAGEM CLÍNICA DA INFORMAÇÃO.....	76
3.2 HISTÓRIA ORAL.....	81
3.3 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS.....	84
3.4 UNIVERSO E AMOSTRA.....	87
3.5 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	92
4 HISTÓRIAS DE VIDA E TRAJETÓRIAS DE LEITURA.....	96
4.1 COMO OS SUJEITOS SE APRESENTAM.....	96
4.2 ADVERSIDADES ENFRENTADAS.....	98
4.3 A PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA NO COTIDIANO.....	106

4.4 PRINCIPAIS MEDIADORES DE LEITURA.....	108
4.5 PREFERÊNCIAS LITERÁRIAS.....	113
5 APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DA LEITURA.....	117
5.1 IMAGENS DA LEITURA LITERÁRIA	119
5.2 O RITMO DA LEITURA.....	124
5.3 O EU-LEITOR	129
5.4 SÍMBOLOS ATRIBUÍDOS À PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA.....	133
5.4.1 Equilíbrio emocional.....	136
5.4.2 Fuga/Refúgio	141
5.4.3 Identidade	148
5.4.4 Conexão	154
5.4.5 Elaboração da morte.....	159
6 EXPERIÊNCIAS DE LEITURA LITERÁRIA NO ENFRENTAMENTO DE SITUAÇÕES ADVERSAS	165
6.1 PROCESSAMENTO E INTEGRAÇÃO.....	166
6.2 CIRCUM-AMBULAÇÃO	170
6.3 IDENTIFICAÇÃO E CATARSE	174
6.4 CONSOLAÇÃO	179
6.5 AMPLIFICAÇÃO.....	182
6.6 O PERFIL DE LEITURA EM CONTEXTOS ADVERSOS: A PROPOSIÇÃO DO CONCEITO DE LEITURA FLUÍDICA	184
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
REFERÊNCIAS.....	196
APÊNDICE A – TRABALHOS SOBRE LEITURA LITERÁRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	208
APÊNDICE B – TESES E DISSERTAÇÕES NA CI SOB O PRISMA DO LEITOR.....	212
APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	215
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	217
APÊNDICE E – LIVROS CITADOS PELOS COLABORADORES DA PESQUISA.....	219

INTRÓLITO

“Porque no fundo, tudo isso é a mesma coisa: a viagem, o amor, a leitura; uma mesma aventura em que nossa paisagem interior se transforma”
(PETIT, 2013, p. 8).

Como pesquisar sobre leitura literária sem antes ter a experiência de ser leitora? Como defender uma leitura simbólica, voltada para a resistência à adversidade, sem conhecer essa possibilidade? Seria irônico, da minha parte, propor essa tese como mera suposição, sem ter, ao menos, constatado a existência de tal modo de leitura.

Parece ser um costume entre os pesquisadores que se dedicam ao estudo da leitura literária, como Michèle Petit¹ e Daniel Goldin², narrar em suas investigações suas próprias trajetórias de leitura. Faz sentido, é claro, uma vez que o interesse de pesquisa é, muitas vezes, fruto de um notório interesse pessoal. Inspirando-me nesses renomados autores, sem pretensões de igualar-me a eles, me atrevo a relatar alguns trechos das minhas memórias de leitura.

Lembro-me de estar deitada de bruços, sob a colcha vermelha da cama, quando terminei de ler *A Cigarra e a Formiga*, meu primeiro livro. Ao meu lado, minha doce mãe me ajudava a decifrar as palavras mais difíceis, aquelas que tinham encontros consonantais e dígrafos. Em casa, sempre fui rodeada de muitos livros, contos de fadas e histórias de aventura. Recordo-me de um pequeno baú com alguns clássicos, ao qual eu recorria para ler *Os Cisnes Selvagens* para minha avó convalescente. Nessa infância indelével, meu pai me presenteava com revistinhas da *Turma da Mônica*, alimentando a minha predileção pelos quadrinhos da Magali. Enquanto minha irmã mais velha, precocemente, já lia autores renomados e livros volumosos, eu gostava das histórias infantis e decorava as gravuras. Sabiamente, meu pai soube respeitar minha dependência das ilustrações. Aos oito anos, eu deitava na cama para ouvir minha irmã ler *Harry Potter* para mim, fazendo vozes diferentes para cada personagem, com boa entonação e dicção. Creio que ela se esforçava bastante para que eu visse naquela história o mesmo que ela via, mal sabendo que eu gostava mesmo era da sua presença próxima a mim, de passar os dias juntas e de ter uma coisa que era somente nossa.

¹ PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Ed. 34, 2013.

² HALFON, Daniel Goldin. **Os dias e os livros**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

A adolescência foi marcada pelas séries e sagas da época, como contraponto, sou grata à escola pela apresentação dos clássicos da literatura brasileira. A época do vestibular me trouxe *A Crônica da Casa Assassinada*, que me rendeu várias tardes bem monótonas deitada na cama, com o sol batendo na janela de madeira. Por vezes, quase desisti, a leitura era maçante e cansativa. Mas, o final foi tão avassalador que, pela primeira vez, apreciei a beleza da literatura, compreendendo a arte da narração. Já o início da vida adulta, me trouxe outras leituras. *As Meninas* e *Feliz Ano Velho* chegaram como presentes e peguei emprestado um exemplar surrado de *O Apanhador no Campo de Centeio* na biblioteca da FAFICH. O mundo virou do avesso quando li *Cem Anos de Solidão*, que devorei em poucos dias. Alguns livros vieram para abrir meus olhos para outras realidades, como *O livro do Destino*, *A Cor Púrpura*, *Meio Sol Amarelo*.

A leitura sempre foi algo que fez parte da minha vida, os livros sempre estiveram lá. Comecei a trabalhar em bibliotecas, e logo pendi para o lado da mediação de leitura. Pela manhã, auxiliar de biblioteca escolar; à tarde, aluna do curso de Biblioteconomia. Na prática, eu mediava um clube de leitura composto por adolescentes e via o compartilhamento de experiências suscitando leituras e ideias. No âmbito acadêmico, eu conhecia os teóricos Michèle Petit, Silvia Castrillón, Bruno Bethelheim, Daniel Goldín e Robert Darnton. Estava decidido, queria pesquisar sobre leitura. Assim, meus estudos na pós-graduação direcionaram-se nesse sentido.

Mas, foi no ano mais conturbado da minha vida pessoal que a literatura emergiu como uma protagonista. Me vi uma leitora de momentos roubados – à espera na estação, a viagem de ônibus, o horário do almoço, a volta pra casa – eu me sentia furtando momentos da minha própria vida para ler. Era quase um ritual, no mesmo banco da estação, na mesma cadeira do ônibus, encostada na soleira da porta depois do almoço. Eu encontrava a mim mesma nesses momentos de leitura, uma brecha para mim, em dias que não eram meus, em dias em que me via frustrada, desesperançada. Já que a vida consumia meus dias, eu puxava o tapete da vida e roubava alguns minutos pra ler. Talvez, no meu inconsciente, estivessem junto aos livros as figuras dos meus mediadores tão amorosos – minha mãe, meu pai, minha irmã. Talvez o tempo que eu roubasse pra ler fosse um tempo para ser acalentada por eles, para lembrar das minhas origens, para me relembrar de mim. Assim, eu me encontrei nas páginas de algumas histórias: a dor de um pai desesperado por perder o filho (*O cemitério*), a frieza de uma esposa vingativa (*Garota Exemplar*), a

decadência social de uma moça sulista durante a guerra civil americana (*E o vento levou*) e a amizade conturbada de duas mulheres italianas (*Tetralogia Napolitana*). Nessas histórias, eu me achei e também me perdi, várias vezes. Eu me li em várias frases e, em outras, eu resisti.

A vivência pessoal de uma situação desafiadora, na qual a prática da leitura literária cotidiana serviu de apoio emocional, foi um dos motivos que despertaram a curiosidade em investigar o tema. No momento em questão, a importância da leitura não residia na aquisição de conhecimento ou no aprimoramento do senso crítico, nem mesmo objetivava o término do livro. A finalidade da leitura não era, pois, terminar a obra, mas sim, o próprio ato de ler. À época, a leitura era efetivada para buscar uma compreensão da vida, do mundo, dos sentimentos. Ler era, portanto, encontrar significados, respostas. No decorrer da leitura, a sensação que surgia era a de roubar palavras e frases, em livros distintos, de gêneros diferentes. A necessidade era a de permanecer lendo, de forma que fosse possível uma apropriação daquelas frases marcadas, de modo a gravá-las na mente, para não esquecer, para dar sentido às experiências inexplicáveis.

Atualmente, enquanto bibliotecária, vivencio na minha prática profissional a literatura apresentar-se como apoio e suporte na vida de várias pessoas – jovens solitários, idosos depressivos, pessoas neurodiversas, dentre outros. No mundo acadêmico, a Ciência da Informação me possibilita o aprofundamento da leitura literária sob o ponto de vista do leitor, esse sujeito informacional. E, como cientista da informação, prosseguirei na defesa de que a leitura literária – no que concerne à mediação, busca, uso e apropriação – é tema relevante como objeto de pesquisa no campo.

1 INTRODUÇÃO

*“Alguém disse que quando alguém se pergunta ‘Para que a leitura?’ sem saber encontrou uma resposta: lemos para aprender a perguntar a nós mesmos porque lemos. Pode ser. Em todo caso, é aqui que estamos”
(BÉRTOLO, 2014, p. 15).*

O interesse pela realização de uma pesquisa com a temática da leitura literária tem como fundamento uma inegável afeição pessoal pela literatura, que resultou em inquietações e questionamentos acerca dos leitores de obras literárias e suas intrínsecas relações com os livros. Tal interesse resultou em uma dissertação de mestrado sobre leitura e seu compartilhamento em plataformas digitais, seguindo o percurso da leitura que atinge o íntimo e se expande para o coletivo. A experiência de pesquisar o compartilhamento da leitura literária durante o mestrado possibilitou o ingresso no mundo de vida dos leitores de literatura, que revelaram emoções intensas durante os seus depoimentos. Embora não abarcassem o objetivo principal da investigação à época, alguns relatos foram particularmente interessantes, desvelando a potência da leitura para lidar com sentimentos e vivências desafiadoras, tais como: solidão, depressão, medo, angústia, tédio, timidez. À vista disso, a presente tese de doutorado, pretende explorar mais a temática, norteadas pela leitura que se expande, não mais extrapolando o sujeito e influenciando os demais por meio do compartilhamento, mas sim, a leitura que se aprofunda na mente, se enraizando no consciente e no inconsciente do leitor.

Diante disso, compreende-se que a leitura de obras literárias é uma experiência que desperta uma enorme gama de sensações, sentimentos, pensamentos e reflexões nos leitores. Contudo, essa experiência não é previsível, não se podendo precisar o grau de impacto da leitura de um livro sobre aquele que o leu. Por vezes, a influência da leitura é tão subjetiva que sua apropriação ocorrerá de forma inconsciente e, conseqüentemente, a leitura acaba sendo, recorrendo à proposição de Petit (2013), algo que nos escapa. São notórios alguns benefícios da leitura na vivência dos sujeitos, uma vez que o ato de ler propicia o domínio da linguagem, ampliação do vocabulário e do conhecimento. Entretanto, há algo na leitura que vai além de benefícios de ordem prática, características que ultrapassam a dimensão consciente do sujeito, que propiciam a criação de um espaço interior. Dentro desse espaço próprio, o leitor se sente atrelado ao ato de ler, transformando essa atividade em um suporte para as suas vivências individuais. Compreende-se, portanto, que a

leitura literária promove um deslocamento do leitor do mundo objetivo, conduzindo-o à sua própria interioridade, lugar no qual impera o subjetivo.

Como cenário inicial, considera-se a existência de leitores diversos - crianças, jovens e adultos - cada qual com suas preferências literárias, suas próprias trajetórias como leitores, suas necessidades e anseios. A história de vida do leitor e sua trajetória de leitura tratam-se de temas de estudo particularmente interessantes. Porém, alguns leitores, especificamente, despertam ainda mais o interesse para fins de pesquisa acadêmica, uma vez que são pessoas que vivem em meio a situações, *a priori*, menos favoráveis à prática da leitura. Trata-se de leitores em situações de adversidade³, tanto no que se refere às situações do meio social - vulnerabilidade social, pobreza, violência – ou situações em que, individualmente, o sujeito encontra-se desfavorecido para a leitura por questões de ordem física ou mental - doenças, traumas, luto, perdas.

Nesse sentido, algumas questões norteadoras conduziram essa pesquisa: Como sujeitos em situações de adversidade tornam-se leitores? O que esses sujeitos encontram na leitura que os faz resistir às situações adversas? Qual sentido simbólico é atribuído à prática da leitura literária por esses sujeitos?

No campo da Antropologia, a francesa Michèle Petit (2009a, 2009b, 2013, 2019) desenvolveu diversas pesquisas sobre experiências de leitura em contextos de crise. No livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, Petit (2009a) apresenta sua investigação, realizada em alguns países da Europa e da América Latina. Em sua pesquisa, Petit (2009a) acompanhou leitores e mediadores de leitura, buscando compreender a capacidade da leitura literária em auxiliar aqueles que recorrem a ela para resistir às situações adversas. A ênfase da autora foi na vivência coletiva de situações extremas - desequilíbrio social, conflitos armados e acentuada deterioração das condições de vida - e no seu enfrentamento por meio de projetos, oficinas, círculos e encontros que objetivam promover a leitura de forma compartilhada.

Conforme afirmado pela própria autora, a ideia de que a leitura pode contribuir para o bem-estar das pessoas é muito antiga, de forma que seus poderes reparadores⁴ foram notados ao longo dos séculos. No século XX, a leitura ou a

³ O conceito de adversidade, nesta pesquisa, refere-se a situações de contrariedade, contratemplos, infortúnios ou reveses que fazem parte do contexto de vida dos sujeitos analisados, no caso, os leitores de literatura.

⁴ É importante assinalar o reconhecimento do campo da Biblioterapia, compreendida como a prescrição de livros com finalidade terapêutica. O método biblioterapêutico, leitura dirigida e discussões em grupo, é aplicado em hospitais, prisões, asilos, bibliotecas, dentre outras

recordação dos textos lidos desempenhavam um importante papel para os deportados nos campos de concentração nazistas. De modo semelhante, nas prisões dos militares argentinos e uruguaios, homens e mulheres redescobriram a importância vital dos textos lidos ou recordados. A Segunda Guerra Mundial suscitou um forte aumento das práticas de leitura por parte da população civil, acontecimento que também foi notado no dia seguinte ao 11 de setembro de 2001, quando uma multidão acorria às livrarias nova-iorquinas, enquanto a frequência em todos os outros comércios diminuía (PETIT, 2009a). Recentemente, a pandemia mundial da COVID-19, doença respiratória infecciosa causada pelo coronavírus SARS-coV-2, afetou milhões de pessoas por meio das medidas de isolamento social, como forma de diminuir a velocidade da contaminação e, conseqüentemente, o número de óbitos. Durante a quarentena, o aumento das vendas⁵ e da busca⁶ por livros foi percebida, evidenciando que as pessoas se voltaram para a leitura durante a pandemia.

Entretanto, a contribuição da leitura para a reconstrução das pessoas não é somente desencadeada pela vivência de situações extremas, como as exemplificadas anteriormente. Nesse sentido, a leitura literária também pode dar suporte para pessoas que enfrentam uma desilusão amorosa, um luto, uma doença, ou “toda perda que afeta a representação de si mesmo e o sentido da vida” (PETIT, 2009a, p. 17). Dessa forma, nem toda crise é desencadeada por fatores externos, como contextos sociais e políticos conflituosos, muitas vezes as situações adversas são os próprios desarranjos internos das pessoas.

Os seres humanos, têm, diga-se, uma predisposição originária, antropológica, à crise: nascendo prematuros, nós somos marcados por uma fragilidade cujos vestígios permanecem ao longo da vida (PETIT, 2009a, p. 33).

À luz dessas asseverações, emerge o interesse de investigação relacionado às representações simbólicas que possui a prática da leitura literária para sujeitos que enfrentam, individualmente, situações adversas. É evidente que, compreendendo o sujeito como ser social, historicamente situado em um determinado tempo e espaço, os contextos sociais e políticos influenciam suas subjetividades, contudo, a intenção

instituições, visando auxiliar no tratamento de problemas psicológicos e emocionais (CALDIN, 2001).

⁵ GAGLIONI, Cesar. Como está a procura por livros durante a quarentena. **Nexo Jornal**, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/14/Como-est%C3%A1-a-procura-por-livros-durante-a-quarentena>. Acesso em: 13 jul. 2020.

⁶ GALVÃO, Pedro. Cresce a busca por clássicos durante a quarentena. **Diário de Pernambuco**, 25 maio 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/05/cresce-a-busca-por-classicos-durante-a-quarentena.html>. Acesso em: 13 jul. 2020

desse estudo é analisar, particularmente, as singularidades de cada sujeito, ou seja, como a leitura literária impacta em uma dimensão micro. Ressalta-se a preferência pela adoção do termo sujeito, remetendo à expressão sujeito informacional que, ao contrário de indivíduo, ressalta o caráter de ator e protagonista, vinculando-se a pesquisa a uma postura sociocultural, que valoriza o contexto das investigações e as relações dialógicas entre o sujeito e o contexto (SIRIHAL DUARTE; ARAÚJO; PAULA, 2017).

A leitura é, pois, compreendida como uma prática, uma ação incorporada no cotidiano dos sujeitos. Essa ação, contudo, não é algo com finalidade objetiva. A leitura não é somente a finalização de uma obra literária, a distração ou a aquisição de conhecimento. A leitura é, nesse contexto, uma prática simbólica, ou seja, uma ação que permitirá a apropriação do texto por meio dos símbolos a ele atribuídos. Portanto, não se compreende a leitura como puramente a ação de ler, mas como a atribuição de sentidos à essa prática, entendendo que para o sujeito a leitura possui representações complexas e diversas, que extrapolam o ato da leitura em si (PETIT, 2009a).

Uma vez que o primeiro pressuposto desta pesquisa baseia-se na existência de leitores em situações adversas, faz-se necessário firmar-se um segundo pressuposto, o de que a leitura auxilia no enfrentamento dessas crises. A concepção norteadora da investigação é, pois, a referência da leitura literária como ação transformadora, que amplia possibilidades, proporciona pausas e respiros necessários, permitindo o pensamento e o devaneio, explorando a experiência humana, mesmo em contextos de adversidades múltiplas.

Assim, essa pesquisa possui como temática a prática da leitura literária e sua apropriação por parte dos sujeitos em contextos de adversidade. Com base nos argumentos elencados, a ênfase se concentra nos próprios leitores literários, que experienciam situações adversas e encontram na literatura símbolos que os auxiliam a construir sentidos. Acredita-se que realizar um estudo com esses leitores possa auxiliar na compreensão do modo como os sujeitos relacionam-se com a prática da leitura literária em uma dimensão simbólica, apropriando-se de informações evocadas pelo texto, incorporando-as em suas vivências ou ressignificando-as a partir delas.

A prática da leitura literária suscita vários questionamentos sobre os leitores e a forma como se apropriam da experiência da leitura. A primeira motivação da pesquisa foi conhecer as intenções dos sujeitos ao dedicarem-se à prática da leitura,

para verificar as necessidades conscientes e inconscientes por trás dessa relação com os livros. Logo, surgiram também outras questões, como de fato ocorre essa apropriação simbólica da leitura literária e como ela auxilia no enfrentamento de situações adversas.

Com base nessas conjecturas, apresenta-se a problematização: **Quais os sentidos atribuídos à prática da leitura literária por leitores em contexto de adversidade e como ocorre a apropriação simbólica da leitura por parte desses sujeitos?**

Para responder à questão problematizada foi necessário um estudo com enfoque no leitor enquanto sujeito informacional, ou seja, um sujeito social, que constrói seus modos de lidar com a informação a partir das perspectivas das esferas social, cultural e política nas quais está inserido.

O objetivo geral dessa pesquisa foi, portanto, investigar a apropriação simbólica da leitura literária por leitores em situações de adversidade, no que se refere às fragilidades físicas, psicológicas ou sociais. Para alcançar o objetivo geral, foram considerados os seguintes objetivos específicos:

- a) Caracterizar a apropriação simbólica da leitura literária pelos leitores;
- b) Compreender a relação entre as experiências de leitura e o enfrentamento de situações adversas – sejam elas fragilidades físicas, psicológicas ou sociais.

A presente investigação está vinculada ao olhar da Ciência da Informação (CI) sobre os processos de apropriação simbólica da leitura literária. A proposição de um estudo sobre leitura literária no âmbito da CI não é algo inédito, tendo em vista a intrínseca relação da Biblioteconomia e da prática profissional dos bibliotecários com a disseminação da leitura. Assim, diversos estudos já foram conduzidos acerca da leitura literária sob um viés informacional, tendo em vista a ampla capacidade da leitura em promover o acesso à informação e à construção do conhecimento.

Corroborando tal afirmação, Araújo, Sirihal Duarte e Dumont (2019, p. 95) consideram a existência de uma “vertente de estudos voltada à obtenção de informações e a introjeção de conhecimentos por intermédio de diversificadas formas de leitura”. Conforme afirmado pelos autores, Estudos sobre Leitura têm destaque para segmentos agregados e comunidades marginalizadas ou excluídas, que experimentam uma constante mutação, apresentando características instáveis e complexas. Outra ênfase de pesquisa, segundo os autores, seriam os Estudos sobre

Leitura como uma forma de explorar possibilidades de mudanças na vida cotidiana de sujeitos e grupos.

Portanto, ao considerar a leitura como objeto de estudo na Ciência da Informação, destaca-se que:

O enfoque de estudo centraliza-se nas maneiras pelas quais o leitor, em determinados eventos, revoca de seu cognóscio informações e sugestões de ações adquiridas através da leitura, para usá-las em contexto similar real. Entende-se que o caráter contextual de ações aparentemente corriqueiras que podem ser processadas, avaliadas e eventualmente reutilizadas (ARAÚJO; SIRIHAL DUARTE; DUMONT, 2019, p. 95).

Acredita-se que esse viés é pertinente ao campo da Ciência da Informação, devido ao enfoque nos sujeitos e na compreensão dos modos como se apropriam da informação. Dentre as teorias contemporâneas de Ciência da Informação, identificam-se os estudos sobre os sujeitos, privilegiando enfoques mais interpretativos a respeito das práticas dos usuários no que se refere ao uso e apropriação da informação. “Os processos envolvidos com o uso da informação envolvem imaginação, apropriação, questionamentos, tensionamentos, e tais processos são vividos a partir de categorias construídas socialmente” (ARAÚJO, 2018, p. 61).

Segundo Araújo (2018), a CI evoluiu desde seu surgimento há cinco décadas, incorporando novos elementos e aspectos, como aqueles relativos às questões humanas - sociais, culturais, políticas, econômicas, jurídicas – e de como os seres humanos produzem, disseminam, organizam, buscam, preservam, usam e se apropriam da informação. A Ciência da Informação no século XXI apresenta um novo cenário, com “a emergência de um novo modelo, marcadamente pragmatista e sociocultural, de estudo dos fenômenos informacionais” (ARAÚJO, 2018, p. 51).

Com a finalidade de embasar essa pesquisa, considerou-se necessário realizar um levantamento bibliográfico de trabalhos no campo da Ciência da Informação brasileira que possuem a leitura literária como objetos de estudo. O objetivo principal desse levantamento foi a constatação da existência da leitura literária como temática estudada no campo da Ciência da Informação e a análise de quais perspectivas estão sendo abordadas nesses estudos. A opção pelo recorte em torno da produção científica nacional se deve ao interesse de estabelecer uma análise mais sistemática do panorama desses estudos no país.

O levantamento bibliográfico foi realizado em 4 de junho de 2020 na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)⁷ do Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT), com a finalidade de identificar pesquisas com a temática da leitura literária no campo da Ciência da Informação brasileira em nível de mestrado e doutorado. Como resultado, obteve-se 28 trabalhos sobre leitura literária no âmbito da Ciência da Informação em nível de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, conforme apresentado no Apêndice A. Ressalta-se que não houve nenhuma tentativa de filtrar os resultados por data, tendo a busca resultado na reunião de pesquisas realizadas entre 1980 e 2019.

Com base na análise dos trabalhos encontrados, percebe-se a existência de diferentes vertentes nas pesquisas sobre leitura literária na Ciência da Informação. A abordagem mais utilizada nesses estudos, pelos pesquisadores do campo, está atrelada ao viés da atuação profissional e institucional (ABREU, 2019; ALVES, 2017; BAZÍLIO, 2014; COELHO, 2018; FERNANDES, 2019; PAIVA, 2016; PEREIRA, 1987; PEREIRA, 2016; SILVA, 2014; SILVESTRE ESTELA, 2015; SOUSA, 2017a; VALDEZ, 2015). Investigam-se ações de mediação de leitura empreendidas por bibliotecas escolares, públicas, comunitárias ou prisionais, de forma que a leitura literária é compreendida sob a visão do bibliotecário, do mediador de leitura ou do professor. Dessa forma, essas pesquisas demonstram o olhar daquele que detém os conhecimentos para incentivar o leitor e realizar a mediação da leitura literária.

Outra vertente encontrada é composta por pesquisas de cunho histórico sobre a biblioteca escolar e a historiografia da leitura literária em contextos brasileiros (BRAGA, 2018; MARTINS, 2013). Uma outra abordagem analisa a leitura literária no âmbito das políticas públicas (CALDAS, 2005; FARIAS, 2013; MACHADO, 2015). Encontrou-se também uma pesquisa que contempla um levantamento bibliográfico de trabalhos sobre leitura em eventos no âmbito da Ciência da Informação (COSTA, 2015).

Porém, a vertente que desperta o maior interesse para os fins desta pesquisa é a abordagem composta por estudos que compreendem a leitura literária na visão dos próprios leitores, que dão voz a esses sujeitos e investigam os atores do processo

⁷ A escolha da BDTD se justifica pela visibilidade dada à produção científica nacional, uma vez que a biblioteca digital integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 4 jun. 2020.

de apropriação da leitura (AUN, 1993; BARRETO, 2018; MACHADO, 2014; MAGALHÃES, 1980; OLIVEIRA, 2017; SÁ, 2018; PINHEIRO, 2013; RAMOS, 2017; RAMOS, 2008; SOUSA, 2017b). Nesse sentido, ressalta-se uma perspectiva investigativa que se interessa em compreender o processo da leitura no que diz respeito à apropriação dessa por parte dos sujeitos informacionais, sendo “[...] indiscutível a preocupação dos estudiosos quanto à influência da leitura, seus reflexos, sua recepção e utilização” (PINHEIRO, 2013, p. 70). Dessa maneira, pesquisadores da Ciência da Informação extrapolam as pesquisas sobre leitura com viés institucional e profissional, adentrando no universo particular dos leitores, buscando compreender suas demandas, práticas e relações com as obras literárias.

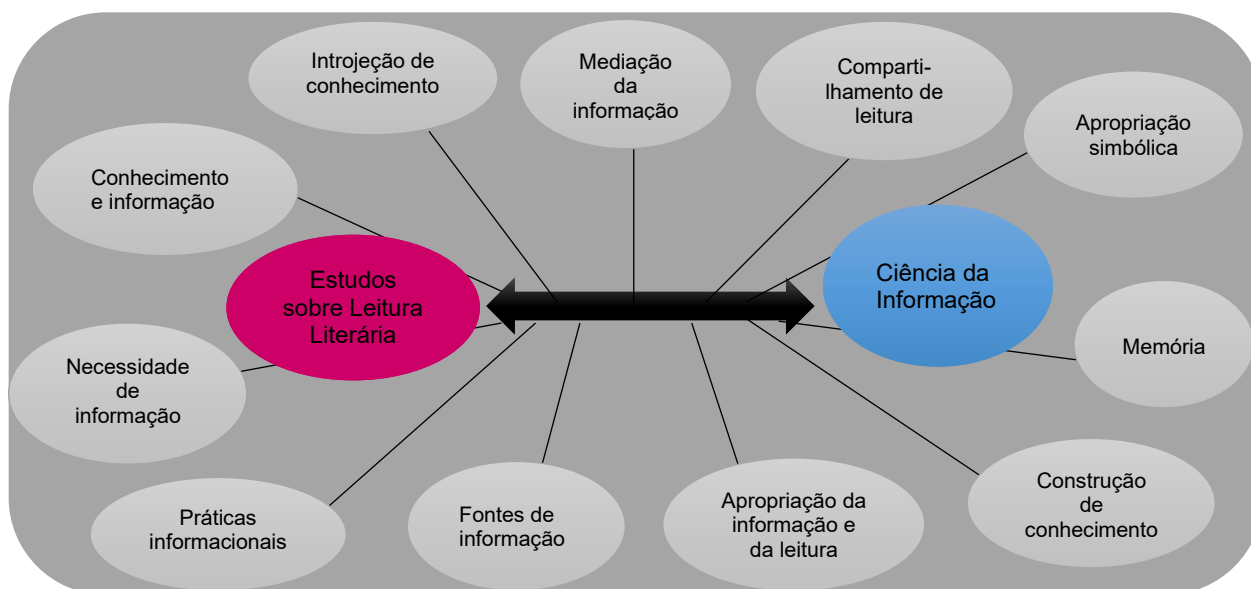
Sob a perspectiva de Pinheiro (2013), as pesquisas com foco nos leitores ainda são incipientes⁸ no campo da Ciência da Informação:

Observamos, no entanto, que mesmo com a proliferação de pesquisas inerentes à leitura, existe, ainda, uma lacuna expressiva acerca de estudos com foco no efeito da leitura pelo prisma do leitor, visto que as pesquisas se limitam a delinear o perfil literário dos leitores em relação a tipos e gêneros de livros preferidos em determinadas comunidades, e não, contribuir, de fato, para ampliar o conhecimento do impacto da leitura na vida do leitor. Esse entendimento revela que **poucas pesquisas fizeram incursões a partir do ponto de vista do sujeito, no que se refere as razões da leitura: para quê, por que, o que se lê.** (PINHEIRO, 2013, p. 70, grifo nosso).

O interesse por revisar as dez pesquisas pertencentes à última vertente apontada (APÊNDICE B), partiu da necessidade de conhecer como se desenvolveram os estudos que assumiram o enfoque nos leitores. Após a análise desses trabalhos, considerou-se relevante destacar alguns pontos evidenciados nas pesquisas sobre leitores literários no âmbito da CI. É perceptível o empenho dos autores em realizar uma robusta articulação entre referências teóricas diversos que vinculam as áreas de Estudos sobre Leitura Literária e Ciência da Informação. Nesse sentido, as múltiplas possibilidades de referenciais que promovem diálogos entre tais áreas de estudo, possibilitando a análise da leitura literária sob o prisma do leitor, são representadas na Figura 1.

⁸ Os apontamentos de Pinheiro (2013) são condizentes com o ano de publicação de sua tese, contudo, o levantamento bibliográfico da presente pesquisa permite a compreensão de que as afirmações da autora correspondem ao contexto atual do campo.

Figura 1 – Possíveis articulações teóricas entre Estudos sobre Leitura Literária e CI



Fonte: Elaborado pela autora com base no referencial teórico das pesquisas analisadas.

As pesquisas realizadas apontam caminhos a serem percorridos, diante disso, os Estudos sobre Leitura no âmbito da Ciência da Informação podem apresentar um direcionamento diverso, que se proponha a fazer incursões na análise das interações dos leitores com as obras e das suas relações com a própria atividade de ler para investigar as razões dessa leitura, os para quês, os porquês e o que se lê⁹.

Investigar a leitura sob o ponto de vista do leitor, assemelhando-se às investigações feitas por Petit (2009a, 2009b, 2013, 2019) sob uma perspectiva antropológica, é um viés pertinente à Ciência da Informação, devido ao seu enfoque nos sujeitos e na compreensão dos modos como se apropriam da informação. Afinal, para além da emergência dos estudos socioculturais nesse campo, pontua-se a centralidade do sujeito nas investigações, que vem sendo considerada como forma de reconhecê-lo no papel de protagonista no seu processo de inter-relacionamento com a informação (SIRIHAL DUARTE; ARAÚJO; PAULA, 2017).

A partir dessas assertivas, sobre a pertinência dos Estudos sobre Leitura Literária no contexto da Ciência da Informação, faz-se necessário ressaltar a perspectiva pela qual a presente investigação foi efetivada. Na instância dos estudos

⁹ Assinala-se o reconhecimento da tese “Literatura juvenil sob a ótica de leitores adolescentes de meios populares” (ALMEIDA, 2019) desenvolvida no campo da Educação. Apesar de não constar no levantamento bibliográfico, que se ateve apenas às pesquisas desenvolvidas no âmbito da CI, a referida tese apresenta amplo diálogo com a presente investigação, tanto no que se refere à centralidade dos leitores e seu protagonismo no processo de leitura como ao embasamento teórico nas áreas de leitura e literatura.

sobre os sujeitos, a Abordagem Clínica da Informação (ACI) surge como uma alternativa para análise das práticas desempenhadas pelas pessoas em suas diversas formas de lidar com a informação. Essa perspectiva é significativa à medida que busca pelos “comos” e os “porquês” das ações, consideradas subjetivas e dotadas de significados. Pretende-se, por meio dessa abordagem, identificar as dimensões simbólico-afetivas individuais e coletivas que direcionam as interpretações e o uso dado às informações (PAULA, 2013).

As justificativas para a pesquisa baseiam-se, portanto, em três pontos principais:

1. A possibilidade de contribuição para ampliar as pesquisas na Ciência da Informação que abordam a temática da leitura, visando colaborar para a consolidação dessa temática de investigação dentro do campo, tendo como referência o seu viés sociocultural cada vez mais latente.
2. A necessidade de abordar a leitura literária sob a perspectiva dos leitores, tendo em vista a compreensão da apropriação da informação e da leitura por parte dos sujeitos, dando voz àqueles que estão de fato lidando com esses processos em seu consciente e inconsciente.
3. A pesquisa relaciona a prática da leitura à ordem do simbólico, propondo-se a interpretar a busca por obras literárias não somente como forma de lazer ou obtenção de conhecimento, mas compreendendo que o gosto pelos livros pode representar algo além: uma necessidade de simbolização de sentimentos e experiências que possibilitam o enfrentamento de situações adversas no decorrer da vida.

Em relação à estrutura, o texto desta tese é composto por este capítulo introdutório e pelos capítulos indicados a seguir.

No capítulo 2 – **Aporte Teórico** – é apresentada uma revisão de literatura sobre os campos da leitura, literatura, leitura literária e apropriação simbólica. A ênfase do capítulo é no sujeito leitor, contemplando a discussão de aspectos relacionados a prática da leitura literária, como a (in)utilidade da leitura, subjetividade e simbolização, resistência e adversidade e experiências do leitor.

No capítulo 3 – **Metodologia** – apresenta-se o método adotado na pesquisa, a combinação entre Abordagem Clínica da Informação e História Oral, e também as técnicas de coletas de dados utilizadas, a entrevista semiestruturada e a técnica do

incidente crítico. Em seguida, descreve-se o universo e a amostra da pesquisa, como também a técnica de análise dos dados.

No capítulo 4 – **Histórias de Vida e Trajetórias de Leitura** – são apresentados os perfis dos leitores participantes da pesquisa, assim como suas histórias de vida e trajetórias de leitura, que contemplam: adversidades enfrentadas, prática de leitura, principais mediadores de leitura e gêneros literários preferidos.

O capítulo 5 – **Apropriação simbólica da leitura literária** – apresenta a análise dos resultados relacionados com os modos de apropriação simbólica identificados, a saber: imagens da leitura, o ritmo da leitura, o eu-leitor, símbolos atribuídos à prática da leitura literária (equilíbrio emocional, evasão, construção da identidade, conexão, elaboração da morte).

No capítulo 6 – **Experiências de leitura literária no enfrentamento de situações adversas** – é feita a análise das experiências de leitura relatadas pelos leitores para a superação/enfrentamento das adversidades, que foram elencadas em: processamento e integração, circum-ambulação, identificação/catarse, consolação e amplificação. No decorrer da análise, discutiu-se os dados coletados à luz do referencial teórico. Ao final do capítulo, propõe-se o conceito de leitura fluídica, perfil de leitura identificado por meio da análise das tramas leitoras dos colaboradores da pesquisa.

Nas Considerações Finais, recapitulou-se a pesquisa, explicitando seus principais resultados e contribuições. É feita uma avaliação da metodologia e das técnicas de coleta de dados aplicadas. Em seguida, são apresentadas sugestões para pesquisas futuras.

2 APORTE TEÓRICO

*“A resposta é simples.
Tudo isso é, não é e pode ser que seja literatura.”
(LAJOLO, 2018, p. 23).*

Neste capítulo, apresenta-se um arcabouço teórico a respeito da leitura, da literatura e da leitura literária. Para compreender melhor os aspectos relacionados ao ato de ler, considerou-se necessária uma revisão teórica sobre a temática. Assim, são apresentados, os fundamentos teóricos que embasam a perspectiva de leitura utilizada nesta pesquisa, com intuito de formar uma base conceitual que se mostre consistente o bastante para sustentar a análise proposta.

Na sequência, abordam-se aspectos relacionados à apropriação simbólica. Posteriormente, expõem-se particularidades da leitura literária com ênfase no protagonismo do sujeito: a (in)utilidade da leitura, subjetividade e simbolização, resistência a adversidade, experiências do leitor.

2.1 LEITURA E LITERATURA

A leitura não é um processo puramente cognitivo, não se tratando de uma simples operação desempenhada pelo intelecto humano. Inicialmente, o ato de ler demanda uma funcionalidade física do sujeito, mas ocorre, sobretudo, devido à sua inserção em um determinado contexto e espaço, no qual relaciona-se consigo mesmo e com outros sujeitos (DUMONT, 2002). Esses diversos elementos que permeiam essa prática, tornam a leitura um tema estudado por diversas áreas do conhecimento. Nas palavras de Dumont (2002, p. 2) “essa trama se relaciona, direta ou indiretamente, em menor ou maior grau, com diversas áreas do conhecimento que se interlaçam, fazem interseções, amalgamam-se, vindo por fim a conceber outro conhecimento”.

Deste modo, a leitura é legitimada em diferentes campos do saber, dada sua natureza interdisciplinar. É possível constatar, de acordo com Barreto (2018), o surgimento de diferentes nuances dos estudos que se ocupam da leitura, concebendo-a como agente de desenvolvimento híbrido, não estando apenas em uma área, mas em quantas forem possíveis sua atuação.

Corroborando essa constatação, Dumont (2002) caracteriza os Estudos sobre Leitura pela sua multidisciplinaridade, passíveis da interferência de outras áreas do

conhecimento, devido aos múltiplos e diversos ângulos de análise possíveis. Segundo a autora, o entrelaçamento das áreas do conhecimento propicia um melhor entendimento do ato de ler.

Além disso, os problemas tratados pelos pesquisadores são tão específicos, que o objeto leitura não define nem o conteúdo, nem a metodologia. Dessa característica nasce a necessidade de práticas multidisciplinares, pois não é mais possível delimitar o campo de estudo da leitura e da literatura. Várias disciplinas interagem para delinear a temática da leitura e integram um quadro teórico interpretativo de conjunto (DUMONT, 2002, p. 5).

No que compete à ação de ler em si, Martins (1994) pondera que o ato vai além do gesto mecânico de decifrar sinais, sendo uma interpretação do mundo permeada pela interação de condições internas e subjetivas do sujeito com as externas e objetivas do meio em que vive. Quando associada à decifração da escrita, a leitura não pode ser reduzida à decodificação das palavras, pois a leitura vai além do texto. A leitura se efetiva a partir da inter-relação do leitor com o texto, referenciado por um tempo, um espaço, uma situação, pelos desafios e respostas que o objeto apresenta, em função das expectativas, necessidades e vivências do leitor (MARTINS, 1994, p. 32-33).

À luz dessa perspectiva, o leitor não é um decodificador ou receptor passivo, possuindo papel atuante na inter-relação que estabelece com o texto, integrando, simultaneamente, três níveis de leitura: o sensorial, relacionado à resposta física e impressão dos sentidos (visão, tato, audição, olfato e gosto); o emocional, ligado aos sentimentos, ao subjetivo, ao inconsciente; e o racional, associado ao intelectual, reflexivo e artístico. Apesar de constatar-se a persistência da interação desses três níveis, a relação do leitor com o texto é que vai determinar o nível preponderante (MARTINS, 1994). Dentro das perspectivas que tomam os leitores como interagentes com os objetos lidos, talvez a mais eloquente seja a de Nicolas Roubakine (1998).

Mais especificamente, isso fica evidente em seu estudo sobre as particularidades da leitura na obra *Introduction à la psychologie bibliologique* (ROUBAKINE, 1998), onde o autor discute a bibliopsicologia, ciência dedicada à investigação dos fenômenos psíquicos ligados à existência do livro, analisando, do ponto de vista psicológico, a sua ação sobre o leitor. A bibliopsicologia considera os registros bibliográficos em sua interação com os sujeitos, de modo a compreender os fenômenos bibliopsicológicos, ou seja, o estudo de qualquer “livro” (compreendendo

o termo livro dentro de uma conceituação bem ampla¹⁰) não em si mesmo ou em relação ao seu conteúdo, mas de acordo com sua ação sobre a psique humana.

Nesse cenário, o livro é compreendido como conteúdo de natureza intelectual, conhecimento e produto da alma humana. “[...]” o livro é um instrumento interposto entre uma força humana que se expressa no exterior e uma necessidade humana que é satisfeita pela assimilação desta força” (ROUBAKINE, 1998, p. 127, tradução nossa). Na visão do autor, enquanto a história e teoria da literatura se dedicam ao estudo da forma e conteúdo das obras, a bibliopsicologia estuda as mesmas obras de acordo com sua ação sobre o leitor. O livro seria, pois, instrumento que desperta uma série de fenômenos psíquicos complexos de natureza moral, ética, social, religiosa, dentre outras.

Para a bibliopsicologia o livro é mais que o registro das ideias de um autor, é a projeção da alma do leitor, uma vez que o conteúdo do livro é essencialmente variável, mudando conforme aquele que o lê, uma vez que apenas as imagens gráficas das letras e das palavras não se alteram. Nessa perspectiva, as letras impressas não constituem o verdadeiro conteúdo do livro, uma vez que este seria composto pelas imagens que se formam na mente do leitor. Portanto, os fatos, as suas interpretações, as ideias excitadas por essas imagens são variáveis de acordo com o sujeito. Tendo em vista essas ponderações, o autor assinala os processos mentais que ocorrem durante a leitura:

Cada um de nós pensa por vezes em dois ou mesmo mais objetos ao mesmo tempo. É assim que acontece com o processo de leitura. Quando leio um livro, sinto a presença de dois processos diferentes: por um lado, sinto uma corrente de emoções, ideias, etc., provocada pelo próprio livro; por outro lado, percebo uma verdadeira corrente de consciência, muito diferente da primeira. Estas duas correntes assemelham-se a duas correntes marinhas caminhando uma sobre a outra. Sinto claramente e acúmulo na minha consciência ambas as correntes ao mesmo tempo (ROUBAKINE, 1998, p. 167, tradução nossa).

Sendo assim, o livro é considerado como uma projeção da mentalidade do leitor, o que possibilita a compreensão das qualidades que uma pessoa atribui a esta ou aquela obra, entendendo-se que tais atributos são pertencentes não ao livro, mas

¹⁰ O autor não trata especificamente de livros literários, mas sim de registros bibliográficos de modo geral, sejam eles monografias, artigos, jornais, obras literárias, dentre outros. No decorrer da obra, engloba como objeto desse campo científico fala ou escrita, obras de arte, teatro, música, simples conversa ou nas palavras do autor “qualquer palavra viva ou cristalizada” (ROUBAKINE, 1998, p. 122).

existentes no próprio leitor, parte dos estados psíquicos vivenciados durante a leitura e das suas memórias sobre esses estados (ROUBAKINE, 1998).

Para além dos aspectos individuais imbricados na ação de ler, referentes as complexidades do mundo interior dos sujeitos, a prática da leitura é permeada por forças externas, contextuais e sociais, que influem e impactam nos modos de ler.

Em relação ao uso social da leitura, faz-se necessário pontuar a sua relação direta com a cidadania. Saber ler e escrever, conforme Lajolo (2018), é fundamental para o exercício de graus mais complexos da cidadania. De acordo com Petit (2013), a leitura e escrita constituem-se como direitos culturais, que possibilitam às pessoas o acesso ao saber e à informação, como também à sua própria história e cultura de origem.

Ao adentrar no campo da cultura e da arte, dos bens culturais, a literatura desponta como uma forma particular de leitura e escrita. “O que é literatura? Perguntas permanentes, respostas provisórias” (LAJOLO, 2018, p. 16). Com esse questionamento inicial, Marisa Lajolo discorre a respeito do conceito de literatura, evidenciando seu caráter fluido, uma vez que os critérios que definem uma obra como literária mudam ao longo do tempo.

Pode-se definir, sem muito sangue na arena, *água, cordilheira, aparelho respiratório*. Mas a poeira é muita quando se tenta definir *literatura* ou *liberdade*... (LAJOLO, 2018, p. 33, grifo da autora).

O desenvolvimento da capacidade da linguagem pelo ser humano possibilitou a faculdade de simbolização, permitindo o conhecimento e o domínio. “[...] o homem não era mais apenas um ser entre outros seres, mas o ser capaz de simbolizar todos os outros” (LAJOLO, 2018, p. 44). O fascínio do ser humano com a linguagem, pontuado por Lajolo (2018), se desvela na crença do poder mágico das palavras. Da história de Ali Babá que abre a caverna com a expressão “Abra-te, Sésamo!”, ao tabu da pronúncia de palavrões e xingamentos, passando pelos nomes de doenças evitados e a proibição dos judeus ortodoxos de escrever a palavra Deus, percebe-se uma reverência quase supersticiosa pela linguagem. “[...] como se acreditasse que a pronúncia ou a escrita de certas palavras tivesse o poder de deflagrar a realidade da coisa nomeada” (LAJOLO, 2018, p. 45).

Diante disso, Lajolo (2018) constata que o ser humano só percebe a existência das coisas quando incorporadas à sua linguagem, em um processo de momentânea certeza de que as palavras e coisas constituem uma unidade e a angústia de que palavras e seres são entidades distintas.

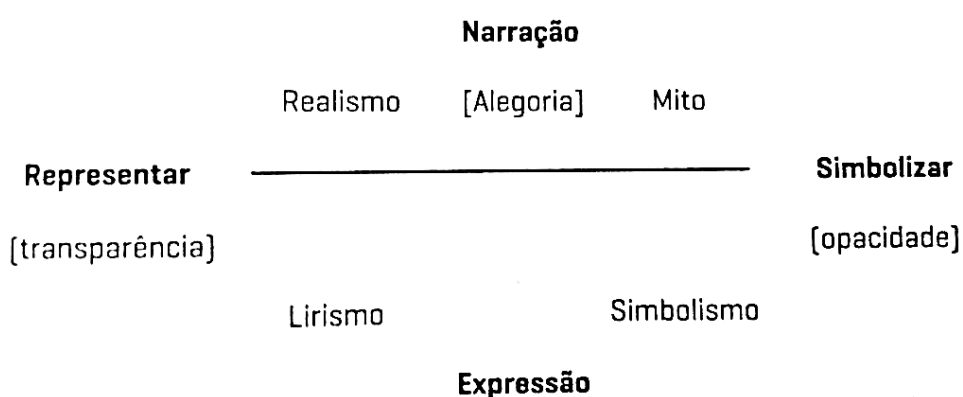
Temendo a violência do mundo dos seres, e ao mesmo tempo fascinado por ela, o homem vive e se move entre palavras, ora fortalecendo, ora atenuando o vínculo destes dois mundos: o *original* dos seres e o *simbólico* da linguagem (LAJOLO, 2018, p. 46, grifo da autora).

Nesse sentido, a literatura é entendida como o uso especial da linguagem. “No limite, ela encena a irredutibilidade e a permeabilidade de cada ser, pois participa de uma das propriedades da linguagem: a capacidade de simbolizar [...]” (LAJOLO, 2018, p. 47). Assim, no texto literário, autor e leitor suspendem a convenção da linguagem corrente, sugerindo os limites da significação, sugerindo que são relativos e provisórios. Em conformidade com essa concepção, Bértolo (2014) afirma que a literatura é o lugar onde se pensam as palavras, no qual se constrói seu sentido e significado, onde se dá nome aos elementos da realidade. Na definição de Candido (1988, p. 174), a literatura seria

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

O texto literário, conforme Sapiro (2019), oscila entre a representação e a simbolização. Como representação, postula-se a transparência da linguagem e seu significado, já na função de simbolização, a linguagem é opaca e há primazia da metáfora. Tal oposição articula-se a uma outra tensão entre narração e expressão, conforme ilustrado na figura 2.

Figura 2 – A literatura entre representação e simbolização



Fonte: SAPIRO, 2019, p. 85.

Na tradição humanista e romântica, a leitura de obras literárias é considerada como uma espécie de diálogo entre almas, entre a intimidade da vida do leitor com as verdades superiores emanadas pelo texto do autor, uma conexão sublime entre o “ser

livre” do leitor e o “fazer livre” do autor (BÉRTOLO, 2014). Torna-se importante a compreensão de que tal visão é, de fato, limitada, uma vez que outros elementos coexistem entre leitor, autor e texto, uma vez que a obra literária é um produto cultural e social.

Lajolo (2018) reforça que o mundo representado na literatura, mesmo que simbólico, é fruto da experiência do escritor com sua realidade histórica e social, uma espécie de síntese – intuitiva ou racional, simbólica ou realista – de uma imaginação ancorada na realidade. “Ou seja, o compromisso da literatura com o mundo do possível não abandona o projeto de fazer do presente seu ponto de partida ou de chegada” (LAJOLO, 2018, p. 59).

De acordo com Lajolo (2018), a obra literária é um objetivo social muito específico, que depende, inicialmente, de alguém que escreva e de outro alguém que leia. Nesse processo existem várias instâncias que se interpõem, o chamado sistema de produção literária, composta por editores, diagramadores, impressores, distribuidores e livreiros. Há, ainda, uma etapa fundamental para que uma obra seja considerada literária, pois a literatura tem que ser proclamada por canais competentes. Assim, cabe à determinadas instâncias atestar a literalidade de certos textos em circulação, afirmando o valor da natureza artística e literária da obra. Desse modo, setores especializados – instituições, eventos, publicações, titulações - são responsáveis pela *literarização* das obras, dentre eles: os intelectuais, os professores, a crítica, o *merchandising* de editoras, os cursos de letras, os júris de concursos literários, os organizadores de programas escolares, as listas de obras mais vendidas (LAJOLO, 2018, p. 26-27).

Na visão de Bértolo (2014), a literatura tem origem num ato de desigualdade, um sujeito fala (escreve), o outro cala (lê). Alguém toma a palavra e pede para ser ouvido (lido). Em contrapartida, quem homologa a legitimidade do texto como literário será o público, que confere, nega ou questiona o discurso do autor. Na raiz da literatura existe, pois, um pacto entre o autor e a comunidade, no qual cada um se responsabiliza pela parte que lhe compete, construindo o cerne da literatura.

Ao encontro dos pressupostos apresentados pelas teorias da literatura (LAJOLO, 2018; BÉRTOLO, 2014), a sociologia da literatura (SAPIRO, 2019) também compreende o fazer literário como fazer social. A literatura é, nesse ponto de vista, um fenômeno social, do qual fazem parte diversas instituições e sujeitos ao

produzirem, consumirem e julgarem obras; envoltos nas representações de uma época e das questões sociais imbricadas nos textos literários (SAPIRO, 2019).

Diversos critérios são definidos pelos setores especializados para designar o que é ou não um texto literário, como o tipo de linguagem empregada, as intenções do autor, as temáticas abordadas, o feito produzido por sua leitura. Tais critérios compõem parâmetros para determinado contexto e época, de modo que existe uma relação profunda entre as obras literárias de um determinado período (LAJOLO, 2018).

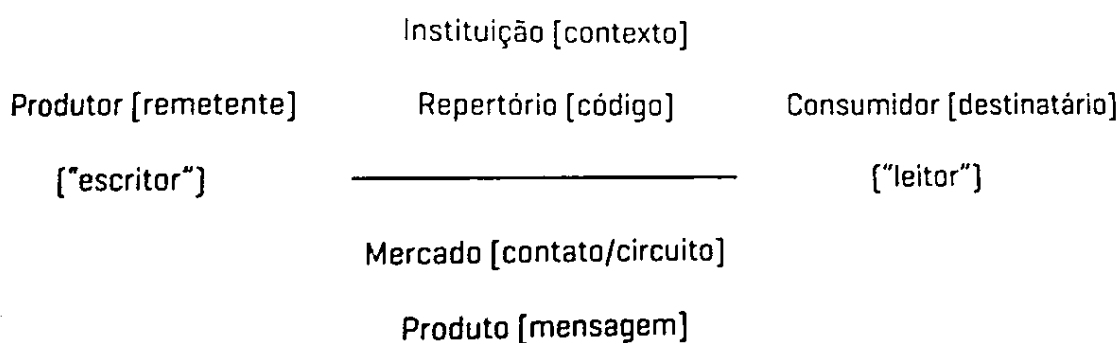
De acordo com Sapiro (2019), o significado de uma obra literária, enquanto produção cultural, não se reduz à intenção de seu autor. Os contornos da obra “são traçados pelo conjunto das produções simbólicas do presente e do passado, dentre as quais ela se situa no momento de sua publicação ou de sua republicação” (SAPIRO, 2019, p. 11). Nesse sentido, segundo a autora, a obra literária veicula representações do mundo social. A recepção da obra, as apropriações e usos que são feitos, o sentido que lhe é conferido envolvem o seu significado social e a sua posição na hierarquia de bens simbólicos (listas de mais vendidos, exposição nas livrarias, etc.).

Por muito tempo, a *mimesis* – termo que significa ao mesmo tempo representação e imitação – foi autoridade em matéria de teoria da recepção. Desenvolvida em *A República*, de Platão, o conceito de *mimesis* supõe que uma identificação do receptor com a arte, desencadeando um processo de imitação, que pode ser afastada apenas por aqueles dotados de cultura suficiente para dominar esse efeito. A ideia de “más leituras” é teorizada pela Igreja Católica após o advento do impresso. A noção de “contágio moral” por parte de conservadores, no século XVIII, de outro lado, desencadeia nos revolucionários a crença idealista no poder das palavras. No século XIX, com a expansão do impresso, concebe-se que as categorias sociais mais vulneráveis – mulheres, jovens e as classes populares – são suscetíveis à influência dos “maus livros”, que teriam o poder de desviá-los dos bons costumes e de incitá-los à transgressão da ordem social (SAPIRO, 2019, p. 18-19).

No decorrer da história, de acordo com Sapiro (2019), a sociologia da literatura abarcou várias correntes de pensamento que interpretaram a obra literária, ora compreendida como cópia exata do contexto social e dos costumes circundantes; ora como ato de comunicação; e ainda como parte da superestrutura que reflete as relações de produção (abordagem marxista). Fazendo um salto temporal para o século XX, Pierre Bourdieu define a teoria dos campos, que reforça a condição autônoma da literatura, campo constituído de suas próprias regras, questões,

especificidades e instâncias de consagração. Por sua vez, Dubois define a noção de instituição literária, o conjunto de fazeres sociais que constituem as práticas literárias. Já Even-Zohar concebe a teoria do polissistema, que possui uma lógica de funcionamento, abarcando as tensões entre os sistemas, resultando em uma rede de relações decorrentes das atividades literárias (SAPIRO, 2019, p. 35-40).

Figura 3 – O sistema literário



Fonte: SAPIRO, 2019, p. 41.

No sistema apresentado na figura 3, as relações entre produtores (escritores) e consumidores (leitores) são mediatizadas, de um lado, pelas instituições (edição, crítica, escola, mídia, etc.), e pelo repertório (conjunto de leis e modelos que governam a produção dos textos, como temas, estilos e opções linguísticas); por outro lado, pelo mercado (lugares de difusão/venda, como as livrarias e bibliotecas) que possibilita a circulação do “produto” (SAPIRO, 2019).

Ressalta-se que, embora criticada tanto no campo da Educação como na Ciência da Informação por transmitir uma ideia de passividade do leitor, a terminologia “consumidor”, no contexto específico da teoria sistêmica, refere-se

a existência de consumidores diretos e indiretos na medida em que os membros de qualquer comunidade são ao menos consumidores “indiretos” de literatura, pois consomem fragmentos literários, digeridos e transmitidos por variados agentes culturais e integrados no discurso diário (MAROZO, 2018, p. 13).

Seja compreendida como um campo, uma instituição ou um sistema, a literatura é mediatizada pelo universo social do qual é produto. É inegável que as condições de produção e circulação das obras literárias são determinadas pelas relações entre poderes políticos, econômicos e religiosos e suas respectivas concepções sobre a literatura e o papel social que ela desempenha (SAPIRO, 2019).

É evidente o impacto causado pelo sistema de produção literário, contudo, Lajolo (2018, p. 26) ressalta que “[...] há mais coisas, entre autor e leitor, do que o sistema de produção.” A interação estética, fruto desse encontro leitor/autor é explorada na próxima seção.

2.2 INTER-RELAÇÕES ENTRE LEITOR E TEXTO

A leitura de ficção é celebrada, segundo Bértolo (2014), como uma maneira de compreensão dos mecanismos da conduta humana, das tensões emocionais e sentimentais que envolvem os comportamentos individuais e coletivos. De posse dessa compreensão, as pessoas teriam maior capacidade para se desenvolver na vida cotidiana. A respeito das características intrínsecas à prática da leitura, tem-se que

A experiência de leitura, como toda experiência humana, é fatalmente uma experiência dual, ambígua, dividida: entre compreender e amar, entre a filologia e a alegoria, entre a liberdade e a imposição, entre a atenção ao outro e a preocupação consigo mesmo (COMPAGNON, 2001, p. 164).

A relação texto-leitor é permeada de questionamentos como, por exemplo: “Que faz do texto o leitor quando lê? E o que é que o texto lhe faz? A leitura é ativa ou passiva? Mais ativa que passiva? Ou mais passiva que ativa?” (COMPAGNON, 2001, p. 146).

Conforme a tese proustiana¹¹, a leitura relaciona-se com empatia, projeção, identificação. O objetivo do leitor seria menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro. A leitura “maltrata” o texto, adaptando-o às expectativas, preocupações e anseios do leitor. Em contrapartida, as experiências dos leitores não são tão singulares e inclassificáveis (COMPAGNON, 2001).

Para os fins dessa investigação, julgou-se necessário destacar a leitura emocional que, conforme Martins (1994), tende a ser menosprezada pelos estudiosos. A leitura emocional, na concepção da autora, é aquela que adentra no terreno das emoções, no qual as coisas ficam ininteligíveis, escapando ao controle do leitor, envolvido em armadilhas no seu inconsciente. É a leitura mais comum junto aqueles

¹¹ De acordo com Proust o leitor é livre, maior, independente. O leitor se dirige ao texto com suas próprias normas e valores, de modo que aplica o que lê à sua própria situação, assim, o autor e o livro controlam muito pouco o leitor. Cada leitor seria, ao ler, o próprio leitor de si mesmo, sendo a obra apenas um instrumento de ótica que oferece ao leitor a capacidade de discernir aquilo que sem o livro não poderia ver em si mesmo (COMPAGNON, 2001, p. 143-144).

que dizem gostar de ler, uma vez que vão ao encontro de desejos, amenizam ou ressaltam frustrações diante da realidade.

Talvez conviesse nesse momento pensarmos o texto menos como objeto (como foi evidenciado na leitura sensorial) e mais como acontecimento, algo que acontece ao leitor. Principalmente porque na leitura emocional não importa perguntarmos sobre o seu aspecto, sobre o que um certo texto trata, *em que* ele consiste, mas sim o que ele *faz*, o que ele *provoca* em nós (MARTINS, 1994, p. 52-53, grifo da autora).

A partir de tudo o que foi apresentado até agora, evidencia-se o fato de que a leitura é um processo que envolve uma apreciação intelectual, estética e emocional, não restringindo-se apenas à ordem do pensamento. Em uma visão bibliopsicológica (recorrendo ao conceito criado por Roubakine), o valor essencial de uma leitura seria, portanto, determinado por essa relação do leitor com os seus próprios sentimentos. O lado emocional do leitor possui, assim, enorme importância no processo de leitura. O estado geral dos seus sentimentos seria

[...] o resultado de todas as emoções e estados psíquicos do sujeito, um conjunto confuso e complexo de sensações dos mais variados tipos, representações, ideias, etc., tudo colorido por sentimentos (ROUBAKINE, 1998, p. 171).

Tendo em vista as múltiplas inter-relações entre leitor e texto, a próxima subseção aborda a perspectiva do teórico e crítico literário Constantino Bértolo (2014), que em sua obra *O banquete dos notáveis: sobre leitura e crítica*, discute as complexidades das relações do sujeito leitor com as experiências leitoras do mundo literário.

2.2.1 Os perfis de leitura de Constantino Bértolo

Bértolo (2014) considera que a operação de ler um texto narrativo é um processo que envolve algumas competências do leitor, desde de sua destreza para decifrar a linguagem e a sintaxe dos textos narrativos, contemplando seus conhecimentos literários, como também os conteúdos de sua narração autobiográfica, até os traços que caracterizam sua ideologia ou maneira de compreender o mundo.

Nesse sentido, quanto aos mecanismos efetuados pelo leitor, a leitura de um texto literário é empreendida por meio de um complexo processo mental multidualógico, composto por quatro níveis de leitura que ocorrem de modo simultâneo, a saber: o textual, o autobiográfico, o metaliterário e o ideológico (BÉRTOLO, 2014).

A leitura textual corresponde ao decifrar do texto narrativo enquanto código linguístico, por meio da atribuição de significados aos signos dispostos no texto. Um

texto é um artefato significativo, construído pelas palavras, frases histórias, personagens, descrições, diálogos, sendo uma composição ordenada, uma estrutura. A leitura não é uma tarefa simples, requer competência, concentração, memória, domínio do léxico, paciência, imaginação. “Um texto é um construto que é preciso desconstruir e reconstruir e isso exige esforço, embora não signifique que seja isento de prazer (BÉRTOLO, 2014, p. 48).

Já a leitura autobiográfica é entendida como a narração do próprio “eu”. Cada pessoa é a protagonista de sua própria novela, sendo também sua própria leitora. A leitura subjetiva compreende o texto como autobiográfico, ocorrendo uma narração íntima do leitor sob a construção textual veiculada. As palavras tem ressonâncias diferentes para cada leitor, que lhes atribui conotações pessoais e significados particulares, resultando em uma carga singular e personalizada (BÉRTOLO, 2014).

Por sua vez, a leitura metaliterária ocorre quando o leitor associa a narração textual com outras leituras literárias que acumulou, com sua biografia literária. Cada leitura relaciona-se com as leituras prévias, de modo que o leitor realiza conexões e equivalências entre as leituras. A leitura de uma narrativa é, portanto, influenciada pela cultura leitora de cada sujeito (BÉRTOLO, 2014).

Por fim, a leitura ideológica ocorre por meio de um sistema narrativo global, formado pelo fluxo de narrativas escritas em um conjunto social. Por meio da leitura ideológica, o leitor tem acesso a modelos de conduta, crenças, paradigmas, valores, preconceitos, hierarquias, proibições, ancoradas no real. Ao fazer a leitura ideológica o leitor acessa uma verdadeira memória social, as representações históricas dos meios de produção e da hegemonia (BÉRTOLO, 2014).

A inter-relação entre os quatro níveis de leitura supracitados é identificada por Bértolo (2014) como “trama leitora” ou “trama constitutiva do leitor”. O leitor individual incorpora a leitura simultânea dos quatro níveis de leitura, contudo sua relação com cada um deles é singular e pessoal. No nível textual, a destreza decodificadora determina a leitura, assim como aspectos como paixão, obrigação, rejeição, indiferença em relação a essa atividade. Cada biografia, forma de autoquestionamento, autossatisfação, fragilidade, construção pessoal são elementos que configuram o plano autobiográfico. A intervenção ativa da ideologia como modo de compreensão do mundo, o estilo do sujeito de ver a realidade influenciam diretamente no nível ideológico da leitura. Assim, o conjunto de parâmetros desses

quatro planos de leitura são apropriados por cada sujeito leitor de modo diverso, constituindo uma leitura única e pessoal (BÉRTOLO, 2014).

Na visão de Bértolo (2014), o texto literário é uno, mas as leituras são sempre múltiplas, pois o leitor parte das suas próprias posições culturais, intelectuais, ideológicas e existenciais. A respeito do intercâmbio entre os quatro níveis de leitura, Bértolo (2014, p. 71-84) caracteriza os seguintes perfis de leitura:

- **Leitura projetiva¹² ou adolescente:** caracterizada pela projeção da própria imagem do leitor sobre a narrativa, de modo que esse identifica-se com diferentes aspectos da ação narrativa, com um ou alguns dos protagonistas, nos quais se sente reconhecido ou descoberto. Há também uma rejeição de aspectos autobiográficos que perturbam, irrompem ou questionam o “eu”. A presença da projeção é algo natural durante a leitura, entretanto, a leitura projetiva hipertrofia a leitura autobiográfica, tornando a narrativa escassa de densidade crítica e autocrítica. O leitor autobiográfico e projetivo funciona como um material absorvente, incrementando a consistência porosa de seu “eu” e ignorando tudo o que não se encaixa em sua estrutura.
- **Leitura inocente:** identificada pela assimilação do texto como simples encadeamento de ações, desativando na narrativa qualquer aspecto conflituoso, como também os aspectos literários ou de representações do mundo. Assinalada como uma conformidade passiva com a consciência dominante, uma acomodação à literatura entendida como mero veículo de transmissão de histórias e passatempo. O leitor inocente possui uma exigência muito forte: a de não ser incomodado ou questionado, o que revela uma atitude de resignação, conformismo e autocomplacência. “Não deixa de ser chamativa a inocência que por vezes se atribui à leitura, e que talvez oculte algum tipo de culpa. Como Pilatos, o leitor inocente lava as mãos” (BÉRTOLO, 2014, p. 76).
- **Leitura sectária:** o sectarismo não deixa de ser um sentimentalismo revestido de ideologia, assim, a leitura sectária supervaloriza tudo aquilo que reforce a visão ideológica do leitor, subestimando todos os elementos que não se adequem a ela. Como consequência da ideologia dominante, o termo ideológico comumente se refere às ideologias antissistema, mais concretamente aquelas advindas do marxismo revolucionário. O leitor sectário, assim, superestima a consciência do mundo durante a leitura, compreendendo-a como um difuso humanismo.
- **Leitura letraferida:** reconhecida pela hipertrofia do elemento metaliterário no decorrer da leitura. Uma possível leitura erudita, que

¹² Referência ao mecanismo psíquico através do qual uma pessoa atribui predicados pessoais, emoções, conflitos, percepções ou pensamentos (conscientes ou inconscientes), sejam desejados ou indesejados, a outro sujeito ou objeto.

compreende a literatura como “[...] modo privilegiado de acesso a uma verdade transcendental ou especial” (BÉRTOLO, 2014, p. 79). O leitor letraferida preocupa-se em demasia com a sensibilidade estética da literatura, rejeitando qualquer presença ideológica ou utilitarista. Esse perfil de leitor, encontra na literatura sua razão de ser e ler, alimentando-se da sincronia poética com o texto, reconhecendo-se em sua beleza e emoção estética.

- **Leitura civil**: assinalada como uma leitura que equilibra os quatro níveis de leitura, um processo extremamente dinâmico, intenso e fértil. O leitor civil é um cidadão-leitor, que possui uma leitura autobiográfica sólida, um conhecimento literário amplo, capacidade de realizar associações da narração textual, dotado da compreensão da realidade forte e ativa. Esse perfil de leitor possui melhor treinamento mental e emocional para incidir alerta, deslocando em maior ou menor grau cada um dos níveis de leitura.
- **Leitura do crítico**: designada como uma leitura responsável e observadora. O crítico é o leitor que vigia-se, “ouve” cada um dos aspectos que atuam em seu processo de leitura, ponderando em que grau interferiram na construção do seu julgamento.

Apesar da relevância de sua teoria, Bértolo (2014) apresenta forte tendência de idealizar o equilíbrio entre os quatro níveis de leitura – textual, autobiográfico, metaliterário, ideológico – o que pode ser observado no modelo do leitor civil. Na visão do autor, o leitor civil, equilibrado, dotado da habilidade de regular seus níveis de leitura, seria capaz de apropriar-se efetivamente do texto literário em todas as suas instâncias de modo completo. Conforme o autor

[...] quando o mecanismo de inter-relação e refração entre as quatro leituras funciona com a intensidade adequada, esse jogo de multileituras atuará como sistema de **prevenção dos possíveis desequilíbrios leitores**, fazendo com que nenhum dos quatro tipos monopolize o diálogo plural e contínuo que entre eles se estabelece ou que tome para si um papel hegemônico no processo: a **tentação** de se deixar levar pela leitura autobiográfica será **amortizada** pela intervenção da leitura política; a leitura política **enviesada** será **corrigida** pela leitura metaliterária; esta será **refreada** pelas já mencionadas, e a **mera** leitura textual poderá **salvar-se** da tentação formalista pela pressão constante do conjunto (BÉRTOLO, 2014, p. 64, grifo nosso).

Na citação acima foram destacados em negrito alguns termos utilizados pelo autor de modo a corroborar com sua visão da necessidade de prevenção dos possíveis “desequilíbrios leitores”. É perceptível que as palavras *tentação*, *amortizada*, *enviesada*, *corrigida*, *refreada* e *mera*, ao serem utilizadas para qualificar e descrever um modelo muito específico de leitura denotam um certo preconceito em relação a outros níveis de leitura, que devem ser contidos, ordenados e ajustados para que a

experiência de leitura seja equilibrada (é notório, na fala do autor, principalmente o demérito da leitura autobiográfica e da leitura textual). Nas palavras do autor: “É, finalmente, a qualidade da trama leitora de cada um a que determina a qualidade de sua leitura. Dito em forma de romance ‘Me diga como lê e te direi quem és’” (BÉRTOLO, 2014, p. 71).

Bértolo (2014) compreende a leitura como o resultado de um processo multidualógico de diferentes comunicações internas entre os quatro níveis de leitura. O autor também compara a leitura a um jogo de espelhos interativo no qual ocorre a refração ou reverberação simultânea entre os diferentes planos de leitura.

Nesse sentido, o autor estabelece um modelo de leitura ideal (BÉRTOLO, 2014, p. 62), na qual o leitor é munido de uma leitura textual competente, uma leitura autobiográfica inquisitiva e sólida, uma leitura metaliterária densa e afinada e uma leitura política ativa e forte. O leitor que possui essa trama leitora teria, pois, melhor disposição para levar a cabo suas responsabilidades como cidadão, executando uma leitura dinâmica, intensa e fértil (BÉRTOLO, 2014, p. 62-64). Tal leitura ideal é conceituada como a leitura civil (BÉRTOLO, 2014, p. 81-82), na qual a dinâmica do jogo entre os quatro níveis de leitura é interconectada, sendo capaz de incidir alerta em maior ou menor grau sobre cada um dos elementos constitutivos.

Em relação aos apontamentos realizados, apresentam-se os seguintes questionamentos: Necessita o leitor de tamanha autorregulação durante o processo da leitura? Existe, de fato, o modelo do leitor civil? Esse leitor regulado, que não se desvia, não seria um leitor excessivamente obediente? A quem serve esse leitor?

Defende-se, nessa pesquisa, a ideia de que o sujeito leitor deve servir a si mesmo, de modo a atender às suas próprias necessidades, enquanto protagonista da prática da leitura. O leitor literário é, assim, capaz de transitar entre os diferentes modelos de leitura – projetiva, inocente, sectária, letraferida – agindo em conformidade com seus objetivos, pensamentos e sentimentos. Em cada momento, em cada leitura, o leitor fluirá pelo modelo de leitura que lhe convier, atendendo aos seus próprios intentos, ora mergulhando em determinado tipo de leitura, ora mesclando os modelos ou deslocando-se por eles. Tal postura não é, pois, autocentrada e individualista, mas sim ação de autopreservação, tenacidade, resistência.

Partindo-se da concepção de que existem e que podem ser identificados níveis e modelos de leitura, adentra-se, pois, nas particularidades do leitor, discutidas na seguinte subseção.

2.2.2 Estudos da recepção

De acordo com Compagnon (2001), os estudos literários dedicam lugares variáveis ao leitor de modo que, de um lado, tem-se as abordagens que ignoram o leitor e, de outro, as que valorizam ou colocam-no em primeiro plano. Em geral, para a teoria literária, a leitura real é negligenciada, havendo uma concepção de um leitor ideal, que se curva à expectativa do texto. Entretanto, no campo de estudos da *recepção*, a leitura é analisada como reação individual e coletiva do texto literário. Zilberman (1999) contextualiza e define os estudos da recepção:

A recepção corresponde à concretização das potencialidades da leitura que cada criação artística carrega consigo; não quer dizer que sejam sempre iguais – pelo contrário, diferem, respondendo a diferentes questões que cada época coloca a um texto. A Estética da Recepção como proposta metodológica, coleta as perguntas colocadas às obras ao longo do tempo; o resultado é uma história da literatura que verifica, não a sequência de autores e suas criações cristalizadas num momento passado, mas, sim, como se deu e vem ocorrendo a comunicação desses produtos de cunho artístico com o público [...] (ZILBERMAN, 1999, p. 9).

Conforme Compagnon (2001) os estudos da recepção dividem-se em duas grandes vertentes. A primeira diz respeito à fenomenologia do ato individual da leitura, encabeçada por Roman Ingarden e, posteriormente Wolfgang Iser. Já a segunda vertente concentra-se na hermenêutica da resposta pública ao texto, representada pelos trabalhos de Hans Robert Jauss (COMPAGNON, 2001). De acordo com Ricoeur (1997), tais vertentes, na realidade, se sobrepõem, visto que é pelo processo individual da leitura que o texto revela sua “estrutura de apelo”, como também é na medida em que o leitor participa das expectativas geradas pelo público que ele se torna um leitor competente.

Diante disso, os estudos da recepção, tomando por base a teoria de Iser (1996), compreendem o texto como um dispositivo potencial sob o qual o leitor, por meio da interação, constrói um objeto coerente. O sentido é, assim, um efeito experimentado pelo leitor que não existe de forma preexistente à leitura. O texto literário possui uma incompletude que só se preenche na interação com o leitor. Em Iser (1996), a obra literária tem dois polos: o artístico, texto do autor; e o estético, realização efetuada pelo leitor. Nesse âmbito, a obra literária não é idêntica a nenhum dos dois polos, não

sendo o texto em si nem a experiência subjetiva do leitor. A obra literária é, portanto, um esquema virtual, característica que lhe oferece dinamismo. Conforme Ricoeur (1997, p. 289), “a leitura torna-se esse piquenique em que o autor leva as palavras e o leitor, a significação”.

Nesse sentido, Compagnon (2001) considera que de um lado temos a autoridade do autor e do texto, que institui um discurso objetivo; e do outro, a autoridade do leitor, que constrói um discurso subjetivo. O referido autor alerta, todavia, sobre a dificuldade das teorias da literatura em preservar um equilíbrio entre os elementos da literatura, visto que o primado do leitor pode levar a tantos problemas como o primado do autor ou do texto.

Em sua inter-relação com o texto, o leitor é, portanto, um ator essencial no processo de significação (para não se dizer que ele é “O” ator). Tendo isto em vista, adentra-se, a seguir, no âmbito da apropriação simbólica.

2.3 APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA

O símbolo, de acordo com Sharp (1993, p. 146), é a “melhor expressão possível de algo desconhecido”. Os seres humanos, conforme Machado (2014), vivenciam a atividade de simbolização, atribuindo, constantemente, significados às suas vivências, às suas ações, às novas informações adquiridas, aos acontecimentos e fatos que presenciam, em suma, às suas experiências. Os significados movimentam-se, resistindo às pretensões de fixação. No que diz respeito à leitura, tem-se que

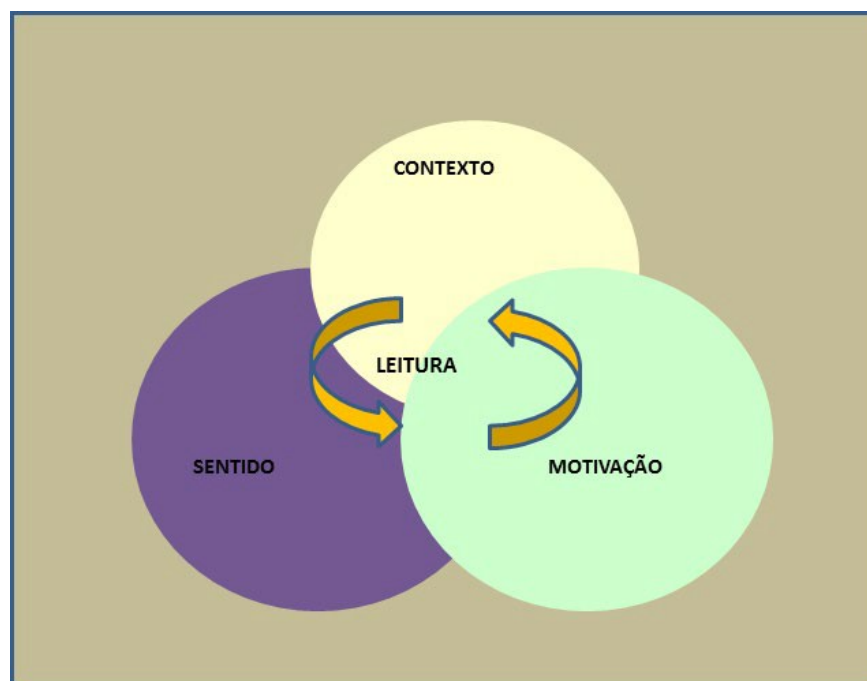
Se, efetivamente, a escrita permanece, as significações, ao contrário, se esvaecem e se reconstituem permanentemente, em um fluxo intermitente e aberto que ultrapassa a fisicalidade dos traços que lhes dão guarida e visibilidade. É no tempo e no espaço do porvir histórico que os significados se inscrevem e realizam, não no presente eterno da pura, mas desencarnada, materialidade dos sinais (PERROTI, 2009, p. 9).

Adentrando-se no âmbito da Ciência da Informação, Perroti (2009) propõe a superação do paradigma de “acesso à informação” pelo de “apropriação de informações”. A adoção do paradigma de apropriação de informações compreende o conhecimento como forma de interlocução e troca, possibilitando a construção e reconstrução de si mesmo e do mundo.

Trata-se de um modo de compreender a informação, bem como de estabelecer vínculos entre ela e a vida social. Trata-se de superar visões naturalistas, de vislumbrar a informação além de seus traços meramente físicos, situando-os em quadros de significação constituídos e irrigados pela cultura e pela história (PERROTI, 2009, p. 14).

Estudos e pesquisas na CI em relação à apropriação da leitura possuem enfoque voltado para o “entendimento da leitura como processo mediador entre o leitor e a informação, visando a obtenção de conhecimento” (DUMONT, 2016, p. 143). A fundamentação teórica dessas pesquisas é interdisciplinar, apresentando três fatores basilares para efetivação e apropriação de conhecimentos pela leitura, que se interpenetram fortemente: Sociologia (contexto), Psicologia (motivação), Semiologia (sentido) (FIGURA 4). Esses três componentes do Estudo da Leitura, advindos de diferentes áreas do conhecimento, são intrinsecamente ligados a componentes cognitivos, que interagem entre si em processo dinâmico e constante, tendo como base o cenário social. A interação entre esses fenômenos caracteriza o “gosto” por determinado tipo de leitura, que pode resultar na almejada introjeção de conhecimentos (DUMONT, 2016).

Figura 4 - Componentes fundamentais da efetivação da leitura



Fonte: DUMONT, 2016, p. 147.

A respeito do contexto, a realidade e o cotidiano do leitor são de vital importância para a efetivação da leitura, uma vez que a compreensão do texto enreda-se na percepção entre o texto e o ambiente no qual o leitor está inserido. Quanto à motivação, a ação da leitura é iniciada por um estímulo, um desejo, uma atração. A leitura, muitas vezes, não é feita com o objetivo específico de recolher informação do texto, contudo, o leitor apropria-se de informações, intencionalmente ou

inconscientemente, podendo transformá-las em conhecimento, a ser utilizado nas ações do seu cotidiano. Por fim, o componente do sentido permite considerar que a escrita causa impactos e rupturas, uma vez que as palavras são signos reunidos pelo leitor, que lhes atribui sentido e os consolida em uma estrutura (DUMONT, 2016). Dessa forma, a efetivação da ação leitura se dá por movimentos concomitantes entre os três componentes citados.

Com base no exposto, Dumont (2016) postula uma hipótese para a teoria de efetivação da leitura, que ocorre por meio da conjunção da motivação, de seu contexto e o sentido atribuído à leitura pelo leitor, que ocasiona a apropriação e introjeção de informações que, conseqüentemente, poderão gerar conhecimento. Ainda em relação a tese da apropriação de conhecimentos pela leitura, defendida pela Ciência da Informação, Dumont (2016) pontua que

certamente a incorporação de sentidos semânticos realizada pelo córtex cerebral, pode traduzir-se em conhecimento, que em uma determinada fase da vida, possui chance de ser resgatada e utilizada no cotidiano dos leitores (DUMONT, 2016, p. 149).

Nesse sentido, Pinheiro (2013) também investiga a prática da leitura associando-a à apropriação da informação. Essa última pode ser definida como um “conjunto de atos voluntários, pelo qual o indivíduo reelabora o seu mundo modificando seus conhecimentos prévios, com as informações processadas, disseminadas, transferidas, sob a ótica de suas necessidades” (PINHEIRO, 2013, p. 19). A apropriação da leitura faria, portanto, parte desse processo ao tornar o leitor capaz de entender o mundo, manifestando-se como uma prática social para a aprendizagem e a reaprendizagem, para a capacidade de apresentar novas experiências e de reformular ideias. Assim sendo, a referida autora considera que buscar um enfoque sociológico sob o olhar da CI possibilita articular ideias de leitura com a apropriação da informação, partindo do pressuposto de que o campo se interessa em estudar o papel da leitura, ação que permite a imersão em símbolos e signos por meio do código escrito registrado em qualquer suporte informacional.

É necessário destacar que as perspectivas teóricas e conceituais são distintas nos campos da CI e dos Estudos sobre Leitura. Contudo, existe um ponto central, comum às duas áreas, a convicção de que a leitura é o cerne do processo de apropriação da informação, estando de fato presente no contexto da Ciência da Informação (PINHEIRO, 2013).

Assim, o campo comum entre a leitura e a Ciência da Informação se reflete no compartilhamento do seu papel social. Isso acontece quando a leitura

instaura práticas sociais inerentes à apropriação da informação e a Ciência da Informação promove a disseminação e a mediação da informação, considerando a leitura, o letramento e a formação do leitor como um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos e valores ligados à busca, ao acesso, à organização e ao uso da informação para saciar as necessidades informacionais e resolver problemas (PINHEIRO, 2013, p. 20).

Entretanto, não se trata, aqui, de uma forma qualquer de apropriação, e sim, da apropriação simbólica. Perrotti e Pieruccini (2007) reconhecem a dimensão simbólica caracterizando-a pela sua capacidade de extrapolar os limites impostos pela ordem material. Assim, o aspecto simbólico contempla uma dimensão material e objetiva, mas não se restringe a ela, envolvendo processos imateriais e subjetivos.

Sendo assim, ao se conjugar a apropriação com a dimensão do simbólico, tem-se que

a apropriação implicaria atuação e afirmação dos sujeitos nas dinâmicas de negociação de significados; representaria, no caso específico que nos interessa, transação de significados que diferencia e constitui os negociadores como sujeitos da cultura, protagonistas, cidadãos (PERROTTI; PIERUCCINI, 2007, p. 74).

À vista das considerações realizadas, é importante enfatizar que a apropriação da informação, por meio da leitura, ocorre de forma simbólica. Nesse sentido, no que se refere à apropriação da informação, o sujeito, tido como ator do seu processo de conhecimento, se apropria da informação de forma simbólica, após um processo de significação, relacionado ao âmbito individual e coletivo. A relação dos sujeitos com a informação é afetada e moldada por aspectos sociais, históricos e culturais.

Em relação a essas assertivas, Perrotti e Pieruccini (2007) consideram a apropriação simbólica em sua dimensão de apropriação de signos e significados, contemplando a apropriação de informações, de conhecimento e cultura. De acordo com os autores, a apropriação simbólica, abordada numa perspectiva sociocultural, é constitutiva dos atos de significação, fenômenos de ordem subjetiva, situados em relação a referenciais históricos e sociais concretos.

Com o intuito de esclarecer o conceito de apropriação, considera-se que

o objetivo desse tipo de posse é precisamente de tornar própria alguma coisa, isto é, de adaptá-la a si e, assim, transformar essa coisa em um suporte de expressão de si. A apropriação é, desse modo, ao mesmo tempo, uma tomada do objeto e uma dinâmica de ação sobre o mundo material e social com uma intenção de construção do sujeito (SERFATY-GARZON, 2003 *apud* PERROTTI; PIERUCCINI, 2007, p. 72).

Certeau (1994) elege a vontade e o desejo como fatores imprescindíveis à apropriação, sendo os principais propulsores do investimento do sujeito na elaboração e construção de novos conhecimentos que, ao serem compartilhados e comunicados,

tornam-se agentes transformadores da história cultural. O leitor protagonista é, assim, um produtor/criador, responsável pela construção de significações.

[...] a atividade leitora em seus rodeios, percursos através da página, metamorfoses e anamorfoses do texto pelo olho que viaja, voos imaginários ou meditativos a partir de algumas palavras, transposições de espaços sobre as superfícies militarmente dispostas do escrito [...] (CERTAU, 1994, p. 266).

O historiador Roger Chartier (2009) discute o conceito de apropriação, relacionando-o à identidade social, histórica e particular dos leitores. Em sua visão, se por um lado, o texto tem um conjunto de condicionamentos que são postulados ao leitor, do outro lado, “[...] cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe” (CHARTIER, 2009, P.19). A leitura seria, assim, uma prática de construção de sentidos:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum- ou ao menos totalmente- o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem (CHARTIER, 2009, P.19).

Nesses termos, a apropriação implica na vinculação entre o mundo material e o social aos desígnios subjetivos daquele que se apropria, do mesmo modo que o transforma. Esse processo dinâmico, realizado pelo sujeito, requer investimento e luta, como também proporciona ganhos, constituindo-se como o reverso da expropriação (PERROTTI; PIERUCCINI, 2007).

Fundamenta-se, portanto, essa investigação, no conceito de apropriação simbólica. A definição de apropriação simbólica dialoga com a prática da leitura literária, na qual o sujeito apropria-se da obra literária por meio de uma atividade de simbolização, permitindo sua própria construção e de seu mundo interior. Articula-se, assim, a dimensão da apropriação simbólica especificamente à apropriação do texto literário, em sua disposição criativa, inventora e produtora, que não se reduz à intenção do autor.

2.4 A (IN)UTILIDADE DA LEITURA

Os benefícios da leitura literária fazem parte do discurso e da prática profissional de bibliotecários, professores e mediadores de leitura, que se empenham

em disseminar a importância do ato de ler. Na esfera política e na mídia, surgem campanhas em prol da leitura. No âmbito doméstico, as famílias reforçam a necessidade da leitura para as crianças e jovens. Definiu-se, socialmente, que ler é bom e importante. Porém, os motivos atribuídos a tal importância são diversos e, por vezes, superficiais e vagos.

O discurso do senso comum, segundo Barreto (2018), legitima a leitura como atividade relevante para os sujeitos. Contudo, é perceptível que quando o enfoque se volta para sua atuação efetiva, nota-se que o discurso não é tão forte na prática como na teoria. Em um primeiro momento, a visão comum sobre leitura pode levar a entendimentos superficiais a respeito de sua real posição. Tal fato se deve a uma suposta familiaridade que as pessoas possuem com o assunto, devido à sua inserção em uma sociedade que faz uso da leitura e da escrita no desempenho de diversas atividades (BARRETO, 2018). Nesse sentido, considera-se que

O tema da leitura é algo tão simples, e ao mesmo tempo tão complexo, que é possível falar dele como coisa corriqueira, numa frase despretensiosa, emanada do senso comum, como também pode-se levar longuíssimo tempo tentando entendê-la nas suas múltiplas acepções e aplicações (CARVALHO, 2014, p. 187).

A leitura literária é mostrada ao grande público, segundo Carvalho (2014), ora na visão do mercado, com a divulgação de números altíssimos dos livros vendidos, de autores e títulos da moda (sem levar em consideração que livro vendido não significa livro lido); ora em momentos em que sobressai uma visão apocalíptica de uma eminente crise na leitura. A referida autora questiona os discursos vazios sobre o poder da leitura, por vezes reproduzidos por bibliotecários e professores, na indicação simplificada da leitura como o remédio da salvação. Tal discurso é cheio de equívocos e distorções, simplificando o ato de ler em uma ótica meramente operacional, ao divulgar uma leitura que se esgota na decodificação, buscada como sinal de distinção social, que não leva a uma leitura de emancipação (CARVALHO, 2014).

Um dos problemas fundamentais na promoção da leitura, conforme Castrillón (2011), reside no fato de ser divulgada como algo de que se pode facilmente prescindir, um luxo das elites, uma leitura recreativa, portanto, supérflua, inútil e descartável. A leitura é um exercício difícil, que exige tempo e esforço, mas que acabou sendo divulgada como um prazer fácil e uma diversão, por meio de campanhas ingênuas do tipo “ler é bonito”, que por trás de intenções positivas, criam falsas expectativas. Outra armadilha é promover o livro como um bem de consumo,

lazer fácil e descompromissado, distorcendo as reais funções sociais e políticas da leitura. “[...] a leitura, em especial a leitura literária, não é um meio de lazer passivo, ao contrário, tem profundo sentido e valor” (CASTRILLÓN, 2011, p. 65).

Perante essas considerações, emerge uma questão, já postulada por Farias e Carvalho (2014), mas que, aqui, adequa-se perfeitamente. Nesse sentido, pergunta-se: Do que se fala quando se fala de leitura?

Para responder a esse questionamento, recorreu-se a Petit (2009b), que apresenta as duas vertentes da leitura: de um lado, tem-se a leitura instrutiva e “útil”, de outro lado, uma leitura imaginativa ou “inútil”. De forma análoga, Dumont (2016), estabelece que existem dois tipos de motivação consideradas básicas para a efetivação da leitura. A primeira é a leitura utilitária, com fins bem definidos, que pode ser realizada para ganhar prestígio e status. Esse tipo de leitura é investigativo, com efeitos para estudo, atividades de trabalho ou até mesmo para integrar-se a determinado grupo social, sendo em geral seletiva e localizada, com o objetivo de responder diretamente a intenção imediata do leitor. Já a segunda é a leitura como lazer, para descanso, relaxamento e fruição. Esse tipo de leitura, contrário ao primeiro, não possui um objetivo específico, não visa recolher informação do texto, o motivo é a experiência e o prazer que a leitura proporciona (DUMONT, 2016).

A primeira face da leitura, na visão de Petit (2009b), por muitas vezes é associada à obtenção do conhecimento formal, à apropriação da linguagem e às práticas paraescolares¹³. O mais conhecido aspecto da leitura é o acesso ao saber, que pode modificar o destino escolar, profissional e social. A aquisição de um capital cultural pode auxiliar no percurso escolar, assim como o acesso ao uso mais desenvolvido da língua pode apresentar-se como uma vantagem social.

Contudo, essa leitura dita útil é também uma forma de dominação e controle. “Utilizou-se muito a escrita – e utiliza-se ainda – para submeter as pessoas à força de um preceito e prendê-las nas redes de uma “identidade coletiva” (PETIT, 2009b, p. 23). O discurso do senso comum de que “os jovens não leem mais” é um bom exemplo da busca pela utilidade da leitura. Essa preocupação representa, em parte, o medo da perda de uma experiência humana insubstituível, mas em muitos dos discursos políticos e intelectuais, essa preocupação aparece por outros motivos. Nas formas

¹³ Refere-se às práticas exercidas fora do ambiente escolar, mas que são vinculadas à escola, como as ações realizadas em prol dos estudos, buscando a melhoria das notas e aquisição de conhecimento voltado ao currículo educacional.

tradicionais de integração social se reproduzia a vida dos pais, e a leitura participava dessa reprodução. A leitura era utilizada como uma ferramenta de adestramento, um exercício prescritivo, visando submeter e controlar, que ensinava a adequação a modelos religiosos ou nacionais. “Assim, parece-me que alguns sentem saudades de uma leitura que permita enquadrar, amoldar, dominar os jovens” (PETIT, 2009b, p. 18). Conforme afirma a autora:

Segundo esses políticos e intelectuais, caberia então aos professores, aos bibliotecários, introduzir esses jovens marginalizados em uma espécie de rito de passagem, obrigando-os a pertencer, através do ato de compartilhar os grandes textos. Encontramos nesses discursos a crença antiga de que os textos escritos poderiam modelar aqueles que os decifram, e que certos textos considerados fundadores, poderiam imprimir-se neles como se fossem páginas em branco, até que os leitores se assemelhassem pouco a pouco ao que ingerem (PETIT, 2009b, p.46).

Porém, quando se observa a prática da leitura, compreende-se que não é apenas com fins de utilidade imediata que uma pessoa se lança na busca do saber. Essa prática representa mais para o leitor do que objetivos definidos com finalidades previsíveis. Nesse âmbito, apresenta-se a segunda vertente da leitura, a leitura vista por muitos como “inútil”. A leitura tem alguns fins menos visíveis, que se situam principalmente na elaboração da subjetividade, da interioridade e do imaginário (PETIT, 2013).

Curiosamente, esta dimensão essencial da leitura é muitas vezes desconhecida ou subestimada, ou é desviada para leitura ditas de “distração”. Entretanto, não é a mesma coisa. Ler, ou recorrer a bens culturais diversos, para se encontrar, para se reconhecer, para se construir ou reconstruir, não é a mesma experiência que ler para esquecer ou para se distrair (PETIT, 2013, p. 107).

Nessa linha de pensamento, Pinheiro (2013) sinaliza a potencialidade da leitura em interpretar a realidade, explicá-la, investigá-la e analisá-la. O entrelaçamento do leitor com o livro possibilita uma apropriação, encontros e conexões orientados por uma perspectiva transformadora. A leitura é “[...] fonte de prazer, de fruição, de conhecimento e de emoção, despertando novas concepções de mundo e de vida (PINHEIRO, 2013, p. 72)

Essa dimensão da leitura não é do agrado de muitos, por isso, muitas vezes, ela é encoberta com um manto de eficiência, reduzida à uma prática objetiva. Em muitas famílias, as crianças são incentivadas a ler porque isso será útil em seus estudos, mas se são encontradas perdidas nas fantasias de um livro, isso incomoda. A solidão do leitor frente ao texto inspirou temor em todas as épocas, pois há algo mais que o conteúdo dos livros em si, “o que se teme é o próprio gesto da leitura, que

já constitui um desapego, uma forma de se distanciar. Os leitores e as leitoras irritam porque não se pode exercer um controle sobre eles, porque eles escapam”. (PETIT, 2013, p. 51).

Ao realizar uma pesquisa sobre leitura no meio rural, Petit (2013) identificou que a prática nesse ambiente contemplava as duas vertentes da leitura. Havia uma leitura em pleno dia, para aprender, sendo o livro um depositário do saber e a leitura uma modalidade de instrução. Algumas pessoas chegavam até a ler enciclopédias e dicionários. Essa leitura era valorizada no meio social, como uma leitura que valorizava o esforço e a “utilidade”. Porém, à noite, era realizada uma outra leitura, discreta e secreta, transgressora. Essa prática era chamada pelos leitores de a “verdadeira” leitura, sobre a qual falavam com pudor, porque era feita na intimidade. Nesses momentos, os leitores davam preferência a romances clássicos e contemporâneos, ficções, biografias, livros policiais e de aventura. Essa leitura “inútil” não poderia ser exibida durante o dia, pois seria alvo de julgamento por transgredir os valores do grupo, que dão ênfase às atividades práticas, com fins objetivos, como também atribuem maior valor às atividades coletivas. O distanciamento do leitor não seria bem visto, uma vez que distinguir-se do meio social é algo incongruente, grosseiro. A autora afirma que isso não é algo exclusivo do meio rural, sendo que essa transgressão fica bem evidente em comunidades pequenas (PETIT, 2013). Para os leitores, a experiência de uma leitura “inútil” é extremamente enriquecedora:

Ler lhes permitia escapar, viajar por procuração, abrir-se a novos horizontes. E a partir desse território íntimo, discretamente conquistado, viam as coisas de outra maneira. Adquiriam um maior conhecimento do mundo que os rodeava e se livraram do jugo dos que detinham o monopólio do saber. Mas também descobriram em si mesmos desejos desconhecidos. A leitura era oportunidade de distanciar um pouco. Para escapar de um tipo de vínculo social onde o grupo tinha poder sobre cada um. E para pensar que é possível inventar uma maneira própria de dizer, em vez de ter que sempre se remeter aos outros (PETIT, 2013, p. 104).

A leitura tem, portanto, duas vertentes, por um lado, as palavras podem aprisionar e tornar o leitor dependente, por outro, são uma chave para a liberdade de pensamento e elaboração de espírito crítico, permitindo a construção de uma identidade e descoberta de si mesmo. Quando se aborda a temática da leitura, nem tudo se trata de instrução e utilidade, mas também da apropriação de bens culturais para o exercício da fantasia, acesso ao imaginário, ao mundo subjetivo, à elaboração de um espaço próprio.

Na obra *Literatura para quê?* o francês Antoine Compagnon (2009, p. 20-24, grifo do autor) questiona:

Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? [...] Qual a pertinência – o inglês tem velhas palavras francesas mais expressivas que as nossas: *relevance* ou *significance* - da literatura para a vida? Qual é a sua força, não somente de prazer, mas também de conhecimento, não somente de evasão, mas também de ação?

Para responder a tais questões, o autor supracitado empreende-se na investigação das concepções a respeito da literatura ao longo dos séculos. A primeira compreensão é da *Poética* de Aristóteles, a definição clássica de que a literatura deleita e instrui. Um outro ponto de vista surge no Século das Luzes, embebecido pelo romantismo, a leitura é mais do que um meio que instrui deleitando, é um remédio, que cura e liberta o leitor. Deixando para trás as visões clássica e romântica, a modernidade concebe a literatura como o poder de ultrapassar os limites da linguagem ordinária. No século XX um movimento de escritores considerou a literatura isenta de qualquer poder, a não ser o exercício sobre ela mesma, julgando-a como vã ou culpada, dado que ela não havia impedido ações inumanas (uma referência à Segunda Guerra Mundial). A literatura foi degradada ao ser difundida como simples prazer lúdico e recreativo, concepção que se propagou no âmbito escolar no final do século. Tem-se, portanto, as visões clássica, romântica, moderna e uma pós-moderna: que, dessa forma, inaugura o conceito de impoder da literatura.

Na concepção do próprio Compagnon (2009), a literatura liberta a consciência das maneiras convencionais, desconcerta, incomoda, desorienta, de modo que seu poder emancipador continua intacto. Em sua conceituação, a literatura oferece um conhecimento que difere do erudito, capaz de esclarecer comportamentos, motivações e sentimentos humanos.

A literatura é um exercício de pensamento; a leitura, uma experimentação dos possíveis. Nunca nada me fez melhor perceber a angústia da culpa que as páginas febris de *Crime e Castigo* onde Raskolnikov reflete sobre um crime que não aconteceu e que cada um de nós cometeu. [...] É assim que um romance muda nossa vida sem que haja uma razão determinada para isso, sem que o efeito da leitura possa ser reconduzido a um enunciado de verdade. [...] 'Torna-se quem você é!', murmura-me a literatura [...] (COMPAGNON, 2009, p. 52-53, grifo do autor):

Com base nas acepções anteriores, de forma a responder o questionamento inicial desta seção, a leitura a qual refere-se este trabalho está além da decodificação da palavra escrita, sendo concebida como ação transformadora e emancipadora, que oportuniza a construção de sentidos. Sendo assim, fala-se de uma leitura "inútil", que

não possui um objetivo específico, nem um fim em si mesma. Tratar a respeito de tal leitura supõe, em primeiro plano, abordar aquele que lê, considerando esse sujeito-leitor como agente protagonista, intérprete de signos, produtor de sentidos e negociador de significados.

2.5 SUBJETIVIDADE E SIMBOLIZAÇÃO

A prática da leitura literária permite ao leitor elaborar seu mundo interior e sua subjetividade. O leitor encontra no livro a possibilidade de construção de um espaço íntimo, uma possibilidade de abrir-se para outro lugar, um mundo próprio, onde não depende dos outros. Nesse espaço próprio, o leitor descobrirá que pode se diferenciar do seu entorno e participar ativamente de seu destino, mesmo em contextos em que nenhum espaço pessoal é possível (PETIT, 2013).

[...] o essencial da experiência da leitura talvez seja isso: a partir de imagens ou fragmentos recolhidos nos livros, podemos desenhar uma paisagem, um lugar, um habitáculo próprio. Um espaço onde podemos desenhar nossos contornos, começar a tratar nosso próprio caminho e nos desprender um pouco do discurso dos outros ou das terminações familiares ou sociais (PETIT, 2013, p. 109).

A abertura ao imaginário, proporcionada pela leitura, está diretamente vinculada a uma emancipação do sujeito. “A leitura, e mais precisamente a leitura de obras literárias, nos introduzem também um tempo próprio, distante da situação cotidiana, em que a fantasia tem livre curso e permite imaginar outras possibilidades” (PETIT, 2013, p. 49). A fantasia e os sonhos estão intrinsecamente ligados ao pensamento e à criatividade, ressaltando-se que a disposição criativa tem a ver com a liberdade. Trata-se, pois, de um direito do sujeito, de ler e se descobrir, construindo um espaço próprio a partir da conquista de um espaço íntimo interior, dispondo de um tempo para si, permitindo entregar-se à fantasia dentro da sua própria subjetividade (PETIT, 2013).

Em sua obra, Antônio Candido (1988) defende a literatura como direito humano incompressível, categorizado junto à moradia, alimentação, saúde, justiça, arte e lazer. A literatura, segundo o autor, seria uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, pois não existe nenhuma civilização que não tenha entrado em contato com alguma espécie de fabulação, criação ficcional ou poética. Fator indispensável para a humanização e equilíbrio social, a literatura atua em grande parte no subconsciente ou inconsciente do leitor. Nas palavras do autor, “ela não corrompe

nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1988, p. 176).

Nessa perspectiva, as produções literárias satisfazem necessidades básicas do ser humano, enriquecendo a sua percepção e visão de mundo. A função da literatura concentra-se em três faces:

- (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado;
- (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e grupos;
- (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 1988, p. 176).

Em consonância com esse pensamento, um outro ponto importante, apresentado por Petit (2013), é a descoberta do uso não imediatamente utilitário da linguagem, a leitura propicia o acesso a uma língua que difere daquela que serve para a designação imediata ou para o insulto. A perspectiva de uma história organizada mostra ao leitor que existe uma forma de se comunicar diferente daquela que ele utiliza todos os dias. O relato da narração apresenta ao leitor a possibilidade de ele possa formular suas próprias palavras, elaborar a sua própria história. Nesse sentido, compreende-se que a linguagem não pode ser reduzida a um código ou ferramenta de comunicação, pois permite ao sujeito dar nome ao que vivencia e enfrenta, dando sentido à sua vida. “Porque talvez não haja sofrimento pior do que ser privado de palavras para dar sentido ao que vivemos” (PETIT, 2013, p. 112).

Coerente com esse ponto de vista, Pinheiro (2013) também analisa a apropriação da linguagem por meio da leitura. Segundo a autora, ler não seria apenas passar os olhos ou fazer uma versão oral de um texto escrito, mas sim, o ato de interrogar a escrita. A leitura permite mobilizar todo o repertório do sujeito, suas crenças e valores, sua relação com o mundo e com as outras pessoas. “O homem lê como vive, inserido num processo permanente de interação com as sensações, as emoções e os pensamentos” (PINHEIRO, 2013, p. 72).

O ato da leitura não é, pois, resultado de ações isoladas e lineares, mas sim decorrente de uma “complexa reação em cadeia de ações, sentimentos, desejos, especulações na bagagem de conhecimentos armazenados, motivações, análises, críticas do leitor.” (DUMONT, 2002, p. 2). Nessa perspectiva, Dumont (2002) sublinha as diferentes formas de relação entre o leitor e o texto. Tal relação é composta por um sujeito-leitor, um produtor de sentidos que, ao ler, interage com certo texto, impregnado de sentidos que, por sua vez, foi escrito por outro sujeito-autor, também

produtor de sentidos. Em geral, leitor e autor pertencem a diferentes contextos. No final do processo de leitura, tem-se a produção de um terceiro sentido.

Nesse processo de produção de sentidos, Petit (2013) assinala que palavras e fragmentos de texto podem funcionar para o leitor como focos de luz, iluminando partes obscuras do próprio sujeito, permitindo que ele domine seus medos, encontre respostas para as perguntas que o atormentam. Apropriar-se dessas palavras permite ao leitor ter a capacidade de expressar suas próprias experiências, tornando-se mais autônomo em sua vida. Nesse sentido, os leitores não são páginas em branco onde deposita-se um texto impresso, eles são ativos ao apropriarem-se do que leem, interpretando e atribuindo à narrativa seus próprios desejos, fantasias e angústias.

Os livros, conforme Dumont (2016), são apontados pelas pessoas como causadores de grandes impressões que, subjetivamente, alteram a forma de pensar. É plausível, portanto, que algo, em princípio, muito simples tenha o potencial de causar impressões que mudam uma vida, podendo, inclusive, causar mudanças na função e na estrutura do cérebro.

Corroborando esse pensamento, Pinheiro (2013) afirma que toda leitura é sempre construção de sentidos, uma vez que o leitor tem liberdade de escolher caminhos, definir ênfases, atribuir sentidos, atendendo a suas preferências ideológicas, pessoais ou idiossincráticas. A atividade de leitura, segundo a autora, implica na descoberta ou invenção de roteiros.

O leitor procura as palavras por uma busca de simbolização, porque as frases propiciam tomadas de consciência súbita, revelando verdades, dando notícias sobre si mesmo, ressonando sua interioridade, esclarecendo parte de si mesmo até então desconhecidas, permitindo que o leitor decifre sua própria experiência. Nesses momentos, o livro lê o leitor, desperta algo que o leitor tem dentro de si, a palavra explica o leitor para ele mesmo (PETIT, 2013). O aspecto riquíssimo de simbolização da linguagem, permite dar forma à experiência, graças às metáforas apresentadas pelo texto (PETIT, 2009a).

Quanto à atividade de simbolização, para Dumont (2002), a verdadeira leitura consiste na atribuição de significados ao texto, o que depende diretamente das informações que o sujeito possua, da sua visão de mundo e do seu estoque simbólico. Ainda para a autora, para que o ato da leitura se desenvolva é necessário que o leitor encontre sentidos e nomeie-os.

Em relação à subjetividade, o espaço íntimo, possibilitado pela abertura ao imaginário e apropriação da linguagem da narrativa literária, permitirá ao leitor construir a sua própria identidade. Segundo Petit (2013), o próprio gesto da leitura já auxilia na elaboração de uma individualidade, no qual o leitor pode delimitar-se, desenhar seus contornos, sentindo-se separado e distinto das outras pessoas, capaz de um pensamento independente, abrindo seu próprio caminho para seguir com seus próprios passos. Nessa leitura transgressora, o leitor ultrapassa os espaços físicos da casa, do bairro, da comunidade, alcançando um distanciamento que abre para outros horizontes. A leitura é, pois, desterritorializante, o sujeito não pertence mais ao território geográfico, mas sim, ao seu próprio espaço interior. “Este espaço criado pela leitura não é uma ilusão. É um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de uma posição de sujeito” (PETIT, 2013, p. 43).

É essencial, contudo, não confundir elaboração da subjetividade com individualismo. Petit (2013) enfatiza que ler não separa o leitor do mundo, pelo contrário, auxilia que ele se introduza nele de uma maneira diferente, com uma identidade mais elaborada, uma atitude mais flexível, mais adaptável e aberto às mudanças. “Efetivamente, não é pelo fato de se dedicar a este ato selvagem e solitário que é a leitura, que a pessoa se torna um narciso que só pensa na sua parte do bolo, incapaz de sociabilidades e de projetos compartilhados” (PETIT, 2013, p. 113). A leitura pode alterar crenças, desvirtuar representações de mundo, relaxar vínculos comunitários, o que convidará o leitor a outras formas de vínculo e pertencimento social.

O íntimo e o compartilhado estão ligados de modo indissolúvel no ato de ler. Ao ler, muitas vezes experimentamos ao mesmo tempo nossa verdade mais íntima e nossa humanidade compartilhada. O que ocorre com esse direito ao íntimo, com esse direito a elaborar a própria subjetividade, talvez seja a passagem para formas de relação social distintas daquelas onde uns vivem colados aos outros, cerrando fileiras a redor de um líder ou de um patriarca. Trata-se da passagem para outras formas de compartilhar, outras formas de viver junto de falar. Não em uníssono, gritando todos ao mesmo tempo em um estádio. Mas a partir de múltiplas vozes (PETIT, 2013, p. 121, grifo nosso).

Nesse direcionamento, Pinheiro (2013) também salienta o viés social da leitura. A autora considera que a função da leitura e o uso que os sujeitos fazem dela nas ações do seu dia-a-dia tornam essa prática um fenômeno eminentemente social. A leitura seria, portanto, ação de importância na vida do ser humano no decorrer de sua história, ressaltando-se a multiplicidade de facetas e de papéis atribuídos à leitura. Nesse sentido, destaca-se que

[...] pensamos a leitura como leituras, em seus múltiplos aspectos, como ato social e histórico, ativo, transformador e íntimo, considerando o leitor como um ser ativo, que interage com o texto de acordo com suas sensibilidades, seus desejos e suas inquietudes (PINHEIRO, 2013, p.46).

Ao encontro dessas assertivas, Dumont (2016, p. 143) pressupõe que a leitura é uma ação social, uma vez que “as pessoas leem para estarem — e por estarem — inseridas em um determinado grupo social”. Em relação a esse aspecto, a autora considera que

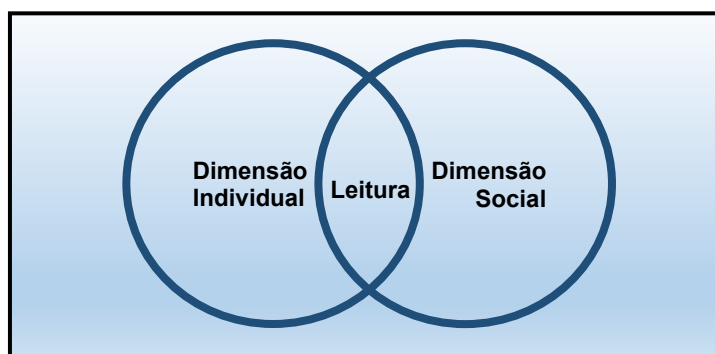
[...] a leitura é a relação dialógica entre o mundo do texto e o mundo do leitor. Para que esse encontro se efetive, não é necessário possuir somente competência técnica - indispensável, mas insuficiente. Torna-se ainda necessária a capacidade de saber integrar esses dois universos. Ousa-se até afirmar que tal diálogo seja a essência de todo o processo da ação leitura (DUMONT, 2002, p. 5).

Tal apontamento também é enfatizado por Queirós (2011), ao considerar que, por meio da experiência da leitura, as pessoas encontram-se, criam laços e se aproximam.

Ler é somar-se ao outro, é confrontar-se com a experiência que o outro nos certifica. Por ser assim, a leitura – pelo que existe de individual e ao mesmo tempo social – nos remete ao encontro das diferenças enquanto nos abre em liberdade para vive-las em plenitude (QUEIRÓS, 2011, p. 9).

A princípio, conforme Bértolo (2014), ler é também um encontro com os outros, especificamente, as representações dos outros. Ler seria, na visão do autor, conhecer as chaves dessa representação do outro. Nessa conjectura, é essencial demarcar essas definições, de forma a desfazer equívocos comuns sobre a prática da leitura. Abaixo, a figura 5 ilustra a inter-relação entre as dimensões individual e social, intrínsecas à ação da leitura.

Figura 5 – Inter-relação entre as dimensões individual e social na prática da leitura



Fonte: Elaborado pela autora.

Ler é um gesto solitário, que pressupõe algumas capacidades do sujeito: suportar ficar sozinho confrontado consigo mesmo, deixar-se invadir e permitir-se

transportar (PETIT, 2013). Assim, a leitura reforça a liberdade, a consolidação de uma autonomia, de uma independência. Por outro ângulo, essa mesma leitura é também uma ação social, intrinsecamente ligada numa relação dialógica com o mundo. Ler propicia a vivência da alteridade, o contato com questões próprias da experiência humana, permitindo a criação de vínculos entre as pessoas, abrindo portas para distintas formas de sociabilidade.

2.6 RESISTÊNCIA À ADVERSIDADE

O atributo da leitura que remete à criação de um espaço íntimo, pode oportunizar ao leitor não só a construir-se, mas também a reconstruir-se. O prolongamento da experiência de elaborar um espaço privado é apropriar-se da leitura como um recurso para dar sentido às vivências, para dar voz às suas esperanças, desventuras e desejos. Nesse aspecto, a leitura pode ser um auxiliar decisivo para que o sujeito se recupere ou encontre forças para sair de uma situação indesejada. “O que está em jogo a partir da leitura é a conquista ou a reconquista de uma posição de indivíduo” (PETIT, 2013, p. 68).

Essa citação conduz à relação entre leitura e a resistência às situações de adversidade enfrentadas pelos leitores, interação explorada na presente investigação. Ao considerar o leitor como sujeito, protagonista de suas ações, inserido em um contexto social, histórico, político, como também influenciado, de modo decisivo, por suas necessidades e atitudes, compreende-se o sujeito-leitor como um ser que atravessa obstáculos, tanto em nível individual quanto coletivo.

No intuito de clarificar os termos empregados nesse estudo, torna-se necessário esclarecer o que compreende-se como **adversidade** ou situação adversa para os fins dessa pesquisa. Do latim, *adversitas*, o substantivo adversidade significa contrariedade, contratempo, infortúnio, desgraça, revés¹⁴. Em uma outra definição, a palavra adversidade se refere à oposição, infelicidade, sorte adversa¹⁵. Tem-se, ainda, que adversidade designa aquilo que importuna, aborrece, aborrecimento¹⁶.

¹⁴ Definição do dicionário Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/adversidade/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

¹⁵ Definição do dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/adversidade>. Acesso em: 25 jun. 2020.

¹⁶ Definição do dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/adversidade>. Acesso em 25 jun. 2020.

A partir desses significados, a aplicação da palavra adversidade se mostra relevante para abranger situações inesperadas e/ou conflituosas vivenciadas pelos sujeitos. Quando se relaciona adversidade à prática da leitura, compreende-se que obras literárias podem atuar como recursos na superação de situações difíceis, obstáculos físicos, mentais ou sociais.

As situações adversas exemplificadas e apontadas nos estudos de Petit (2009a, 2009b, 2013) foram sistematizadas e delineadas, de forma a servir como referência para a presente investigação, conforme apresentado no Quadro 1. Evidencia-se que, apesar de separadas em três tipologias, as situações adversas não são excludentes, ao contrário, sobrepõem-se nas vivências dos sujeitos.

Quadro 1 – Tipologias de adversidades e suas características

SITUAÇÕES ADVESAS	CARACTERÍSTICAS/CAUSAS
ADVERSIDADE FÍSICA	Enfrentamento de doenças (temporárias ou crônicas), debilidade física, mazelas físicas. Condições de hospitalização.
ADVERSIDADE PSÍQUICA	Enfrentamento de situações traumáticas, crises, lutos, perdas emocionais. Estado de sensibilidade emocional, ausência de perspectivas de vida.
ADVERSIDADE SOCIAL	Enfrentamento de condições de vulnerabilidade social, situação de pobreza, desemprego. Processos de exclusão social devido às condições socioeconômicas, fragilidade material, falta de acesso aos recursos. Situações de violência, conflitos políticos.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Seja em uma situação de fragilidade física, psíquica ou social, o leitor tem a capacidade de simbolizar, por meio da experiência da leitura, recuperando o sentimento de confiança. Tal ação relaciona-se a possibilidade que a narração de uma história fictícia tem de surtir efeito contra a angústia e auxiliar na recomposição da imagem de si próprio. Em situações de vulnerabilidade social, ou nas quais o corpo é atingido por mazelas, ou ainda situações em que psicologicamente a pessoa se sente fragilizada, a contemplação de obras de arte, como as obras literárias, pode ser algo profundamente reparador (PETIT, 2013).

[...] a leitura não intervém em um momento qualquer. Aparece em ocasiões para apoiar, de maneira decisiva, um processo de cura, para sustentar uma vontade de retomar a vida, um desejo de independência e um desejo de **sair** [...] (PETIT, 2013, p. 76, grifo da autora).

Em relação à adversidade física, a experiência de uma doença ou de uma hospitalização são momentos em que o sujeito se confronta com sua própria fragilidade, sua condição de mortal, sendo obrigado a enfrentar essa situação em meio

a um sentimento de profunda solidão. A leitura silenciosa, nesse momento, pode permitir que a pessoa mantenha sua dignidade, com uma sensação de continuidade da vida (PETIT, 2013).

Nessas situações, nas quais a pessoa se sente muito debilitada, várias angústias podem surgir e antigos fantasmas podem ser despertados. A leitura pode, segundo Petit (2009a), atuar junto a doentes e seus familiares, acalmando a angústia da separação e abrandando a dor emocional.

Mesmo nos contextos mais dramáticos, nos hospitais onde se encontram crianças em estado terminal, os mediadores observam que, por meio dos livros, elas começam a falar de sua morte, por exemplo apontando para o céu desenhado em uma imagem de um livro, dizendo “é para lá que eu vou” (PETIT, 2009a, p.117).

No que se refere à adversidade psíquica, identificam-se pessoas cujo universo emocional se encontra profundamente alterado. Devido à vivência de experiências traumáticas, perdas, lutos e crises, as pessoas revelam-se amedrontadas, confusas, atormentadas pela raiva, pela dor, pelo sentimento de abandono e de solidão. A leitura literária apresenta-se como aliada de uma reconstrução psíquica, permitindo um trabalho sutil e lento de esclarecimento dos sentimentos. A literatura permite que partes dolorosas de nossas vidas sejam lidas de maneira indireta, instaurando um processo terapêutico discreto (PETIT, 2009a).

O texto suscitará, em alguns leitores, não somente pensamentos, mas também emoções, potencialidades de ação, uma comunicação mais livre entre corpo e espírito. E a energia liberada, reencontrada, apropriada ocasionalmente dará força para se passar a alguma outra coisa, sair do lugar onde o leitor se encontrava imobilizado (PETIT, 2009a, p. 79).

Por fim, no que concerne à adversidade social, Petit (2009a) considera que para pessoas estigmatizadas por alguma razão – por terem nascido na periferia, pelas condições socioeconômicas desfavoráveis ou por fazerem parte de algum grupo subjugado – a leitura pode apresentar-se como uma porta, uma alternativa para aqueles que foram privados de seus direitos fundamentais e/ou de condições mínimas de vida. É fato que, em tais contextos, o espaço para o devaneio e para o imaginário são reduzidos. Quando a luta pela sobrevivência ou o trabalho ocupam todo o tempo cotidiano, prevalece a dimensão da utilidade em detrimento da relação lúdica com os objetos e a linguagem. Contudo, mesmo para quem vive em um ambiente caótico, o espaço aberto pela prática da leitura permite encontrar um sentimento de continuidade:

Para isso, contribuem tanto a permanência do recurso possível como a estrutura do objeto (o códice, feito de folhas reunidas) e das histórias que abriga (dotadas de um começo, de um desenvolvimento e um fim). Também contribui [...] o fato de que a leitura convoca uma atividade de simbolização,

de pensamento, de narração de sua própria história entre as linhas lidas, uma costura de episódios vividos de maneira fragmentada (PETIT, 2009a, p. 82-83).

Nos três contextos evidenciados, o leitor apropria-se da literatura para algo além do prazer, relacionado a um trabalho psíquico, encontrando um vínculo com sua própria humanidade, despertando uma energia vital. A leitura possui, portanto, uma dimensão reparadora, no qual o sujeito encontra, metaforicamente, um espaço suficientemente protegido para realizar uma incursão em sua mente (PETIT, 2013).

Essa dimensão [...] **pode ser crucial nas fases da vida em que devemos nos reconstruir**: quando passamos por um luto, uma doença, um acidente ou um desgosto amoroso; quando perdemos o emprego; quando atravessamos uma depressão ou uma crise psíquica, todas as provas que constituem nosso destino, todas essas coisas que afetam negativamente a representação que temos de nós mesmos e os sentidos de nossa vida (PETIT, 2013, p. 65, grifo nosso).

Corroborando essa constatação, Pinheiro (2013) enfatiza a complexidade da leitura, que insere o sujeito na história e na sua própria história, lhe possibilitando condições de acesso às experiências, aos valores e à cultura, como também aos processos de assimilação, apropriação e interpretação dessas informações culturais.

A leitura para além do prazer é aquela que não é utilizada para fins de entretenimento fugaz, não sendo também aquela buscada para assimilação de novos conhecimentos, e sim, a leitura que possibilita a ampliação das vivências do sujeito, da sua visão de mundo, das suas condições de convívio social, da sua concepção sobre si mesmo. A leitura para além do prazer é aquela que permite a atividade de simbolização, que traz o recurso da metáfora como forma de iluminar as sombras do ego, possibilitando ao leitor lidar com seus medos e angústias.

Elementos múltiplos, vimos, contribuem para uma reconstrução de si: pode ser uma voz que é encontrada num livro, e com ela uma presença, um ritmo que sustenta e embala; ou então um espaço que se abre, um horizonte; ou ainda a possibilidade de dar-se uma figuração, uma encenação distanciada do que se viveu, que relança o pensamento, a narração interior, e em certas ocasiões a conversa; às vezes, o que se encontra é uma vitalidade, ou um alimento que nutre, ou um olhar bem intencionado que remete a uma imagem unificada e valorizada de si mesmo etc. Frequentemente, tudo isso anda junto, ao passo que, em certos casos, somente um desses elementos está em jogo (PETIT, 2009a, p. 174).

Sobre esse ponto, Carvalho (2014) reconhece os riscos em considerar a leitura como prazer, devido aos equívocos causados a partir de uma concepção ligeira do que seja a leitura lúdica. Contudo, a autora defende o uso do termo, apresentando uma definição mais completa da leitura como prazer:

[...] o ato de ler que dá um prazer profundo, conforme o compreendo, não é o prazer fácil, epidérmico, que advém da leitura simplista do texto, leitura plana, que se esgota mal se fecha a última página do livro. Penso, ao contrário, no

prazer da descoberta que vem após o mergulho fundo numa obra que nos desafia, do qual saímos renovados, do enfrentamento de um texto dito difícil, que vamos entendendo com esforço e que, ao final, nos faz subir a um outro patamar de compreensão do homem e do mundo (CARVALHO, 2014, p. 192).

Na compreensão dessa dimensão reparadora da leitura literária, que incorpora uma prática além do prazer fugaz, tratando-se de um prazer profundo advindo do contato com as experiências humanas, torna-se importante, pois, fazer uma ressalva. A presente pesquisa não intenciona fazer uma hierarquização entre obras canônicas, clássicas, renomadas e a literatura de massa, criticada e julgada, por vezes, como superficial e alienante¹⁷. Conforme afirmado por Dumont (2000), nenhum texto pode ser taxado como alienante, pois a percepção do leitor é diferente da do crítico. “Um texto bem simples pode ser questionador para um leitor, enquanto um texto elaborado, direcionado, pode não lhe dizer nada” (DUMONT, 2000, p. 172).

Nesse sentido, a percepção dessa investigação seguirá os passos e preferências literárias dos leitores, sem juízo de valor sobre as obras escolhidas. Nesse vasto campo de possibilidades, Petit (2013) alerta que os leitores são surpreendentes, pois não irão, necessariamente, optar por obras literárias que têm grande proximidade com a experiência que estão enfrentando. A proximidade, muitas vezes, pode ser entendida como uma intromissão. Em ocasiões diversas, leitores se inspiram em relatos e frases de pessoas que viveram provas muito distintas das suas, em épocas distintas, mas que oferecem uma metáfora de como reconquistar sua força interior. Em momentos de grande aflição, o leitor pode optar por uma literatura que atravessa o desespero em detrimento de uma que evoca pequenos prazeres, essa atitude pode, paradoxalmente, confortar o sujeito, que inconscientemente encontra ali estratégias para superar a perda e reconquistar a vida. Afinal, nos textos e imagens que compõem as obras literárias, escritores e artistas tentam transcrever o que há de mais profundo na experiência humana (PETIT, 2013).

Assim sendo, a leitura é uma ação que permite a (re) significação, a produção de efeitos de sentido para a vida e a constituição do sujeito (PINHEIRO, 2013).

¹⁷ É importante ressaltar que não há espaço, nesta tese, para que seja desenvolvida uma discussão aprofundada sobre qualidade literária. Além disso, uma discussão desse porte e com essa complexidade (que envolve uma análise aprofundada da noção – equivocada, na visão desta autora – de que existe uma suposta “alta cultura” em grau de superioridade hierárquica à cultura popular) não poderia ser desenvolvida de maneira adequada nessa pesquisa, que possui foco na apropriação da leitura pelos leitores. Além disso, considera-se que tal discussão é mais propícia para o campo dos Estudos Literários, no qual as obras literárias são ampla e profundamente analisadas.

Compreende-se que mesmo em situações em que as pessoas se sentem, de algum modo, feridas, uma história por meio de uma metáfora poética, pode suscitar um movimento psíquico, possibilitando identificar o eco de uma vivência, permitindo sua elaboração (PETIT, 2009a).

Não importa o meio onde se vive ou a cultura de origem, Petit (2009a, p. 115) considera que os seres humanos precisam de “mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior”. A autora faz, contudo, uma ressalva extremamente importante, ao considerar que a leitura não é suficiente para fornecer todas essas representações, não sendo a potência única para restabelecer dramas e inúmeras separações que são comuns na vida. “São necessários vínculos sociais, amor, amizade, projetos divididos, às vezes outras práticas culturais [...] e, com frequência, uma intersubjetividade com profissionais da escuta, cuja palavra pode ser de grande ajuda” (2009a, p. 115). Porém, a autora conclui afirmando que a cultura, particularmente a literatura, oferece recursos incomparáveis, abarcando tesouros das experiências humanas.

2.7 A EXPERIÊNCIA DO LEITOR

À luz das teorias apresentadas nas seções anteriores, faz-se necessário que a presente pesquisa aborde a prática da leitura literária na perspectiva de uma leitura emocional (MARTINS, 1994), reparadora (PETIT, 2013), autobiográfica e projetiva (BÉRTOLO, 2014).

Como visto anteriormente, a leitura literária permite ao leitor uma diversidade de experiências íntimas, pessoais e enriquecedoras para sua vivência. Porém, a leitura se distingue de outros lazeres e práticas, pois possui virtudes singulares, como a abertura para o imaginário e para a fantasia. “[...] o desejo de saber, a exigência poética, a necessidade de relatos e a necessidade de simbolizar nossa experiência constituem a especificidade humana” (PETIT, 2013, p. 32). A leitura possui uma dimensão oculta, tem a ver com o segredo e a obscuridade na noite. Existe algo na leitura que é da ordem do trabalho psíquico, do trabalho do sonho, do luto e da criação (PETIT, 2009b).

No que concerne ao leitor, segundo Roubakine (1998), a identidade do sujeito que exercita a leitura pode ser considerada como resultante de todos os fenômenos

psicológicos e fisiológicos que nele se manifestam, partes integrantes dos múltiplos processos que ocorrem durante a experiência da leitura.

Seria ingenuidade acreditar que quando um homem lê um livro ou ouve um discurso, apenas o seu elemento intelectual entra em jogo. Pelo contrário, toda a sua personalidade, física e espiritual, o seu intelecto, os seus sentimentos, as suas emoções, a sua vontade e instintos, a sua consciência assim como o seu subconsciente participam no processo de percepção da palavra escrita ou falada (ROUBAKINE, 1998, p. 140, tradução nossa).

Em busca dessas singularidades da leitura, apresenta-se, nesta seção, a discussão de alguns autores sobre as experiências vivenciadas pelo leitor durante a prática da leitura, a saber: a identificação, a catarse, a evasão, a apropriação, a consolação, a sublimação, a amplificação e a circum-ambulação.

2.7.1 Identificação

O primeiro aspecto apresentado relaciona-se ao processo de identificação, no qual o leitor experiencia um retorno sobre si mesmo durante a leitura. Segundo Petit (2013), os livros pelos quais o leitor terá mais estima, aqueles aos quais atribui maior valor e significado são, geralmente, constituídos de narrativas nas quais algo passa do inconsciente ao consciente do leitor. A percepção desse acontecimento escapará ao leitor que, muitas vezes, não se dará conta do que aconteceu (PETIT, 2013). A identificação com uma obra literária pode ocorrer de diversos modos:

Às vezes, uma história ilustra temores de que padecemos, outras, encarna ideais ou desejos que nutrimos, em certas ocasiões ilumina cantos obscuros do nosso ser. O certo é que escolhemos aqueles enredos que nos falam de perto, mas não necessariamente de forma direta, pode ser uma identificação tangencial, enviesada (CORSO; CORSO, 2006, p. 21)

Nesse sentido, Dumont (2000) discorre que os leitores se interessam por certos textos e não por outros. Tal ação é fruto de um caráter seletivo, próprio do sujeito. Essa seletividade subjetiva escapa a qualquer imposição. O texto significativo é aquele que apresenta uma cumplicidade com o leitor, um movimento circular e contínuo entre o imaginário e o real. O retorno sobre si mesmo pode levantar passagens específicas de algum texto que, consciente ou inconscientemente, poderá apontar possibilidades de ação na vida do leitor (DUMONT, 2000).

Do nascimento à velhice, estamos sempre em busca de ecos do que vivemos de forma obscura, confusa, e que às vezes se revela, se explicita de forma luminosa, e se transforma, graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase. E nossa sede de palavras, de elaboração simbólica, é tamanha que, com frequência, imaginamos assistir a esse retorno de um conhecimento sobre nós mesmos surgindo sabe-se lá de que estranhas fontes,

redirecionando o texto lido a nosso bel-prazer, encontrando nele o que o autor nunca teria imaginado que havia colocado (PETIT, 2009a, p. 113).

Como afirmado, a identificação nem sempre ocorrerá com um livro que aborde uma situação parecida com aquela vivenciada pelo leitor, do contrário poderia lhe parecer invasivo. Já um livro que conjura um mundo completamente diferente pode evocar sentidos para sua experiência individual. Petit (2013) exemplifica o exposto citando as memórias de um leitor, que relata sua experiência com as fantasias sadomasoquistas para superar a dor irreparável de sua orfandade. A autora cita, ainda, o caso de uma menina paraplégica hospitalizada, cujo livro favorito era sobre um coelho, no qual ela se projetava ao imaginar-se correndo pelas ruas da cidade. A antropóloga traz, por fim, um exemplo de sua própria vivência, tendo sido uma criança meiga incapaz de expressar sua própria agressividade, ela encontrou um respiro nas histórias do Pato Donald, um personagem enfezado com um gênio impossível. Em uma perspectiva semelhante, Dumont (2000) discorre sobre esse potencial da leitura de gerar no leitor uma identificação com a obra literária, considerando que

[...] determinada leitura desencadeia no leitor uma reação de êxtase quase explosivo, ao relatar alguma informação que vai de encontro a algo que permanecia latente no seu âmago. A satisfação se estabelece e o leitor pode assim absorver a informação que o texto expressa com perfeição, aquilo que se engendrava na sua consciência, mas que ele não conseguia expressar em palavras (DUMONT, 2000, p. 174).

Roubakine (1998) alerta para o fato de que, na prática da leitura, é frequente encontrar associações das opiniões e ideias do leitor com “emoções acidentais”, provocadas não pelo livro em si, e sim por suas palavras e frases, relacionadas a circunstâncias que nada têm a ver com o livro, mas que acompanharam a leitura do livro em questão.

A esse respeito, Bértolo (2014) pontua que a leitura seria algo como uma restituição que o texto faria ao leitor. O texto daria ao leitor consciência de pensamentos e sentimentos que ele já possuía previamente, mas nunca conseguiu verbalizar. “O leitor, nesses casos, sente-se adivinhado pelo texto, despido e agasalhado ao mesmo tempo. Não é estranho que, como consequência, tende divinizar o autor e sacralizar a leitura” (BÉRTOLO, 2014, p.45). Como contraponto, o autor evidencia que tal leitura implica em um movimento narcisista de ler a si mesmo no texto, no qual o leitor serve-se da leitura como mera confirmação do próprio “eu”. Tal assimilação entre o “eu” e o texto não é característica própria da leitura, mas, sim, do leitor, que recorre a circunstâncias biográficas e sociais.

2.7.2 Catarse

Por meio do processo de identificação com palavras, frases, trechos e personagens, o sujeito poderá construir sentidos, uma vez que o leitor não é uma folha em branco, mas um protagonista ativo que atribui significado, interpreta, ordena e dá forma ao texto. Por vezes, contudo, a identificação com o texto pode ser tamanha que propiciará a catarse. A catarse, conforme Ricoeur (1997), inicia um processo de transposição, uma alegorização, ou seja, um processo onde a significação extrapola o horizonte de sentido delimitado pela intencionalidade do texto.

O momento em que a literatura atinge sua eficiência mais alta talvez seja aquele em que ela põe o leitor na situação de receber uma solução para a qual ele tem de encontrar as questões apropriadas, aquelas que constituem o problema estético e moral colocado na obra (RICOEUR, 1997, p. 295).

Dumont (2000) define a catarse como um “termo advindo da Poética de Aristóteles, trata-se do pólo mais acabado da libertação promovida pela criação artística” (DUMONT, 2000a, p. 169). A referida autora constata que a leitura catártica tem uma estrutura linear, que atinge com facilidade os leitores. A representação da tragédia vai se intensificando com sentimentos como o ódio, o medo, o remorso e chega até um transbordamento, a necessidade de libertar o povo do sofrimento. O leitor pode se sentir incorporado ao papel do herói ou da heroína durante ou até mesmo após a leitura, vivenciando intensamente a trama e sentindo emoções constantes nos romances como: alegria, dor, piedade e revolta. Nessa linha de pensamento, Roubakine (1998) exemplifica:

Veja-se, por exemplo, o leitor de um romance ‘popular’. O interesse que romances deste tipo despertam nos leitores com pouca educação é determinado pelo fato de esses leitores se identificarem com os heróis do romance, seguirem-nos em todas as suas extraordinárias aventuras, se apaixonarem pela heroína e “viverem felizes com ela”. Basicamente, os romances deste tipo permitem ao leitor experimentar todas as alegrias dos sonhos sem gastar esforços para os construir. [...] Um romance, tal como um melodrama ou filme popular, não é mais do que um excitador de complexos¹⁸. Um leitor ou um espectador sente uma necessidade orgânica de ver estes complexos entusiasmados. [...] Isto explica porque os autores de dramas ou romances populares procuram preencher as suas obras com o extraordinário, apresentando, entre outras coisas, heróis improváveis, personagens elevados, e assim por diante (ROUBAKINE, 1998, p. 267-268, tradução nossa).

¹⁸ O autor, provavelmente, se refere aqui ao conceito junguiano de complexo. O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, seu contemporâneo, chamou complexos a um grupo inconsciente de imagens, ideias e recordações, interligadas de maneira individual, permeadas de uma única tonalidade afetiva (anseio, angústia, medo, dor) e carregadas de forte emoção (PAULA, 2005).

2.7.3 Apropriação

Há, ainda, na leitura literária um terceiro ponto a ser identificado, uma dimensão de apropriação selvagem, de desvio e roubo (PETIT, 2013). Os leitores se comportam como se os textos fossem dirigidos especificamente para eles, escritos sob medida:

Evidentemente, esse gesto de raptó, de desvio, que caracteriza a leitura, esse poder do escrito para circular os caprichos de cada um, até mesmo às mais secretas de suas fantasias, essa característica que as palavras têm de escapar de toda a sugestão dos signos, permitem que cada um possa fazer passar por ela seu próprio desejo e associá-las a usar as palavras [...] (PETIT, 2013, p. 91).

Sobre esse aspecto, Chartier (2009) compreende que apropriar-se é transformar o que se recebe em algo próprio, produzindo um ato de diferenciação, que se contrapõe a uma simples recepção mecânica e automática de sinais ou mensagens. Assim, munido de liberdade, o leitor desloca e subverte o que o livro pretende impor, inventa e cria significados.

A escrita não mostra nada, para ler é preciso que o leitor una os caracteres com a intenção de decifrá-los e uni-los a uma cadeia de representações, que é a do leitor e não a do texto. A leitura decompõe o texto, o leitor apropria-se de um pedaço, leva na sua memória, combina com outros fragmentos. Mesmo que não tire nota, copie ou sublinhe as frases, mesmo que as esqueça, o leitor irá se apoderar desses materiais emprestados e construir uma morada para si, onde não depende de ninguém, na qual o mundo é mais inteligível (PETIT, 2013).

Na visão de Dumont (2000), o processo de apropriação ocorre quando o leitor apreende o conteúdo de um texto em sua consciência e o transforma, como em processos simbióticos. O resultado dessa apropriação pode ser o processamento de novas informações trazidas pelo texto, mudanças de conceitos anteriormente introjetados e aceitos pelo leitor. A autora destaca que “é indubitável que a leitura só causa alguma reação no leitor se for de encontro aos seus anseios, seu contexto, seu repertório informacional” (DUMONT, 2000, p. 174).

2.7.4 Evasão

Outro processo a ser destacado é a evasão, comumente assinalada como uma fuga da realidade. O mecanismo de evasão é apresentado por Dumont (2000), que discorre que toda leitura, a princípio, permite uma evasão. Esse distanciamento da

realidade é, muitas vezes, criticado pelos estudiosos ao ser considerada como uma tentativa de escapar da dura realidade do dia-a-dia, o que provocaria a alienação do sujeito, tornando-o um leitor passivo e não questionador. Contudo, esse salto para fora da realidade pode ser muito benéfico para o leitor, propiciando um deslocamento da dor ou do tédio que permeiam sua vida, permitindo uma abertura para o pensamento e a imaginação (PETIT, 2009a).

O encontro com os livros possibilita uma reorientação do olhar. A metáfora permite um desenraizamento, a ampliação do universo cultural, sendo a leitura um caminho privilegiado para conhecer a diversidade. Essa qualidade da metáfora para promover o deslocamento favorece os prazeres da transposição, do empréstimo, da elaboração de um espaço simbólico. Esse distanciamento promovido pela leitura é que irá permitir ao leitor se aventurar em si mesmo. Por meio desse distanciamento propiciado pela narrativa, o sujeito encontra a si mesmo, o seu próprio eu que anseia por um espaço fora do cotidiano e por palavras formuladas de forma diferente do tom habitual do cotidiano (PETIT, 2013).

A leitura não é, portanto, uma distração que desviaria dos verdadeiros combates da vida, a psicanálise afirma que para compreender a realidade é necessário primeiramente ser capaz de imaginá-la.

O imaginário põe em movimento, leva a outro lugar, faz surgir o desejo. A partir deste espaço pode nos ocorrer a ideia de transgredir os limites estabelecidos, de ser um pouco mais os sujeitos de nossas vidas, de nos rebelar (PETIT, 2013, p.144-145).

2.8.5 Consolação

Outro aspecto explorado por Dumont (2000) é o mecanismo de **consolação**, muito utilizado pelos escritores de literatura de massa. Tal mecanismo é aplicado para que todas as tensões e sofrimentos da trama culminem na alegria da consolação. Uma das principais características do mecanismo de consolação é o final feliz, uma vez que tudo que é posto em crise é reestruturado no final. Uma segunda característica é a previsibilidade, onde tudo acaba exatamente como se desejava que acabasse (DUMONT, 2000). A consolação permite ao leitor vivenciar uma sensação de alívio, permitindo também o crescimento do sentimento de esperança, uma vez que os desafios foram vencidos, os sonhos conquistados, os vilões derrotados e a paz foi restaurada. Uma narrativa previsível e consoladora pode representar para o leitor mais

do que uma simples distração, uma vez que a história conforta o leitor, lhe transmite positividade e esperança na vida.

2.7.6 Sublimação

Um aspecto ligado à atividade psíquica é a dimensão reparadora da leitura que, segundo Petit (2013) possui um parentesco com a atividade de sublimação, semelhante ao trabalho do luto. A sublimação é um mecanismo de defesa, um meio de lidar com a angústia e impulsos negativos, transformando-os em algo menos prejudicial e socialmente aceito. Nesse sentido, a autora relaciona a leitura de obras literárias à experiência da falta e da perda. Quando uma pessoa nega a perda, irá evitar a literatura ou procurará dominá-la.

Em um sentido mais amplo, a leitura, particularmente de obras literárias, contribui para a elaboração da 'posição depressiva', onde a travessia da tristeza se torna possível, onde se leva em conta o caráter inelutável da separação, da solidão humana (enquanto na 'posição paranoica', tudo se encontra fora do indivíduo; tudo é opressivo) (PETIT, 2009a, p. 118).

Considerando todos os aspectos descritos, ligados ao movimento psíquico e presentes na experiência do leitor, é importante ressaltar, contudo, que não é possível aferir com precisão matemática os efeitos da leitura sobre a vivência dos leitores (DUMONT, 2000). A leitura abarca uma experiência insubstituível, que permite situar as pessoas em uma lógica de criatividade e apropriação. Dessa forma, o livro não é um produto qualquer, estando particularmente relacionado ao desejo, visto que os leitores potenciais são sujeitos que desejam. A prática da leitura favorece a movimentação psíquica, uma vez que palavras adquirem outras ressonâncias e despertam outras associações e pensamentos. Portanto, o gosto pela leitura não pode ser reduzido a um amor desinteressado, pois toca as regiões mais tumultuadas do ser (PETIT, 2013).

Ao encontro dessa perspectiva, Corso e Corso (2006), consideram que as histórias têm o poder de simbolizar e resolver os conflitos psíquicos inconscientes. Nesse sentido, os processos assinalados - a identificação, a catarse, a evasão, a apropriação, a consolação e a sublimação – corroboram com a afirmação de que a experiência da leitura é singular para os sujeitos. Compreende-se, portanto, a experiência da leitura, na visão de Petit (2013) como uma experiência vital, um gesto interindividual, que abre porta para deslocamentos e questionamentos, que coloca

palavras sobre as feridas ou temores, que permite transfigurar o sofrimento e construir-se pouco a pouco.

2.7.7 Amplificação e circum-ambulação

Finalmente, considera-se que, a partir da confluência das perspectivas teóricas propostas neste capítulo, seja possível evocar dois fenômenos recuperados por Paula (2005) dos estudos sobre a psicologia analítica e transportados para o contexto da análise dos processos comunicativos. O autor evoca os conceitos “amplificação” e “circum-ambulação” e explica que ambos decorrem da interação dos sujeitos com conteúdos simbólicos evocados por vários objetos (livros, imagens, músicas, narrativas orais, obras de arte, etc.) quando eles os associam às suas vivências subjetivas e às percepções estabelecidas dos fatos objetivos. O artifício de explorar esses fenômenos é, frequentemente, utilizado em psicoterapia como um recurso para a ampliação da consciência de pacientes que se submetem ao processo quanto aos diversos aspectos e possibilidades ensejadas pelas vivências que eles trazem à terapia. Embora essa utilização seja usualmente facilitada por psicoterapeutas, observa-se que esses fenômenos, pelas características particulares que as narrativas literárias tem de ora se aproximam em familiaridade, ora se distanciam das diferentes experiências individuais, mas geralmente suscitarem reflexões e afetos, podem também ocorrer espontaneamente.

Paula (2005) descreve a **amplificação** (tomando como referência SAMUELS; SHOTER; PLAUT, 1988), como um processo interpretativo que se desenrola a partir da percepção de paralelos entre conteúdos diversos provenientes de várias fontes, relacionados ao tema em análise e que, quando percebidos e colocados no contexto individual, permitem alcançar uma profundidade de leitura que vai além da atitude usualmente assumida pelos sujeitos ao pensarem sobre suas questões (uma postura geralmente individualista, puramente pessoal, e que, conseqüentemente, corre risco de ser limitada por certa tendenciosidade). De forma sintética, a amplificação desencadeia, a partir da comparação entre diferentes representações simbólicas e os processos vivenciais do sujeito, uma maior compreensão de conteúdos psicológicos.

Quanto ao segundo conceito, Paula (2005) recorre a Sharp (1993) para referir-se à **circum-ambulação**. Trata-se de uma forma de abordar determinadas questões a partir de diferentes pontos de vista, onde o dado, por assim dizer, é abordado a partir

de aproximações circulares. Diferentemente do método associativo tradicional em que, uma ideia conduz a outra formando uma cadeia de associações sucessivas que seguem rumo a um resultado final que, por vezes, se afasta do tema original, a circunambulação mantém o observador sempre próximo ao problema em questão indo e voltando ao tema e aprofundando a percepção do sujeito quanto a esse tema ao explorar as diferentes camadas e possibilidades compreensivas para a situação colocadas em foco a cada mudança de posição.

Os dois conceitos, caso sejam identificados na prática, poderiam ser utilizados para compreender como as múltiplas leituras; as associações feitas entre as situações vividas e as situações lidas; e as sucessivas aproximações e distanciamentos desenvolvidos durante a interação entre os leitores e as suas obras, contribuem para a compreensão de vivências, e situações adversas e a consecutiva ressignificação e enfrentamento das fragilidades físicas, psicológicas e sociais delas decorrentes.

3 METODOLOGIA

“E lhes contarei como resolvi me colocar, em minhas investigações, do lado dos leitores, de suas experiências singulares” (PETIT, 2009b, p. 19).

A própria natureza do objeto de estudo desta investigação evocou a necessidade do uso de uma abordagem qualitativa, que possibilitou atingir os objetivos de compreender e analisar os aspectos simbólicos da prática da leitura literária em contextos de adversidade. Tal abordagem proporcionou um estudo aprofundado sobre os leitores, suas trajetórias de leitura e de vida. Conforme Sousa (2017b), a importância da abordagem qualitativa advém da interação entre o investigador e os colaboradores da pesquisa, o que torna a análise contextualizada, possibilitando analisar os fenômenos sociais dentro de suas singularidades.

Nessa perspectiva, buscou-se um método qualitativo que pudesse dar suporte ao desenvolvimento da pesquisa. Dentre as propostas teórico-metodológicas passíveis de aplicação em pesquisas sobre leitores e leituras, especial atenção é dada à observação participante, a entrevista e a história de vida (ARAÚJO; SIRIHAL DUARTE; DUMONT, 2019).

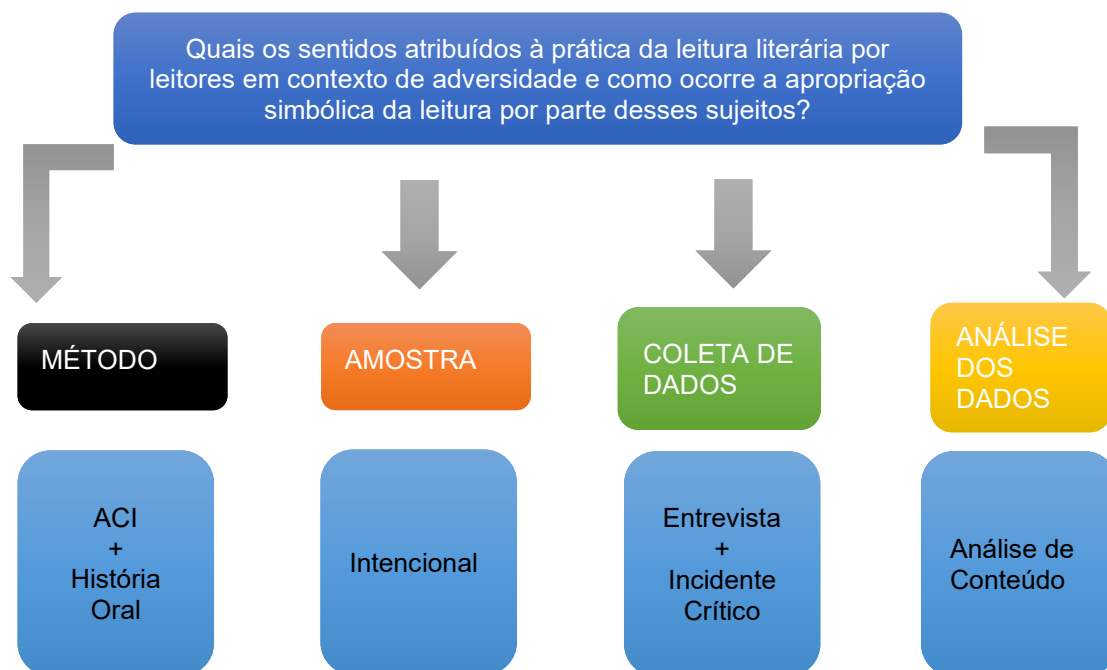
A Abordagem Clínica da Informação, perspectiva que propõe uma análise e compreensão dos aspectos simbólicos da informação, foi eleita para compor o quadro metodológico da pesquisa. A referida abordagem sugere como meio para desenvolvimento das investigações o estudo de caso. Contudo, a abordagem prevê o espectro de possibilidades de métodos possíveis de serem utilizados nas pesquisas em ciências sociais aplicadas nos estudos qualitativos. Dessa forma, a ACI permite a busca por novas alternativas de pesquisa ou até mesmo o uso de alternativas híbridas, que possibilitem compreender os múltiplos aspectos da interação entre o sujeito e a informação (PAULA, 2013).

No caso desta investigação, optou-se também pela adoção da História Oral como método, especificamente a História Oral de Vida, que permite uma proximidade com as dimensões cultural e social dos sujeitos (MATOS; SENNA, 2011), possibilitando um aprofundamento das experiências relatadas pelos leitores. Ao se tratar de um estudo de cunho qualitativo em profundidade, pautado no método da História Oral, optou-se por adotar a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados. A técnica do incidente crítico também foi utilizada como estratégia adjacente à entrevista. Como forma de análise dos dados foi adotada a análise de conteúdo.

É importante ressaltar que, devido à adoção da entrevista como técnica de coleta de dados, a pesquisa foi submetida¹⁹ ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais, como forma de dar credibilidade ao estudo e também de garantir, através da apreciação por um crivo externo conduzida a partir de um olhar neutro e comprometido, que a pesquisa proposta tratasse com respeito as pessoas que forneceram seus dados e informações durante a entrevista (APÊNDICE D).

Por meio da figura 6 é possível compreender a metodologia adotada na presente investigação:

Figura 6 – Esquema do desenho metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

No decorrer deste capítulo, é explicitada a Abordagem Clínica da Informação, como também o método da História Oral e as possibilidades de sua aplicação em um estudo sobre leitores. Posteriormente, descreve-se a técnica de coleta de dados. Por fim, apresenta-se a definição do universo da pesquisa, a amostra e a técnica de análise dos dados.

¹⁹ CAAE: 40176320.3.0000.5149

3.1 ABORDAGEM CLÍNICA DA INFORMAÇÃO

Com o intuito de possibilitar a ampliação das bases para a análise simbólica das experiências de leitura, apresenta-se a Abordagem Clínica da Informação, perspectiva que possibilita a compreensão dos símbolos que permeiam os processos informacionais.

De forma a apresentar a Abordagem Clínica da Informação, evoca-se Antunes (2017), que considera a referida abordagem como um módulo de conhecimento que ascendeu a partir dos estudos de Paula (1999, 2005, 2011, 2012, 2013), considerado como autor que se dedicou a associar as contribuições da Psicologia aos apontamentos da Ciência da Informação. Partindo-se dessa constatação, afirma-se que a Abordagem Clínica da Informação foi proposta por Paula (2012) como uma alternativa aos estudos no campo da informação, particularmente os estudos de usuários, que repetem abordagens convencionais e não consideram o sujeito como imerso em um contexto social. De acordo com o autor, a maior dificuldade dessas abordagens é explicitar dois aspectos centrais na prática da relação com a informação: o simbólico e o afetivo.

Conforme apontado por Antunes (2017), a Abordagem Clínica adentra em uma das especialidades da Ciência da Informação, os estudos de usuários. A partir da premissa de que são muitos os entendimentos que permitem analisar a relação do sujeito com a informação, “[...] a Abordagem Clínica permeia uma proposta de um referencial adicional de estudo, sem contudo, abdicar dos ‘modelos’ e ‘paradigmas’ já consolidados na arena da CI e dos estudos de usuários” (ANTUNES, 2017, p.131). Nessa conjuntura, a autora considera a ACI como uma possibilidade metodológica para estudos de usuários, permitindo incorporar um viés psicológico ao estudo dos sujeitos e suas necessidades de informação.

Dessa forma, a ACI, conforme Paula (2013), é acometida por uma profundidade que permite alcançar níveis de análise que não são habituais nos tradicionais estudos comportamentais e cognitivistas, mas que interferem marcadamente nas vivências individuais e coletivas. “Tal intento pode ser viabilizado por meio da combinação de várias técnicas e instrumentos de pesquisa de modo a permitir descrever fenômenos e tecer diagnósticos numa perspectiva clínica” (ARAÚJO; PAULA, 2017, p. 50).

O uso do termo “clínica” não remete a um viés terapêutico, mas sim, ao posicionamento do pesquisador, que se debruça sobre o fenômeno estudado, no

caso, colocando-se naturalmente frente a uma pessoa para compreender sua relação com a informação. A denominação “clínica”, na perspectiva de Araújo e Paula (2017), busca compreender o sujeito e suas relações com o contexto no qual está inserido, assim como seus elementos intrínsecos por meio de uma postura investigativa que considera as subjetividades do comportamento humano.

Ao refletir sobre os motivos de se adotar o termo “clínica”, Antunes (2017) considera que a Ciência da Informação do século XXI redireciona seu campo de observação para os sujeitos e sua interação com os sistemas informacionais, o que a aproxima de um modo de se posicionar proposto pela psicologia clínica.

Sendo assim, a apropriação do termo pela Ciência da Informação justifica-se devido: a fluidez e abrangência da matéria do estudo de ambas; a pluralidade de referenciais de análise e possibilidades de discussão que essa matéria de estudo suscita e a inexistência de uma rigidez conceitual nos dois campos; o que abre as portas para que ocorra um diálogo conceitual e metodológico. Emprega-se o vocábulo, ainda, para indicar o encadeamento entre a prática e teoria, por entender que ambas passam a se interconectar (ANTUNES, 2017, p. 130).

A Abordagem Clínica é, pois, uma perspectiva de trabalho para investigar os sujeitos e suas relações com a informação, “[...] considerando a influência de elementos culturais, simbólicos, cognitivos e afetivos, assim como fatores psicodinâmicos (conscientes e inconscientes)” (PAULA, 2013, p. 33). Destaca-se que a inserção desses aspectos permite delinear uma perspectiva integradora, compreendendo sua influência direta na forma como os sujeitos se apropriam da informação. “Esta perspectiva configura-se, assim, como uma alternativa de pesquisa que possibilita compreender como os aspectos subjetivos se integraram às competências individuais para influenciar o processo informacional” (ARAÚJO; PAULA, 2017, p. 51).

Ao analisar a literatura da área, Antunes (2017) alega que a Abordagem Clínica vai ao encontro de uma linha de estudos que busca compreender os aspectos interiores (pensamentos, emoções, sentimentos) que influenciam as ações humanas e a maneira como as pessoas agem diante da informação, enfatizando os aspectos psicológicos, elementos como a subjetividade e a interação entre as motivações consciente e inconsciente.

Sintetizando, apresentam-se os pressupostos básicos da Abordagem Clínica da Informação:

1) A interação entre indivíduos e a informação é indissociável de sua inserção nos grupos sociais a que pertencem;

- 2) A inserção em grupos sociais determina que o comportamento de busca de informação (bem como seus desdobramentos) é um processo experimental e contingencial, consciente ou inconscientemente marcado pelos campos psíquico, cultural, histórico e social;
- 3) O campo psíquico inclui as dimensões cognitiva, perceptiva e afetiva indissociavelmente;
- 4) O campo psíquico tanto influencia quanto é influenciado pelos campos cultural, histórico e social;
- 5) A investigação destes fenômenos é de natureza complexa e não pode ser feito por um único instrumento;
- 6) Os instrumentos padronizados têm se mostrado insuficientes para apreender as múltiplas dimensões da relação entre indivíduos e a informação;
- 7) O método clínico é uma alternativa para abordar estes indivíduos, os grupos e as organizações os quais eles pertencem (PAULA, 2013, p. 33).

Em vista desses pressupostos, compreende-se que a Abordagem Clínica da Informação tem como principal preocupação o recolhimento de dados e informações com especial atenção ao contexto em que se inserem. Assim, os sujeitos do estudo devem ser compreendidos em suas interações com o contexto que os rodeia. Dessa maneira, “sai de cena uma postura mais funcionalista da relação com a informação e adentra ao palco das ações uma busca intensa pelos “comos” e os “porquês” das ações” (PAULA, 2013, p. 34).

O uso da abordagem simbólica é considerado por Araújo e Paula (2017, p. 59) como relevante, uma vez que os símbolos carregam a potencialidade do imaginário, baseando-se no fato de que o inconsciente humano é composto de muito mais do que “restos e fragmentos das experiências conscientes cotidianas comportando a possibilidade de se produzirem imagens arquetípicas e símbolos essenciais para que ocorra a produção dos sentidos”. Ainda segundo os referidos autores:

O símbolo, por sua propriedade de sintetizar as influências do inconsciente e da consciência em uma expressão sensível e integradora/mediadora entre conceitos de difícil expressão ou mediação, pode ter seu percurso traçado de maneira reversa e, assim, constituir em uma estratégia para a compreensão das relações de sociedades e indivíduos em seus esforços de comunicação e compartilhamento de informações e conhecimento (ARAÚJO; PAULA, 2017, p. 59).

A respeito do emprego da Abordagem Clínica da Informação nas investigações sobre os fenômenos infocomunicacionais, Antunes (2017, p. 132-133) pontua algumas vantagens, que foram sistematizadas abaixo:

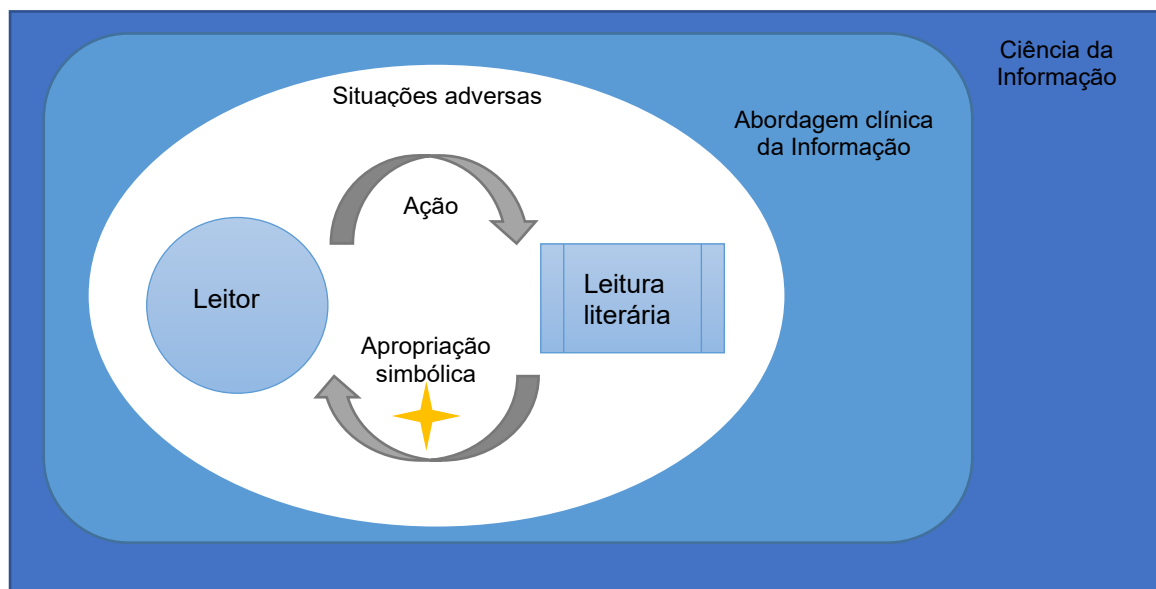
1. Permite captar o que os seres humanos não conseguem manifestar em sua fala objetiva e racional, visto que muitas vezes as pessoas não conseguem expressar com facilidade o conteúdo real de seus pensamentos;

2. Possibilita a percepção das representações que as pessoas possuem dos processos vivenciados a partir de construções em bases conscientes e inconscientes;
3. Viabiliza captar as características que são próprias do sujeito, ainda que envolto em um cenário histórico, cultural, social, entre outros;
4. Oportuniza o contorno de obstáculos, das barreiras na comunicação, visto que podem haver dificuldades com a expressão, com a linguagem, incompreensões dos conceitos ou até mesmo mecanismos de defesa do entrevistado (fuga, recusa, ignorância, reticência);
5. Torna possível ver as disparidades entre o que o sujeito declara e o que seu comportamento demonstra (gestos, fisionomia, entonação);
6. Propicia o emprego da cartografia afetiva como estratégia, convidando os participantes a falar de si mesmos, por meio de perguntas como “quem é você?” e “fale-me um pouco sobre você”, artifício valioso para conseguir uma aproximação efetiva com os entrevistados e quebrar a tensão inicial, deixando-os mais à vontade, mais interessados e participativos;
7. Encoraja a livre expressão, minimizando eventuais desconfortos por parte do entrevistado, que pode ter atitudes de falar o que acha de “deve” ou o que acha que o entrevistador “espera ouvir”;
8. Obtém dados através da associação simbólica, que revela, dentre outros, o imaginário, por meio da aplicação de perguntas simples e diretas, aparentemente desconexas de um objetivo, porém cuidadosamente selecionadas. Este procedimento detecta problemas ou condições que abertamente não conseguiriam ser explicitadas pelo sujeito: o que ele sabe, mas não “sabe que sabe”, o que nunca “parou para pensar” ou o que sabe, mas não consegue expressar.

À luz dessas assertivas, a utilização da Abordagem Clínica da Informação nas investigações no âmbito da CI, conforme Araújo e Paula (2017, p. 60), se configura como “uma perspectiva promissora para a hermenêutica dos processos de busca, seleção, interpretação e utilização de informações ao possibilitar a utilização das dimensões simbólicas e afetivas na compreensão do fenômeno infocomunicacional”. Os autores reforçam que a abordagem contribui para o uso da perspectiva simbólica na Ciência da Informação, demonstrando que a interação do sujeito com a informação se dá por meio do concurso inevitável da subjetividade inconsciente.

Baseando-se, portanto, na Abordagem Clínica da Informação como perspectiva sob a qual o fenômeno da apropriação simbólica da leitura será analisado, apresenta-se o esquema abaixo, que explicita a relação entre os eixos temáticos da pesquisa:

Figura 7 – O processo de apropriação simbólica da leitura sob a perspectiva da ACI



Fonte: Elaborado pela autora.

Para compreender os processos ilustrados na Figura 7, parte-se, primeiramente, do ponto de vista de um leitor, inserido em um contexto no qual enfrenta situações adversas. Tal leitor realiza uma ação, relacionada às motivações particulares inerentes às suas vivências e ao seu contexto, direcionada à prática da leitura literária. Assim, o leitor busca a leitura, contudo, observa-se um movimento de retorno, na forma de uma apropriação simbólica dessa mesma leitura, por parte do leitor. O fenômeno descrito é, então, analisado sob a ótica Abordagem Clínica da Informação, opção adotada para o estudo dos sujeitos e sua relação com a informação em suas múltiplas dimensões. A ACI, por sua vez, está inserida no âmbito da Ciência da Informação.

Em suma, o processo de apropriação simbólica da leitura, detalhado na seção 2.4, será articulado à uma postura de investigação - a Abordagem Clínica da Informação - que visa compreender o fenômeno infocomunicacional em suas dimensões simbólicas e afetivas, com olhar atento para as subjetividades e as representações conscientes e inconscientes dos colaboradores da pesquisa. O intuito é investigar os “comos” e “porquês” da busca por obras literárias, constatando o que

há por detrás das ações, as motivações que envolvem o ato, assim como compreender a dimensão da apropriação simbólica - a posse de palavras e frases que foram evocadas durante a leitura e o conseqüente processo de atribuição de valores, transação de significados e incorporação de sentidos.

3.2 HISTÓRIA ORAL

A História Oral é um procedimento metodológico advindo dos estudos históricos, sendo também utilizado na Antropologia e em outras áreas das Ciências Humanas e das Ciências Sociais. Segundo Matos e Senna (2011), a História Oral é uma forma de intercâmbio entre a História e as demais Ciências Sociais. Esse método reconhece a confluência multidisciplinar, valorizando a contribuição da Psicologia, particularmente a psicanálise, considerando a experiência de outras dimensões da realidade, como o inconsciente. Há ainda, outras disciplinas que contribuem para as pesquisas baseadas em fontes orais como a linguística, o folclore e a semiótica.

De acordo com Sousa (2017b), por muitos anos, o método de História Oral foi bastante criticado na comunidade científica, devido à natureza polissêmica e subjetiva da memória. Ao contrário dos métodos positivistas, não há possibilidade de definir técnicas e instrumentos de análise de depoimentos pessoais. Outro aspecto criticado foi o questionamento a respeito da confiabilidade dos relatos orais, uma vez que diversas variáveis externas poderiam influenciar as respostas. Conforme Matos e Santos (2011) depoimentos orais são acusados de serem fontes subjetivas, relativas à memória individual, que pode apresentar-se falível ou fantasiosa. Contudo, nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual, podendo apresentar-se como insuficiente, ambígua e, até mesmo, manipulada.

Em contrapartida, movimentos de renovação metodológica, realizados por escolas britânicas, norte-americanas e francesas, possibilitaram que a fonte oral pudesse ser explorada com maior regularidade, vencendo de certa forma os preconceitos quanto ao uso desse tipo de fonte (MATOS; SENNA, 2011). Atualmente, valoriza-se a subjetividade como princípio científico, de modo que a História Oral não busca por apenas uma verdade, mas pretende revelar diferentes verdades de acordo com as percepções e distorções dos interlocutores (SOUSA, 2017b). Falar de uma história verdadeira seria muito ingênuo, pois cada sujeito singulariza a sociedade na qual está inserido, tendo suas percepções guiadas de uma forma específica. O que

existe é uma percepção verdadeira do real, expressada pelo depoente, revelando a forma como compreende e se apropria do mundo ao seu redor. Ao revelar essa percepção, o sujeito contribui para elucidar parcialmente alguma situação da realidade (MATOS; SENNA, 2011).

Nessa perspectiva, apresenta-se a seguinte definição:

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (MATOS; SENNA, 2011, p. 97).

Matos e Senna (2011) apontam a existência de quatro grandes modalidades ou estilos na aplicação do método da História Oral: estilo do arquivo-documentalista, o recolhimento de testemunhos orais para constituir arquivos; estilo do difusor populista, alternativa para divulgar a história daqueles que não foram registrados objetivamente nas histórias oficiais; estilo reducionista, não valoriza a totalidade da evidência oral usando-a apenas como complemento; estilo do analista completo, que compreende a História Oral como método particular com grande qualidade e profundidade. Na presente pesquisa, adota-se a modalidade analista, considerando a fonte oral em si mesma, passível de ser interpretada, criticada e situada socialmente.

As razões elencadas para o uso da História Oral como método relacionam-se a capacidade da empreender interpretações qualitativas das experiências de vida por meio da oralidade, como também na relevância de se percorrer os vestígios de memórias deixados na sua trajetória de vida. Ressalta-se que fazer história oral não é o mesmo que fazer um simples relato ordenado da vida e da experiência das pessoas, mas, principalmente, produzir conhecimentos históricos e científicos (SOUSA, 2017b).

Em sua pesquisa de mestrado no campo da Ciência da Informação, Sousa (2017b) reforça que a pesquisa narrativa exprime a subjetividade dos colaboradores da pesquisa, possibilitando que expressem o conhecimento que têm de si mesmos. Nesse sentido, a narração é também um processo de construção da memória e da identidade. Nessa linha, Matos e Senna (2011) consideram que a História Oral centra-se na memória humana e na sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Entendendo a memória como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos selecionados representativos do passado. Ressalta-se que a memória não é somente a lembrança de um sujeito isolado, mas de um sujeito

inserido em um contexto social, no qual suas lembranças são permeadas por inferências coletivas. Vale ressaltar que os sujeitos filtram suas próprias lembranças, ativando aquilo que lhes é significativo. Além disso, é possível exercer um controle sobre a forma como essas lembranças saíram da esfera do íntimo e ganharão vida no âmbito público. “Memória e imaginação têm a mesma origem: lembrar e inventar guardam certa ligação” (MATOS; SENNA, 2011, p. 96).

Entretanto, alguns cuidados devem ser tomados pelos pesquisadores no uso de uma fonte oral. Primeiramente, é necessário submetê-la a uma minuciosa reflexão crítica e metodológica. É essencial que o pesquisador possua um amplo conhecimento das críticas e dos aspectos polêmicos que envolvem o uso de fontes orais, de forma a explicitar seus posicionamentos e opções metodológicas na trajetória da pesquisa, adquirindo também suporte teórico sobre o fenômeno estudado (MATOS; SENNA, 2011).

No decorrer da entrevista o pesquisador deve ouvir e se atentar à psicologia da testemunha, conhecê-la e respeitá-la. O sucesso da entrevista depende, pois, da relação de amizade, conquistada nos encontros anteriores, entre a testemunha e o pesquisador. Os critérios utilizados para formular boas perguntas são essenciais na obtenção de boas respostas, propiciando que a entrevista não se torne entediante e sem importância para a pesquisa propriamente dita. O local escolhido para realização da entrevista também é importante, devendo ser tranquilo, no qual o entrevistado sinta-se à vontade (MATOS; SENNA, 2011).

Considera-se importante o cuidado na realização da entrevista, como também em sua transcrição, contribuindo para a precisão do relato oral. O pesquisador que utiliza o relato oral é o criador da sua própria fonte, uma vez que a entrevista precisa ser extraída da testemunha e somente se torna fonte após a transcrição. O pesquisador é responsável em realizar a transcrição com a máxima fidelidade ao discurso do entrevistado, tornando-a também agradável para os leitores (MATOS; SENNA, 2011). Destarte, algumas regras devem ser observadas durante a fase da transcrição:

A transcrição deve ser feita pelo próprio entrevistador, o quanto antes; as passagens pouco audíveis devem ser colocadas entre colchetes; as dúvidas, os silêncios, assinaladas por reticências; as pessoas citadas, designadas por iniciais (se necessário); as palavras em negrito serão as de forte entonação; anotações como risos devem ser grifadas; subtítulos para facilitar a leitura; os erros flagrantes deverão ser corrigidos: datas, nomes próprios etc. (MATOS; SENNA, 2011, p. 104).

A história oral, enquanto método e prática de investigação, acrescenta uma dimensão viva, reconhece que as trajetórias dos sujeitos e dos grupos merecem ser ouvidas (MATOS; SENNA, 2011). Estima-se, portanto, que o relato das trajetórias de vida e a rememoração das leituras por parte dos sujeitos desta pesquisa, permitam o entendimento de como a prática leitora se desenvolve em situações adversas e quais sentidos simbólicos são atribuídos a essas experiências.

3.3 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

O método da História Oral pressupõe a técnica da entrevista como principal meio para obtenção dos dados da pesquisa. Particularmente, o estilo do analista completo, a modalidade do método da História Oral adotada neste estudo, implica no estabelecimento de relações de profundidade com as pessoas entrevistadas (MATOS; SENNA, 2011).

A técnica da entrevista apresenta algumas vantagens, como: a possibilidade de contato direto com o entrevistado, a captação de reações e sentimentos, o esclarecimento de perguntas não compreendidas pelo interlocutor, a requisição de detalhes das respostas fornecidas (CUNHA, 1982). Além disso, Boni e Quaresma (2005) indicam como vantagem da entrevista a sua elasticidade quanto à duração, que permite uma flexibilidade para abordar certos assuntos de forma mais aprofundada. A maior interação entre entrevistador e entrevistado é favorável na abordagem de assuntos mais complexos e delicados, dando maior liberdade de expressão ao colaborador da pesquisa. Dentre as desvantagens, a entrevista apresenta a possibilidade de dupla distorção, como também a emissão de opiniões pelo pesquisador que pode afetar as respostas do entrevistado (CUNHA, 1982).

As entrevistas, conforme Matos e Senna (2011) podem ser de três tipos: dirigida, semidirigida ou não-dirigida. Cada uma possui suas próprias vantagens e desvantagens. A entrevista dirigida apresenta um questionário preestabelecido, a não-dirigida não apresenta roteiro e a semidirigida apresenta um roteiro flexível. As autoras recomendam o uso da entrevista semidirigida, “[...] um meio termo entre a fala única da testemunha e o interrogatório direto (MATOS; SENNA, 2011, p 104). De forma semelhante, Boni e Quaresma (2005), denominam as tipologias de entrevista no campo das Ciências Sociais como: estruturada, semiestruturada e aberta.

Para atingir os objetivos desta pesquisa, optou-se por adotar a entrevista semiestruturada, por possuir o caráter mais semelhante ao de uma conversa informal. Munido de um roteiro com um conjunto de questões previamente definidas, o pesquisador deve dirigir a entrevista de acordo os assuntos que mais o interessam, podendo formular questões adicionais, explorar ou elucidar respostas que não ficaram claras. A entrevista semiestruturada permite delimitar o volume de informações, obtendo um direcionamento do tema, evitando que o entrevistado fuja totalmente do assunto (BONI; QUARESMA, 2005).

Para Roubakine (1998), no estudo dos leitores a conversação possibilita a apreensão dos lados intelectual (opiniões, convicções, concepção de mundo) e emocional (sentimentos, emoções, afetos e paixões) dos leitores. Além disso, por meio da conversa, compreende-se os fenômenos volitivos, o grau de refletividade, automatismo, energia, força de vontade, constituindo-se um estudo integral da personalidade do leitor. É necessário, ao estudar os leitores, utilizar-se da conversa, analisar a proporção e o grau de influência recíproca da consciência e do inconsciente.

Quem, se não o próprio leitor, pode responder a esta pergunta: que livros exerceram sobre ele a maior ação em diferentes momentos da sua vida e em diferentes circunstâncias? As volições, as tendências, um constrangimento voluntário, finalmente, a abstenção atenciosa de certas ações e a realização consciente de outras, tudo isto representa o lado mais íntimo da alma humana (ROUBAKINE, 1998, p. 173).

Nessa perspectiva, de forma a apresentar um roteiro de entrevista semiestruturada coerente com a Abordagem Clínica da Informação, empregou-se o apelo ao simbólico e ao metafórico que, segundo Antunes (2017) permite acessar o universo particular dos sujeitos, suas afinidades emocionais, suas reproduções de imagens simbólicas, seus sentimentos e suas representações mentais. Conforme a autora, esses aspectos possibilitam observar a profusão de elementos que conecta e influencia os atos racionais dos entrevistados. Para tal empreendimento, buscou-se embasamento no roteiro elaborado por Paula (2005), que utilizou uma linguagem predominantemente conotativa para incentivar o entrevistado a narrar sua história pessoal e sua relação com o objeto de pesquisa, oferecendo meios para acessar o material simbólico que permeia a relação.

Como um dos pressupostos da Abordagem Clínica da Informação é o de que o uso de apenas um instrumento de coleta de dados não é suficiente para apreender a natureza complexa dos fenômenos, decidiu-se adotar a técnica do incidente crítico como instrumento de coleta de dados complementar à entrevista semiestruturada.

De acordo com o estudo de Pereira, Gomes, Pinheiro e Oliveira (1979), o incidente crítico se constitui como um instrumento de coleta de dados consistente para investigações no campo da informação e documentação. Conforme as autoras, a técnica é eficaz para a apreensão do comportamento dos usuários da informação, desde que observadas as peculiaridades inerentes à comunidade estudada.

O incidente crítico pode ser considerado como um conjunto de princípios, uma forma de abordagem, para coleta de dados pertinentes ao comportamento humano. Como tal, pode ser levantado através de questionários, de entrevistas e até mesmo de diários (PEREIRA; GOMES; PINHEIRO; OLIVEIRA, 1979, p. 42).

É importante fazer uma ressalva em relação à terminologia, o que à época foi assinalado pelas autoras como comportamento dos usuários, nessa pesquisa é compreendido como a inter-relação dos sujeitos com a informação. A ressalva é importante de forma que seja enfatizada a compreensão do sujeito como protagonista, como também as relações dialógicas com a informação que envolvem mais do que um comportamento, contemplando ações diversas nas quais existem dimensões simbólicas, cognitivas e afetivas.

Retomando a técnica do incidente crítico, esta foi desenvolvida por Flanagan (1954), que definiu:

[...] consiste em um conjunto de procedimentos para a coleta de observações diretas do comportamento humano, de modo a facilitar sua utilização potencial na solução de problemas práticos e no desenvolvimento de amplos princípios psicológicos, **delineando também procedimentos para coleta dos dados que apresentem significação especial** e para o encontro de critérios sistematicamente definidos (FLANAGAN, 1954 *apud* PEREIRA; GOMES; PINHEIRO; OLIVEIRA, 1979, p. 28, grifo nosso)

A técnica do incidente crítico pode ser desenvolvida durante uma entrevista, por meio de perguntas que têm como princípio levar o respondente a fornecer informações a partir de uma situação real, descrevendo os motivos e as consequências de suas ações (PEREIRA; GOMES; PINHEIRO; OLIVEIRA, 1979). No caso desta pesquisa, interessam os incidentes em que há uma real apropriação da informação por meio da leitura, de modo que o sujeito descreva uma situação em que a experiência leitura foi apropriada e incorporada à sua vivência pessoal.

Com base nos argumentos elencados, a etapa de coleta de dados consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas, somando-se a técnica do incidente crítico, com leitores literários que encontram-se em contextos de adversidade, buscando entender o significado simbólico da prática da leitura a partir do seu ponto de vista.

Acredita-se que as entrevistas possibilitaram a apreensão das falas dos sujeitos, compreendendo sua trajetória de leitura e como essa prática auxiliou no processo de enfrentamento dos obstáculos presentes em suas vidas. Dessa forma, foi elaborado um roteiro para aplicação das entrevistas (ver APÊNDICE C). O roteiro foi constituído de três blocos, sendo:

- I. **História de vida e trajetória de leitura:** intencionou entender as trajetórias de vida e leitura do entrevistado, de modo que o sujeito sinta liberdade de compartilhar suas experiências pessoais, seu cotidiano como leitor e sua relação de leitura.
- II. **Aspectos simbólicos da leitura:** permitiu aprofundar a entrevista, solicitando ao entrevistado a atribuição de símbolos aos aspectos da leitura, permitindo compreender, por meio de metáforas, os sentidos atribuídos à prática.
- III. **Experiências de uso da leitura no enfrentamento de situações adversas:** instigou o entrevistado a rememorar suas experiências de leitura por meio da técnica do incidente crítico, possibilitando o acesso a situações específicas e, através delas, permitindo a expressão dos sentimentos envolvidos, o relato das situações adversas vivenciadas e a emergência de percepções particulares sobre as obras literárias lidas.

3.4 UNIVERSO E AMOSTRA

O universo da pesquisa abrange os leitores de obras literárias que encontram-se enfrentando situações de adversidade – física e/ou psíquica e/ou social. Em uma pesquisa de cunho qualitativo não se procura por uma amostragem que apresente uma representatividade estatística, buscando-se uma representatividade social. Portanto, compreende-se a amostra em um sentido não probabilístico. Dessa forma, as entrevistas com os sujeitos não possuem a intenção de interrogá-los para somar suas respostas, uma vez que eles são compreendidos como “[...] informadores suscetíveis de comunicar suas percepções da realidade através da experiência vivida” (GUERRA, 2006, p. 48). A pesquisa qualitativa não está em busca de regularidades estatísticas, e sim, da representatividade social e da diversidade de fenômenos.

A amostra não probabilística não se constitui por acaso, tendo como fundamento a busca de características específicas que o pesquisador deseja

investigar. Assim sendo, existem diversas formas de se constituir uma amostra não probabilística: acidental, intencional, por quotas, típica de voluntários em cascata ou bola de neve (PIRES, 1997 *apud* GUERRA, 2006).

Destarte, nesse estudo, optou-se pela constituição de uma amostra intencional, de forma que a própria pesquisadora pudesse selecionar os sujeitos a serem os colaboradores da pesquisa. Tal escolha baseou-se no conhecimento prévio da vivência de alguns sujeitos, partindo do pressuposto de que: a) são leitores de obras literárias e; b) enfrentam situações de adversidade física e/ou psíquica e/ou social (ver QUADRO 1).

Conforme assinalado anteriormente, a constituição da amostra da pesquisa deu-se de forma intencional, de maneira que a própria pesquisadora selecionou os leitores a serem entrevistados. Assim, optou-se por selecionar leitores participantes de um grupo de leitura coletiva virtual intitulado *Sociedade Literária CP*, que reúne pessoas de todo o Brasil para lerem um livro por mês e compartilharem suas experiências de leitura pelo aplicativo WhatsApp.

O grupo selecionado é vinculado ao blog literário *Cultura Pocket*²⁰, sendo administrado pelos seus respectivos blogueiros. A escolha desse grupo foi baseada no conhecimento prévio deste por parte da pesquisadora, uma vez que a dissertação de Sá (2018) analisou o blog *Cultura Pocket*, além disso, o próprio grupo *Sociedade Literária CP* foi objeto de análise de uma investigação de Barbosa, Sá e Ferreira (2020) sobre leitura coletiva realizada por meio de aplicativos de mensagens instantâneas.

O *Cultura Pocket* é um blog literário que foi criado em agosto de 2017. O blog é coletivo, sendo administrado por uma equipe de blogueiros, tendo um grupo residente em Minas Gerais, no município de Ribeirão das Neves, e outros membros residentes em outros estados brasileiros, como Pará, Santa Catarina e São Paulo. Esse blog pode ser caracterizado como uma página na web que publica predominantemente resenhas de livros literários e conteúdos relacionados, como séries e filmes. O conteúdo postado no blog possui grande número de comentários, o que revela a interação entre os blogueiros e os leitores do blog (SÁ, 2018).

O grupo do WhatsApp intitulado *Sociedade Literária CP*, administrado pela equipe do *Cultura Pocket*, é formado por cerca de 70 membros, residentes em

²⁰ CULUTRA POCKET. Disponível em: <https://www.culturapocket.com.br/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

diferentes regiões do Brasil. O grupo é divulgado no blog e nas redes sociais do Cultura Pocket. A dinâmica do grupo de leitura coletiva consiste na leitura de um livro por mês, com metas de leitura semanais pré-estabelecidas. O grupo caracteriza-se pela forte interação entre os membros, revelada pelo grande quantitativo de mensagens trocadas (BARBOSA; SÁ; FERREIRA, 2020).

A imersão da pesquisadora no grupo²¹ desde o final de 2018 possibilitou a realização de várias leituras em conjunto com o grupo, a saber: *Objetos Cortantes*²², *Kindred: Laços de sangue*²³, *O ódio que você semeia*²⁴, *Você*²⁵, *Área militar*²⁶, *O cemitério*²⁷, *Garota Exemplar*²⁸, *A onde encontrei meu lar*²⁹, *Labirinto do fauno*³⁰, *Misery: Louca Obsessão*³¹, *Uma canção de Natal*³². Uma vez que as metas de leitura são semanais, as discussões e trocas de experiência de leitura acontecem aos finais de semana, nos quais o grupo é tomando por uma enorme quantidade de mensagens dos participantes, que compartilham suas opiniões, expectativas, críticas, reflexões, impactos e avaliações a respeito da obra literária escolhida como leitura do mês. Apesar de o grupo contar com aproximadamente 70 membros (quantidade variável devido a entrada e saída de participantes), cada leitura coletiva conta com cerca de 25 a 30 pessoas, uma vez que nem todos os membros se interessam pela obra eleita para ser lida, escolhida democraticamente por meio de votação.

Além das muitas trocas relacionadas com as leituras realizadas, os participantes do grupo acabam por compartilharem também situações pessoais vivenciadas, sentimentos e relatos íntimos, o que demonstra a presença de sentimentos de confiança, segurança e cumplicidade entre os membros do grupo.

²¹ À época, a intensão da pesquisadora foi realmente realizar leituras em conjunto com os membros do grupo, após ter conhecido o *Sociedade Literária CP* por meio da pesquisa de mestrado, defendida em dezembro de 2018. Dessa forma, os participantes do grupo conheciam a pesquisadora como também sua dissertação, mesmo que nesse momento não houvesse ainda uma proposta de realizar a pesquisa de doutorado com membros do grupo.

²² FLYNN, Gillian. **Objetos cortantes**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

²³ BUTLER, Octavia. **Kindred: Laços de sangue**. São Paulo: Morro Branco, 2017

²⁴ THOMAS, Angie. **O ódio que você semeia**. Rio de Janeiro: Galera, 2017.

²⁵ KEPNES, Caroline. **Você**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

²⁶ TEIXEIRA, Nathany. **Área Militar**. Itaúna: Sonho de livro, 2020.

²⁷ KING, Stephen. **O cemitério**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

²⁸ FLYNN, Gillian. **Garota exemplar**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

²⁹ COUTO, Gleice. **A onde encontrei meu lar: um conto de Natal**. [S.l.]: Edição da autora, 2014. [e-book].

³⁰ DEL TORO, Guilherme; FUNKE, Cornelia. **O Labirinto do Fauno**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

³¹ KING, Stephen. **Misery: Louca Obsessão**. Rio de Janeiro: Suma das Letras, 2014.

³² DICKENS, Charles. **Uma canção de Natal**. São Paulo: Peixoto Neto, 2018.

Além disso, a necessidade de relatar vivências no grupo está intrinsecamente ligada à capacidade da experiência de leitura relacionar-se aos aspectos íntimos dos leitores, reativando memórias, promovendo reflexões e revivendo sentimentos.

No decorrer das leituras coletivas assinaladas, a pesquisadora identificou cinco leitores que relataram espontaneamente a vivência de situações adversas, por meio de mensagens de texto e áudio compartilhadas com os demais membros do grupo. A espontaneidade de seus relatos, contendo detalhes de suas experiências pessoais complexas, destacou-se como uma oportunidade para convidá-los a compor a amostra intencional da presente pesquisa. Diante disso, foi realizado um contato com cada um desses leitores de forma individual, de modo que foi realizado o convite para participação na pesquisa.

As entrevistas ocorreram de modo virtual, de maneira síncrona, por meio de videoconferências. Com exceção da entrevista piloto, realizada no segundo semestre de 2020, as entrevistas foram realizadas no primeiro trimestre de 2021. Como forma de preservar a identidade dos leitores, optou-se pela utilização de nomes fictícios escolhidos pelos próprios entrevistados. Sugeriu-se a cada leitor que adotasse o nome de um personagem do universo literário, que gostasse ou se identificasse.

De forma a explicitar algumas características dos leitores entrevistados, apresentam-se os colaboradores da pesquisa no quadro 2:

Quadro 2 – Colaboradores da pesquisa

Colaborador(a)	Idade	Escolaridade	Profissão
Annie	32	Ensino superior incompleto	Aposentada
Elizabeth	31	Pós-graduação	Bibliotecária
Viollet	25	Ensino médio incompleto	Babá
Kambili	28	Pós-graduação	Professora
Paiva	46	Ensino médio completo	Auxiliar administrativo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A partir dos dados apresentados no quadro acima, é possível aferir, no tocante à escolaridade, que os colaboradores apresentam níveis educacionais distintos, fato decorrente do contexto social e da história de vida de cada um. É interessante ressaltar que o fato deles serem leitores não se vincula estritamente à obtenção de

alto grau de educação formal, como no caso de Violet, que abandonou a escola devido ao bullying, racismo e à depressão, mas é uma leitora proficiente.

No que concerne à profissão, tem-se alguns casos de carreiras vinculadas à prática da leitura, como é o caso da bibliotecária e da professora de língua portuguesa. Nos demais casos, as profissões não estão diretamente associadas à leitura literária, como o caso da babá e do auxiliar administrativo. Tem-se, ainda, o caso de Annie, que é aposentada por invalidez, devido à sua condição de saúde, mas que é graduanda em História.

A faixa etária dos participantes é de 25 a 46 anos, tendo-se, assim, uma amostra de leitores adultos. No que se refere aos dados de localidade de residência, optou-se por não inseri-los no quadro 2, uma vez que a correlação entre os diferentes dados poderia ocasionar a identificação dos participantes da pesquisa, comprometendo o anonimato dos sujeitos. Ressalta-se a concentração de colaboradores residentes na região sudeste, sendo dois no estado de Minas Gerais e uma de São Paulo. Foram realizadas entrevistas também com participantes da região norte e da região sul do país, respectivamente, do Pará e de Santa Catarina.

Como etapa piloto da pesquisa, optou-se pela realização de uma entrevista semiestruturada com um dos leitores identificados no Quadro 2, com a finalidade de verificar a pertinência do roteiro de perguntas. A intenção foi a de realizar um teste de aplicação do roteiro, verificando se ele proporcionaria uma entrevista que apresentasse dados suficientes para o cumprimento dos objetivos da pesquisa.

Dessa forma, no dia 31 de agosto de 2020 foi realizada a entrevista com a leitora Annie. Considera-se que o piloto obteve sucesso, uma vez que a aplicação do roteiro de perguntas repercutiu da maneira prevista, de forma que as respostas apresentadas pela leitora foram relevantes e atenderam aos objetivos da pesquisa. Como não foram necessárias modificações substanciais no roteiro, os dados coletados no teste piloto também foram incluídos na análise.

Na qualificação do projeto de pesquisa, em outubro de 2020, foram sugeridas duas propostas para complementar a coleta de dados: a realização de um grupo focal com os colaboradores da pesquisa ou uma segunda rodada de entrevistas. A primeira proposta foi rapidamente descartada após a realização das primeiras entrevistas, uma vez que os leitores confidenciaram à pesquisadora questões muito pessoais, como traumas e questões íntimas, o que tornaria o grupo focal uma experiência possivelmente invasiva para os participantes. Além disso, alguns entrevistados

informaram, após as entrevistas, o receio de serem reconhecidos e até mesmo preocupações quanto a terem se exposto demais nos depoimentos. Desse modo, preferiu-se assegurar o anonimato dos participantes e não os expor em uma dinâmica de grupo.

Quanto à segunda proposta, o desenvolvimento de uma pesquisa de maneira totalmente remota, devido ao contexto da pandemia de Covid-19, afetou diretamente a realização das entrevistas. Todos os colaboradores da pesquisa desmarcaram as entrevistas em videochamada ao menos uma vez, sendo que alguns deles desmarcaram duas vezes. Esse fato pode estar relacionado às mudanças no cotidiano dos participantes diante da exigência do isolamento social, que ocasiona o acúmulo e sobreposição de tarefas laborais, domésticas, educacionais e pessoais em um único ambiente. Ademais, durante a realização de algumas entrevistas houve problemas relacionados à conexão com a internet, falhas no áudio e no vídeo. No decorrer da entrevista de Paiva, por exemplo, a videochamada foi reiniciada três vezes devido a problemas relacionados ao sinal da rede de internet do participante. A soma desses fatos implicou em uma renúncia a uma segunda rodada de entrevistas. Contudo, considera-se que as entrevistas realizadas alcançaram a profundidade desejada, contemplando todas as questões previstas, de modo que foi possível uma coleta de dados consistente e completa.

3.5 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresenta-se a análise de conteúdo, técnica de análise de dados adotada na presente investigação. A análise de conteúdo é um método de grande importância para as ciências da comunicação, desenvolvido nos Estados Unidos no início do século XX (BARDIN, 2016). Essa abordagem é comumente utilizada nos campos da Psicologia, Sociologia, História e também na Ciência da Informação.

Conforme Bardin (2016), a análise de conteúdo é aplicável a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza de seu suporte. É um método empírico, que depende da interpretação do pesquisador, possuindo somente algumas regras base para orientá-lo. Não se trata de um instrumento, e sim, de um leque de apetrechos, marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a campos de atuação muito vastos. A autora define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo a vivência adversidades das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2016, n.p.).

Diante dessas conjecturas, a finalidade que o pesquisador pretende quando realiza a análise de conteúdo é a de buscar “[...] uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas (por exemplo: condutas, ideologias e atitudes) dos enunciados” (BARDIN, 2016, n.p.).

O ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, conforme pontua Franco (2005), seja ela verbal (oral ou escrita), documental, gestual, dentre outras. Toda mensagem expressa um significado e um sentido, sendo que, esse último, não pode ser considerado como um ato isolado, estando vinculado às condições contextuais de seus produtores. Diante disso, a análise de conteúdo tem uma concepção crítica e dinâmica da linguagem.

O processo dedutivo ou inferencial, realizado a partir de índices e indicadores, faz parte da prática científica, o que pode ser observado nos campos da medicina e da arqueologia, por exemplo. Desse modo, a leitura efetuada pelo analista de comunicações também recorre à inferência e associações significativas no decorrer de sua análise, conforme demonstrado na figura 8.

Figura 8 – Processo inferencial na análise de conteúdo



Fonte: Adaptado pela autora de BARDIN (2016).

Tendo em vista os pressupostos firmados, assinala-se que a análise de conteúdo requer descobertas que possuam relevância teórica, pois informações puramente descritivas não relacionadas a outros atributos são de pequeno valor. Os objetivos da pesquisa deverão apresentar-se refletidos nos resultados, sendo que as comunicações analisadas deverão ter apoio em indícios manifestos no embasamento teórico (FRANCO, 2005).

No que concerne às operações de comparação e classificação, o pesquisador deve estar ciente da necessidade de uma atividade intelectual de separação e agrupamento, implicando na ordenação das mensagens de acordo com as suas semelhanças e diferenças. Dessa empreitada, surgem as categorias de análise (FRANCO, 2005). Tal processo é definido como:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento, seguido o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo), sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns desses elementos (BARDIN, 2016, n.p.)

As categorias de análise são, conforme Franco (2005), o ponto crucial da análise de conteúdo, sendo um processo longo e desafiador, que consiste em constantes idas e vindas da teoria ao material de análise. Não existe uma fórmula ou receita para guiar o pesquisador, que trilha seu próprio caminho, lapidando categorias aproximativas, baseado em seus conhecimentos e competência.

As categorias de análise podem ser criadas de duas maneiras: *a priori*, categorias pré-determinadas em função de uma busca específica do pesquisador; ou *a posteriori*, quando as categorias emergem dos discursos, do próprio conteúdo das mensagens (FRANCO, 2005).

Na presente pesquisa, o processo de categorização ocorreu de maneira mista, uma vez que as categorias e algumas subcategorias foram concebidas de forma prévia e outras foram sendo criadas à medida que a análise foi sendo realizada. Em primeiro lugar, o piloto foi analisado e foram criadas categorias de análise, a saber: histórias de vida e trajetórias de leitura, apropriação simbólica da leitura literária, experiências de leitura literária no enfrentamento de situações adversas. Dentro da segunda categoria, identificou-se as seguintes subcategorias: equilíbrio emocional, evasão, construção da identidade, conexão e elaboração da morte.

Com base nessa estrutura inicial, as outras quatro entrevistas foram analisadas. Contudo, novas subcategorias foram surgindo, de modo a responder a necessidade de subdivisão em novas unidades de análise. Assim, durante o processo, várias subcategorias foram criadas, remodeladas, agrupadas e, até mesmo, excluídas. Em decorrência dessas ações, chegou-se ao número final de três grandes categorias e 19 subcategorias, conforme pode ser observado no quadro 3.

Quadro 3 – Categorias de análise

Dimensão	Categorias	Subcategorias
Sujeito	4 Histórias de vida e trajetórias de leitura	4.1 Como os sujeitos se apresentam
		4.2 Adversidades enfrentadas
		4.3 A prática da leitura literária no cotidiano
		4.4 Principais mediadores de leitura
		4.5 Preferências literárias
Significado	5 Apropriação simbólica da leitura literária	5.1 Imagens da leitura literária
		5.2 O ritmo da leitura
		5.3 O eu-leitor
		5.4 Símbolos atribuídos à prática da leitura literária
		5.4.1 Equilíbrio emocional
		5.4.2 Fuga/Refúgio
		5.4.3 Identidade
		5.4.4 Conexão
5.4.5 Elaboração da morte		
Experiência	6 Experiências de leitura literária no enfrentamento de situações adversas	6.1 Processamento e identificação
		6.2 Circum-ambulação
		6.3 Identificação e catarse
		6.4 Consolação
		6.5 Amplificação

Fonte: Elaborado pela autora.

4 HISTÓRIAS DE VIDA E TRAJETÓRIAS DE LEITURA

“A literatura, quando ela entra, ela participa de mim...” (Paiva)

Diante do método de pesquisa escolhido – História Oral articulada aos pressupostos da Abordagem Clínica da Informação – as entrevistas realizadas com os leitores aprofundaram-se em suas respectivas histórias de vida, de forma que foi registrada a evidência oral da memória individual e subjetiva de cada sujeito. Desse modo, os interlocutores delinearão a sua percepção do real, revelando o modo como compreendem e experienciam a realidade, como também a percepção das suas próprias vivências, o ser e estar no mundo.

Apresentam-se, neste capítulo, os colaboradores da pesquisa, que expressaram o conhecimento que têm sobre si mesmos, como também suas interpretações da realidade e suas lembranças permeadas por interferências do contexto social no qual estão inseridos.

As entrevistas com os leitores iniciaram-se com a investigação sobre o entrelaçamento entre suas histórias de vida e suas trajetórias de leitura. Primeiramente, buscou-se mapear os afetos dos participantes, de forma que eles foram convidados a falar sobre si mesmos, expressando o conteúdo real de seus pensamentos e suas construções a respeito de suas vivências. Posteriormente, verificou-se como a prática da leitura se integrou à vivência dos entrevistados.

Dessa maneira, apresentam-se, a seguir, elementos que permitem a compreensão do contexto dos sujeitos entrevistados, suas experiências e aspectos da prática da leitura que permitem caracterizá-los com maior profundidade. Desse modo, expõe-se o perfil dos sujeitos participantes, suas histórias de vida e trajetórias de leitura, abrangendo as adversidades enfrentadas, as práticas de leitura, os principais mediadores de leitura e as preferências literárias.

4.1 COMO OS SUJEITOS SE APRESENTAM

Os colaboradores da pesquisa foram apresentados (ver QUADRO 2) por meio de dados que informam sua idade, escolaridade, profissão e local de residência. Apesar da relevância de tais dados para situar os sujeitos na pesquisa, eles pouco dizem sobre suas identidades, preferências e gostos, não caracterizando os sujeitos

como pessoas imbuídas de individualidade e particularidades relacionadas à suas histórias pessoais e ao contexto social no qual se incluem.

Como forma de demarcar os aspectos individuais supracitados, como também dar voz aos sujeitos da pesquisa, optou-se por apresentar o quadro 4, abaixo, no qual os colaboradores da pesquisa apresentam-se com suas próprias palavras.

Quadro 4 – Os leitores, segundo eles mesmos

Annie

Bom, primeiro eu sou uma mulher, feminista. Sou uma pessoa comum, mas única, como qualquer outra pessoa. Eu acho que a minha formação principal é minha família, porque é a minha base. E foi onde eu aprendi a tentar ao máximo ser autêntica, ser empática. Foi onde eu aprendi e onde eu tento colocar em prática diariamente, entendeu. Hoje, eu acho que eu sou isso, uma mulher negra, militante até onde eu posso, da minha descendência ou da minha raça, da minha etnia, da minha vertente religiosa. Eu sou umbandista com muito orgulho. Mas, embora, minha formação seja espírita. Fui batizada na igreja católica quando eu tava com seis anos, mas não me sinto nem um pouco representada pela igreja católica. Então eu sou totalmente espírita umbandista. Sou... sou representante de uma síndrome que é... Infelizmente, são três síndromes, duas são muito raras e uma não é tão rara, mas é bem difícil de dar o diagnóstico, que é a fibromialgia. E... acho que é isso.

Elizabeth

Eu sou uma leitora, que sou apaixonada pela minha profissão devido à leitura. Acho que... Eu acho que nenhuma das pessoas consegue definir Elizabeth sem livro.

Viollet

Não sei, nunca pensei, não sei mesmo. [...] Eu sou pansexual, descobri minha pansexualidade, que pra mim... Antes eu me identificava como bi, mas agora eu me identifico como pan. [...] Leitora voraz. O ano passado foi um dos anos que eu li menos, mas eu li 148 livros. [...] Escritora, eu acho que eu escrevo desde sempre. Só nunca tinha tido coragem de postar. Eu tenho cadernos e cadernos aqui na estante também de escritos. Todo mundo que me conhece fala que eu sou uma artista nata. Eu danço, canto, pinto, escrevo, desenho.

Kambili

Eu acho que, fazendo uma autoanálise assim rápida, eu sou uma pessoa que é extremamente metódica nas coisas. Eu tenho muita disciplina com, principalmente, com questão de vida profissional, eu acho que é uma coisa que eu sempre sonhei em ter. E para mim eu não abro mão dessa parte, eu acho que às vezes eu exagero um pouco, eu tenho esse lado. E acho que, na maior parte do tempo, eu sou muito mãezona, eu gosto de cuidar, eu gosto de cuidar do meu filho, de cuidar da minha casa. Às vezes até me pego sendo um pouco mãe do meu marido, porque eu tenho essa coisa de ensinar mesmo. Eu acho que é uma coisa que já vem de quem dá aula, a gente acaba ensinando sem querer. E assim eu acho que eu sou isso, eu sou uma... E fora assim a questão pessoal minha... Eu sou uma pessoa que tem sim, já tive vários problemas emocionais, mas assim eu tô lutando contra isso. Eu acho que é ser forte, é ser resiliente, é cuidar de quem tá do lado da gente. Eu acho que eu sou muito assim. Até demais, sabe. Às vezes eu quero cuidar demais das pessoas e esqueço de mim. Mas é uma característica minha mesmo, essa questão de querer cuidar das pessoas, acho que é coisa de mãe e de professora (risos).

Paiva

Já tive muitas, muitas caras, muitas vertentes. Então eu vou me definir hoje... Eu diria que eu sou uma boa pessoa, uma pessoa mais caridosa, mais humana. Um bom leitor, melhor do que era antes. Uma pessoa com senso crítico muito forte sobre as demandas sociais da população. Eu sou mais ativo nesse momento, de um tempo para cá. Então eu me defino agora como uma pessoa mais próxima do povo. A literatura me deu isso... A experiência me deu essa vertente. Eu me defino basicamente isso... Sou cristão, socialista, leitor.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

É possível observar, nas falas dos colaboradores, os aspectos que mais impactam na vida de cada um. Por exemplo, Annie e Paiva fazem questão de apontar a vertente religiosa como algo que os definem como pessoas, no caso dela, umbandista; no dele, cristão. Viollet, por sua vez, demarca a sua orientação sexual no começo de sua fala, relatando a recém descoberta da sua pansexualidade. Observa-se que, para ela, a temática da orientação sexual é algo mais latente que para os demais, algo que pode relacionar-se tanto a designação recente, como também aos preconceitos vivenciados. Em relação às características físicas, Annie define-se como mulher negra e militante, o que reforça a sua própria necessidade de luta contra a opressão e racismo.

A profissão surge como elemento constituinte da personalidade nos discursos de Elizabeth e Kambili, respectivamente, bibliotecária e professora. Tal ênfase pode estar relacionado ao fato de elas terem seguido carreiras condizentes com seus gostos pessoais, incluindo a prática da leitura literária. A família desponta como aspecto formador da identidade nas falas de Annie, que define a família como base, e Kambili, que se apresenta como cuidadora do filho e do marido. Outra semelhança nos discursos de Annie e Kambili são os apontamentos sobre questões de saúde física ou mental, uma vez que a primeira se descreve como representante de três síndromes, e a segunda afirma ter vários problemas emocionais.

O fato de serem leitores aflora nas apresentações de Paiva, Elizabeth e Viollet. A relação com os livros, na visão dos próprios sujeitos, é algo que os define enquanto pessoas. Algo que pode ser justificado pela quantidade, como na fala de Viollet “eu li 148 livros”, ou pela percepção de terceiros “nenhuma das pessoas consegue definir Elizabeth sem livro”, e até mesmo na definição pontual de Paiva “sou cristão, socialista, leitor”.

4.2 ADVERSIDADES ENFRENTADAS

É essencial para a presente investigação contextualizar as situações aversas vivenciadas pelos leitores, visto que o pressuposto da pesquisa é o de que a leitura auxilia no enfrentamento das adversidades da vida. Assim sendo, os depoimentos dos entrevistados foram compilados e sintetizados, de maneira que ficassem explícitas as barreiras enfrentadas por cada sujeito, como é possível constatar no quadro 5.

Quadro 5 – Situações adversas vivenciadas pelos colaboradores da pesquisa

Annie	Aos 19 anos, Annie desenvolveu um quadro grave de doenças físicas que, aos 23 anos, foram diagnosticadas como Síndrome do Homem Rígido, Síndrome da Hipersensibilidade Cerebral Congênita e Fibromialgia, as duas primeiras raras e a última de difícil diagnóstico. As síndromes provocam dores crônicas em seu corpo, equivalentes, segundo suas próprias palavras, “à dor de doze ossos sendo quebrados simultaneamente”. Atualmente, com 32 anos, a leitora apresenta sequelas como dificuldade de locomoção e debilidade física. Diante do quadro degenerativo de suas mazelas, ela necessita de hospitalização recorrente para uso da morfina, da qual é uma viciada em recuperação. Como consequência de processos tão agressivos, sua saúde mental também foi afetada, tendo tratado um quadro de depressão profunda. Annie relatou também a experiência do luto pelo falecimento de seu primeiro namorado durante a adolescência.
Elizabeth	Quando Elizabeth tinha cinco meses de vida, seus pais biológicos se desentenderam e deixaram-na sob a guarda dos avós maternos. Assim, a garota cresceu em uma casa com outros dez familiares, com escassas condições financeiras. Aos 9 anos de idade, ela vivenciou a perda da avó, que faleceu de câncer. Elizabeth passou, portanto, a ser criada por duas de suas tias, irmãs de sua mãe. Os pais biológicos, contudo, voltaram a relacionar-se e criaram as duas outras filhas do casal, uma mais velha e uma mais nova que Elizabeth. Diante de tal conjuntura, foi natural a emergência de um sentimento de abandono, durante a infância e adolescência da leitora, assim como dúvidas e questionamentos perante uma família não convencional. Além disso, recentemente, Elizabeth vivenciou um quadro de ansiedade, relacionado à sobrecarga e conflitos no ambiente de trabalho, refletindo em sintomas físicos como falta de ar, taquicardia, transtornos alimentares e dores pelo corpo.
Viollet	Desde a infância, a garota sofria com problemas de saúde e enxaqueca. Dos 8 aos 14 anos, Viollet foi vítima de abusos sexuais, sendo três vezes violentada por um membro da família, um primo de segundo grau. A violência sofrida desencadeou um processo depressivo, que resultou em três tentativas de suicídio entre os 14 e os 18 anos. Além disso, durante a infância e adolescência, a garota sofreu racismo e bullying na escola, devido à cor da pele e ao seu corpo, primeiramente, por ter sido muito magra, depois, por ter engordado e por causa dos seios grandes. A depressão e o bullying fizeram com que Viollet decidisse largar a escola, mesmo gostando de estudar e obtendo notas boas. O tratamento da depressão durou vários anos e, atualmente, Violet se considera estável, apesar de relatar sintomas de ansiedade e insônia frequente.
Kambili	Advinda de uma infância pobre em uma cidade pequena, Kambili não tinha acesso a recursos como televisão e rádio devido às restrições religiosas da família. Na adolescência, considera ter sido rebelde. Na vida adulta, vivenciou um aborto e o luto ocasionado pela perda da criança. Após sua segunda gestação, entrou em depressão pós-parto e, não tendo feito um tratamento adequado, o quadro agravou-se e resultou em uma depressão profunda. Kambili relatou a vivência, no ano de 2020, de crises depressivas, estafa, ansiedade e insônia.
Paiva	Filho de pais divorciados, Paiva teve uma infância complicada, na qual a família não tinha condições econômicas básicas. O pai não dava assistência adequada para a família e a mãe deixava os filhos sozinhos por vários dias. Por sentir-se solitário e triste, Paiva tinha pensamentos de morte durante a adolescência. Aos 18 anos começou a beber e a fumar, nas palavras dele “para ver se alguém me dava atenção”. Contudo, tornou-se alcoólatra e depressivo. Após libertar-se do vício, ainda trata depressão e ansiedade.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao compreender as adversidades enfrentadas por cada um dos sujeitos entrevistados, constatou-se que a escolha dos nomes dos personagens, que substituiriam seus nomes verdadeiros nesta pesquisa, não foi algo nem um pouco aleatório ou displicente. Os personagens escolhidos relacionam-se com as vivências dos leitores, de forma que o gosto, a preferência por esses avatares é também uma escolha simbólica.

A personagem Annie Wilkes é antagonista do romance policial *Misery: Louca Obsessão*³³, do autor norte-americano Stephen King. Na narrativa, Annie sequestra o seu escritor favorito e o submete a uma série de torturas. De acordo com King, a história foi inspirada em sua própria batalha contra o abuso de drogas, no que Annie seria uma representação da sua dependência, que o fazia sentir sozinho e separado de tudo³⁴. A escolha da leitora entrevistada pelo nome dessa personagem, pode estar relacionada à sua própria luta contra o vício em morfina, como também ao fato de o seu corpo ter desenvolvido síndromes físicas tão graves. A leitora pode ter elegido o nome Annie, por considerar-se como uma vilã de si mesma.

No famoso clássico *Orgulho e Preconceito*³⁵, da escritora inglesa Jane Austen, Elizabeth Bennet é a protagonista. Uma jovem mulher de personalidade forte e vanguardista para o seu tempo, que carrega dentro de si inquietações com as convenções sociais de sua época³⁶. A escolha da leitora por essa personagem pode ter sido realizada pelo fato de ela mesma representar a quebra de convenções sociais contemporâneas, como o próprio conceito de família padrão. A entrevistada reforçou, no decorrer de sua fala, que faz parte de uma família não convencional, mas que trata-se de uma família como qualquer outra e que ela não seria uma pessoa desajustada em decorrência desse fato. Portanto, a leitora, assim como a personagem Elizabeth, questiona a ordem social imposta.

Viollet é a personagem principal do romance nacional *A Viúva*³⁷, de Nahra Mestre. Nesse romance de época, a protagonista atira no próprio marido para se ver livre de um relacionamento abusivo, no qual sofria agressões físicas e psicológicas.

³³ KING, Stephen. **Misery: Louca Obsessão**. Rio de Janeiro: Suma das Letras, 2014.

³⁴ LITERATURA POLICIAL. **Stephen king: 5 curiosidades sobre Misery: louca obsessão**. Disponível em: <https://literaturapolicial.com/2018/11/30/5-curiosidades-sobre-misery-louca-obsessao-filme-lancado-em-30-de-novembro-de-1990/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

³⁵ AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

³⁶ CULTURA GENIAL. **Livro Orgulho e Preconceito, de Jane Austen**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/orgulho-e-preconceito-jane-austen/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

³⁷ MESTRE, Nahra. **A Viúva**. Belo Horizonte: Portal 2019.

Apesar de sentir-se aliviada, Viollet não consegue se libertar da culpa, de forma que o livro retrata sua luta entre a leveza e o pesar, a liberdade e a culpa³⁸. A escolha da entrevistada por essa personagem deu-se de maneira bem explicitada, uma vez que ela afirmou ser amiga da autora, de forma que a personagem Viollet foi realmente inspirada na própria leitora. A relação entre a leitora e a personagem é, portanto, clara, uma vez que a vivência de abusos envolve a culpabilização da vítima.

Na obra *Hibisco Roxo*³⁹ da aclamada autora nigeriana Chimamanda Adichie, a protagonista Kambili é uma menina criada em um ambiente fortemente católico. A personagem passa por uma transformação ao longo da narrativa, em especial, no que diz respeito ao ato de falar e desenvolver a sua própria voz, construindo sua identidade e emancipando-se⁴⁰. Tal narrativa remete à vivência da leitora entrevistada, que cresceu sob forte repressão religiosa, passando por uma fase rebelde na adolescência e tornando-se uma adulta crítica e analítica.

O livro *Feliz Ano Velho*⁴¹ é um romance autobiográfico do escritor brasileiro Marcelo Rubens Paiva, no qual ele aborda o acidente que o deixou tetraplégico e sua luta para se inserir na sociedade, enfrentando problemas e medos. Marcelo recorda também o desaparecimento do pai, deputado federal durante a ditadura militar. O autor afirma que não é um herói, de modo que, durante a narrativa, revela seu machismo, vaidade, fraquezas e sua imaturidade⁴². A escolha do leitor pelo nome Paiva, sobrenome do autor e protagonista da obra, remete à sua própria vivência enquanto ex-viciado que procurou reintegrar-se na sociedade, e que expressa suas fragilidades e assume sua condição de ser humano. Além disso, o contexto da ditadura militar abordado no livro relaciona-se com as diversas falas do leitor a respeito da justiça social.

Algo a ser ressaltado é a percepção das condições socioeconômicas dos colaboradores da pesquisa. Embora não tenha sido contemplada no roteiro da entrevista nenhuma questão relacionada às condições financeiras e sociais dos

³⁸ AISHANDO BOOKS. **Conheça a Série Damas Perfeitas da Autora Nahra Mestre**. Disponível em: <https://aishando.home.blog/2019/03/09/resenha-a-estrangeira-nahra-mestre/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

³⁹ ADICHIE, Chimamanda. **Hibisco Roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁴⁰ SOCIOPOÉTICA. **A voz de Kambili**: hibridismo cultural em Hibisco roxo de Chimamanda Ngozi Adichie Disponível em: <http://novo.revista.uepb.edu.br/index.php/SOCIOPOETICA/article/view/130>. Acesso em: 14 jan. 2021.

⁴¹ PAIVA, Marcelo Rubens. **Feliz Ano Velho**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

⁴² VIA9. **Feliz Ano Velho**. Disponível em: <https://via9.webnode.com/products/feliz-ano-velho/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

participantes, ficou evidente durante o discurso dos leitores o pertencimento às classes sociais desfavorecidas economicamente. Diante desse fato, considera-se que, além das condições adversas formalmente explicitadas (ver QUADRO 4), os entrevistados vivenciaram também adversidades relacionadas aos aspectos socioeconômicos associados ao contexto no qual estavam inseridos no decorrer da vida.

Algumas falas dos sujeitos apontam a vivência de adversidades de ordem social: **Annie** “E vieram [os pais] com o dinheiro da venda da casa, sem conhecer nada aqui, vieram pra morar num estúdio pequenininho, onde tinha [a cidade] um padrão de vida bem mais alto que foi gastando todo o dinheiro...”; **Elizabeth** “Então como a gente não tinha muitas condições, quem ensinava a gente eram as nossas tias, porque todo mundo trabalhava pra sustentar os outros. Porque além de mim, eu vivia com a minha avó, tinha os outros primos né, que acabavam vivendo com a gente porque não tinham os pais, tinha só a mãe e todo mundo morava junto. Então todo mundo tinha que dividir aquele espaço para estudar”. **Viollet** “Não tem a laje [a casa], é teto, é telha.” **Kambili** “Só que na época, hoje em dia a cidade tá muito boa, mas na época que isso tudo aconteceu não tinha praticamente nada lá. Era uma cidade muito, muito, muito pobre, muito pobre mesmo, muito difícil. Até hoje é, mas assim, hoje já melhorou muito, sabe”. **Paiva** “Quando minha mãe e meu pai se separaram, eu morava com a minha mãe, passei muita necessidade. Minha mãe largava a gente, sumia com os namorados dela, três, quatro dias. Eu passei muita necessidade. Não é culpa só da minha mãe, a gente vai descobrindo isso depois com o tempo né. A culpa é do meu pai também, por não tá lá, por não participar, apesar que ele pagava pensão. E a gente acha que pensão de 100 reais banca tudo né. Mas eu passei muita necessidade com os meus irmãos, muita mesmo”.

Elizabeth e Kambili, as duas entrevistadas que possuem curso superior completo e pós-graduação retrataram a dificuldade para se formarem: **Elizabeth** “[...] para eu poder fazer graduação, eu tive que ir para outra cidade, porque lá onde eu moro não tinha. Então teria que ir para capital para poder fazer o curso. Então eu acordava quatro e meia da manhã para poder pegar um ônibus, para tá no horário na faculdade, sair de lá meio-dia e vir correndo, porque eu trabalhava. Então tinha que tá 15 horas no meu trabalho, saía dez horas da noite”. **Kambili** “E logicamente vida real é muito mais difícil. Infelizmente, pra quem vem das camadas mais pobres mesmo, é muito difícil você conseguir entrar na faculdade. [...] eu tinha trabalhado num emprego

muito ruim, numa padaria. E eu tinha sido muito humilhada lá. Eu falei gente eu não aceito, eu não aceito, eu não vou repetir essa história da minha família. Eu vou fazer faculdade. Eu entrei na faculdade sem saber como que eu ia pagar mensalidade”.

As duas colaboradoras da pesquisa reforçam que foram as primeiras de suas respectivas famílias a terem um curso superior: **Elizabeth** “[...] na verdade, eu fui a primeira a me formar de toda minha família, ter um curso superior.” **Kambili** “Eu não quero repetir que a minha família não tem pessoas com ensino superior. Então eu fui a primeira neta a formar na faculdade. Então, assim, era para mim uma coisa muito importante, sabe. Eu falei, não, eu preciso quebrar essa barreira na minha família”.

Faz-se necessário pontuar que os traumas e histórias vividas pelas pessoas não determinam seu destino. De acordo com Collin *et al* (2012), há pessoas que sentem-se arrasadas diante de uma tragédia, incapazes de reunir forças para lidar com o ocorrido, perdendo toda esperança e vontade de seguir em frente. Contudo, existe a possibilidade de que as pessoas consigam não só lidar com os altos e baixos naturais da vida, mas também com as perdas e traumas devastadores. A elaboração de circunstâncias dolorosas se dá pela capacidade humana de resiliência psicológica⁴³ (FIGURA 9).

Figura 9 – Resiliência psicológica



Fonte: COLLIN *et al*, 2012, p. 152.

O psicanalista Boris Cyrulnik dedicou sua carreira ao estudo da resiliência psicológica, descobrindo que a resiliência não é uma característica inerente à pessoa,

⁴³ É necessário pontuar a importância de que histórias de resiliência não sejam usadas (ou encaradas, dentro desta tese, “como um meio”) para a difusão de discurso meritocrático. Este (o viés meritocrático) não é, em hipótese alguma, o ponto de vista que norteia este estudo.

e sim, algo que pode ser construído. A resiliência é construída por meio do estabelecimento de relações com as pessoas e situações, palavras e sentimentos que emergem. O cérebro humano é maleável, sendo capaz de se recuperar plenamente de um trauma (COLLIN *et al*, 2012).

Diante dessa conjectura, além de tomar consciência das adversidades enfrentadas pelos leitores no decorrer de suas trajetórias de vida, julgou-se pertinente compreender o momento atual de cada um dos colaboradores da pesquisa. Assim, os entrevistados foram convidados a imaginar suas próprias vidas como se fossem plantações, posteriormente, sendo indagados sobre qual etapa do plantio corresponderia ao seu momento atual (PAULA, 2012). A proposta remete à associação entre os ciclos de uma planta e os ciclos da vida individual e espera que, dessa forma, seja oferecida aos colaboradores uma oportunidade de se projetarem em uma imagem específica para, a partir dessa projeção⁴⁴, oferecerem uma melhor ilustração de sua perspectiva através do recurso do uso de metáforas. Os dados foram sistematizados no quadro 6.

⁴⁴ Projeção é, grosso modo, um mecanismo psicológico no qual um conteúdo do mundo interno dos indivíduos ou grupos é identificado em objetos (seres, pessoas, situações, eventos, etc) externos sendo “levadas” ou tendo seus predicados “transferidos” para eles, ainda que isso não seja reconhecido pelo indivíduo que exercita o ato. Os motivos para a ocorrência de tal fenômeno são objeto de disputa e de discussão entre diversas perspectivas psicológicas e, embora relevantes, não vem ao encontro dos objetivos imediatos do uso lato do conceito nesta tese. Para mais detalhes sobre o uso do conceito no sentido stricto, consultar SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988.

Quadro 6 – Momentos de vida dos colaboradores da pesquisa

Fases da plantação	Falas dos colaboradores da pesquisa
Plantio	KAMBILI: Eu acho que eu estou na fase do plantar, da plantação ainda. Eu acho que ainda não cheguei a colher os frutos, mas eu tô na fase ainda da plantação. Tô alí tentando construir ainda. [...] Eu quero colher em breve, se Deus quiser.
Irrigação	PAIVA: Porque, para dizer a verdade, ainda tá um pouco no começo, porque eu demorei muito a amadurecer minha cabeça, acho que a bebida me atrapalhou a amadurecer um bocado. [...] Apesar do meu amadurecimento ainda tá em formação, mas eu já passei dessa fase de começar a querer plantar. Tô naquela fase de irrigação, de levar um pouco mais de literatura, de conhecimento para as pessoas.
Retirada de ervas daninhas	VIOLETT: Acho que no momento eu estaria retirando os matos apesar de ainda estar plantando muita coisa. Eu estou aprendendo muito, tirando muita coisa que eu achava que me fazia bem. Mas que com um olhar melhor, um olhar de fora, eu vi que são coisas que me fazem mal [...]. Então acho que eu estou arrancando as ervas daninhas, no momento. Para poder crescer mais e florescer. ANNIE: Ah, eu tô tirando minhas ervas daninhas todinhas. Ah, eu tenho muito mato, muita aresta para aparar. Então eu tô tirando essas ervas daninhas, no sentido de me desfazendo, me desconstruindo, me desfazendo de várias coisas [...]. Então acho que eu estou tirando as ervas daninhas, esses preconceitozinhos que a gente acaba criando durante a vida. E hoje eu tô percebendo que eu não preciso desses preconceitos, então eu tô limpando meu próprio terreno emocional, físico e espiritual.
Colheita	ELIZABETH: Porque eu acho que eu tô no momento da minha da minha vida que eu estou aproveitando mais, de tudo o que eu abdiquei da minha vida antes, pra tá no nível que eu estou. Porque, hoje, eu estou num estado mais confortável, de ter um emprego público, de horário estável trabalho, que não me sobrecarrega como antes, que antes eu não tinha. Então hoje eu posso ir, além de trabalhar, eu posso fazer outras coisas da minha vida, porque eu tenho um tempo. Então estou conseguindo colher o que eu fiz lá atrás para ter esse tempo.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Compreende-se, por meio das falas dos entrevistados, a autoanálise que eles realizaram sobre sua vida atual. Em vista das situações adversas vivenciadas, é possível averiguar como se situa o processo de enfrentamento dessas experiências por meio das etapas da plantação elencadas pelos colaboradores da pesquisa.

A fase do plantio corresponde a sementeira. Para Cirlot (2005), a semente é símbolo da força incubada, trazendo uma esperança intrínseca que, mesmo oculta, emana crescimento. A semente também é sinal de fertilidade e fecundação. Kambili relaciona sua vida atual à fase do plantio, ao dizer “tô alí tentando construir ainda”, ela reafirma sua postura de empenhar-se na constituição de um futuro melhor.

A irrigação é uma fase posterior ao plantio das sementes, garantindo a água como elemento essencial para o crescimento das plantas. Nesse sentido, Paiva considera que vivencia uma etapa de irrigação. Apesar de analisar que o alcoolismo

retardou seu amadurecimento pessoal, ele afirma já ter passado da fase da sementeira. O leitor compara a etapa de irrigação com seu papel “de levar um pouco mais de literatura, de conhecimento para as pessoas”. Paiva faz assim uma metáfora, comparando a ação de irrigar, distribuir a água para as plantas, com a disseminação da literatura. O elemento essencial água é equiparado à literatura, na visão dele, fundamental para a sociedade.

Por sua vez, as ervas daninhas são plantas indesejadas, que nascem espontaneamente em meio à plantação. São consideradas plantas invasoras, que influenciam negativamente na agricultura. Viollet, vítima de traumas do passado, e Annie, que enfrenta doenças crônicas, enxergaram na metáfora da retirada de ervas daninhas, uma maneira de expressar suas respectivas remodelagens enquanto sujeitos. Quando Viollet afirma “eu estou aprendendo muito, tirando muita coisa que eu achava que me fazia bem” e Annie diz “no sentido de me desfazendo, me desconstruindo, me desfazendo de várias coisas”, elas convergem em uma postura de consolidação de uma identidade livre de aspectos e interferências consideradas negativas.

Por fim, para Chevalier e Gheerbrant (2009), a colheita possui um significado bíblico muito destacado no simbolismo da sociedade atual. Dentro da perspectiva cristã que contaminou os sentidos atribuídos ao ato da recolha de alimentos, o homem vive, semeia e frutifica, como é a vontade de Deus, pois aquele que semeia com lágrimas, colhe com alegria. Colhe-se o que se planta, encerrando o trabalho proposto. As ações humanas atingem a maturidade quando são colhidas e contabilizadas no juízo final (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009). Nesse sentido, a metáfora condiz com a experiência de Elizabeth, que tendo superado o sentimento de abandono da infância, sente-se colhendo os frutos de sua luta árdua em busca de sua formação e de melhores condições de vida.

4.3 A PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA NO COTIDIANO

Para além da quantidade de livros lidos por semana ou por mês, procurou-se compreender como a leitura está inserida na rotina dos leitores. Para os colaboradores da pesquisa, a leitura literária é tida como parte do seu dia-a-dia. Nas falas abaixo os leitores denotam ter incorporado essa atividade em seu cotidiano:

ELIZABETH: Uma paixão, próxima demais (risos). A literatura, ela tá no meu dia a dia, acho que quase 24 horas por dia. O momento que eu tenho disponível para ler, eu leio. [...] Então é uma coisa que tá no meu dia a dia, não só no trabalho, mas minha, minha mesmo, por prazer.

KAMBILI: [...] eu não deixo de ler nem um dia. Eu peguei, assim, como hábito mesmo, de ler pelo menos 15 páginas, pelo menos aquele pouquinho. Não é como uma obrigação, mas pra gente não perder o pique, sabe. Porque, às vezes, dá aquela preguicinha de ler. Às vezes tá mais confortável ficar na internet, aí eu acabo dosando isso daí. Eu gosto muito, muito mesmo de ler.

VIOLET: Qualquer hora... em fila de banco, já li tomando banho (risos). [...] Eu li tomando banho, eu li comendo...

A leitura também preenche os momentos de espera, de forma que houve relatos de leitura na fila do ônibus e até mesmo durante o trajeto. De acordo com Petit (2013), os leitores criam espaços de intimidade, mesmo quando essa não é possível fisicamente. Segundo a autora, os leitores leem “nas margens da vida, nos limites do mundo e não deixam de nos surpreender” (PETIT, 2013, p. 29).

PAIVA: Eu costumo ler muito na fila do ônibus, esperando o ônibus. Eu gosto de ler muito na rua. Eu costumo carregar sempre um livro. Se eu for ao banco, alguma lotérica, ficar mexendo no livro, para eu não ficar entediado. [...] E de manhã, um pouquinho antes de esperar o ônibus, que é quase quarenta minutos esperando o ônibus.

ELIZABETH: Olha, eu, pelo menos, como eu vou de ônibus para o trabalho, eu leio no ônibus quando eu vou para o trabalho. Eu leio no meu intervalo do almoço do trabalho, porque quando eu tô no trabalho eu não vou para casa né, eu fico a minha uma hora lá. Eu pego o meu trabalho direto, eu tiro uma hora de almoço e também fico lá na Instituição. Então eu almoço, acho que não dá nem 15 minutos. Aí fico lendo até dar o horário de retorno. Eu saio do trabalho, vou de ônibus, continuo lendo no ônibus. E chega em casa, depois que eu fazer minhas coisas, não tem mais nada que eu posso fazer, eu vou pra leitura.

À exceção dos leitores com rotinas atribuladas, Annie, na condição de aposentada, considera que lê muito porque tem muito tempo ocioso. De acordo com Castrillón (2011), no senso comum, acostumou-se com um discurso amplamente disseminado que associa a leitura como um luxo associado ao ócio e ao tempo livre. Contudo, a autora ressalta que a leitura não é um lazer passivo, sendo uma ação de profundo sentido e valor. Apesar da fala relacionada ao ócio, Annie demonstra ter uma boa relação com a leitura, considerando-a como algo natural em sua vida.

ANNIE: [...] É muito natural, não me sinto obrigada a ler, sabe. Eu tento tirar esse peso de eu tenho que ler senão vou perder a meta... não me importo com isso [...]. Eu acho que não compensa, porque a leitura, ela tem que ser mais orgânica do que uma obrigação.

Como era previsto, a leitura literária para os sujeitos entrevistados é, pois, prática diária, atrelada aos seus fazeres cotidianos. A leitura é compreendida como ação não obrigatória, realizada por prazer e por escolha pessoal. A atividade da leitura é realizada de modo natural, nas brechas da rotina, no tempo encontrado entre os

afazeres. Os momentos de leitura são, portanto, as pequenas pausas, alguns respiros para pegar o fôlego necessário e dar seguimento ao dia.

4.4 PRINCIPAIS MEDIADORES DE LEITURA

Os relatos dos leitores vão ao encontro de teorias que afirmam que o simples acesso aos livros não forma leitores, sendo a mediação de leitura uma ação fundamental para que a leitura se torne uma prática efetiva na vida do sujeito. Evidencia-se, assim, o fato de que os colaboradores da pesquisa não se tornaram leitores de forma arbitrária, mas tiveram uma história de vida pessoal permeada de elementos influenciadores em determinado contexto que, juntamente às suas preferências individuais, culminaram na prática da leitura assídua.

O papel do mediador de leitura, quando põe e abre livros diante de uma pessoa, é descrito por Lajolo (2019) no trecho abaixo:

Eu lhe entrego fiapos de saber e ficções para que você seja capaz de simbolizar a ausência e enfrentar, tanto quanto possível, as grandes questões humanas, os mistérios da vida e da morte, da diferença entre os sexos, o medo do abandono, do desconhecido, o amor, a rivalidade. Para que escreva sua própria história entre as linhas lidas. [...] Eu lhe apresento os livros, porque uma imensa parte daquilo que os humanos descobriram está encerrada neles. Você poderá consultá-los para dar sentido à vida, saber o que outras pessoas pensaram sobre as perguntas que você faz, você não está sozinha para enfrentá-las. [...] só a literatura lhe dará acesso àquilo que eles viveram, imaginaram e temeram, mesmo que tenham vivido séculos, mesmo que vivam em outras latitudes (LAJOLO, 2019, p. 22).

A pesquisa *Retratos da Leitura do Brasil 5* (FAILLA, 2020) investigou pessoas que influenciaram os leitores em relação ao gosto pela leitura literária. Nos resultados, os mediadores de leitura mais citados foram: os professores (52%), mãe ou responsável do sexo feminino (32%), algum outro parente (28%), influenciador digital (25%), pai ou responsável do sexo masculino (20%), líder religioso (20%), bibliotecário ou atendente da biblioteca (16%), companheiro (16%).

Na referida pesquisa, o professor surge como o principal influenciador no gosto pela leitura. Destaca-se também a preponderância da figura da mãe, principalmente se comparada à figura do pai ou de outros parentes. De acordo com Petit (2009b), o iniciador aos livros é aquele que pode auxiliar a legitimar o desejo de ler, ajudando a transpor os umbrais nos diferentes momentos do percurso, de forma não invasiva.

A mediação de leitura ocorrida no contexto escolar, por meio de professores que incentivaram à prática da leitura, foi identificada no depoimento de alguns dos colaboradores da pesquisa (QUADRO 7). Os professores podem atuar como grandes

mediadores de leitura, que conseguem transmitir aos seus alunos a paixão de ler. O que se cobra do professor é um trabalho quase impossível, apropriar-se do livro como instrumento para ensino da linguagem e, ao mesmo tempo, iniciar o aluno no gosto pela leitura (PETIT, 2009b).

Quadro 7– O(a) professor(a) como mediador(a) de leitura

Recortes de falas

ANNIE: Aí uma professora falou assim ‘olha, isso deve ser porque você não lê muito’. Aí eu falei ‘eu já li muito, mas eu enjoei’. Aí ela falou ‘você deveria voltar a ler porque isso vai te estimular a localização’ e tal. Aí ela me deu um romance de banca, desses Júlia, Sabrina, assim... Ela me emprestou um, ela falou ‘lê esse aqui e se você gostar vai adiante’. E aí eu gostei desse romance de banca, eu lia dois romances de banca por dia. Eu era muito apaixonada por esses romances.

VIOLLET: Minhas professoras sempre incentivaram. Mas, tem uma que eu lembro muito, foi minha professora da terceira e quarta série. Tanto que foi com ela que eu escrevi minha primeira história, que ganhou um prêmio na escola. Esse foi meu primeiro texto e ele ganhou um prêmio na escola, foi lido para a diretora, foi lido na hora do intervalo para a escola inteira.

PAIVA: Pra ser mais exato, professores né. Tem sempre um professor que incentiva, mesmo que você não queira ceder... Porque a gente adolescente é besta, ‘não, não vou ler não, não vou fazer o que o professor quer’. Mas sim, professores. [...] Eu posso fazer referência de professores, professora de história, professor de inglês. Algumas coisas assim que eles sempre me motivaram de alguma forma a ser como eles, inteligentes. E a gente começa a se espelhar quando as pessoas são inteligentes né.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O incentivo da família pode ser percebido com maior ênfase no discurso de algumas leitoras, que foram incentivadas à leitura desde crianças. A relação com a leitura é, segundo Petit (2009b), em grande parte, uma história de família. Para que a criança se torne, mais tarde, um leitor, é fundamental a familiaridade precoce com os livros, a sua presença física na casa, sua manipulação, como também é importante o fato de que ela veja adultos lendo. Yunes (1995) complementa esse argumento, ao considerar que o processo de iniciação à leitura é envolvido por uma relação afetiva, que imprime contornos duradouros à experiência de ler.

Em muitas famílias, de diferentes meios sociais, os pais dispõem de recursos intelectuais – incluindo-se aqueles adquiridos fora da educação formal – de modo que possuem a capacidade de contar aos filhos sua história e a de seus antepassados, inventar narrativas para introduzi-los no mundo de forma poética e transmitir a paixão pela literatura (PETIT, 2019). Tal experiência pode ser confirmada pelos depoimentos de Elizabeth, Viollet e Kambili. As leitoras atribuíram a ação de mediar a leitura à mãe ou à figura materna (QUADRO 8).

Quadro 8 – Figura materna como mediadora de leitura

Recortes de falas

ELIZABETH: É uma coisa até engraçada porque a minha tia ela é professora, tipo de infanto, até quinto ano, essas coisas. [...] antes de eu começar a estudar, ela já treinava a gente em casa. Porque antigamente só podia começar a escola, porque a gente não tinha condições, só podia começar a escola quem tinha sete anos para frente. Então ela já ensinava a gente em casa. Aí todo dia tinha atividade pra fazer, ela dava leitura. [...] Então ela lia todo dia pra mim o que eu tinha que ler à noite... Eu passava o dia treinando. Quando à noite, ela chegava do trabalho, eu tinha que ler pra ela. [...] Depois disso, eu acabei pegando gosto pela leitura. E realmente ler as histórias, ler as palavras. Então desde aí eu já comecei a ler.

VIOLLET: Minha mãe, desde sempre. Ela lia pra mim na barriga, quando ela estava grávida ela leu um romance, de onde tirou o meu nome. Eu não sei qual livro que é, todo mundo pergunta, porque ela não lembra qual é o livro. Mas meu nome foi tirado de um romance.

KAMBILI: E minha mãe, que é uma pessoa semianalfabeta, me alfabetizou, ela me ensinou a ler. [...] Mas na época ela comprava muito aquelas caixas com enciclopédia, umas caixas de livro, então ela sempre comprava. Então assim, às vezes, tava sem dinheiro, ela dava um jeito. Falava 'Eu vou fazer uma faxina e vou comprar esses livros'. [...] Mas foi a minha mãe, ela sempre foi muito assim. Uma coisa que ela sempre falou com a gente, era de uma forma, meio que hoje em dia a gente acha até graça. Ela falava assim 'Pobre só consegue as coisas se estudar, tem que ser inteligente. Você não fica preocupada em querer ficar bonita, isso vem depois, mas você tem estudar, você sabe disso'. Ela sempre falava assim, então foi o ponto sabe, que ficou na gente isso. [...] E... eu acho que a melhor coisa que a minha mãe poderia ter feito é apresentado esses livros mesmo, cedo, sabe. É a melhor coisa que ela... Eu falo com ela, ela chora até. Eu falo 'Você me apresentou a melhor coisa da minha vida, você me deu. A gente não tinha condições de ter coisas caras, coisas de primeira. Mas você me apresentou uma coisa que é maravilhosa, que é o que sempre me salva'.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No seio familiar de Annie, a figura paterna foi a principal responsável pela mediação de leitura (QUADRO 9). Halfon (2012) discorre sobre a paternidade e o incentivo à leitura, alegando que o pai que lê para o filho cria um círculo acolhedor, formado pelo adulto, o livro e a criança. Tal círculo é uma proteção e uma janela, proporcionando hospitalidade e acolhimento e, ao mesmo tempo, serenidade e disponibilidade para o mundo.

Quadro 9 – Figura paterna como mediadora de leitura

Recorte de fala

ANNIE: E meu pai sempre foi um incentivador da leitura para mim, ele sempre... Não cobrava, ele não impunha pra gente ler. Mas quando ele viu interesse, ele sempre incentivou. E eu sempre, como eu falei, eu sempre li desde novinha, pequenininha. E aí ele foi sempre incentivando [...].

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A análise das falas dos leitores presentes nos quadros 7, 8 e 9, esclarecem que a figura do professor, mais precisamente, da professora possui papel preponderante

na mediação de leitura, como também a figura materna (a mãe, a tia). Esses dados vão ao encontro das afirmações de Petit (2013), ao alegar que, dentre os iniciadores de livros, a maioria são mulheres. A autora constata que, em muitos lugares do mundo, as mulheres tem desempenhado um papel preponderante como agentes de desenvolvimento cultural junto às comunidades. O impacto dessa atuação é tão intenso que em locais onde as mulheres são mantidas à margem da escolarização, o escrito não circula com fluidez (PETIT, 2013)

Apesar de não estar previsto no roteiro da entrevista nenhuma pergunta a respeito do uso de bibliotecas, essas instituições apareceram, espontaneamente, no discurso dos entrevistados. Os leitores citaram as bibliotecas como forma de acesso à leitura, principalmente durante a infância e adolescência. A biblioteca escolar, de acordo com dados da pesquisa *Retratos da Leitura do Brasil 5* (FAILLA, 2020), é a terceira maior forma de acesso aos livros literários (18%), ficando atrás da compra (41%) e dos livros presenteados (25%). Os dados evidenciam que a biblioteca escolar é, portanto, a forma mais democrática de acesso à literatura, uma vez que independe do poder aquisitivo para compra ou recebimento de livros.

A biblioteca é, dessa forma, mais que apenas um local que possui um acervo composto por muitos livros, ela é uma possibilidade. A possibilidade da transformação de uma instituição alicerçada no nobre propósito de promover a prática da leitura literária, possibilitando o acesso e empréstimo de livros de forma gratuita para a comunidade em geral em um espaço transformacional para pessoas e, até, sociedades (SÁ; PAULA, 2020, p. 274).

A maioria dos leitores citou o uso da biblioteca escolar durante a infância. Annie, Viollet, Kambili e Paiva alegaram frequentar as bibliotecas das escolas nas quais estavam matriculados. Nos quatro casos, as bibliotecas eram de escolas estaduais. Alguns leitores descreveram os espaços:

VIOLLET: Porque eu, toda semana, pegava livros na biblioteca. [...] Quando eu era pequena eu achava a biblioteca boa (risos). Hoje eu já não sei se eu acharia que era boa. Mas na adolescência, na última escola que eu estudei, a biblioteca tinha muita variedade.

PAIVA: Olha, não era bem equipada [a biblioteca], mas também não era ruim. O [nome do colégio] foi um dos melhores colégios que eu estudei até hoje. Não sei como é que ele tá hoje. Depois disso ele ficou muito deteriorado, o tráfico tomou conta. Alguns amigos meus até morreram depois disso. Eu não sei como ficou, mas eu sempre gostei muito. Não era uma coisa... Ela era bem arrumadinha. Os livros tavam bem organizados, bem catalogados. Era uma biblioteca pequena. Não eram estantes altas, eram estantes bem baixinhas, da altura de onde que eu tô aqui agora. Bem limpa... Eu lembro que tinha um balcão de cera queimada e tijolinho embaixo. Era uma biblioteca assim.

Houve também descrições de bibliotecas escolares precárias e deterioradas:

KAMBIL: E na época a gente morava numa cidade muito pobre, era uma situação muito assim difícil mesmo e a gente não tinha dinheiro para comprar livros, a gente usava muito a biblioteca da escola. Eu tinha a fichinha, minha irmã tinha e a biblioteca era nosso mundo assim. [...] Nossa precaríssima. Nossa... Muito precária. Por que era uma escola, é até hoje uma escola muito precária. Eu acho que eles até reduziram o tamanho [...] já era pequena, eles reduziram o tamanho mais ainda. Eu fiquei tão triste, fizeram uma salinha, um corredorzinho assim com poucas estantes sabe.

PAIVA: No [nome do colégio] lá no [bairro] era mais deteriorado, tinham bons livros, mas era mais deteriorada [a biblioteca].

Além da biblioteca escolar, outra instituição que também foi apontada durante uma das entrevistas foi a biblioteca pública. De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura do Brasil*, a biblioteca pública representa 7% da forma de acesso aos livros literários (FAILLA, 2020). Para Elizabeth, a biblioteca pública foi a principal forma de acesso aos livros durante a adolescência:

ELIZABETH: Depois dos 15 mais ou menos que eu fui começar a ter contato com outros tipos de leitura, ter um acesso maior e começar a fazer ensino médio, pegar livro na biblioteca pública, toda essa questão.

É perceptível, nos relatos dos leitores, a biblioteca vista sempre pela dimensão do acesso aos livros e à leitura. Apesar da importância da democratização do acesso à leitura literária, sem de forma alguma menosprezar essa questão, faz-se necessário pontuar também a limitação das bibliotecas citadas pelos colaboradores da pesquisa.

As bibliotecas assinaladas não superaram a dimensão do acesso, de forma que não realizaram atividades de incentivo e mediação de leitura para os leitores em questão. Segundo Sá e Paula (2020) o acesso à leitura é essencial para que seja cumprida a missão da biblioteca, envolvendo a organização, tratamento técnico e disponibilização do acervo. Entretanto, duas outras dimensões também devem ser levadas em conta: o incentivo e a mediação de leitura. O incentivo à leitura compreende “ações de sensibilização do público visando à prática da leitura literária” (SÁ; PAULA, 2020, p. 284), podendo ser exemplificadas como exposições temáticas, feiras de trocas de livros, visitas guiadas, contação de histórias, convite a autores, dentre outras ações. Já a mediação de leitura trata-se do

efetivo acompanhamento do leitor em sua prática de leitura, processo que envolve uma relação de afetividade que possibilita a formação do leitor, a transposição de barreiras e a criação de sentidos por meio da leitura (SÁ; PAULA, 2020, p. 284).

A figura do bibliotecário emergiu somente no discurso de Paiva, que trouxe à tona o estereótipo da profissional carrancuda que preza pelo silêncio, nas palavras dele “a mulher, a bibliotecária, no começo ela não gostava muito que eu ficasse lá não. Depois ela viu que eu não tava fazendo nada, que eu não incomodava, só ficava lendo,

só ficava sentado e lendo, não fazia barulho nada, não incomodava... Mas não teve ninguém que me incentivava”.

É de fundamental importância que tal estereótipo seja desconstruído pela classe bibliotecária, por meio do efetivo trabalho com o letramento literário, com o devido estímulo à prática da leitura.

Como um contraponto à bibliotecária descrita por Paiva, Roubakine (1998) descreve o bibliotecário como um profissional atento ao leitor, capaz de perceber seus gestos, sorrisos, expressões, seu piscar de olhos durante a leitura:

Um bibliotecário que não observa as fisionomias dos leitores não pode estar à altura da sua tarefa, a menos que procure ser apenas uma máquina de entrega de livros. O nosso longo trabalho de biblioteca permitiu-nos apreciar praticamente o valor de um conhecimento de fisionomia científica elementar e a sua enorme utilidade para o bibliotecário na seleção e recomendação de livros ao leitor (ROUBAKINE, 1998, p. 238, tradução nossa).

Dentro dessa ótica, é importante que o leitor receba e perceba o acolhimento oferecido por parte do bibliotecário e que a biblioteca seja compreendida como meio para o aprendizado e conhecimento, mas também como espaço de lazer e reflexão (SÁ; PAULA, 2020).

4.5 PREFERÊNCIAS LITERÁRIAS

Petit (2013) lança alguns questionamentos relacionados aos gêneros literários: O que os leitores buscam? Quais textos ajudam o leitor a viver em tempos difíceis? As respostas para tais questões são complexas, pois “os leitores tem razões que escapam às dos pesquisadores, dos críticos e dos mediadores” (PETIT, 2013, p. 175).

As diferenças entre os leitores – idade, sexo, geração, a história pessoal de cada um, contextos sociais e culturais – refletem-se na busca por distintas obras literárias como forma de superação de situações de crise. Frente às adversidades, alguns se voltam para os clássicos ou para a literatura que lhes é contemporânea, outros para os contos ou também para os poemas, para um romance ou para a literatura juvenil; do lado dos leitores, a regra é o ecletismo (PETIT, 2013). Em consonância com esse pensamento, Britto (2015) afirma que o leitor lê, pelas mais variadas razões, diferentes tipos de texto, em situações e suportes diferentes, conforme as suas disponibilidades e necessidades. De acordo com o autor “[...] não faz sentido afirmar que uma pessoa torna-se melhor ou pior, mais ou menos crítica, por ser menos ou mais leitora, ou ser leitora disto ou daquilo (BRITTO, 2015, p. 130).”

À vista dessas considerações, constata-se que as preferências literárias refletem algumas características dos próprios leitores, não se tratando, portanto, de gostos aleatórios e esvaziados de sentido. É importante assinalar que todos os livros citados pelos leitores no decorrer das entrevistas estão listados, juntamente à sua sinopse, no Apêndice E.

Cada leitor experimenta situações diferentes ao se deparar com certos gêneros literários. Assim, as explicações que os colaboradores da pesquisa deram para suas predileções literárias (QUADRO 10) revelam pensamentos e sentimentos, que se relacionam fortemente com suas histórias de vidas e com suas personalidades.

Quadro 10 - Preferências literárias dos leitores

(continua)

Gêneros	Explicações dos leitores
Suspense e Terror	ANNIE: Eu acho que eu sempre fui assim, eu sempre gostei do inesperado, sabe. Eu fui uma menina que eu tinha a cabeça raspada. Raspada mesmo, zero. Zero não, dois, três, assim na máquina. E... era a surpresa. Todo mundo achava que era um menino, e, na real, era uma menina. Eu sempre gostei disso, sabe. Eu sempre gostei. Todas as meninas da sala jogavam vôlei e eu ia pro futebol, eu ia pra biblioteca, eu ia pro basquete. Sempre gostei de ser diferente. E eu percebia que nos livros de suspense e terror era sempre muito inesperado, então acho que foi por isso [...] eu falei cara, é disso que eu gosto, sabe. Assim, é isso, é desse jeito que eu gosto. E aí foi moldando meu gosto literário por causa disso.
Romance romântico	ELIZABETH: Acho que é muita questão da gente ver... o clichêzinho né. Porque são livros, geralmente, romances contemporâneos e até os antigos é muito pra se divertir, pra distrair a cabeça. Porque são coisas que a gente sabe que é um conto de fadas. Não é uma coisa que vai acontecer na realidade, e, se acontecer, é muito raro. Então tipo que é mais pra se distrair, é um filme de sessão da tarde, pra gente rir, se divertir com os personagens, só. VIOLLET: Eu gosto de romance fofos, de clichê, de nerd... A gordinha... A Patricinha que leva aquele tombo e aprende as coisas da vida. [...] Ah, eu, apesar de não parecer, eu sou uma pessoa romântica. Acho que é porque a história de vida da minha mãe e do meu pai, eles são amor à primeira vista. [...] Então eu gosto desses clichês que a gente pensa que só tem em livros, daí eu vejo o caso do meu pai e da minha mãe. Outros casos de amigos que eu conheço, que você fala não, isso aconteceu! (risos). Eu acho que eu gosto porque eu gosto demais de imaginar isso na vida real e, às vezes, eu conheço histórias assim.
Drama	KAMBILI: Geralmente, assim, eu leio a história do drama, e eu sinto muita empatia pelas pessoas. Eu acho que me faz ter uma reflexão muito maior sobre o mundo, sobre as pessoas, sobre o quanto que o mundo é grande. E o quanto que todo mundo passa por uma situação pesada e tenta superar, tenta ser resiliente, apesar de tudo.
Poesia	VIOLLET: Na poesia, o sentimento. O sentimento que a gente consegue passar através da poesia. O autor quando ele escreve, ele consegue passar os sentimentos pro leitor de uma forma tão profunda que isso mexe muito comigo.

Quadro 10 - Preferências literárias dos leitores (conclusão)

Romance político	PAIVA: Eu sempre fui muito fissurado com política, literatura política, aliás e outras coisa de cultura. Então sempre fui de ler. [...] eu posso falar que a minha formação social e mental aí tem a ver com <i>Meninos Sem Pátria</i> ⁴⁵ e Marcelo Rubens Paiva. [...] Eu acho que a leitura é um dos melhores meios de propagar e de melhorar a educação e o que a gente tenha de melhor para a população. Uma população sem educação, sem momento de ler, ela fica muito refém de grupos, de mentes que podem possuir de alguma forma. Eu acho que a leitura, ela te abre caminhos, sabe.
-------------------------	---

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A preferência de Annie pelo suspense e pelo terror não se dá por acaso. Em sua fala, ela relatou uma atração pelo desconhecido, o gosto pela surpresa, afirmando que gosta de sentir medo. Conforme Corso e Corso (2006, p. 17), "o medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção; grande parte dele provém das mesmas fontes do mistério e do sagrado [...]". O medo seria, pois, um sentimento vital, que protege o sujeito dos riscos de morte, auxiliando também no desenvolvimento da curiosidade, como também da disposição à coragem, que superam a simples função de defesa da sobrevivência, propiciando a expansão das pulsões de vida. "O medo pode ser provocado pela percepção da nossa insignificância diante do Universo, da fugacidade da vida, das vastas zonas sombrias do desconhecido" (CORSO; CORSO, 2016, p. 17).

Diante disso, torna-se possível relacionar o gosto de Annie por livros de terror e suspense com a pulsão de vida, a necessidade de ser surpreendida, o encontro com o desconhecido e com a fantasia. Além disso, o suspense, sobretudo o terror, possuem um outro aspecto, desconstroem a ideia de vida imposta socialmente, desmantelando noções de cotidiano e realidade. Assim, narrativas que derrubam trajetórias lineares e abordam vivências de realidades enviesadas podem, simbolicamente, provocar em Annie uma identificação com sua história pessoal.

Narrativas românticas clichês foram apontadas como as preferidas de duas leitoras entrevistadas. Elizabeth associa o romance romântico à fuga da realidade, à distração e entretenimento. Zéraffa (1971 *apud* DUMONT, 2000, p. 169), considera que não importa saber para onde o leitor está evadindo, mas certamente é para a liberdade. "[...], o romance organiza, harmoniza, ressocializa, realiza o desejo, o prazer e, sobretudo, a imaginação." Ao contrário de Elizabeth, Viollet aprecia os romances porque acredita que eles trazem esperanças de que o amor dos livros possa

⁴⁵ PUNTEL, Luiz. **Meninos Sem Pátria**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

acontecer na vida real. De acordo com Dumont (2000), um efeito atribuído a leitura de romances de massa é o mecanismo de consolação, que usam artifícios como a previsibilidade, caracterizada pelo final feliz.

A predileção pelo drama é relatada por Kambili que, ao acompanhar as trajetórias dos personagens perante situações extremas, sente-se resiliente e empática, sentimentos que auxiliam-na a vivenciar suas próprias crises. Nesse sentido, Zilberman (2001) considera que a leitura permite a vivência da alteridade, de forma que o leitor pode ocupar-se dos pensamentos de outro, substituindo momentaneamente sua própria subjetividade por outra, permitindo que ele se preocupe com algo que até então desconhecia. Assim, o leitor experiencia a alteridade como se fosse ele mesmo. De acordo com Dumont (2000a), a leitura pode proporcionar ao leitor uma comoção identificatória. Ao possuir uma cumplicidade com o leitor, o texto traz à luz múltiplas referências arquivadas em seu repertório textual, permitindo a reflexão, o discernimento e a decisão.

Já a poesia representa para Viollet o transbordamento dos sentimentos. Conforme Petit (2009b), a leitura abre caminho para a interioridade, possibilitando transitar pelos territórios da afetividade, das emoções e da sensibilidade. A poesia, em particular, relaciona-se com a intensidade, a condensação de elementos e a tensão anterior (PETIT, 2009a) “A poesia é antes um ritmo, um ritmo que sustenta, que protege do vazio, que impede a vertigem, pois quando nós nos abandonamos ao ritmo, ele nos acolhe” (ROBLEDO, 2007 *apud* PETIT, 2009a, p. 63)

Por fim, o romance político apontado por Paiva, relaciona-se ao engajamento social e político do próprio leitor, que atribui a esse tipo de literatura sua formação mental e social. O relato de Paiva descreve um processo formativo decorrente da leitura literária, caracterizado pela necessidade de pensar de forma independente, de construção da própria identidade e da busca da literatura para obter “informações, assuntos de conversa, algumas vezes ideias que apurem o senso crítico [...]” (PETIT, 2009a, p. 183).

Não há, pois, regras, receitas e obras específicas que possibilitam o encontro dos leitores com palavras e metáforas que possam lhes oferecer eficácia simbólica. O que traz felicidade a um, poderá entediar ou angustiar o outro. De acordo com Petit (2009a), a sede de simbolização dos leitores é tão intensa que eles são capazes de tirar proveito do que têm à disposição.

5 APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DA LEITURA

“Eu tenho três coisas de extrema necessidade, que é um casaco, um guarda-chuva e o livro. Porque eu não posso pegar nem frio, nem chuva e nem solidão” (Annie).

O presente capítulo discorre sobre os resultados da pesquisa acerca da instância do significado da prática da leitura para os leitores entrevistados, cuja análise das falas conscientes e dos aspectos inconscientes revelou múltiplas apropriações simbólicas da leitura literária. Aborda-se, inicialmente, a dimensão consciente, expondo-se os dados coletados no decorrer do relato de cada um dos entrevistados. Na sequência, explora-se a dimensão do inconsciente, discutindo-se, em profundidade atribuições simbólicas associadas à ação da leitura de obras literárias.

Tendo em vista a trajetória de vida dos colaboradores da pesquisa e a incorporação da prática da leitura em seu cotidiano, torna-se evidente que o ato de ler significa para esses sujeitos mais do que uma mera operação mecânica para o conhecimento de uma história fictícia. Nesse sentido, questionou-se quais seriam os sentidos atribuídos pelos entrevistados à prática da leitura. Afinal, para quem serve a leitura na vida desses sujeitos?

Os leitores foram, inicialmente, abordados de forma direta a respeito de qual seria o papel da leitura em suas vidas. No discurso direto dos leitores, obteve-se as respostas apresentadas no quadro 11.

Quadro 11 – O papel da leitura na vida dos sujeitos (continua)

Annie
Eu acho que o principal é essa... Não deixar eu me perder, sabe. Eu acho que é essa a função principal. Não deixar que eu me perca de quem eu sou.
Elizabeth
O papel? Eu acho que ela é o que me faz ter mais forças para trabalhar. Porque até o que... Eu sou bibliotecária, mas a área que eu mais gosto é essa questão da leitura, da facilidade que a gente tem de absorver história, de conhecer outro mundo e também de incentivar outras pessoas a conhecerem.
Viollet
É alimento, é combustível... É o que me faz ficar estabilizada. A leitura me ajuda muito com a parte emocional.

Quadro 11 – O papel da leitura na vida dos sujeitos (conclusão)

Kambili

De fuga, de bote salva-vidas mesmo. A leitura, ela me salva o tempo todo. Eu paro, às vezes, para pensar. Eu não sei o que eu faria sem... Se eu, eu penso assim, se eu perdesse a visão, eu ia aprender a ler em braile. Eu ia arrumar um jeito pra eu ter essas histórias na minha mente, sabe. É uma relação mesmo de... Eu acho que eu sou até um pouco viciada quando eu começo a falar de leitura, de literatura, eu falo aí eu vou indo, falando e falando... Não tem limite (risos).

Paiva

Salvação. A literatura me salvou. Me salvou das drogas, me salvou da depressão, me salvou do cigarro. Ela simplesmente salvou a minha vida. É claro que eu vou dar crédito a Jesus Cristo em primeiro lugar, fiz muita oração. Mas se eu não tivesse essa literatura também, eu acho eu não estaria aqui hoje não. É só eu pra entender, não adianta. As pessoas vão tentar entender... É mais profundo pra mim, entendeu. [...] Mas eu tenho um envolvimento com a leitura há 40 anos praticamente, desde quando eu comecei a ler. E ela sempre, em algum momento, me deu uma solução. Mesmo quando eu não percebia que era uma solução, ela me dava uma solução. Então nesses 15 anos pra cá, que eu larguei tudo e tenho uma vida totalmente diferente, ela me salvou completamente.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A análise das respostas dos entrevistados, a respeito do papel da leitura em suas vidas, já revela a constatação dos próprios leitores de que a prática trata-se de algo com profundo valor e significado. Como observado nos discursos, os colaboradores da pesquisa não apontam questões “úteis”, relacionadas à aquisição de conhecimento e ampliação do vocabulário, não descarta-se a ocorrência de tais ações, contudo, as afirmações dos entrevistados vão ao encontro do que foi definido por Petit (2009b) como leitura “inútil”. Nesse contexto, a leitura não serve para, não tem fins objetivos, mas sim, subjetivos. O ato de ler é, pois, o bote-salva vidas, a salvação da dor e do vício, a fuga, o alimento e o combustível, o estímulo para o trabalho, o encontro consigo mesmo. Percebeu-se que, até no discurso direto, os leitores fizeram uso de metáforas para representar o papel da leitura, o que indica uma relação profunda permeada de significações e símbolos.

A Abordagem Clínica da Informação propiciou, por meio da aplicação de perguntas com apelo ao simbólico e ao metafórico, a exploração de significados ocultos ou inconscientes, para além do relato objetivo presente na fala dos entrevistados. Por vezes, conforme apresentado no quadro 11, o discurso direto dos leitores não consegue captar a multiplicidade e a complexidade dos sentidos inconscientes atribuídos à prática da leitura. Contudo, os aspectos simbólicos e as metáforas permitiram extrair dos leitores significados diversos que os mesmos atribuem à prática da leitura, que foram alcançados por uma via indireta, simbólica.

Tais símbolos representam os significados ocultos que a leitura possui para os sujeitos, ou seja, os sentidos atribuídos a essa prática no decorrer das vivências de cada um.

5.1 IMAGENS DA LEITURA LITERÁRIA

A primeira das perguntas, previstas no roteiro da entrevista, que continha um aspecto metafórico, interrogou os leitores a respeito de uma imagem, diferente do livro, que pudesse representar a leitura literária. O quadro 12, abaixo, explicita as imagens escolhidas pelos leitores para representar a leitura literária e suas respectivas justificativas.

Quadro 12 – Imagens que representam a leitura literária

Leitor(a)	Imagem	Por quê?
Annie	Avião em plano de voo	“Porque é o que o livro representa para mim, sabe. Pra mim o livro é uma viagem... E como ele é muito rápido... Poderia ser um ônibus, por exemplo, poderia. Mas a leitura, ela... Como ela tem essa rapidez de mudar... o tempo, o momento daquele personagem. [...] Então não poderia ser um ônibus, porque um ônibus é mais lento. Então precisa ser um avião. É aí está em plano de voo porque a gente nunca sabe o que... a capa e o título não vão te dizer qual é a história, qual é o plano”.
Elizabeth	Pássaro voando	“Escolheria porque para mim, um pássaro, ele tipo ele tem liberdade para ir aonde ele quiser. E a leitura é isso. Ela te dá liberdade de você ir para onde você quiser, sem sair do lugar”.
Viollet	A palavra “paz”	“É, porque mesmo quando a leitura é de um turbilhão... Eu... Paz... É outra palavra que define”.
Kambili	Balança	“Eu penso que assim que a leitura, ela tem essa parte de você ler e ela te levar para esse lado, e aquele lado oposto também. Eu penso assim, a leitura, pra mim, pode ser de uma forma, você vai ver ela de outra. É basicamente uma moeda de dois lados mesmo [...]. Porque eu penso assim que às vezes eu leio um livro e eu acho o livro muito ruim, só que a outra pessoa vai ter outra experiência com esse livro. Então não tem o certo e o errado sobre aquele livro... Eu acho que não tem ‘ah essa leitura não presta de forma alguma’. [...] ela [a leitura] tá bem ali equilibrada mesmo, pode ter sido um livro maravilhoso pra mim, pra outra pessoa nem tanto, mas tá sempre ali no equilíbrio.”
Paiva	Gente	“Eu penso...Eu gosto muito de gente. Gente... Não gente rica e gente pobre. Gente. Pessoas. Ser humano. [...] Eu gosto de gente, eu gosto de povo, eu gosto de ouvi-los [...]. A literatura pra mim é importante, mas eu não consigo ler literatura se eu não conseguir conversar também com as pessoas, ver pessoas. Abraçar, beijar, conversar [...]. Isso aí, eu penso em gente, pessoas. Os personagens pra mim são pessoas.”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A respeito dos símbolos escolhidos para representar a leitura, pode-se notar que tanto o avião quanto o pássaro estão voando, o que sugere um deslocamento, a mudança de lugar, a viagem, a evasão. Essas imagens evocam, ainda uma mudança

de lugar por meios mais rápidos que aqueles conseguidos por alguém que se mantém ligado ao chão, seja a pé ou em um veículo terrestre (como um ônibus, por exemplo). Dessa maneira, os símbolos escolhidos por Elizabeth e Annie possuem uma relação.

O símbolo do pássaro, escolhido por Elizabeth, relaciona-se à leveza, à liberação do peso terrestre, aos estados superiores do ser, à liberdade divina (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009). Em particular, o vôo do pássaro relaciona-se às relações entre o mundo celeste e o mundo terrestre, conforme apontam Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 688) “O pássaro, símbolo da alma, tem um papel de intermediário entre a terra e o céu”. Aparentemente, é nesse sentido que Elizabeth afirma que a leitura lhe dá liberdade e que ela pode ir onde quiser. A leitura seria, pois, esse pássaro que transita entre a terra e o céu, transportando a leitora do mundo real para o mundo imaginário.

Entretanto, a leveza do pássaro pode comportar um aspecto negativo. Os pássaros são leves, porém “[...] instáveis, esvoaçando de lá para cá, sem método e sem sequência; o que o budismo chamaria de *distração* ou, pior ainda, de *divertimento*” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 687, grifo dos autores). Tal significado relaciona-se também à concepção de leitura no ponto de vista de Elizabeth, tendo em vista seu perfil leitor e sua personalidade, ela concebeu, por muitas vezes no decorrer da entrevista, a leitura como a distração, o entretenimento (o que poderia ser tomado, numa análise apegada apenas ao sentido cultural ou “dicionarístico” dessas imagens às ideias de evasão ou de fuga à realidade). Na contramão dos autores supracitados, o aspecto da distração fugaz não é, aqui, concebido como negativo, uma vez que é esse devaneio o que propicia a Elizabeth um escape necessário da sua realidade momentânea (o que indica que a leitura é experimentada como consolação, alívio ante os rigores da vida). Isso chama a atenção para um elemento fundamental na análise das entrevistas de quaisquer depoentes:

[...] a importância de se observar criticamente o uso das estratégias de abordagem dos conteúdos simbólicos e afetivos (...) na interpretação das imagens suscitadas por meio das metáforas, para que sua interpretação não seja feita de forma dissociada da experiência individual do sujeito; e na análise feita dos símbolos evocados através das entrevistas e experimentos projetivos, para que essa interpretação não se configure, meramente, numa reprodução automática e acrítica de significados oriundos de dicionários e de outras fontes” (PAULA; ARAUJO, p. 229, no prelo).

Para Petit (2009a), o salto para fora da realidade não é tanto uma fuga, palavra que é dita frequentemente de maneira depreciativa, pois acredita-se que seria mais honrável se dedicar completamente à dor ou ao tédio. Essa fuga seria, na verdade,

uma verdadeira abertura para outro lugar, que possibilita o devaneio, o pensamento, a lembrança e a imaginação.

Por sua vez, a metáfora da leitura como um deslocamento foi simbolizada por Annie na imagem de um avião em plano de voo. O avião representa, simbolicamente, conforme Chevalier e Gheerbrant (2009), a levitação. Ao simbolismo do automóvel, o avião acrescenta algo a mais: o voo. O avião não é, portanto, cavalo, mas sim, Pégaso, representando uma das grandes aspirações do ser humano, que é lançar-se nos ares. A viagem de avião conduz a uma espécie de êxtase análogo a uma "pequena morte", que relaciona-se a um orgasmo total, em uma interpretação com conotação sexual e, ampliando esse contexto, a um gozo em sentido mais amplo: de fruição intensa que exacerba as experiências usuais. Além disso, estar dentro de um avião é um conteúdo simbólico revestido de algo muito individual, relacionado à personalidade solta na imensidão livre, da independência, da autonomia. "Ao mesmo tempo rápido, delicado em seu mecanismo e difícil de manejar, o avião faz lembrar justamente o comportamento na vida, que se assemelha a uma grande aventura iniciática" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 105).

É perceptível que a ideia de deslocamento aparece na fala de Annie quando ela afirma que a leitura é um avião, mas que poderia ser também um ônibus. Contudo, o ônibus não é tão rápido, o que alude ao aspecto da levitação (e, conseqüentemente, de uma forma diferente de movimentação pelo mundo físico e para além dele – pelo mundo das ideias, emoções e pensamentos – aéreo/etéreo em oposição à materialidade da terra sólida), anteriormente citado. Nesse sentido, a leitura representa para ela uma viagem rápida, cujo destino é surpreendente. Essa leitura, esse avião, simboliza para Annie o movimento que ela não pode realizar fisicamente, devido às suas síndromes, como também o movimento metafórico da independência, da autonomia e liberdade. O resultado disso é o êxtase, descrito por ela como uma surpresa, como o encontro com o inesperado. A viagem de avião proporcionada pela leitura alude à viagem da vida, à aventura de existir.

No caso de Viollet, a imagem escolhida foi a palavras "paz", na forma escrita. A paz, conforme Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 694) é o "[...] estado central, edênico⁴⁶, liberto de todas as agitações do mundo". Segundo os autores, a paz

⁴⁶ Do éden, paradisíaco. *In*: Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ed%C3%A9nico>. Acesso em: 28 jan. 2020.

também pode ser compreendida como o vazio, na visão mística cristã, ou a presença real de Deus, na tradição hebraica. A paz, conceito abstrato, foi capturada por Violet na imagem da palavra escrita. À vista disso, compreende-se que a palavra “paz” abarca, na visão da leitora, a completude do conceito, representando o estado mental propiciado pela ação de ler. Evocando também, a exemplo dos relatos anteriores, uma experiência de liberdade e/ou libertação.

No entanto, a paz possui também um sentido peculiar entre os hindus, uma vez que “a pacificação é a extinção da agitação, a extinção dos fogos passionais, é também a morte em sacrifício” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 694). Assim, o estado de paz relaciona-se com a morte. Segundo os autores, ao atingir o nirvana, a paz interior, Buda atingiu o repouso. Essa interpretação é possível de ser aplicada ao caso de Viollet, uma vez que ela diz “mesmo quando a leitura é de um turbilhão... Eu... Paz...”, o que sugere a dicotomia entre a conturbação e a quietude, a experiência do vazio, do nada. Tal estado mental articula-se com a morte, a ausência definitiva das atribulações. Infere-se, portanto, que a prática da leitura proporciona para Viollet a sensação pacificadora da morte. Experiência que, novamente, evoca a experienciação da libertação das dores da materialidade humana.

Por sua vez, o símbolo da balança, escolhido por Kambili, remete à justiça, à ordem, à igualdade e ao equilíbrio. No antigo Egito, Osíris pesava as almas dos mortos: em um prato da balança, o coração do morto; no outro, a pluma do avestruz, significando a justiça e a verdade. A balança aferia, assim, o peso dos atos, de maneira que o bem significa o que está em equilíbrio (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009). A balança é transferida pelo esoterismo islâmico para o plano da linguagem e da escrita, de modo que a *balança das letras* estabelece a relação “das coisas que a linguagem designa à sua natureza essencial (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 114, grifo dos autores). Tem-se ainda que

O equilíbrio simbolizado pela balança indica um retorno à unidade; à não manifestação, porque tudo aquilo que é manifestado está sujeito à dualidade e às oposições. O equilíbrio realizado pelos pratos fixados um diante do outro, portanto, significa uma posição para além dos conflitos, que pertencem ao tempo-espaço, à matéria. É a partir do centro da balança e da fixidez do ponteiro que as oposições podem ser encaradas como aspectos complementares (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 114).

Diante dessas considerações, a balança à qual alude Kambili que parece relacionar-se, em uma primeira leitura de seu depoimento, ao equilíbrio emocional promovido pela leitura, como também remeter à imparcialidade da leitura, evoca

também à existência de um centro que une e equilibra duas faces, duas possibilidades que podem pender para o centro ou não das atenções em função do contexto. O retorno à unidade, a dualidade e às posições como aspectos complementares são pontuados por Kambili nas suas falas seguintes (que evocam o simbolismo da moeda) “É basicamente uma moeda de dois lados mesmo” e “Então não tem o certo e o errado sobre aquele livro”. A leitura na visão da leitora, não é nem boa, nem má, quem decide isso é o sujeito leitor. Em paralelo à utilização óbvia e metafórica do simbolismo da moeda, Chevalier e Gheerbrant (2009) aludem às dimensões do valor associado a esse simbolismo e também à questão da verdade ou da falsidade desse objeto. Esse jogo de percepções parece se evidenciar no esforço que Kambili faz para equilibrar as suas avaliações em relação às obras (um “livro muito ruim”) e de outras pessoas (um livro bom), a partir do raciocínio de que “outra pessoa vai ter outra experiência com esse livro” e de que “não tem o certo e o errado sobre aquele livro”. Esse exercício parece fazer com que ela consiga lidar melhor com apreciações negativas segundo as quais existem de fato livros muito ruins (“essa leitura não presta de forma alguma”), evocando a ideia de que a verdade “tá sempre ali no equilíbrio”.

Já Paiva escolhe representar o ato da leitura com a imagem de “gente”, no sentido de pessoas, seres humanos. O leitor utiliza expressões como “eu gosto de gente, eu gosto de povo” e “eu não consigo ler literatura se eu não conseguir conversar também com as pessoas, ver pessoas”, que revelam a necessidade de Paiva pela conexão, com sujeitos e com a sua própria humanidade. Embora isso não fique claro na fala de Paiva, a referência à “gente” parece proclamar uma classe tão grande de pessoas que evoca a impressão de diversidade e diferença entre eles – de uma pluralidade, de uma apreciação dessas diferenças, e de, aparentemente, um gosto por experimentá-las (ainda que sem, necessariamente, fazer isso em uma relação concreta). Gallian (2019) argumenta a respeito do processo de humanização por meio da leitura literária, que propicia o reencontro com as fontes humanas da nossa existência, possibilitando o contato com os comportamentos e motivações humanas de forma ampla e profunda. O referido autor entende por humanização a “ampliação da esfera do ser” suscitada por meio de uma “experiência que envolva e mobilize o ser humano pessoal em todas as suas dimensões (afetiva, intelectual e volitiva), que conflua para uma ampliação do conhecimento do humano” (GALLIAN, 2019, n.p.). Pode-se considerar que uma das formas mais evidentes de se experimentar essa

“ampliação” é por meio do contado com o diferente; com o que, habitualmente, está fora da visão; e com o exótico (do grego *exótikós* / *ἐξωτικός*, “de fora”, “estrangeiro”).

Nessa linha de pensamento, Gallian (2019) afirma que a leitura literária é uma experiência despertadora do essencialmente ético, do essencialmente humano. A literatura permite, pois, o reconhecimento da expressão do humano na experiência estética, íntima e compreensiva do leitor. Entretanto, destaca-se que esse processo só se finaliza com o encontro com o outro e com a aceitação desse outro:

A humanização, processo que se desencadeia através da experiência estética provocada pela leitura e que proporciona o encontro com o humano, demanda, na dinâmica da reflexão, o encontro com o outro — o humano de carne e osso — para que se complete e se consuma (GALLIAN, 2019, n.p.).

À vista desse raciocínio, é possível compreender a dimensão da humanização da leitura no ponto de vista de Paiva, que simboliza a leitura na imagem “gente”, justificando a escolha da imagem pela inter-relação da literatura com o humano (tanto enquanto um gênero – i.e. “o gênero humano”, quanto com os seres humanos particularizados e, simultaneamente, diversificados como “o outro”). Dessa maneira, o leitor em questão inicia o seu processo de humanização com o ato de ler literatura, entrando em contato com humanidades universais que despertam sua consciência íntima por meio da experiência estética, finalizando esse processo com o encontro com o ser humano de carne e osso. Paiva realiza, portanto, duas formas de conexão com a humanidade por meio da leitura literária, a primeira, intrapessoal, e a segunda, interpessoal.

5.2 O RITMO⁴⁷ DA LEITURA

Além da escolha de uma imagem, os colaboradores da pesquisa foram solicitados a eleger um estilo musical para representar a leitura, assim, questionou-se: E se a leitura fosse um estilo musical, qual seria?

A música, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 627), pode ser compreendida como algo que “rege o homem e é em si próprio que ele a apreende. Ela supõe um acordo da alma e do corpo... uma harmonia das faculdades da alma... e dos elementos constitutivos do corpo”. A música, assim, concebida como forma

⁴⁷ O termo “ritmo”, nesse contexto, alude ao estilo musical escolhido pelos leitores para representar a prática da leitura literária. Não há relação com a perspectiva de ritmo de leitura no viés pedagógico ou daquela adotada nos estudos linguísticos (por exemplo, ritmo silábico ou ritmo acentual).

artística, que dialoga com o corpo e a alma, é, então, comparada à ação de apropriar-se de outra arte, a literatura.

Segundo Petit (2009a), a leitura de obras literárias é uma experiência sensorial. O corpo foi, muitas vezes, esquecido em pesquisas sobre a leitura, sendo reduzido a uma experiência mental, no entanto, o que se dá é uma atividade física, que integra de maneira indissolúvel corpo e mente. Diante disso, a autora localiza a leitura como ação próxima da vivacidade dos sentidos:

Haveria um texto subjacente em certas obras ‘que não é verbal, mas rítmico’, ou um canto, e é sobre ele que os leitores inseririam suas emoções e suas experiências (PETIT, 2009a, p. 62).

Ainda segundo a autora, um aspecto riquíssimo da simbolização que se dá por meio da linguagem literária é o ritmo que ampara, de forma que os textos agem em diversos níveis, “através de seus conteúdos, das associações que suscitam, das discussões que promovem; mas também de suas melodias, seus ritmos, seu tempo” (PETIT, 2009a, p. 61). Outra metáfora musical é aplicada à leitura por Petit (2019, p. 12), ao afirmar que “o que está em questão é a possibilidade de se afinar, no sentido musical do termo, ou de se sintonizar, com aquilo (e aqueles) que nos rodeia”.

No quadro 13 apresentam-se os estilos musicais escolhidos pelos leitores e suas justificativas para tais opções.

Quadro 13 – Estilos musicais que representam a leitura literária

Leitor(a)	Estilo musical	Por quê?
Annie	Bossa Nova	“[...] porque é brasileira, e eu sou brasileira, só leio em uma língua... Mas pode tocar no mundo todo, como tocou no mundo todo, a bossa nova tocou e toca no mundo todo. É o gênero musical que mais foi exportado, que tem mais o nome do Brasil, mais que o funk, mais do que o pagode, que são mais populares. O que mais é exportado do Brasil, enquanto música, é a bossa nova, ainda, até hoje. Então acho que seria a bossa nova”.
Elizabeth	Rock leve	“Não aquele... porque não seria aquela coisa pesadona. Porque a gente tem variações do rock, né. Então para mim seria aquele rock amorzinho. Que tem uma batida, principalmente de bateria, quando toca, mas tem aquela leveza ao mesmo tempo”.
Viollet	Jazz	“Sentimento”.
Kambili	Rock clássico	“Olha, porque assim... Eu não sei se é a minha influência também em filmes. Eu sempre quando eu tô lendo, por exemplo, tá falando, naquele momento, tá descrevendo uma estrada, vem uma música que fala sobre estrada, que tem ali a ver, que tem esse gênero... Aí eu falo nossa, casou muito bem essa música com essa parte do livro. Eu acho que é mais ou menos isso”.
Paiva	Rock	“Seria um rock. Acho que é o ambiente mais democrático que eu conheço é o rock. As pessoas não olham como você se veste, o que você come, o que você faz... Só escutam... Pulam... Dançam. Imitam uma guitarra, imitam a bateria. Não que as outras músicas... Mas é meio elitista. Eu gosto do rock por causa disso, as pessoas se sentem à vontade com o rock”.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

É notório que a escolha dos estilos musicais é embasada nas próprias preferências dos entrevistados, fato que não torna a análise menos válida, uma vez que os leitores abordam aquilo que efetivamente os comove.

Annie relaciona a leitura literária à Bossa Nova. O estilo brasileiro que, nas palavras da leitora, “toca no mundo todo”, relaciona-se, portanto, ao conceito de universalização. A Bossa Nova é um dos movimentos mais influentes da história da música popular brasileira, mundialmente conhecido, tendo como um grande expoente a música *Garota de Ipanema*, composição de Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim⁴⁸.

Perante essas afirmações, compreende-se que Annie relacionou a leitura a ideia de conexão, às trocas realizadas entre o individual e o coletivo, ao que pode atingir a todos. A leitora, em sua fala, faz associações entre o local e o mundial, o particular e o grupal, considerando que a leitura é algo que pode atingir uma pessoa no Brasil e também várias outras em distintos locais do mundo.

Outra percepção que a sua fala evoca é a de que a bossa nova remete à própria identificação que a leitora faz de si a partir de seu país (sua identidade brasileira) e à identificação dessa identidade como um descritor de sua condição de leitora de um só idioma (poder-se-ia perguntar: evocando uma certa percepção de limitação?).

Outro estilo musical eleito para representar a leitura foi o jazz, definido por Viollet como uma música conceituada e expressa a partir de uma única palavra: sentimento. A leitura seria, nesse sentido, esse transbordamento, uma miscelânea de emoções. Em entrevista para o jornal *Gazeta do Povo*⁴⁹, o crítico musical Ashley Kahn afirma que o

[...] jazz é música de grandes possibilidades, de emoções fortes e significados profundos. Música capaz de falar contigo quando você mais precisa. Espiritualmente elevada. É música que vem direto da alma. Não estou dizendo que é a única que vem da alma, mas existe algo especial no ambiente em que o grande jazz é criado.

É possível considerar, tendo em vista a profundidade de sensações que podem ser suscitados pelo jazz, que a leitura literária seria, na visão de Viollet uma ação que

⁴⁸ TARSO, Paulo de. No ritmo da Bossa Nova o Brasil ganhou o mundo. *In: Cidadão Cultura*, 22 ago. 2016. Disponível em: <https://www.cidadaocultura.com.br/no-ritmo-da-bossa-nova-o-brasil-ganhou-o-mundo/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

⁴⁹ BAPTISTA NETTO, Irêneo. Jazz é música para os ouvidos e para a alma. *In: Gazeta do Povo*, 15 set. 2007. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/jazz-e-musica-para-os-ouvidos-e-a-alma-an6p5ifjtfyipwzw50dzt6afi/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

proporciona a vivência de vários sentimentos, possibilitando uma conexão consigo mesma e com suas emoções internas.

O rock leve escolhido por Elizabeth remete ao equilíbrio, uma vez que o rock, gênero musical caracterizado pela batida e ritmo fortes⁵⁰, é associado ao adjetivo “leve”. Há, portanto, nessa definição, a busca de uma estabilização, um rock leve seria, assim, uma igualdade entre forças opostas.

PESQUISADORA: Me dá um exemplo de uma banda de rock leve para eu entender.

ELIZABETH: Eu gosto muito de Capital Inicial porque tem uma variação. Tipo, tem umas músicas que são mais pesadas, que tem mais bateria. Tem outras que não. Então acho que... uma das músicas deles que... não lembro o nome da música agora, que é o meio termo das músicas deles.

É perceptível que a busca de Elizabeth é pelo “meio termo”, é pela estabilidade, o equilíbrio. Quando ela diz “Então para mim seria aquele rock amorzinho” é possível fazer uma relação com seus gêneros literários preferidos – o romance clichê, o romance de época – que, ao serem caracterizados (como na descrição que ela faz do “rock amorzinho”) pela presença de ritmo e leveza, remetem à ideia de consolação e distração, tendo em vista a necessidade de Elizabeth em buscar um apoio emocional nessas obras, devido ao seu perfil psicológico ansioso.

O rock aparece novamente no discurso de Kambili, mas, dessa vez, é um rock clássico, melódico. Uma música que se adequa às cenas descritas na narrativa, nas palavras da leitora “tá descrevendo uma estrada, vem uma música que fala sobre estrada”. Observa-se que essa menção à estrada não é algo aleatório, uma vez que a pista é a via que delinea o trajeto, o que possibilita o percurso. O rock clássico, segundo Kambili, pode aparecer quando há no livro um trecho que descreve ou fala sobre uma estrada e lhe vem à mente uma música que fala sobre a estrada. Nesses termos o rock parece remeter à sua escolha por criar uma espécie de trilha sonora incidental para as imagens que forma em sua mente a partir da leitura. Essa associação denota uma afinidade entre o seu gosto e a proposição de uma música incidental que imprima (sob a forma metafórica de uma sinestesia) ainda mais força para a experiência de leitura. Paralelamente, a evocação mnemônica da imagem da estrada nesse ponto da sua fala, parece remeter a uma referência ao imaginário do deslocamento sobre os caminhos possíveis. A leitura seria, assim, meio propício para o deslocamento, a via na qual pode-se seguir um trajetória, pode-se evadir de uma

⁵⁰ Rock. *In*: Infopedia. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/rock>. Acesso em: 09 jan. 2021.

condição e, ao ir em busca de um outro lugar – pelo fato de, em uma viagem, o viajante só levar do ponto de origem a si mesmo –, buscar também esse si mesmo nesse lugar diferente.

Uma terceira menção ao rock é feita por Paiva, nas palavras dele “qualquer rock”, porque é “o ambiente mais democrático que eu conheço”. O leitor considera que “as pessoas se sentem à vontade com o rock”, alegando que esse é um estilo musical não-elitista, no qual os ouvintes não são julgados por classe ou status social. Experiência que parece evocar a identificação tanto da leitura quanto do estilo musical com as ideias de liberdade e pluralidade de modos de ser. Os princípios democráticos, tão presentes no discurso de Paiva, foram mais uma vez expressos (agora a partir de um viés mais contestador e de reivindicação pelo respeito às liberdades, à justiça e às diferentes identidades) quando, durante a entrevista, ele cantou um trecho da música *Fábrica*, da banda nacional Legião Urbana:

Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez
Não é pedir demais
Quero justiça
Quero trabalhar em paz⁵¹

O leitor relata que “Me vem essa música direto na cabeça, toda vez que eu tô lendo. Eu sou fã de outras músicas, mas na hora que eu tô lendo literatura, lembro dessa música na hora”. Ao ser interrogado sobre a relação da música específica com a leitura literária, Paiva respondeu que “Ela fala de justiça social, eu acho que é por causa disso. [...] Mas essa música, eu não sei porque, eu costumo ler cantando essa música, algumas vezes”. Um estudo publicado na Revista Super Interessante⁵² apontou que a maioria das músicas que causam sensação de indignação nas pessoas podem ser enquadradas no gênero rock. Assim, a análise dos elementos presentes no discurso de Paiva evidencia o sentimento de conexão que a leitura lhe proporciona, uma vez que, ao ler obras literárias, pensa em questões de ordem social e coletiva.

⁵¹ LEGIÃO URBANA. *Fábrica*. Composição: Renato Russo. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/legiao-urbana/22506/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

⁵² FIORATTI, Carolina. Mapa interativo mostra as 13 principais emoções causadas pela música. In: *Super Interessante*, 7 jan. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/mapa-interativo-mostra-as-13-principais-emocoes-causadas-pela-musica/>. Acesso em 29 jan. 2021.

5.3 O EU-LEITOR

Devido ao seu caráter muito subjetivo, o “eu”⁵³ do leitor se constitui como uma “entidade” de difícil constatação estando estreitamente unido ao lado mais íntimo do sujeito. Nesse sentido, pode ser difícil para o leitor expressar claramente seus próprios sentimentos, uma vez que são vagos, mal definidos, extremamente variados e muito transitórios (ROUBAKINE, 1998).

De forma a compreender como os leitores veem a si próprios durante a atividade da leitura, questionou-se qual animal poderia representar cada leitor enquanto lê. A comparação com um animal permitiu a cada sujeito analisar-se, realizando a observação do comportamento, postura e características de seu próprio eu-leitor. No quadro 14, apresentam-se os animais eleitos e as justificativas dos leitores.

Quadro 14 – Animais que representam o leitor enquanto lê (continua)

Leitor(a)	Animal	Por quê?
Annie	Gato	“Essa curiosidade do gato assim... quase suicida, né. E a leitura é um pequeno suicídio ou uma pequena vida eterna, né. Porque pode ser um livro horrível ou pode ser um livro fantástico. Então acho que a curiosidade do gato, porque ele corre o risco. As minhas gatas, elas botam os bigodinhos no aquecedor pra ver se tá quente o suficiente. Então elas quase se queimam pra ter esse calorzinho gostoso, assim. Então eu acho que é a curiosidade do gato”.
Elizabeth	Gato	“Eu sou um gato. Porque eu gosto de estar tipo no lugar confortável, que eu possa ler de qualquer jeito. E para mim, eu gosto muito de gato, porque gato desmancha. Quando a gente vai ver, ele tá deitado todo estranho, mas para ele tá de boa lá. Então acho que seria o essencial pra mim”.
Viollet	Coruja	“Um animal? Eu sempre me comparo com uma coruja, mas não enquanto eu estou lendo. Por ela ser um símbolo de sabedoria... Por ela ter hábitos noturnos também. [...] Eu funciono maravilhosamente à noite, de madrugada. Não sei se é por causa da insônia. Eu aprendi a usar esse tempo que eu não conseguia dormir. Mas é o horário que eu funciono melhor.”

⁵³ Não se utilizará aqui o conceito psicológico de “eu”, tal qual utilizado, por exemplo, na psicanálise e outras “psicologias” do inconsciente. Para citar apenas dois dos nomes mais famosos, no caso de Freud (Sigmund Freud, 1856-1939), o eu era considerado o centro do psiquismo; no caso de Jung (Carl Gustav Jung, 1875-1961), meramente o centro da consciência. Em ambos os casos esse conceito se relacionava às noções de identidade, manutenção de uma consistência da personalidade individual ao longo do tempo, e de mediação entre os conteúdos conscientes e inconscientes. Nos termos desta tese, embora esses elementos possam perpassar as falas dos entrevistados, a leitura que será feita se limitará apenas à forma como eles se identificam ou às imagens que eles escolhem, metaforicamente, para se descreverem (dentro da noção de projeção no “sentido lato e não stricto” mencionada anteriormente na nota de pé de página 44 – página 106). Quando, eventualmente, autores da psicologia e/ou psicanálise forem citados, o recorte específico dessa perspectiva eventualmente mencionada será colocado em destaque. Para mais detalhes sobre o uso do conceito no sentido stricto, consultar SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988.

Quadro 14 – Animais que representam o leitor enquanto lê (conclusão)

Kambili	Gato	“Gente, eu acho que em outra vida eu fui um gato. Adoro felinos. Porque sabe aquele bichinho que é carinhoso, porém não tanto... Eu sou basicamente isso. É muito assim independente, é... Nossa eu dou muito certo com felino... Em outra vida eu fui um gato, um pouco arisco às vezes, mas... É bem eu mesmo. Combina muito. Adoro dormir de dia e adoro passar a noite acordada (risos)”.
Paiva	Raposa	“É raposa... por ser esperto, por ser astuto. Não a raposa que vai lá e rouba os negócios. Mas por ser astuto, por ser esperto, por ser rápido... alguma coisa assim”.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Embora seja, de fato, um acontecimento curioso a escolha da imagem do gato por três leitoras – Annie, Elizabeth e Kambili - não trata-se, pois, de algo acidental, uma vez que o gato é um símbolo carregado de múltiplos significados.

A imagem do gato, conforme Chevalier e Gheerbrant (2009), traz um simbolismo heterogêneo. O gato é um símbolo que oscila entre tendências maléficas e benéficas, o que pode ser explicado, segundo os autores, pela atitude, concomitantemente, terna e dissimulada do animal. Tal alternância entre características atribuídas ao bem e ao mal emerge no discurso de Kambili, ao considerar-se carinhosa, porém arisca, às vezes. Ao afirmar que “em outra vida eu fui um gato” ela demonstra associar o seu próprio comportamento ao do animal para, aí, apresentar uma associação importante entre os hábitos noturnos do animal e às suas preferências circadianas. Nesse caso, a leitora compara sua própria identidade com características do gato. Enquanto lê, portanto, Kambili oscila entre o bem e o mal, em um processo semelhante ao da balança, símbolo que ela própria atribuiu à leitura e, simultaneamente, evoca seus próprios hábitos noturnos a partir da analogia com os felinos.

Um processo de identificação, semelhante ao supracitado, é perceptível na fala de Elizabeth quando diz “eu sou um gato”. A leitora se vê como um gato enquanto está lendo, constatando que gosta de ler “de qualquer jeito”, da mesma forma que o felino fica “deitado todo estranho, mas para ele tá de boa”. Nesse sentido, Elizabeth valoriza a independência do animal e a sua postura indiferente perante o olhar externo. Conforme Chevalier e Gheerbrant (2009), o gato representa a sagacidade, a reflexão e a engenhosidade, sendo observador e ponderado, alcançando sempre seus fins, podendo também ser considerado um animal de sabedoria superior. Essa leitura parece evocar uma auto percepção de experimentar conforto na experiência da leitura e, a segurança oferecida por uma ponderada entrega despojada à experiência de ler.

A dicotomia do gato, que é caracterizado culturalmente, ao mesmo tempo como bom e mau, despontou também no discurso de Annie em relação à leitura, ao enxergá-la sob a dualidade vida-morte; ao afirmar que lendo, com a curiosidade do gato, ela caminha para um suicídio ou para uma vida eterna. Ao ser questionada sobre o que seria a tal “curiosidade suicida”, Annie não consegue explicar no discurso direto, recorrendo a outra metáfora, alegando que seria “entrar na piscina esperando chover para encher a piscina”.

ANNIE: [...] Mas é... você estar na piscina esperando chover pra encher a piscina, entendeu. Então é... assim....quase um suicídio né [...] e... ao mesmo tempo pode ser um voo fantástico, eu acho muito legal. Pode ser uma vida eterna, um livro que eu vou levar pro coração, pra sempre, que vai me marcar pra sempre. Então eu não sei, então... é um risco. Igual os gatinhos fazem.

Ao relacionar a leitura a uma pequena morte, um suicídio, o relato da leitora vai ao encontro da constatação da psicanalista Melanie Klein (1976, *apud* Petit, 2013), que articula a pulsão de conhecimento ao sadismo, como quando a criança deseja se apropriar do que há no interior do corpo materno, penetrá-lo, devorá-lo, despedaçá-lo. A leitura seria, pois, essa necessidade de tomar conhecimento do que há dentro do corpo da mãe, uma experiência sádica. Para Annie, tal sadismo retorna para si mesma, ao imaginar sua própria morte.

Embora fuja aos propósitos da presente investigação, é importante ressaltar aqui a menção de Annie aos seus gatos através de uma associação deles, ao lado da leitura, com a terapia ocupacional. Na mesma direção da observação empírica dela, pode-se mencionar a perspectiva da psiquiatra brasileira Nise da Silveira – pioneira da terapêutica ocupacional no Brasil – sobre os gatos e o seu papel na terapêutica dos quadros mentais (Nise costumava denomina-los co-terapeutas):

Nosso projeto de trabalho no Centro Psiquiátrico Pedro II não tinha a intenção de proteger o animal. Nosso propósito visava relacioná-lo com o homem. Doar afeto àqueles seres solitários aos quais muito poucos homens ou mulheres sequer dirigiam uma palavra ou um gesto amigo (SILVEIRA, 1998, p. 53).

Essa experiência de afeto não condicionado vivenciada por Annie em relação aos seus gatos pode, inclusive, oferecer apoio durante eventuais mergulhos obscuros, como os mencionados anteriormente. Essa possibilidade, se verdadeira, daria um aprofundamento ainda maior à sua referência de si no ato da leitura a partir do experimentar da manifestação de uma curiosidade exacerbada e “quase suicida”.

Por sua vez, Viollet elege a coruja para representá-la enquanto lê. No senso comum, e numa interpretação mais rasa, básica e quase óbvia do simbolismo desse animal, a coruja é um símbolo frequentemente associado à sabedoria, atributo

comentado pela leitora em questão. Entretanto, o que existe de mais relevante nessa associação é a ênfase de Viollet nos hábitos noturnos no animal, uma vez que ela se identifica com tal período, quando diz “Eu funciono maravilhosamente à noite, de madrugada”. Ter-se-ia, assim, outra referência a uma maior fluidez na ambiência noturna para a leitura. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), a coruja é uma ave noturna, relacionada à lua, que não consegue suportar a luz do sol, opondo-se à águia, que recebe os raios solares com os olhos abertos. Nesse sentido, os autores evidenciam a oposição entre o conhecimento racional – percepção da luz (lunar) por reflexo – e o conhecimento intuitivo – percepção direta da luz (solar). A coruja é um avatar da noite, associada à morte e às forças do inconsciente, à reflexão que domina as trevas. Tendo em vista esse aspecto, infere-se que Viollet é uma leitora noturna e, a partir de uma possível avaliação desse gesto (motivada por essa associação), de que ela poderia ter a preferência por ler em um ambiente que predispusesse mais à reflexão e ao raciocínio. Consequentemente, seria um exagero poético imaginar que sua leitura noturna expressaria uma busca de refúgio onde se torna possível refletir e “raciocinar”, em meio à escuridão noturna evocadora da escuridão das suas próprias vivências traumáticas?

O símbolo da raposa foi a escolha de Paiva para representá-lo no papel de leitor. A justificativa do entrevistado indica algumas características do animal com as quais ele se identifica, nas palavras dele “por ser astuto, por ser esperto, por ser rápido”. Contudo, não se pode ignorar a menção às qualidades negativas da raposa “Não a raposa que vai lá e rouba os negócios”. É perceptível que Paiva tem consciência da dualidade do símbolo da raposa, o que vai ao encontro das afirmativas de Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 770), que destacam a ambivalência do animal, capaz de simbolizar o herói civilizador ou o cúmplice de fraudes. A raposa encarna as contradições inerentes à natureza humana: independente, ativa, inventiva, astuta, porém, destruidora, audaciosa, medrosa, inquieta.

Refletindo como um espelho as contradições humanas, a raposa poderia ser considerada como um duplo da consciência humana. [...] é então capaz de se transformar e de viver no meio dos homens, sem despertar sua atenção: reflexo num espelho, tantos são os homens-raposa sob o sol (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 770).

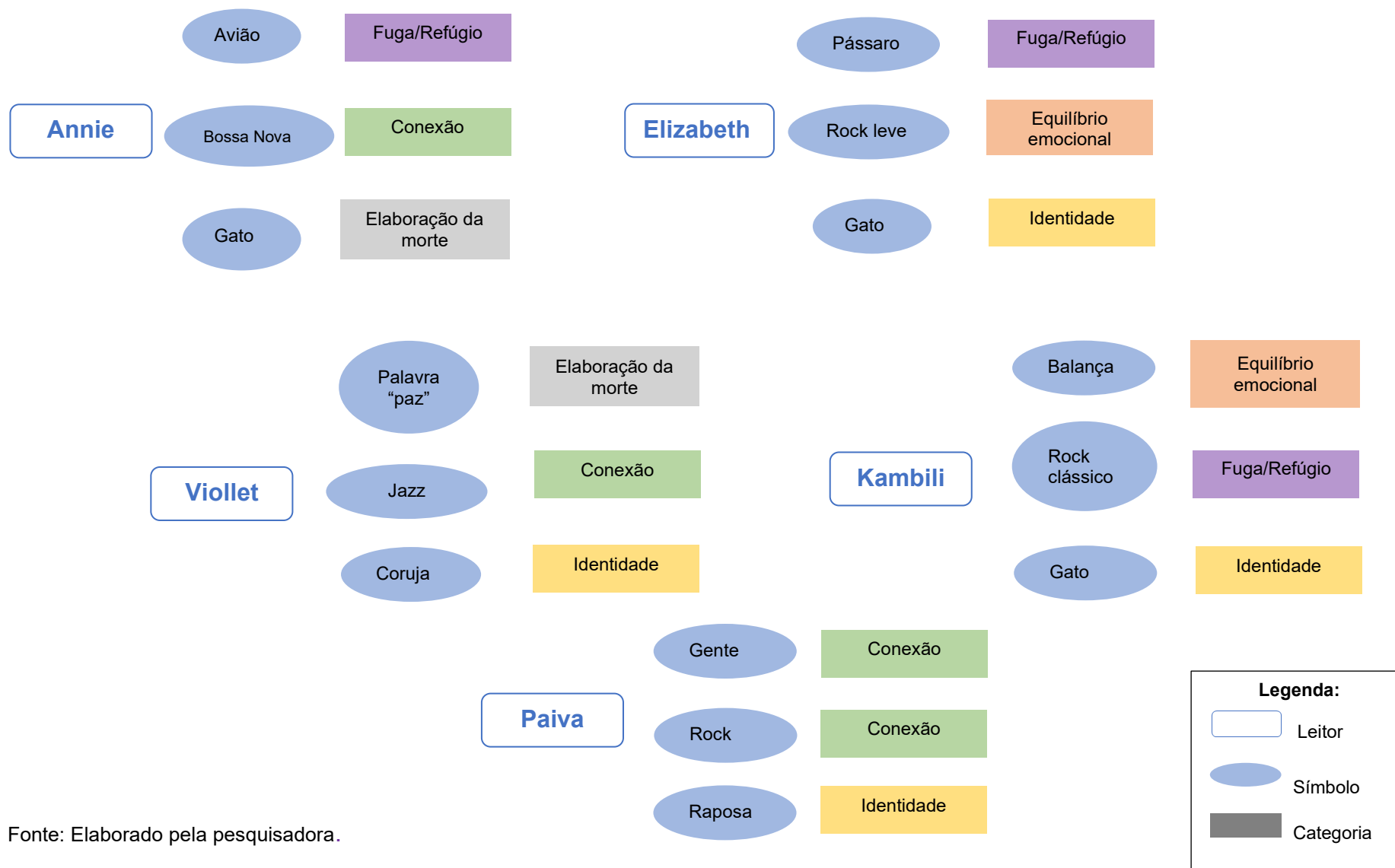
Nessa perspectiva, perante as representações da raposa, Paiva simbolizou-se como humano, ambivalente, detentor de qualidades e de falhas. Os símbolos escolhidos por Paiva exibem coerência e conexão: para representar a leitura, gente; para representar seu eu-leitor, o homem-raposa.

5.4 SÍMBOLOS ATRIBUÍDOS À PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA

O processo de categorização, nessa etapa, teve como ponto de partida a análise dos símbolos escolhidos por cada um dos leitores para representar a leitura – imagem, estilo musical – e o eu-leitor – animal. Após a análise minuciosa feita nas seções anteriores, criou-se um esquema no qual foi possível empreender associações (FIGURA 10). Postulou-se, então, os três símbolos eleitos por cada leitor, associando-se a cada símbolo um conceito que pudesse abarcar a síntese de sua significância, tendo como base a análise simbólica anteriormente descrita. Configurou-se, assim, uma correlação entre leitor-símbolo-significado.

Os significados dos símbolos de cada leitor foram sendo associados aos símbolos escolhidos pelos demais, de modo que os conceitos foram padronizados, chegando-se às subcategorias de análise, como é possível observar a seguir.

Figura 10 – Categorização dos símbolos escolhidos pelos leitores



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A análise dos símbolos atribuídos pelos leitores à prática da leitura, que iniciou-se na análise do piloto, conduziu às subcategorias apresentadas na figura 11, que ilustra cinco modos de apropriação simbólica da leitura, ou seja, os sentidos que a leitura literária possui na vida dos colaboradores da pesquisa.

Figura 11 – Apropriações simbólicas da leitura literária identificadas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante disso, como resposta à questão norteadora do presente capítulo, que indagou para que servia a leitura na vida dos colaboradores da pesquisa, elencaram-se as cinco subcategorias de análise ilustradas acima. Tais subcategorias compreendem, portanto, cinco tipos de apropriações simbólicas da leitura feitas pelos leitores analisados, que serviram como guia e referência para a análise dos discursos dos entrevistados. As subcategorias foram discutidas em profundidade, conforme apresentado nas seções seguintes.

A leitura é, pois, compreendida como uma ação que apoia e dá suporte ao equilíbrio emocional de cada um.

ANNIE: Acho que a principal é pra não surtar e para não enlouquecer a minha mãe. Porque coitada... Pra ter uma filha dessa, eu não sei como ela ainda tem um cabelo escuro na cabeça [...]. Então, acho que uma principal motivação é para me manter um pouco sã e outra é o prazer da leitura mesmo, o prazer de viajar na cabeça de outras pessoas. [...] ela é a minha forma de não surtar minha mente, não surtar mais do que eu surto, é a literatura. Então ela é, tirando a minha família, é o pilar da minha sanidade atual. Sanidade entre aspas né. De médico e louco né...

KAMBILI: Eu já passei umas situações muito difíceis. E se eu não tivesse como recorrer aos livros e a leitura, eu acho que não teria dado conta mesmo.

VIOLLET: Ler pra mim é sobreviver. Parece que quando eu não leio fica um vazio em mim. Igual eu falei, em dezembro eu li muito pouco. E eu ficava me cobrando, porque eu não estava conseguindo ler, porque parecia que tava faltando algo. [...] Ler para mim é alimento, igual comer. Na verdade, eu leio mais do que eu como.

PESQUISADORA: E quais são as suas motivações para ler?

PAIVA: Abrir a cabeça. Inteligência, conhecimento... Superar meus conflitos diários, meus conflitos mentais...

Annie e Viollet relacionaram a prática da leitura a uma espécie de terapia. Petit (2009a) considera que a leitura pode instaurar um processo terapêutico discreto, acionando registros traumáticos obscuros, sem, contudo, expô-los, permitindo que sejam trabalhados como uma cena oculta, reconduzindo uma catástrofe íntima para o campo da linguagem. “É como se, mediante a ordem secreta que emana da literatura, o caos do mundo interior pudesse assumir uma forma” (PETIT, 2009a, p. 115).

ANNIE: A terapia ajuda muito, é... a terapia não só com psicólogo, mas as terapias ocupacionais né, a leitura, os meus gatos, dar risada com a minha mãe, conversar com a minha afilhada, com as minhas irmãs, com meu pai. Meu pai é um cara genial, feminista, incrível, aprendi a ser feminista com o meu pai... Então eu acho que é isso.

VIOLLET: Sim. Eu acho que eu consegui sair bem mais com... Não desmerecendo os profissionais que eu passei, eu consegui sair bem mais com os livros do que com os meus anos de terapia. Uma história num livro me fez refletir mais do que todo tempo, do que todos os meus quatro anos que eu passei fazendo terapia.

PESQUISADORA: A leitura foi uma espécie de terapia para você?

VIOLLET: Sim.

Em outro momento, Annie relata que a leitura consegue auxiliá-la nos momentos de dor física intensa, de forma que alivia o desespero mental. A vivência de uma doença, conforme Petit (2013), em qualquer idade, coloca a pessoa diante de

seus limites e da fragilidade de sua condição de mortal. Tal experiência é permeada pelos sentimentos de medo e solidão, que podem ser abrandados pela leitura, uma vez que essa proporciona a criação de uma área transicional, na qual é possível suportar melhor a dor, deixando a imaginação vagar e “seguir existindo”.

ANNIE: Olha, tem dia que eu não leio nada e tem dia que eu leio 200 páginas. Então é muito... depende do dia, depende do humor, depende de como é que eu tô emocionalmente. Porque assim, por exemplo, se eu tô com muita dor ou eu vou ler muito ou não vou ler nada, entendeu. Porque aí ou eu vou ler muito para tirar da cabeça essa dor absurda ou eu não vou ler nada porque eu vou tá chorando o tempo todo.

PESQUISADORA: E você consegue esquecer da dor quando você tá lendo?

ANNIE: Não esquecer, mas eu consigo silenciar os gritos da minha cabeça.

PESQUISADORA: Seria mais então a parte emocional, você consegue, apesar de estar sentindo a dor física, a emocional você consegue controlar seria isso?

ANNIE: Isso (emocionada).

Até mesmo durante uma situação de hospitalização para ser medicada com morfina, Annie relata como a leitura ou a lembrança de um livro é uma ferramenta para o seu equilíbrio emocional. Petit (2013) considera que a leitura no contexto hospitalar vai muito além do esquecimento temporário da dor. “Algo que no hospital, tem a ver com o sentido da vida, com manter a dignidade, com manter a humanidade, apesar das mutilações e dos tratamentos humilhantes” (PETIT, 2013, p. 68). Diante de tal situação, a leitura possui um papel reparador, auxiliando na recomposição da imagem de si próprio, quando muitas vezes a pessoa se sente despedaçada, atingida por mazelas físicas e por angústias emocionais.

ANNIE: [...] e eu acho que também a leitura me coloca num eixo que poucas coisas conseguem me colocar. E aí eu naquele momento onde eu tava num lugar totalmente inóspito né, que é uma cama de hospital, é... eu entrar naquele lugar que me bota no eixo, que é o livro, era uma forma também de... é um paliativo pra que eu saísse daquela situação. Acho que foi por isso.

Observa-se que a leitura não aplaca as dores físicas, mas auxilia no enfrentamento das dores emocionais adjacentes. “Uma das maiores angústias humanas é provavelmente a de não ser nada além de um caos, um corpo despedaçado, fragmentos que nada unem, de perder seus limites” (PETIT, 2019, p. 96).

Ao relatar uma crise de ansiedade desencadeada por conflitos no ambiente de trabalho, pela sobrecarga física e mental, solidão e distância da família, Elizabeth pontua a leitura como suporte ao qual se apegou para manter-se em equilíbrio.

ELIZABETH: Eu acho que a leitura foi o meu barco de salvação quando eu tava com crise de ansiedade. Primeiro, porque eu estava sozinha e não tinha

ninguém da minha família, não tinha os meus amigos, que eu estava acostumada a ficar próxima. Então minha única via de escape era ler. Então a leitura foi o que consegui me manter até sã, em relação aquela situação que aconteceu da crise de ansiedade.

Assim como atribui-se à leitura capacidades terapêuticas, a escrita também desponta como ferramenta utilizada para suporte emocional. O processo de escrita foi pontuado por duas leitoras como um processo terapêutico adjacente ao da leitura, que permite a expressão e elaboração de sentimentos e experiências.

VIOLLET: [...] E escrevendo também... Por meio da leitura e da escrita, por meio das histórias em geral. Foi uma terapia realmente. É uma terapia. [...] Eu consigo me expressar escrevendo, não consigo tanto com palavras, mas com palavras escritas eu consigo me expressar bem.

KAMBIL: Na depressão pós parto, eu tava muito, muito, muito assim fora de mim. Eu escrevi um conto pequenininho, pequenininho. E eu consegui escrever. [...] Eu terminei, já revisei, mas tá guardadinho esperando o momento certo de sair da gaveta, acho que ainda não é o momento não. Mas assim, como sempre a leitura me salvando e escrita também.

No enfretamento de situações adversas, os livros representam para Annie o fechamento e abertura dos ciclos da vida. A leitura, de acordo com Petit (2013) pode apoiar de maneira decisiva uma vontade de retomar a vida, um desejo de independência. Nesse sentido, um processo de emancipação pode ser respaldado pela prática da leitura, permitindo ao sujeito tomar as rédeas da própria vida.

ANNIE: [...] que são coisas que foram muito pontuais na minha vida, sabe. Eu lembro de ler esse livro e ter mudado tal coisa na minha vida, sabe. Então são livros que são especiais por motivos mesmo, não só pela história, mas pela história que eu tava vivendo durante a história que tava passando no livro. [...] Das crises existenciais da adolescência até situações graves assim, de perdas emocionais, perdas físicas, tudo... A leitura, ela é muito presente. Ao mesmo tempo que marca o começo de algo, a literatura sempre fechou muitos ciclos pra mim. E acho... Eu, essa necessidade minha de leitura, acho que é essa também né, essa *vibe* de que eu posso é... Ter a importância e dar a importância que as coisas realmente merecem, eu aprendi isso com os livros.

No decorrer da vida, segundo Petit (2019), a ficção constitui-se como uma ferramenta para elaborar as emoções, sendo um recurso privilegiado para reparar, renegociar e reequilibrar o vínculo dos sujeitos com o mundo. Em relação à pergunta do roteiro de entrevistas “E se esses livros não existissem, como teria sido?”, as respostas dos colaboradores da pesquisa foram bem enfáticas a respeito da necessidade da prática da leitura literária.

ANNIE: Se eles não existissem eu acabaria criando outra dependência. Mas não seria uma dependência tão prazerosa e que me fizesse tão bem. Se não existissem os livros eu acho que seria... O ser humano inventaria outra coisa tão incrível quanto. E eu pegaria essa coisa para poder passar por isso. Porque se eu não tivesse algo para me sustentar, além da minha família, eu acho que eu não teria nem passado da primeira fase desse ciclo que é a vida.

VIOLLET: Não sei se eu conseguiria lidar. Porque realmente livro é parte da minha vida.

ELIZABETH: É uma coisa que eu nem sei responder. Porque eu não sei o que seria da minha vida (risos). Porque eu penso que a gente gosta de fazer outras coisas... Não é a mesma coisa do que eu tenho... Que é a minha relação com a leitura né. É o que é meu apoio então... Eu realmente eu não sei o que seria. [...] porque eu não teria algum outro apoio pra passar essa fase difícil.

Kambili e Paiva, em um primeiro momento, não concebem a possibilidade de uma existência sem as obras literárias, mas, em um segundo momento, comparam a relevância dos livros à importância das pessoas. Nesse sentido, os leitores humanizam a literatura, atribuindo à arte experiências semelhantes às trocas humanas, no que concerne ao afeto, ao apoio e à comunicação.

KAMBILI: Ah eu acho que eu não estaria nem aqui pra contar a história não... Porque eu não sei o que eu faria mesmo, eu não sei. Teve momentos assim de total desespero. E assim não só os livros, as pessoas também que eu consegui manter por perto né, meu marido, meu filho, é muito assim a minha âncora. Mas assim os livros, quando eu tô sozinha, eles que me transportam... Então eu acho que eu não existiria, eu acho que não...

PAIVA: Não tem essa opção, não tem essa opção sem livros (risos). Eu não sei como é que seria, seria um caos! Seria um caos (risos). Mentira, não seria um caos não. A gente tinha outras coisas aí, a gente sempre tem uma... A gente tem sempre alguma coisa que nos faz ser melhores. O bate-papo com as pessoas, conversa de cafezinho e broa de fubá com as pessoas. A literatura me fez muito bem, mas se eu não tivesse as pessoas, eu... Não seria a mesma coisa. Se eu não tivesse as pessoas pra compartilhar... Se não tivesse o escritor pra passar a história. Não seria a mesma coisa. O livro só é importante, só vale a pena quando há pessoas vivenciando esse momento da gente.

Ao mesmo tempo, essas falas evocam a complementariedade (e certa retroalimentação) entre a leitura e as interações humanas, para Kambili, com a família e, para Paiva, com as “pessoas”: sem as quais “não seria a mesma coisa”.

Algo semelhante se dá com Annie na complementaridade que ela vê entre as suas relações familiares e a relação que ela estabeleceu com seus gatos (e com a lida com eles): ambas elevadas ao nível das relações terapêuticas. Que re-evoca todo o histórico de escritos de Nise da Silveira sobre o papel desempenhado pelos gatos no aprofundamento e elaboração das experiências afetivas de pessoas em sofrimento mental – o que, como foi mencionado anteriormente, a levou a designar os gatos como seus co-terapeutas no Hospital Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Essas criaturas doadoras de afeto aos “seres solitários” que tem, negados, por homens e mulheres, palavras e gestos amigos são evocadas frequentemente e

de forma vívida no discurso de Annie. Para ilustrar a intensidade dessa relação dos gatos a atividade (e, de ambos, com os afetos), Nise (SILVEIRA, 1998) cita o poema escrito por Luiz Carlos (frequentador da oficina de Terapia Ocupacional daquele hospital) que, após manipular um pedaço de veludo, dando a ela a forma de um gato, tomou um lápis e escreveu:

Gato simplesmente angorá
do mato,
azul olhos nariz cinza
gato marrom
orelha castanho macho
agora rapidez
Emoção de Lidar (SILVEIRA, 1998, p. 30).

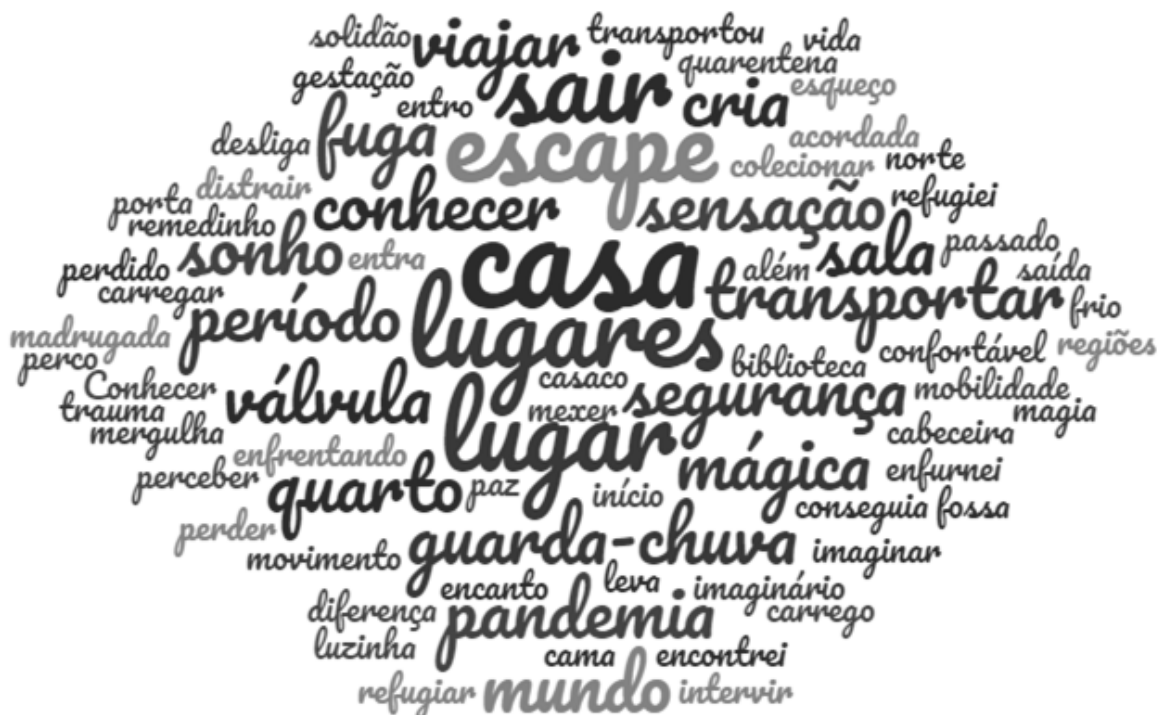
Foi a partir de pontes como essa que Nise encontrou na expressão emoção de lidar “o ponto de partida” para substituir em sua prática “o pesado título Terapêutica Ocupacional” (SILVEIRA, 1998, p. 30). Destaque-se que a própria Annie utiliza a expressão “terapia ocupacional” em seu depoimento, porém num contexto de leveza muito maior – colocando-o num patamar de satisfação e não de tarefa maçante, relacionada a tarefas de natureza grosseira ou obrigatória. Essa relação dita, por assim dizer, o tom (evocando a relação que a depoente estabelece com a música – a bossa nova) para a sua interação com a leitura literária.

Diante dessa análise, ressalta-se a amplitude da leitura literária enquanto símbolo do equilíbrio emocional dos leitores. Tal atribuição simbólica contempla graus distintos de suporte emocional, representando uma alternativa de apoio, companhia equivalente à humana, uma alternativa para o enfrentamento e superação da dor física, uma forma de sustentação da saúde mental, e, finalmente, uma aliada dos processos terapêuticos.

5.4.2 Fuga/Refúgio

Um segundo sentido simbólico atribuído à prática da leitura pelos colaboradores da pesquisa, durante as entrevistas (FIGURA 13), é a evasão, que relaciona-se tanto à fuga como ao refúgio.

Figura 13 – Palavras associadas ao binômio fuga/refúgio



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

Conforme Petit (2013) o livro permite escapar, viajar por procuração e abrir-se a novos horizontes, auxiliando o leitor a desenhar uma nova paisagem, por meio da sensação de conquista de um novo território. “Acrescento que a este distanciamento que favorecem os mitos, os contos, os romances, a poesia e a pintura, deveria se unir o simples prazer da transposição, do empréstimo, do desvio” (PETIT, 2013, p. 139). Tal experiência pôde ser percebida no relato dos leitores:

ELIZABETH: Eu leio para distrair a cabeça [...]. Eu gosto de conhecer lugares, porque a gente tem um sonho, eu tenho um sonho de viajar pra um tanto de lugar. Através dos livros a gente conhece outras regiões, outras culturas, que muitas vezes são diferentes da nossa. Que até quando a gente lê livro nacional, a gente vê a diferença que é tão grande nos nossos estados. E o principal assim, estar sempre... Conhecer palavras novas e tipo manter a mente afiada, de ter um senso crítico sobre tudo que acontece ao nosso redor.

KAMBILI: E também eu adoro o fato de a gente poder conhecer outros lugares né, você cria tudo na sua cabeça, cria ambientes sem ter ido lá nos EUA, na África... Principalmente os da Chimamanda, ela me transportou pra Nigéria de uma forma que eu senti o cheiro. Quando falava da comida de lá eu sentia o cheiro, eu falava gente eu quero comer essa comida (risos). Porque é isso, eu acho que é a mágica, é mágica. Ler tem essa magia de transportar. Então acho que isso me motiva, sabe.

PAIVA: [leitura] que leva a gente pra um mundo que não é nosso, imaginário. E a gente se sente bem ali, se sente confortável ali.

Contudo, Petit (2013) assinala que, a metáfora da descoberta de um espaço distinto e distante não relaciona-se a uma fuga da realidade, uma vez que por meio dessa distância é que o leitor se aventura dentro de si mesmo.

KAMBILI: Nossa eu acho que eu cheguei num ponto que eu não me vejo sem tem esse hábito. Porque você pode tá num dia ruim, por exemplo, e você pega aquele livro, você mergulha naquela história. E aquele problema que você tinha naquele dia já não fala tão alto assim, parece... Não sei se desliga um pouco do mundo exterior e entra ali naquela história.

A qualidade da metáfora para deslocar o leitor, transportando-o para um universo aparentemente longe, é exatamente o que amplia a possibilidade da revelação de porções inteiras dele mesmo. Através dessa exterioridade, o leitor se aventura em si mesmo e, no final do caminho, o que encontra é o seu próprio eu (PETIT, 2013).

O prazer do deslocamento, cujo conteúdo deveria ser analisado mais detalhadamente e que talvez se relacione com o fato de que, segundo Freud, o deslocamento e a condensação são precisamente os mecanismos que regem o funcionamento do inconsciente (PETIT, 2013, p. 139).

Annie relaciona a sua condição física atual, de dificuldade de locomoção, com a possibilidade de se movimentar por meio das narrativas literárias. “Ler tem a ver com a liberdade de ir e vir, com a possibilidade de entrar à vontade em um outro mundo e dele sair” (PETIT, 2009, p. 92).

ANNIE: Hoje, a leitura é a minha válvula de escape principal, porque como eu tenho dificuldade de mobilidade, e por causa da pandemia e tudo mais, eu não posso sair de casa de jeito nenhum, eu tenho a imunidade baixa e enfim... Aí a válvula de escape tá sendo a leitura, os meus papéis tão sendo na leitura. Porque eu consigo, nós conseguimos viajar para vários lugares através dos livros...

A leitura não seria, portanto, uma simples distração que desviaria dos verdadeiros combates da vida, mas sim uma forma de transgredir os limites estabelecidos. Para poder compreender a realidade, é necessário, primeiramente, imaginá-la. O imaginário estimulado pela leitura coloca o leitor em movimento, o desloca para outro lugar no qual ele pode ser um pouco mais sujeito de sua vida (PETIT, 2013).

O escape por meio da leitura, essa fuga do leitor pode acabar tornando-se um refúgio. Nessa perspectiva, Petit (2019, p. 139) relaciona a leitura às cabanas, ao considerar que os livros oferecem aos seus leitores fragmentos de espaços fictícios para dar forma a lugares onde viver, “[...] porque não moramos na cotação do euro ou no índice da Bolsa de Valores, no temor das loucuras fanáticas ou das catástrofes naturais”.

Ressalta-se que, durante as entrevistas, surgiu uma questão histórica e social inerente ao momento em que a pesquisa foi realizada: a pandemia de Covid-19. Desse modo, menções à pandemia foram feitas por quatro, dentre os cinco entrevistados. Em especial, Kambili descreve detalhadamente como se refugiou nos livros durante o período de isolamento social.

KAMBILI: Olha, continua sendo a mesma coisa. É o escape, é a fuga, é o me transportar para outro lugar, sem sair do lugar. Principalmente no ano passado que... A pandemia, a quarentena, eu fiquei ansiosa, eu não sou acostumada a ficar sem trabalhar. E eu me refugiei mesmo nos livros, eu falei eu vou ler quantos eu conseguir, porque mal não vai fazer (risos). E às vezes até de madrugada, acordava assim e aí ficava lendo lá com a luminária [...] Então assim pra mim foi realmente uma fuga, eu não sei o que faria sem... Se eu não gostasse de ler... Porque tem momentos de desespero. No início fiquei ansiosa, porque meus pais são de risco. Então eu ficava meu Deus do céu, se eu perder minha família e aquilo ali... Aí eu encontrei de novo a saída, vou ler (risos). É sempre aquela luzinha que acende, ah vai ler um livro. E assim foi.

Diante desse contexto, torna-se interessante o relato de Paiva que, de forma contrária à Kambili, não conseguiu refugiar-se nos livros durante o primeiro ano da pandemia.

PAIVA: Menina, eu passei o 2020 meio angustiado, eu não consegui ler. Não por causa da pandemia, não sei porquê. [...] Não sei o que aconteceu ano passado, eu não consegui ler, não consegui desenvolver a leitura. Li muito, muito, muito pouco. Não sei o motivo, não sei porque não consegui... Se era ansiedade, o que era. Mas eu não consegui focar em nenhuma leitura. Esse ano [2021] eu ainda comecei bem, tô com esse livro aqui, tá indo bem. Mas o ano de 2020, eu não devo ter lido nem três livros.

PESQUISADORA: Acho que foi um ano bem atípico. Então, mesmo que, diretamente, você não consiga vincular à pandemia, tem algumas questões que reverberaram para todo mundo, foi bem atípico.

PAIVA: Pode ser. Por causa do serviço [na área da saúde] que me puxou muito...

À princípio o leitor nega a pandemia como causa da sua baixa frequência de leitura, como se ele não se sentisse autorizado a reclamar da crise sanitária mundial, nas palavras dele “não perdi o emprego, comi bem, entendeu, então eu não tenho que reclamar de 2020 pra dizer a verdade”. Contudo, o leitor aponta que, por trabalhar como assistente administrativo na área da saúde, o serviço foi mais intenso. Além disso, ele afirma que “eu senti muito em ver pessoas falecendo, pessoas ficando doentes”. No trecho abaixo é possível ver como a dura realidade do contexto mundial interferiu na prática da leitura de Paiva, é como se o leitor, mesmo triste e exausto, não se sentisse autorizado a refugiar-se nos livros.

PAIVA: Mas eu não consegui ler, não ser porque cargas d'água. Não entendo porque toda hora que eu tava pegando um livro, tava me dando sensação ruim. Eu lia duas páginas, não conseguia ler mais, então eu não li. Estou aqui tentando, de novo.

De modo a explorar melhor o binômio fuga/refúgio, recorre-se às constatações de Petit (2019), que compreende que a narrativa relatada em um livro possui um caráter protetor e ordenador, possibilitando a simbolização da própria experiência do sujeito. No depoimento de Kambili, abaixo, é possível averiguar como o escape propiciado pela obra literária acabou configurando-se como um refúgio.

KAMBILI: Mas a que mais me marcou foi a minha primeira gestação, que eu perdi, tive muito trauma até hoje que eu carrego isso. Então assim eu tinha uma culpa, que eu achava que o problema era comigo. E nesse momento, que eu tava enfrentando esse luto [...] eu trancava minha porta [...] e eu passava a noite lendo. Era ali que eu conseguia sair um pouco daquele momento de luto, sabe. [...] Mas a leitura foi assim fundamental, fundamental mesmo, para até mesmo passar esse luto, sabe. [...] Mas graças a Deus esse período eu consegui ler muito, me refugiar de novo nos livros. Muitas vezes eu não dormia à noite né, como sempre. Parecia um morceguinho, não dormia de noite. Ficava lá acordada, aí falava, vou ler. Vou ler. Eu lembro que eu tava na faculdade, eu li *Marília de Dirceu*⁵⁴ numa noite. [...] Perdi o sono, fui lá e li o livro. Fininho que ele era. Falei gente a melhor coisa que eu fiz foi ter perdido o sono pra eu ler esse livro (risos). E é um livro que me marcou, também, eu gosto muito dele.

A concepção da leitura como um refúgio também desponta no discurso de Paiva, quando rememora os conflitos vivenciados durante a adolescência e como a biblioteca de uma escola estadual lhe deu acesso a obras que permitiram refugiar-se das desordens familiares.

PAIVA: Uma criança com 13 anos, pra baixo, que não acredita no pai, que não acredita na mãe. E... e o único vínculo que eu achei, porque eu não queria estar na sala de aula, porque eu tava muito triste, mas muito, muito triste... Eu lembro bem disso. Essa fase é uma das fases que eu mais lembro, muito, muito triste. Pensando em fazer um tanto de besteira, aprontar um monte de coisa... Com 13 anos eu entro numa biblioteca pra matar aula, me encanto com a editora Barsa... E aí tem uns outros livros, eu fico lendo. [...] E aquelas duas horas antes de eu entrar na sala de aula, duas, três horas, eu sentia uma paz... Eu sentia que nada poderia intervir. Nada. Eu saía de casa mais cedo, pra não ficar dentro de casa, pra não ficar mais triste. E... eu tava muito triste. E nessas duas, três horas eu ficava lendo. Então... A leitura ela me... Ela me deu um norte que eu fui perceber anos depois. Muitos anos depois. E ela me causou uma sensação muito grande.

Por sua vez, Viollet relata uma situação em que refugiou-se na leitura literária para lidar com o trauma de uma tentativa de abuso sexual. Ao afirmar que se “enfurnou no quarto com os livros”, a entrevistada transmite a ideia de um enclausuramento, como se dissesse que separou-se do mundo real e ingressou em seu universo particular, no qual sente-se protegida e onde foi possível a elaboração de seu sofrimento.

VIOLLET: Em 2016, eu tava já estudando, eu fui assistir uma palestra e um morador de rua me atacou no ponto de ônibus. O ônibus parou, eu consegui entrar. Cheguei em casa, ranquei toda a roupa, queria jogar a roupa fora, mas

⁵⁴ GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. 5.ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

minha mãe mandou só lavar, foi ela que lavou a roupa. Não aconteceu o ato porque o ônibus parou, passou no momento e parou. Mas foi uma situação difícil, bem difícil. E eu me enfurnei de novo dentro do quarto, com os livros. Fiquei um bom período assim.

De acordo com Petit (2019, p. 43), é comum que os leitores evoquem metáforas espaciais ao relatarem suas memórias de leitura, pois o ato de ler “[...] parece ser caminho privilegiado para encontrar um lugar, se acomodar, ali fazer um ninho”.

Nos dois últimos casos apresentados, é perceptível que a concepção da leitura literária como um refúgio possui também uma dimensão material, no caso de Paiva, o ambiente da biblioteca, já para Viollet, o quarto. Esses dois lugares configuram-se como espaços que predispõem o refúgio, são preâmbulos que propiciam aos leitores esconderem-se entre os livros e mergulharem nas leituras.

Nesse ponto, a materialidade do próprio livro encontra destaque. “Antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro. Pode-se ouvi-lo se folhearmos suas páginas” (MARTINS, 1994, p. 42). A percepção do livro como objeto relaciona-se a uma leitura sensorial, a uma resposta física, à impressão dos sentidos.

O livro, em sua dimensão material, possui uma aura mística, um valor intrínseco relacionado à sabedoria e à erudição, como, por exemplo, as escrituras sagradas, portadoras da verdade, enigmática ou perigosa. Assim, a simples posse do objeto pode levar à salvação, como uma bíblia, que mesmo intocada sob uma vitrina, possui determinado poder espiritual, sendo peça reconhecida pela importância cultural e social (MARTINS, 1994).

O objeto-livro, quando se trata do códex⁵⁵, com seus conteúdos, textos e ilustrações, contribui para o caráter hospitaleiro, constituindo uma característica relacionada ao aspecto material do livro. A estrutura do objeto - códice é feito de folhas reunidas – e as histórias que abriga – dotadas de começo, meio e fim – podem provocar sensações de continuidade e segurança nos leitores. Nesse ponto, Petit (2019, p. 46) destaca que o livro possui um caráter habitável, pois “um livro é uma espécie de cabana que se pode carregar consigo; nós a abrimos, entramos, podemos voltar a ela [...]”.

⁵⁵ O mesmo que códice. Um veículo de escrita composto de folhas dobradas costuradas ao longo de uma aresta. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3dice>. Acesso em: 17 fev. 2022.

No decorrer de suas vivências adversas, a permanência do recurso livro ofereceu proteção e segurança para Annie. A simples presença material do livro a conforta nos momentos de solidão. É nesse sentido que a leitura oferece um espaço metafórico no qual a pessoa se sente suficientemente protegida. A leitura protege como um habitáculo, desempenhando a função que tinham, nas casas antigas, os espaços inúteis, onde alguém podia descansar e se recuperar (PETIT, 2013). Os livros, conforme Petit (2009a) funcionam como moradias provisórias, ou até mesmo como escudos e talismãs, que acompanham os leitores em suas travessias.

ANNIE: Eu sou uma dependente total de livros, eu sou uma viciada em livros. Assim, eu não ando com bolsa, porque além de eu não poder carregar, eu perco, eu esqueço, sou muito esquecida, então melhor não. Mas a minha mãe ela anda sempre com bolsa, eu peço 'bota meus livros na bolsa', ela fala 'você não vai ter tempo de ler', eu falo 'se eu tiver um tempo pra ler, eu vou ler'. Às vezes, muitas vezes, eu vou e volto sem nem tirar o livro da bolsa, quanto mais ler uma página. Mas é até uma segurança para mim, sabe, ter um guarda-chuva, ter um livro, ter um casaquinho... Eu tenho três coisas de extrema necessidade, que é um casaco, um guarda-chuva e o livro, porque eu não posso pegar nem frio, nem chuva e nem solidão.

Em relação à necessidade de manter os livros materialmente próximos, os leitores comentam a respeito dos sentimentos despertados com essa proximidade. É evidente, na visão dos entrevistados, que o objeto livro evoca uma sensação de segurança. Os livros são sempre receptivos, indulgentes, estão à disposição. Por meio do objeto-livro, o leitor experimenta a sensação de uma permanência possível, que ajuda-o a manter ou restaurar o sentimento de sua própria continuidade e de sua capacidade de estabelecer elos com o mundo (PETIT, 2009a). Diante disso, é natural que, em ambientes ou situações caóticas, o sentimento de permanência convocado pela obra literária enquanto objeto físico e palpável possa acalentar os leitores.

ANNIE: Acho que é pela carência que eu tenho de estar em movimento, tem essa carência, essa necessidade, e que o livro me dá. Essa segurança que o livro me dá. [...] Tenho livros como objetos de carinho. [...] pegar no livro, tocar mesmo no livro.

ELIZABETH: Eu gosto de colecionar [...] é como se fosse uma parte de mim, de poder tá próxima, de poder limpar, de mexer um ou outro.

PAIVA: A sensação de tá sempre à mão. Passar mal... Se eu tiver com algum problema. Eu tô no quarto, aqui ó, é só esticar a mão e pegar.

PESQUISADORA: Um remedinho né.

PAIVA: Sim, acho que é isso. Ter o livro na cabeceira da cama.

A dimensão material da obra literária desperta em Kambili uma curiosidade a respeito da trajetória do próprio objeto físico, de modo que a leitora mergulha também nessa narrativa adjacente.

KAMBILI: Eu adoro livro velhinho com dedicatória, aquelas coisas todas, amo. Até livro velhinho que tem aquele cheiro de mofo, mas eu gosto. Todo marcadinho (risos). [...] Eu fico tentando imaginar a história... O que que aquela pessoa mandou né, deu esse livro pra pessoa que ela dedicou. Eu fico tentando achar assim o que que aquele livro causou naquela pessoa. Eu acho que já vem um livro com uma história por trás da história, sabe. Então eu acho muito interessante.

A permanência do recurso relaciona-se para Annie à continuidade de sua vida, representando uma prática contínua em sua vivência. Tal relato vai ao encontro das considerações de Petit (2013), que evidencia como a constância da prática da leitura possibilita a recuperação de um sentimento de confiança na própria continuidade da vida.

ANNIE: [...] E é um prazer que eu tenho na minha vida antes da deficiência e depois da deficiência, então é um prazer que eu continuo.

Para que o espaço seja habitável, conforme Petit (2019), para que o sujeito possa situar-se e se inscrever nele, é necessário que ele tenha uma espessura simbólica, imaginária. A narrativa – nem que seja uma mitologia familiar, algumas lembranças – permitem uma nova leitura do mundo, auxiliando na habitação dos lugares reais e na construção de uma morada interior.

5.4.3 Identidade

O terceiro sentido simbólico atribuído à prática da leitura pelos colaboradores da pesquisa é a construção da identidade (FIGURA 14). Embora esse aspecto não seja tão latente no discurso direto dos entrevistados como os anteriores, em vários momentos eles relacionam a leitura com sua própria identidade.

A leitura racional estabelece uma ponte entre o leitor e o conhecimento, promovendo a reflexão e reordenação de seu mundo subjetivo. No decorrer da leitura, o leitor atribui significado ao texto e questiona sua própria subjetividade, como também o universo das relações sociais. Esse processo alarga os horizontes da expectativa do leitor, possibilitando uma análise sobre sua própria realidade (MARTINS, 1994).

A leitura pode, dessa maneira, ser o “lugar de expansão do repertório das identidades possíveis” (PETIT, 2009b, p. 74). À semelhança das fotografias antigas que eram reveladas, o texto literário “revela” a pessoa que lê, mostrando o que até então estava oculto e não podia ser dito (PETIT, 2009b). Nos fragmentos abaixo, observa-se que o reconhecimento da existência de um eu-leitor é concebida pelos leitores como elemento estruturante de sua identidade.

ELIZABETH: [...] eu acho que nenhuma das pessoas consegue definir Elizabeth sem livro.

ANNIE: Eu acho que a principal [função da leitura] é essa... Não deixar eu me perder, sabe. Eu acho que é essa a função principal. Não deixar que eu me perca de quem eu sou.

KAMBILI: Porque para mim é maravilhoso, é prazeroso, é uma das coisas que mais me define. Gostar... Essa parte minha que gosta de ler e de escrever também.

VIOLLET: Meu nome foi tirado de um livro. Minha mãe é leitora também. Eu leio desde sempre. Aprendi a ler... Minha mãe me contava histórias, com cinco anos eu aprendi a ler. E eu leio desde sempre.

A leitura também torna possível a narrativa, de modo que o sujeito pode iniciar uma atividade de narração, estabelecendo vínculos entre os fragmentos de sua história pessoal. A leitura sustenta, assim, um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito como protagonista de sua própria história. “[...] a arte da narrativa, em particular, permite organizar a própria história e transformá-la” (PETIT, 2009a, p. 42).

Por vezes, as pessoas desconhecem o que carregam dentro de si, não conseguindo expressar seus pensamentos e sentimentos. Nesse sentido, a leitura literária envia ecos do mais profundo existente dentro de cada um, sendo capaz de alcançar seus desejos, seus medos, regiões inexploradas de si, emprestando palavras para que possam descrevê-los. O ato de ler impulsiona, desse modo, a reelaboração da história pessoal, o empoderamento por meio do relato, o desenvolvimento da faculdade da expressão, a identificação dos sentimentos, o reconhecimento de si.

Conforme Petit (2013), a leitura permite a elaboração de um lugar próprio, no qual o leitor pode delimitar e desenhar seus próprios contornos, sentindo-se capaz de ter um pensamento independente, permitindo que ele siga seu caminho com seus próprios passos. Ler permite ao leitor encontrar um tempo para si mesmo, de forma clandestina ou discreta, que leva à elaboração de uma identidade singular (PETIT,

2009b). Durante a entrevista, Kambili relatou a experiência de encontrar a si mesma durante a leitura:

KAMBILI: É o único momento que eu me sinto eu... Porque assim a gente sabe que depois que a gente casa e tem filho, para você ter aquele momento só seu é muito difícil. Então é o momento que eu me sinto, sabe. Que eu sinto uma conexão comigo de novo, com a Kambili sem ser mãe, sem ser esposa, Kambili pessoa, Kambili mulher.

Ao desenvolver a construção da identidade como um sentido simbólico para a sua vivência do ato de ler, Annie faz referência à leitura como uma “porta de entrada”, uma “abertura” de “coisas” que ela ainda permanece moldando. Chevalier e Gheerbrant (2009) associam o simbolismo da porta com a de um local de passagem entre dois diferentes estados (ou mesmo entre dois mundos diferentes) em que a porta se abre sobre um mistério que pode ser, além de o desconhecido, um tesouro. Para os autores a porta tem um valor dinâmico e psicológico que não só indica uma passagem, mas faz um convite para que ela seja atravessada. De acordo com as colocações de Annie, esse sentido parece descrever o seu movimento interior rumo a busca por estado que normalmente é descrito pelo termo individuação.

ANNIE: [...] e foi uma porta de entrada, uma abertura de coisas que eu fui moldando até hoje que ainda não tá totalmente pronto, não tá redondinho ainda e acho que nunca vai estar. E eu acho que o que também me faz ler mais é o fato de eu não querer estar pronta, sabe.

Jung (2008) irá se utilizar do conceito de individuação para observar e compreender o caminho percorrido pelos indivíduos ao longo de todo o seu processo vital e que teria como resultado a formação da sua personalidade através das interações entre seus mundos intra e extrapsíquicos. Para o autor, o processo de individuação é um percurso seguido pelo sujeito durante toda a sua vida em busca por tornar-se um ser único, na medida em que “individualidade” nesse contexto aponta para a sua singularidade mais íntima, última e incomparável. Este processo propiciaria ainda, segundo o autor, o desenvolvimento da personalidade individual, desenvolvimento este que irá particularizar o indivíduo humano frente às dimensões sociais a partir de um movimento que se inicia no momento do nascimento e se estende até o final da vida.

De acordo com Petit (2013), a leitura é um ponto de apoio para os jovens que querem diferenciar-se de seus pares. O jovem leitor busca uma autonomia, a construção de si mesmo e a elaboração da própria subjetividade. Tal aspecto foi evidenciado no discurso de Annie:

PESQUISADORA: E quando você fala, por exemplo, que você sempre gostou de ser diferente, você acha que gostar de ler, isso te faz uma pessoa diferente das outras pessoas?

ANNIE: Sim, acho que sim. Mas não é uma diferença nem positiva nem negativa, só diferente, entendeu? Não me sinto nem melhor nem pior que ninguém porque eu leio mais ou menos, sabe. Não... não vejo, mas me vejo diferente sim.

A busca por desidentificar-se de seu meio social, no caso específico de Paiva, de seus próprios familiares, tornou-se possível por meio da literatura. A história pessoal desse leitor é permeada de conflitos familiares desde a infância, com o divórcio dos pais e os sentimentos de solidão e abandono presentes durante a adolescência. É natural, portanto, que Paiva sinta a necessidade de diferenciar-se de seus pais, tendo comportamentos distintos de seus progenitores. A leitura literária desponta como possibilidade de desidentificação com os familiares.

PESQUISADORA: Em casa ninguém gostava de ler?

PAIVA: Não gostam até hoje. [...] Ninguém, sou o único que gosta de ler. Sofro preconceito até hoje porque eu gosto de ler. Porque as pessoas acham que é idiotice eu gostar de ler e comprar livro.

Ainda em relação à sua família, Paiva discursa a respeito de como a literatura abriu um novo caminho em sua vida, mostrando-lhe valores como respeito e amor ao próximo, em contrapartida aos posicionamentos racistas de seus familiares.

PAIVA: É uma escolha que a gente faz. A gente percebe que é errado. Não isso não é certo. A minha família é meio racista [...]. Então a literatura me transformou a seguir um caminho e falou assim isso tá errado. Ou seguir por esse caminho, que é um caminho bom, que é de amor ao próximo, de respeito às pessoas.

Apesar de todo o movimento desenvolvido por Paiva para diferenciar-se de seu entorno por meio da leitura literária, o que efetivamente ocorre (e é validado pelo sujeito) é a repetição da trajetória de seus pais com o vício em álcool.

PAIVA: Então como meu pai, minha família... Eu não conheço muito a minha mãe até hoje, é muito difícil eu vê-la... Então eu comecei na bebida pra ver se alguém prestava atenção. [...] Aí acabei entrando numa espiral que ninguém dava atenção... E não dá atenção, depois da bebida pior ainda. Mas chegou nesse momento... Eu comecei a beber depois de velho... Minha mãe foi alcoólatra, meu pai também foi alcoólatra, eles pararam antes de mim e eu comecei depois.

A dedicação ao ato de ler literatura é também concebida pelos leitores como ação relacionada ao aprimoramento pessoal. Ao serem perguntados a respeito das mudanças que ocorreram em suas vidas devido à prática da leitura literária, as respostas são diversas, mas convergem em uma visão de aprimoramento.

ELIZABETH: Sempre fui uma pessoa assim muito agitada. Então eu tinha um sério problema de não ter paciência com as pessoas. Na hora de explicar alguma coisa e a pessoa não pegar de primeira. Então tipo com o hábito da leitura, às vezes, começo a ficar mais calma. Vou vendo que, tipo, tem certas

situações que a gente tem que mudar o nosso jeito. Então tem muitas leituras que a gente faz, que a gente vai vendo como ter mais empatia, como pensar mais no próximo. E tipo tentar desacelerar. Porque a gente vê que o seu ritmo não é o ritmo da outra pessoa. [...] Acho que meu interesse em estudar. Porque antes eu realmente estudava só por estudar, porque tinha que ter alguma coisa. E com a leitura eu percebi que eu preciso melhorar por mim mesma. Tipo de querer crescer.

VIOLLET: Eu consigo falar respirando. Eu sou... Dá pra ver que eu sou comunicativa, mas eu falava muito, muito rápido, sem respirar. Todo mundo falava 'calma, respira'. Agora eu consigo. Agora, às vezes, até acho que eu falo muito devagar. O aumento do vocabulário é algo assim perceptível. [...] Ah, outra coisa além do vocabulário... Com o tempo eu comecei a ler mais, muito mais (risos). [...] A escrita melhorou 100%.

PAIVA: Em decorrência da leitura. Em decorrência sim, porque eu fui moldando minha vida com o tempo através da leitura. Eu falei, isso aqui eu não devo fazer. Eu já fui meio racista. Não completamente racista porque... Fui um idiota, um babaca, como eu disse, há um tempo atrás. Comentários mesmo idiotas, machistas, uns comentários meio racistas. Mas não era por má vontade, mas era uma vivência sobre os anos 90... Mas a leitura me levou... Ela me deu caminhos, que me mostrou isso eu não devo fazer. [...] Em decorrência dessa literatura, dessa leitura, me deu uma construção social, uma construção emocional que me transformou no homem que eu sou hoje.

A leitura literária atrelou-se tanto à identidade de algumas leitoras, que influenciou no momento da escolha profissional. Elizabeth, Kambili e Annie reforçam que escolheram cursar, respectivamente, Biblioteconomia, Letras e História devido ao interesse pela leitura.

ELIZABETH: [...] Então eu escolhi a profissão pela leitura. E a leitura é o que faz com que eu esteja todos os dias motivada para trabalhar [...].

KAMBILI: E comecei a pensar, cogitar o que eu queria fazer e tal. Quando simplesmente eu falei, eu vou fazer Letras. Porque é uma coisa que eu amo, a parte da literatura principalmente, é uma coisa que eu amo muito, quero fazer.

ANNIE: A questão da minha escolha de estudar coisas relacionadas à cultura, a História, o meu sonho adolescente do Jornalismo né. Ou o fato de eu gostar muito de escrever, desse sonho... sonhos, sonhos, sonhos... de um dia vir a publicar alguma coisa minha.

Por meio da análise dos depoimentos dos leitores, é perceptível que enquanto participam da pesquisa eles se constroem por meio das próprias narrativas. A identidade de cada colaborador da pesquisa se constrói por meio de sua narrativa pessoal, por meio da leitura e por diversas outras experiências e vivências. Em consonância com esse pensamento, retoma-se a fala de Annie, quando diz “e eu acho que o que também me faz ler mais é o fato de eu não querer estar pronta, sabe”. Diante dessas ponderações, é possível compreender que o sujeito, leitor ou não,

longe e inacessível, a leitura desponta como “um meio de se aproximar dele e de apropriar-se das qualidades que lhe atribuímos” (PETIT, 2013, p. 35).

ANNIE: Acho que também tem a questão de união, união é... a união que eu tenho, a conexão que eu tenho com meu pai, cada livro que eu leio, mesmo que não tenha nada a ver, meu pai não... ele acha livro de terror muito bobo, mas mesmo... cada virada de página, me ajuda a me conectar com meu pai.

PESQUISADORA: Mas essa conexão... você fala pelo fato de ele também ser um leitor?

ANNIE: Sim. E ele ter me incentivado muito a leitura.

PESQUISADORA: Aí você se sente mais próxima a ele?

ANNIE: Uhum.

Para além da conexão devido à admiração, Petit (2009a) afirma que o livro, feito de signos, de linguagem, é um registro simbólico que os psicanalistas situam como relacionado à figura paterna, uma terceira instância separadora. Já o ato de chegar à leitura pode ser descrito como a incorporação de algo que é próprio da mãe, em que o pai (simbolicamente representado pelo objeto livro), o ser que a mãe ama e com o qual ela sonha, não está ausente.

Por outro lado, o simbolismo do pai é evocado por alguns autores como diretamente associado ao ato de abrir as portas. Em uma entrevista publicada, o analista junguiano Roberto Gambini (2000) comentou com essas palavras o fato de Jung, em seu famoso livro autobiográfico "Memórias, Sonhos e Reflexões", contar que começou a pensar sobre a morte depois que seu pai lhe apareceu em alguns sonhos:

Os sonhos com o pai foram a abertura de um território. O pai não é aquele que abre as portas? Em vida, nosso pai não é aquele que vai nos mostrar o mundo? O pai do Jung também foi aquele que (metaforicamente) abriu as portas do 'pós vida'. Foi ele quem apareceu primeiro. (GAMBINI, 2000, p 5.)

Já Viollet e Elizabeth sentem que a leitura as aproximou da figura materna. Em uma visão psicanalítica, a obra literária é um espaço habitado pela mãe em sua presença mais carnal, e o ato de ler significa, no inconsciente, tomar conhecimento do que há no interior do corpo da mãe (PETIT, 2013).

VIOLLET: [...] a minha união com a minha mãe. A união com a família. [...] A leitura então uniu muito a gente. A gente lia e orava toda noite. [...] E nós trocamos muitas figurinhas. [...] Então são coisas... A gente troca muito experiências de livro. Ah, eu li esse livro. Ah eu vi tal vídeo sobre tal livro.

ELIZABETH: [...] Porque tipo a gente acabou dividindo histórias, porque eu acabei lendo muitos livros que elas [as tias] já tinham lá, que elas já tinham lido. Então acho que sempre tinha isso de tirar dúvida, de conversar sobre a história. Então a gente tava muito... tava sempre próximas.

O compartilhamento de experiências de leitura possibilita a conexão com outras pessoas e a criação de vínculos. De acordo com Petit (2009b, p. 97), a abertura para

o outro é uma consequência da leitura, que propicia “novas formas de socialidade, de partilhar e de conversar em torno dos livros”. Para a autora, compartilhar experiências de leitura em redes de sociabilidade permite a circulação de ideias e sensibilidades.

ANNIE: [...] Então eu gosto de compartilhar o que eu leio, inclusive com a minha mãe sabe. Eu tava contando pra ela as coisas que eu li e aí acaba gerando um exercício. Eu compartilho muito a literatura com a minha afilhada também que tem 13 anos, que é uma leitora incrível assim. E eu troco muito também com meu pai, e do meu pai eu acabo furtando mesmo, eu pego os livros e não devolvo (risos).

Nas cidades, como também no campo, nem sempre é possível encontrar pessoas dispostas a compartilhar suas experiências de leitura. Na web, leitores socializam suas memórias leitoras por meio de plataformas diversas, dentre elas, a mídia social WhatsApp foi citada pelos leitores como meio para dividir as tristezas, angústias e esperanças, relacionadas aos livros e também às vidas de cada um. No discurso de vários leitores foi possível averiguar a importância dos grupos virtuais de leitura coletiva, que possibilitam a criação de vínculos de amizade com pessoas que tem o interesse comum pela literatura e que acabam também por compartilhar vivências semelhantes.

ELIZABETH: Olha, todos os meus da Jane Austen são livros que eu gosto muito, que tipo mudou um pouco a minha vida, me deram as amizades que eu fiz. [...] porque eu acabei conhecendo uns amigos meus de longa data foi Orgulho e Preconceito. Então foi aí que surgiu a oportunidade de fazer uma leitura coletiva e acabei conhecendo as pessoas que trago hoje para minha vida. Vai fazer mais de 4 anos, que são de outros estados, mas que eu tive oportunidade de conhecer presencialmente.

KAMBILI: Os grupos de leitura, as pessoas... Eu conversava com as pessoas e elas falavam comigo que também estavam passando por situação difícil. Aí eu falei então eu não tô sozinha nessa. Porque a gente tende muito a se comparar né, ‘nossa vida de todo mundo tá bem e a minha não tá’. E eu vi assim nos grupos que todo mundo tava passando por dificuldade. Fiz amizades, fiz amizades assim conversando, pessoas falando sobre a mesma situação, sabe. E como sempre, é a leitura ali meu bote [salva-vidas] mesmo. Nossa só de pensar... Eu vou lembrando assim e sempre tem alguém ali de um grupo de leitura ou de uma leitura que eu fiz que foi ali me restabelecendo de novo sabe, então é isso mesmo.

A leitura, como é praticada atualmente, convida a outras fórmulas de socialização, “que se estendem para além do parentesco, da localidade, da etnicidade” (PETIT, 2009b, p. 95). Viollet e Paiva encontraram no universo literário muitos amigos e também suas atuais parcerias amorosas.

VIOLET: E a leitura ela me trouxe amigos, me trouxe meu namorado (risos). [...] Trouxe a Annie, que é uma das minhas melhores amigas da vida. A [nome da amiga], ela passou comigo uma situação de depressão, uma das últimas crises que eu tive feia foi ela que me salvou. Ela me tirou realmente do fundo do poço, ela me ligava quase todo dia, a gente ficava horas em vídeo chamada. A leitura salvou literalmente a minha vida.

PAIVA: O clube do livro me trouxe muitas pessoas, trouxe a [nome da namorada]. Conheci a [nome da namorada] no clube do livro, com literatura. Trouxe a Kambili, eu adoro a Kambili, é uma amiga... [...] A Elizabeth que mora no [estado], a Elizabeth veio aqui me ver! Então é um muito absurdo que traz pra gente, sabe. Que a gente fica assim, como é que a gente chegou a esse ponto de ter esses amigos que a gente nem conhece, alguns são virtuais. A Annie, que a gente ajudou com o medicamento dela de uma hora pra outra [...]. Eu sou muito seletivo com amigos. Eu gosto de muita gente, mas amigos são muito poucos que eu sei que posso contar. E trouxe muita gente pro mundo da gente, que faz a gente crescer, faz a gente observar com mais carinho. Antes de eu falar alguma coisa meio machista ou racista, eu já penso nessas pessoas. Eu não tenho essas atitudes há algum tempo, mas antes de falar alguma coisa que possa magoar alguém, já penso, assim, opa [...]. Então eu já penso por causa disso, a literatura me trouxe muito isso. Meus amigos literários eu adoro... tem pessoas que eu adoro.

Experiências de conexões profundas com a alteridade, alcançadas por meio da experiência da leitura literária, foram identificadas nos depoimentos dos participantes. A empatia desponta ao lado do sentimento de justiça, demonstrando que a literatura desperta os leitores para outras realidades.

KAMBILI: E é uma coisa que a leitura ela vai te trazendo, essa empatia com os outros. Esse olhar para o outro. E também a realidade não é só minha, existe a realidade daquela pessoa, porque que ela pensa assim, o contexto de vida e N coisas né. [...] Às vezes é uma revolta, as vezes é um senso de justiça. Quando eu li *A Cidade do Sol*⁵⁶, fiquei com sentimento de injustiça, eu queria ir lá no Afeganistão e mudar a situação, eu fiquei muito injuriada. Falei gente não consigo acreditar que existe isso. Então é isso, o livro, dependendo do tema ele te traz... Ele faz você se sentir tanto com empatia com o assunto, tanto você fica querendo mudar o mundo. Às vezes eu crio esse senso de mudar o mundo. Porque eu leio muito essa literatura política mesmo, sobre feminismos, sobre desigualdade, então dá esse senso de justiça. Essa vontade de ah eu vou mudar o mundo. Acho que traz isso na gente que é leitora.

PAIVA: Ela mostra que se eu pegar um livro, da Chimamanda, por exemplo, eu vou conseguir entender que aquele povo africano passou, o que o negro passa e eu posso entender que eu não devo ser racista. Racista é racista, não adianta né. Mas as pessoas que tem aquele movimento, que querem entender porque não se deve ser racista, através dessas literaturas, ela consegue desenvolver sua cabeça... Contra os homofóbicos... Pra não ser manipulado politicamente por muitos políticos aí, sejam de esquerda ou de direita... A literatura serve pra mim nesse ambiente, pra que abra minha cabeça, pra ver outras coisas na minha vida.

Conforme aponta Martins (1994), a leitura emocional proporciona o surgimento da empatia, levando o leitor a sentir o que sentiria caso estivesse na situação e circunstâncias experimentadas pelo outro. Durante a leitura, o leitor pode se colocar na pele de outra pessoa, de um animal, de qualquer personagem de ficção. “Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora

⁵⁶ HOSSEINI, Khaled. **A Cidade do Sol**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos a rechaça-lo” (MARTINS, 1994, p. 52).

É bem verdade que a literatura possibilita o desenvolvimento da faculdade da empatia, assim como o respeito e a compaixão, reduzindo o medo e a agressividade para com o outro. O aprimoramento de uma postura empática é, por vezes, argumento utilizado para justificar a utilidade da leitura no âmbito dos sistemas educacionais submetidos a um modelo de mercado, que pretende aumentar as competências técnicas diretamente avaliáveis. Contudo, um ponto de alerta é a existência de grandes leitores que são totalmente indiferentes ao destino dos outros, uma vez que a empatia pode conduzir à generosidade, mas também à manipulação sutil (PETIT, 2019). Inclusive, segundo Petit (2013, p. 102), tiranos, neuróticos e pervertidos são grandes consumidores de livros, “[...] a história - e o mundo atual - é rica em perversos e tiranos cultos”.

No que compete aos sentimentos despertados pela leitura literária, emerge nos relatos dos entrevistados o sentimento de comisseração, decorrente da experiência de colocar-se no lugar do outro durante o processo da leitura, emocionar-se com uma realidade diversa e solidarizar-se com suas dores.

PAIVA: Compaixão, felicidade, amor ao próximo. Choro quando tô lendo alguma coisa muito emocionante. Quase batendo no Hitler e encantado com a fala do Hitler, aqui no livro que eu tô lendo. Porque na hora que você lê o manifesto dele é pra enganar a população mesmo. Quando eu leio uma coisa mas... Quando eu li *A sociedade literária e a torta da casca de batata*, eu quase morri. Eu quase morri lendo aquele livro. Na hora que aquela menina dá um abraço na moça, na escritora, pra ela ficar, aquele livro quase me mata. Então o livro trás essas sensações. Eu li aquela história ali, não carrego ela comigo, claro, mas ela fica como uma experiencia que eu devo seguir.

VIOLET: Amor! É um dos sentimentos que acho que mais definem quando estou lendo é amor. Eu entro de cabeça nos personagens, no livro. Eu consigo ser todos os personagens, na minha mente. E consigo viver, sentir as dores deles. Então, acho que só com muito amor e empatia que a gente consegue isso.

ANNIE: Alguns me causam um sentimento muito forte de nostalgia, como por exemplo *O Farol*⁵⁷. [...] eu nunca vivi num farol, nada disso, mas mesmo assim me deu uma sensação de nostalgia, de pensar na história daquela mulher. Nessa parte de perpetuar a própria história, de contar a formação que ela faz com a colcha de retalhos, são recortes da vida dela. Então, então isso me faz.. Me causou essa sensação.

⁵⁷ WIERZCHOWSKI, Leticia. **Um Farol no Pampa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

ELIZABETH: Alegria, acho que depende do gênero né. Tristeza. E muito de reflexão. Porque tem muitas histórias que.... A gente fica pensando que tem coisas que acontecem na nossa atualidade, que a gente queria que não acontecesse, mas tem coisas que são reais. Então a leitura em si ela traz uma mescla dos nossos sentimentos.

A leitura não isola o leitor do mundo, ao contrário, o introduz no mundo de uma forma diferente. O leitor pode experimentar, durante a leitura, o sentimento de pertencer à própria humanidade, alcançando o nível mais universal da relação com o próximo: a humanidade compartilhada (PETIT, 2009b).

ANNIE: Olha, foi com certeza um dos livros mais incríveis que eu li foi a amizade que eu tenho, sabe, com as pessoas. A amizade que eu levo na minha alma com todo amor, então eles [os amigos] são uma história pra mim, eles são um livro pra mim que eu guardo na estante da minha alma com todo carinho assim.

Por meio da leitura ocorre o processo de humanização, desenvolvendo nos sujeitos traços considerados essenciais, como a reflexão, o saber, afinamento das emoções, senso de beleza, cultivo do humor, percepção da complexidade do mundo e dos seres, capacidade de lidar com os problemas inerentes à vida e a disposição para com o próximo, a abertura para o semelhante (CANDIDO, 1988).

5.4.5 Elaboração da morte

O último aspecto simbólico da leitura que emerge na fala de duas leitoras entrevistadas – Annie e Viollet - é a elaboração da morte (FIGURA 16), uma forma de tentar compreender a sua própria finitude que reflete diretamente no modo como elas enxergam a vida.

Figura 16 – Palavras associadas ao binômio vida/morte



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa.

O ser humano possui a certeza de sua própria morte, porém, tal consciência se dá de forma enviesada, uma vez que o pensamento fixo nesse acontecimento específico impediria quaisquer ações da vida rotineira. A consciência da morte é, assim, uma presença à espreita, como uma sombra. Sabe-se da sua existência, mas ignora-se o fato, para que seja possível dar continuidade à vida.

O medo da morte é, portanto, parte da condição humana. O grande mistério da vida é a sua finitude (FIGURA 17). Assim, questionamentos surgem no interior de cada sujeito: O que acontece depois da morte?

Figura 17 – Ó Sepultura, onde está a sua Vitória?



Fonte: TOOROP, Jan. O Grave, where is thy Victory?. 1892.⁵⁸

⁵⁸ Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/2681285/free-illustration-image-death-art-nouveau-angel>. Acesso em: 18. Mar. 2021.

A psicanalista Melanie Klein (1976, *apud* Petit, 2013) considera que os conflitos inconscientes entre as pulsões de vida e de morte permanecem por toda a existência. A pulsão de vida é responsável pelo crescimento e criação, correspondendo aos impulsos da procriação à criatividade. Já a pulsão de morte é uma força igualmente poderosa, que continuamente empurra o ser humano para a destruição e desintegração. Nessa perspectiva, a tensão psíquica constante entre essas duas forças é a raiz de todo o sofrimento humano. Não seria possível, pois, alcançar o equilíbrio ou a estabilidade, de modo que viver bem é tolerar o conflito entre as pulsões de vida e morte, aprendendo a funcionar dentro desses extremos (COLLIN *et al*, 2012).

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009), a morte possui um simbolismo ambivalente. A simbologia da morte evoca o aspecto destrutivo e perecível da existência, ligada àquilo que desaparece, à evolução irreversível, ao fim absoluto de qualquer coisa de positivo. Entretanto, a morte também encarna a introdutora dos mundos desconhecidos ou dos paraísos, corporificando-se como um rito de passagem, um caminho para uma possível revelação. Nos seres humanos, em todos os níveis de existência coexistem a morte e a vida, uma tensão de forças contrárias. Segundo os autores, a morte

tem um valor psicológico: ela liberta das forças negativas e regressivas, ela desmaterializa e libera as forças de ascensão do espírito. Se ela é, por si mesma, filha da noite e irmã do sono, ela possui, como sua mãe e seu irmão, o poder de regenerar (CHEVALIER; GHEERBANT, 2009, 621).

No caso de Annie, esse atributo da leitura não aparece no discurso direto da leitora, de maneira que se pode atribuir as associações e referências que despontaram durante a elaboração das metáforas instigadas pela pesquisadora no decorrer da entrevista à evocação de conteúdos inconscientes. De maneira não intencional, Annie discorre sobre a morte em distintos momentos de seu relato.

Além da morte, outra imagem ambígua emergiu no discurso de Annie. Ao ser perguntada sobre qual animal representaria ela mesma enquanto lê, Annie escolheu a imagem do gato, alegando que ele tem uma “curiosidade suicida”. Além disso, Annie relaciona a leitura a “um pequeno suicídio ou uma vida eterna”.

Em outros momentos da entrevista, percebe-se que a fala da leitora sobre a morte pode estar atrelada à sua convivência com três síndromes graves. Ao falar sobre sua evolução na prática da leitura, ela cita o fim da vida.

ANNIE: Eu acredito que até o final da vida, que vai demorar muito se Deus quiser, eu ainda vou evoluir e involuir muitas vezes porque essa é a graça da vida né, a gente ir no baixo e no alto. Mas no momento eu tô evoluindo.

Ao contar sobre um livro muito significativo em sua vida, *A Última Grande Lição*⁵⁹, que narra a história de um professor com uma doença degenerativa, Annie elabora que a partir da “sentença de morte” foi o momento em que o personagem mais viveu. Ao associar essa narrativa à sua própria vida, ela considera que passou a “viver muito” depois da leitura desse livro específico, de forma que percebe-se em seu discurso, que ela também considera ter recebido uma “sentença de morte”.

ANNIE: É, a minha doença, ela é degenerativa, esse é um dos pontos. Mas acho que o ponto principal é que ele [o personagem] aproveitou os primeiros momentos da morte pra viver, porque a partir do momento que ele recebeu essa sentença de morte no livro, foi o momento que ele mais viveu, a partir daquele momento até o final onde ele morre definitivamente, vamos dizer assim, ele vai morrendo aos poucos e vai vivendo muito. E esse viver muito era o que eu mais precisava naquele momento. E eu voltei a viver muito depois de ler esse livro.

A elaboração da morte, por meio da leitura, pode relacionar-se as primeiras etapas da função simbolizadora, desenvolvidas no início da vida humana, quando a criança recorre à simbolização por intermédio do jogo para suportar a ausência da mãe. “Essas primeiras etapas aparecem aí estreitamente ligadas à perda, à separação, ao luto, à renúncia” (PETIT, 2009a, p. 118). Nos tempos de crise, tão marcados pela perda e pela separação, o sujeito busca novamente uma atividade de simbolização, que possa ocupar novamente um papel central em sua vida (PETIT, 2009a).

No caso de Viollet, a elaboração da morte por meio da leitura desponta como um elemento marcante, uma vez que ela relata ter recorrido aos livros logo após uma tentativa de suicídio.

VIOLLET: Eu tentei me matar três vezes durante esses meus 25 anos. A última vez foi com 18. Eu passei no psicólogo algumas vezes. E foi quando eu falei pra ela o real motivo [os abusos sexuais sofridos], tudo o que me sufocava. Mas, nesse período, eu já lia. Foi justamente em 2013 que eu conheci o Whattpad⁶⁰, logo no início dele aqui no Brasil. E os livros eu leio desde sempre, mas nesse período foi o que me ajudou a realmente não afundar. Quando eu tentei me matar a última vez, eu não consegui... Eu falei não, não é para eu morrer agora, tem algum propósito por aí. Então... E eu me afundei nos livros, eu tinha um blog literário, que chamava [nome do blog], depois eu tive outros blogs literários. Mas no [nome do blog], eu postava desenhos, textos. Daí teve uma época que eu fazia o meu diário todo dia ou escrevia no blog e postava.

A trajetória de vida de Viollet é permeada de muitos eventos traumáticos, como os abusos sexuais ocorridos na infância, o que ocasionou uma depressão profunda.

⁵⁹ ALBOM, Mitch. **A Última Grande Lição**: o sentido da vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

⁶⁰ Plataforma que pode ser acessada no computador ou celular, que permite a leitura on-line e off-line dos livros disponíveis sem a necessidade de realizar o download.

VIOLLET: Teve alguns acontecimentos como estupro, na infância... Que eu escondi por muitos anos, por exemplo, meu pai não sabe até hoje. Minha mãe sabe faz cinco, seis anos.

Além de todo o sofrimento decorrente dos abusos sexuais, Viollet ainda foi vítima de bullying durante sua adolescência, o que motivou-a a abandonar a escola.

VIOLLET: Foi um dos motivos de eu ter parado de estudar, as crises constantes junto com a depressão. Com 15 anos, no dia do meu aniversário de 14 para 15 anos, eu tentei me matar. Sobre bullying, também sofri muito bullying na escola. Eu tenho muito seio, eu uso sutiã 58, 60. Sempre tive muito seio. E me zuavam muito. Quando não zuavam por causa que... Agora, como diz minha avó, eu sou amarela, mas eu era mais escura. Quando não me zoavam... Primeiro porque eu era muito magra. Depois eu engordei, porque eu era muito gorda. Eu fui de 'Olivia palito queimado' pra botijão, baleia. [...] E aí com 16 anos eu comecei a ter crises tão fortes que eu falei para minha mãe, 'mãe eu não vou mais para escola, eu não quero mais ir'. Cada vez era mais difícil, juntava com os problemas que aconteciam na escola. Apesar de eu ser a CDF da turma, sempre gostei de estudar, sempre fui a que sentava na primeira carteira.

Em meio a tantos processos dolorosos, Viollet encontrou na leitura literária significados que a impediram de atentar contra sua própria vida. Durante a leitura do livro *Até que a Vida nos Separe*⁶¹, ela desistiu de cometer suicídio.

VIOLLET: O *Até que a Vida nos Separe*, da Narah Mestre, foi o livro... Esse livro literalmente me salvou. Literalmente eu estar pensando em me matar, ler a história e pensar por que eu vou fazer isso?

No decorrer da entrevista, Viollet foi instigada a contar um pouco da obra literária e de como ela apropriou-se dessa narrativa. O livro em questão narra a história de uma mulher com câncer em fase terminal e como essa enfrenta a morte corajosamente, com o amor da esposa e das amigas. A obra literária causou um impacto singular na vida de Viollet. A leitora apropriou-se da obra para elaborar o conflito entre as pulsões de vida e de morte.

VIOLLET: Realmente eu tava numa época que eu... Eu não aguento mais nada. [...] E eu tava com aqueles pensamentos loucos de novo, que eu pensei que a minha vida não tinha um propósito. Mas eu tava com os pensamentos muito desandados, como diz minha mãe. E foi esse livro que me fez voltar pro chão de novo. Não, você tem muito que viver, tem muito o que aprender. Você tem que encontrar o amor pra sua vida ainda, você tem que se achar o amor da sua vida. Eu falo muito isso, o amor da nossa vida tem que ser a gente. E a gente encontra em outra pessoa o amor para nossa vida. E foi por causa dos livros também que eu comecei a ver dessa maneira. Por eu sempre via nos livros que o amor da minha vida e não sei o que... Mas aí eu comecei a ver, mas se a pessoa não se ama como que a outra pessoa vai ser o amor da vida dela?

Os depoimentos das duas entrevistadas, no que concerne ao binômio vida e morte, demonstram que a leitura literária tem a capacidade de tocar em pontos muito

⁶¹ MESTRE, Narah. **Até que a Vida nos Separe**. [S.l.]: Edição do autor, 2016 [e-book].

sensíveis e profundos da experiência humana. A morte – para Annie, uma sentença; e para Violet, uma vontade – foi elaborada pelas leitoras por meio da leitura de obras literárias, que permitiram que elas tivessem uma nova postura perante a finitude e, conseqüentemente novas maneiras de lidar com a vida.

6 EXPERIÊNCIAS DE LEITURA LITERÁRIA NO ENFRENTAMENTO DE SITUAÇÕES ADVERSAS

“Eu fico, assim, pensando... Que remédio que é esse que a gente não conhecia?” (Paiva).

Nas vivências adversas dos colaboradores da pesquisa, relacionadas às fragilidades físicas, psicológicas e sociais, identificou-se a ação de recorrer à leitura como forma de enfrentar e superar as dificuldades. Na seção anterior, foram abordados os significados que a leitura possui para os colaboradores da pesquisa, expressos de forma consciente e inconsciente. Já na seção atual, apresentam-se os processos psíquicos (cognitivos e emocionais) vivenciados pelos leitores, mediante a análise das experiências de leitura relatadas.

A afirmação de que a leitura literária salva é quase unânime entre os entrevistados:

PAIVA: Salvação. A literatura me salvou.

ELIZABETH: Eu acho que a leitura foi o meu barco de salvação.

KAMBILI: E... mais uma vez a literatura me salvou.

VIOLLET: A leitura salvou literalmente a minha vida.

Dessa constatação surge um questionamento: de que forma a leitura literária “salva”? Como ocorre esse “salvamento”?

De acordo com o dicionário Michaelis⁶², a palavra *salvação* significa ato ou efeito de salvar(-se); o que livra alguém de uma situação que oferece perigo; passagem de uma situação decadente para a vitória; libertação do pecado que leva o fiel a obter a felicidade eterna. Para o verbo *salvar* o dicionário Priberam⁶³ dá as seguintes definições: tirar ou livrar de um perigo; dar saúde a (um doente); transpor, vencer (espaços ou distâncias); preservar; livrar da morte; livrar do inferno ou do purgatório; obter a salvação eterna; acoitar-se, abrigar-se.

É pertinente ressaltar que seria ingenuidade afirmar que a leitura, unicamente, seria capaz de “salvar” uma pessoa, de seus conflitos, traumas, sofrimentos, angústias e decepções. Contudo, é motivo de investigação a caracterização da leitura como um salvamento, pela grande maioria dos leitores entrevistados.

⁶² Salvar. In: Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=salvar>. Acesso em: 18 mar. 2021.

⁶³ Salvação. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/salva%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 18 mar. 2021.

Diante das experiências de uso da leitura literária no enfrentamento de situações adversas específicas, relatadas por cada um dos leitores, foram analisados os processos psíquicos envolvidos (FIGURA 18). Os processos identificados foram extraídos do referencial teórico da pesquisa.

Figura 18 – Processos psíquicos envolvidos nas experiências de leitura literária



Fonte: Elaborado pela autora.

Cada um dos processos assinalados – processamento e integração, circum-ambulação, identificação e catarse, consolação e amplificação – foram devidamente esclarecidos e analisados nas próximas seções.

6.1 PROCESSAMENTO E INTEGRAÇÃO

A vivência de experiências traumáticas, por vezes, pode desencadear processos de depressão e ansiedade, como no caso de alguns colaboradores da pesquisa. A adaptação ao evento traumático requer processamento e integração no esquema cognitivo do sujeito (KNAPP; CAMINHA, 2003). É nessa perspectiva que a leitura literária atua, auxiliando o leitor na elaboração de conteúdos considerados

negativos – tristeza, raiva, revolta, culpa – transformando-os em sentimentos melhor aceitos e compreendidos, de forma a remodelar sua experiência individual.

O processamento e a integração podem ser verificados no discurso de Annie, que relata a respeito do impacto do livro *A Última Grande Lição* em sua vida, no momento do diagnóstico de suas síndromes.

ANNIE: Tá, eu vou te contar uma história, que foi assim... Eu tava muito revoltada com a doença, muito, muito, muito, muito, muito, revoltada. Aí eu comecei a fazer terapia. E revoltada e tal, aquela angústia e sentimentos ruins, pensamentos ruins e tudo mais. E aí uma acompanhante de um paciente, que era a esposa de um paciente, ela falou assim 'Annie, eu tenho um livro pra te indicar e eu acho que você vai gostar dele'. E o livro foi *A Última Grande Lição* do Mitch Albon. Aí eu peguei e li aquele livro e esse livro me marcou profundamente, porque eu senti que é... Parecia que a história assim tava conversando comigo, mais do que o normal. Mais do que normalmente os livros conversam com a gente. Os livros contam a história da gente... *A Última Grande Lição*, ele conversou e me deu um choque assim de realidade. Foi um copo d'água gelada no meio da minha cara. Foi assim, olha, você tá passando por uma coisa difícil, mas não é impossível. E aquilo ali foi um divisor de águas pra mim. Foi antes desse livro e depois desse livro. Esse livro, eu tento ler pelo menos uma vez no ano, ler ele e aí parar e pensar assim 'ó, você já teve pior e você com certeza vai tá muito melhor ano que vem quando você ler esse livro, vai ser é... mais um carinho na tua alma'. E aí eu acho que esse foi um momento muito forte pra mim.

Por meio dessa leitura específica, Annie conseguiu transformar seus sentimentos de revolta e indignação, por ter sido diagnosticada com três síndromes graves e incuráveis, em sentimentos de esperança e acalento. Já Elizabeth, rejeitada pelos pais biológicos quando era apenas um bebê, conseguiu transmutar o sentimento de abandono, por meio de leituras diversas ao longo da vida, em gratidão aos familiares que acolheram-na e aceitação da sua estrutura familiar não padronizada.

ELIZABETH: [...] quando eu era criança né, mesmo que a gente não queira, a gente sente aquela questão de rejeição dos pais. Por não... tipo por que? Ficou com minhas irmãs, não ficou comigo. Então desde o momento que eu comecei a ler, comecei a ter uma visão diferente da minha vida. Tipo de ter a oportunidade que eu tive, de ter sido criada pelos meus avós, pela minha tia. E que, talvez, se eu tivesse vivido com eles, não teria essa oportunidade. Porque eu vejo muito isso, a diferença da minha vida e as das minhas irmãs. Então, depois que eu comecei a viver a leitura, ela começou a abrir mais minha mente, a enxergar que algumas coisas estariam bem melhor do jeito que estão, do jeito que estava do que como eu imaginava que seria.

[...]

porque a gente cresce com o discurso, assim, ah porque a família padrão. A família que tem que ser aceita, é um pai, uma mãe e os filhos, né. Então a minha estrutura familiar nunca foi essa. Eu vivi com meus avós maternos, depois que minha avó faleceu, eu fiquei só com a minha tia. Então tipo chegou um momento da minha vida que eu entrei até em conflito com um professor, porque tinha uma disciplina, acho que de religião [...]. Então quando eu questionei, eu falei 'Não, não, é meu padrão de vida, da minha realidade. A minha família é outra e não é porque eu tenho uma família diferente, que não é a estrutura padrão, que eu sou uma pessoa revoltada'. Então o fato de eu ter questionado, ele já achava que eu era revoltada, que eu era rebarbada.

Eu falei ‘Não ué, é porque eu não tenho essa vivência. [...] Não é porque eu não nasci assim, que eu vou ser frustrada na minha vida. Que eu não vou ser alguém na minha vida, porque eu não vivi com meus pais biológicos’. [...] Então, fica muito nisso de ah a sociedade diz que é isso, mas você tá vendo que a tua realidade é outra. A gente fica muito pensando será que eu vou ser realmente assim, porque eu não nasci numa família padrão? Porque isso e aquilo. A gente não quer pensar, porém tipo quando chega... Você tá estudando, batem naquela tecla, que é isso, que é isso, que é isso... A gente acaba parando e refletindo sobre a nossa própria vida né, as nossas atitudes, tudo isso.

Os sofrimentos de Paiva decorrentes da desestrutura familiar vivida na infância – o abandono pelo pai que saiu de casa, o abandono por parte da mãe que se ausentava por dias, a responsabilidade de encontrar comida para os irmãos, a solidão - assim como seu quadro depressivo e a luta contra o alcoolismo, tiveram seu processamento e integração possibilitados por meio da leitura literária.

PAIVA: E a leitura me ajudou mesmo que seja, como que eu vou dizer essa palavra, sem querer. De alguma forma, ela me ajudou sem eu perceber esses anos atrás, lá atrás. [...] Basicamente minha trajetória foi essa, pais separados, alcoolismo, depressão. Eu tenho um pouco de crise de ansiedade hoje, depressão. Mas muito menos, não penso em morte mais. Alcoolismo. E a literatura nesse ambiente... A literatura quando ela entra, ela participa de mim... Tem outros momentos, que eu não imaginava que ela fosse tão importante. Eu só gostava de ler. Quando eu paro de beber e entro para o clube do livro, que eu começo a participar de outros grupos, eu vejo que ela é fundamental pra mim e para as pessoas que me cercam.

Pessoas que viveram um trauma podem reconstruir-se por meio de um livro. “[...] o que está dentro deles deve primeiro encontrar voz do lado de fora por caminhos estéticos indiretos, para que porções inteiras daquilo que viveram permaneçam entranhadas nas zonas mortas de seu ser. Para que possam, enfim, testemunhá-lo” (PETIT, 2019, p. 94). Um exemplo disso foi o processo vivenciado por Viollet, vítima de abuso sexual por um membro da família. Em um ponto da entrevista, a leitora afirma que “antes eu lia muito *hot*, tanto que eu tenho muito *hot* nacional, principalmente”. A ação de recorrer a esse tipo de leitura específica, caracterizada pelo transbordamento do erotismo mesclado ao viés romântico, pode ser associada à tentativa de sublimação do abuso sexual sofrido e/ou uma compreensão da própria sexualidade de Viollet, impactada diretamente pela violência.

Viollet relata também uma experiência com o livro *Corações Indômitos*⁶⁴, o primeiro romance erótico que leu, que a auxiliou a conversar sobre sexo com o pai. Por ser um pastor evangélico, o pai de Viollet defende que a vida sexual deve iniciar após o casamento. Contudo, além dos tabus envolvidos, o diálogo seria ainda mais

⁶⁴ LANGAN, Ruth. **Corações indômitos**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

difícil para Viollet, uma vez que seu pai desconhece os abusos sexuais sofridos pela filha. Como alternativa para atenuar essa conversa difícil, Viollet mostrou uma cena erótica do livro ao pai.

VIOLLET: É romance de banca né, então tem cenas eróticas. Mas esse livro me salvou de uma situação constrangedora com o meu pai. Porque aqui conta a primeira vez da mocinha. E os pais não são muito bons nisso, mas querem falar com a gente, alguns, sobre sexo, essas coisas. Aí ele veio querer conversar. [...]. E daí eu peguei o livro e fui na parte onde contava [a cena de sexo]. Eu falei 'pai, é sobre isso que o senhor quer falar?' E daí eu, 'eu já sei pai, não precisa falar'...

Atualmente, a leitora não considera o romance erótico como uma das suas predileções. Ao fazer uma releitura do livro *Enlouquecida*⁶⁵, ela constata:

VIOLLET: Hoje, eu reli ele depois de um tempo. E eu... Como eu fui gostar do livro? Só tem sexo! Como eu fui gostar da história? Só tem sexo na história. Mas, tirando as cenas de sexo, a história é boa.

É perceptível que a própria leitora se surpreende – “Só tem sexo!” - com o excesso de cenas eróticas do gênero que, no passado, era o mais lido por ela. Isso pode evidenciar, de fato, a ocorrência de um processo de elaboração do trauma vivido por meio dos romances eróticos. Atualmente, a leitora considera que lida melhor com o trauma – “É algo que não me causa mais tanta dor. Eu acho que vai me causar dor o resto da minha vida, mas não me causa tanta dor” - o que pode ter ocasionado a mudança no gosto literário. Ressalta-se a afirmação de que a história do livro é boa “tirando as cenas de sexo”, frase que demonstra que Viollet não sente mais a necessidade de ler essas cenas tal como fazia anteriormente.

Na visão do psiquiatra Viktor Frankl, o sofrimento só deixa de ser sofrimento quando ganha sentido. Nessa perspectiva, o ser humano não está à mercê do ambiente ou dos acontecimentos, uma vez que cabe a ele determinar como se deixará influenciar. O sofrimento pode ser visto por ângulos diferentes, dependendo da interpretação pessoal dos fatos (COLLIN *et al*, 2012). Em consonância com esse pensamento, as experiências relatadas pelos leitores tornam perceptível a compreensão de que a obra literária, de fato, amparou os sujeitos em seu processamento e integração de traumas.

⁶⁵ MULLER, Sophia. **Enlouquecida**. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2014.

6.2 CIRCUM-AMBULAÇÃO

Circum-ambulação é o termo junguiano utilizado para descrever a abordagem (e a eventual interpretação) de um tema, refletindo sobre ele de diferentes pontos de vista. A diferença entre a circum-ambulação e a associação livre é que a primeira é circular, não linear, de modo a permitir que o sujeito não se afaste do tema original, mantendo-se próximo a ele (SHARP, 1993; PAULA, 2005).

A releitura de obras literárias pode ser caracterizada como uma forma de circum-ambulação, uma vez que os leitores não se afastam de suas respectivas questões originais, mantendo-se sempre próximos ao problema vivenciado. Os constantes retornos a uma mesma leitura, permitem aos leitores aprofundarem suas percepções sobre a narrativa e o impacto dela em si mesmos, explorando diferentes camadas e possibilidades compreensivas (PAULA, 2005) sobre o texto e do que eles próprios extraíram das leituras. De forma semelhante, a leitura de múltiplas obras sobre um mesmo tema (ou com um mesmo tema em comum) permite que o leitor ou leitora circule (circum-ambule) esse tema (que por vezes pode ser forte, doloroso ou de difícil assimilação ou compreensão) contemplando-o através de diversos pontos de vista e, dessa forma, permitindo que ele seja abordado a partir de diferentes visões ou “caminhos” interpretativos. O que, potencialmente, pode levar a uma melhor compreensão da questão ou mesmo sua assimilação em melhores termos. Acrescente-se que a releitura de uma obra, ao permitir o retorno a ela por diferentes vezes, em diferentes temporalidades, em diferentes momentos existenciais, ou em diferentes fases de um mesmo momento existencial sobrepõe essas duas formas de circum-ambulação permitindo um *circumambulatio*⁶⁶ ainda mais aprofundado da questão central em pauta.

O fato de uma leitura causar um impacto tão grande e prolongado na vida de uma pessoa é pontuado por Petit (2013, p.48), ao afirmar que a leitura não é somente o tempo que o leitor se dedica ao livro, uma vez que “algumas palavras, uma frase ou

⁶⁶ O uso do termo em latim aqui é intencional para que seja reforçada a sua intensidade simbólica para os leitores e leitoras: circular um objeto de extrema importância e que, por vezes, evoca o sagrado. O termo é definido por Bowker (1999) como o ato de se movimentar ao redor de um ídolo ou um objeto sagrado. O dicionário ressalta que esse gesto de circum-ambulação de templos ou imagens de divindades é uma parte essencial das devoções hinduísta e budista, estando também presente em outras religiões como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo.

uma história pode ressoar por uma vida inteira”. Nesse sentido, a autora discorre sobre o tempo de leitura relacionar-se a todo um trabalho “consciente ou inconsciente, e um efeito *a posteriori*, uma evolução psíquica de certos relatos ou de certas frases, às vezes muito tempo depois de os termos lido” (PETIT, 2013, p. 48, grifo nosso). É perceptível que, por meio dessa leitura, Annie reelaborou sua história pessoal, mudando seus pontos de vista por meio do poder transformador da narrativa (PETIT, 2009a).

Como já citado na seção anterior, Annie possui um envolvimento especial com o livro *A Última Grande Lição*. O referido livro foi lido por Annie pela primeira vez há cerca de oito anos, sendo relido pela entrevistada pelo menos uma vez por ano. O fato de Annie voltar à leitura desse mesmo livro ao menos uma vez por ano, nos últimos oito anos, pode caracterizar-se como um processo de circum-ambulação, uma vez que ela retorna à sua questão original: o diagnóstico de suas doenças. Quando Annie diz a si mesma “você já teve pior e você, com certeza, vai tá muito melhor ano que vem quando você ler esse livro” é uma promessa a si mesma, de que vai sobreviver para reler o livro mais uma vez.

Em outra situação adversa, decorrente do luto pelo falecimento do namorado, Annie afirma ter recorrido à leitura do livro *Dom Casmurro*⁶⁷ repetidas vezes. A entrevistada relatou que, aos 16 anos, viveu a perda do seu primeiro namorado, que faleceu em decorrência de um câncer pulmonar. Para Petit (2013) as palavras proporcionam um acolhimento para uma pessoa que vivenciou um luto, possibilitando devolver-lhe o sentido de sua vida.

ANNIE: Eu li *Dom Casmurro* quando eu perdi meu primeiro namorado. Meu primeiro namorado faleceu quando a gente namorava. Eu li *Dom Casmurro* em *looping*, várias e várias vezes. É... Foi um jeito de compreender né.

PESQUISADORA: E quando você fala, por exemplo, que você leu repetidas vezes o *Dom Casmurro* para lidar com a questão do luto. Por que você acha que você fez essas repetições? O que você sentia?

ANNIE: Eu não me sentia sozinha. E eu não me sentia tão incompreendida, que eu via que tinha gente que também passava por aquilo ali e também continuava de pé, né. A personagem Capitu pra mim foi uma das personagens mais injustiçadas, é... E eu não achei justo aquele falecimento. Então, eu queria... Ela sobreviveu aquilo dali, por que que eu não vou sobreviver? Entendeu. Foi uma forma de me inspirar.

A repetição da mesma leitura em sequência, nesse contexto, pode atrelar-se a uma tentativa de sublimação dos sentimentos de revolta e injustiça decorrentes do luto. Ao afirmar que a personagem Capitu “sobreviveu aquilo dali, por que que eu não

⁶⁷ ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

vou sobreviver?”, Annie faz um movimento em prol da elaboração de sua dor emocional. A leitura pode ter o potencial de fazer com o que o mundo se torne mais inteligível, dando-lhe vida novamente (PETIT, 2013).

Por sua vez, Kambili relata a releitura de *O Diário de Anne Frank*⁶⁸. A leitora afirma que recorreu muitas vezes a essa leitura porque sentia que não poderia esquecer a história, além de que a narrativa teria mais conteúdo a ser compreendido, o qual poderia ter passado despercebido.

KAMBILI: Eu acho que a primeira vez que eu li o Diário de Anne Frank, eu... Nossa, foi uma leitura que eu acho que eu cheguei a ler umas três ou quatro vezes, se eu não me engano. Porque para mim foi muito assim... Muito revelador. Parece que abriu um mundo que até então eu não conhecia. Eu era muito nova quando eu comecei a ler, quando eu peguei ele pra ler, peguei na biblioteca. E assim ele fez uma experiência... Assim de como uma adolescente, na situação em que ela viveu, tinha ainda tanta força para achar que eles iam conseguir sair dali. Aquela força, aquela garra pela vida. Então assim... Nossa... É, tem outros também, mas esse da Anne Frank...

PESQUISADORA: Por que você sentiu essa necessidade de retomar essa leitura tantas vezes?

KAMBILI: Porque quando eu começava a esquecer um pouco a história, eu falava não, eu não posso esquecer. Aí eu ia lá e voltava e lia de novo. Ou, às vezes, sabe quando você, parece que da primeira vez você não percebeu tudo, você sente que aquele livro tem mais para te passar. E foi assim. Teve uma vez que eu peguei ele emprestado [...]. E acho que eu fiquei um ano com esse livro... Porque sempre eu relia, as partes que mais me interessavam. Não relia ele todo, mas as partes que mais me interessavam eu ia lá e relia. Aí depois eu consegui comprar o meu (risos). Agora eu posso reler a hora que eu quiser né (risos).

Ao discorrer sobre um trecho específico de *O Diário de Anne Frank*, Kambili fornece uma pista da questão originária que a vincula afetivamente a essa obra. Pela vivência de intensos processos depressivos ao longo da vida, Kambili encontra nessa obra literária a pulsão de vida da jovem Anne Frank, que mesmo sendo judia em meio a Segunda Guerra Mundial, tinha esperança na humanidade.

KAMBILI: Tem uma parte que ela fala que por mais que o mundo tava do jeito que se encontrava naquela situação, ela ainda acreditava que dentro das pessoas ainda existe alguma coisa de bom. Eu acho que isso foi maravilhoso da parte dela, uma adolescente pensar isso, sabe. Pra gente não perder a fé também na humanidade, pra gente pensar que sempre vão existir pessoas corretas, em busca de melhoria, não vai só existir pessoas ruins. Porque, as vezes, a gente lida com tanta coisa, com tanta notícia, informação horrível, aí a gente pensa o mundo tá perdido. E ela fala que, apesar de tudo, ela ainda acreditava que as pessoas ainda poderiam ter boa intenção, poderiam ter um coração bom. Então essa é uma parte que ficou muito, muito gravada para mim.

Viollet, como já citado na seção 5.5, possui um vínculo afetivo com o livro *Até que a Vida nos Separe*, cuja leitura auxiliou-a no combate aos pensamentos suicidas.

⁶⁸ FRANK, Annie. *O Diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VIOLLET: O *Até que a Vida nos Separe*, eu já li e reli. Eu já li na leitura do ano passado. Foram nove vezes que eu li o livro.

Ao ser perguntada a respeito da sua necessidade em reler a obra, Viollet afirmou que cada releitura é diferente, pois ela nota questões que passaram despercebidas nas outras leituras. Sobre esse ponto, Roubakine (1998) afirma que o fato de o mesmo livro parecer diferente para o leitor em momentos distintos da vida é resultante de uma mudança na sua atenção. Dependendo do momento, a atenção do leitor é fixada em uma palavra ou passagem de preferência, o que é variável conforme o estado psíquico geral do sujeito. As mudanças na atenção do leitor fazem parte dos fenômenos psíquicos que envolvem a atividade de leitura e, no caso de releituras, relaciona-se introspectivamente às memórias do leitor em diferentes momentos da sua vida e da comparação entre tais momentos.

De forma peculiar, Viollet pontua que o romance *Até que a Vida nos Separe* e o livro de poesias *Chão de Vento*⁶⁹ funcionam para ela como um “desbloqueio”.

VIOLLET: Eu sinto falta e pego para reler. Se me dá algum bloqueio... Porque, às vezes, dá esses bloqueios doidos de leitura, eu pego aquela história. A história tal vai me fazer lembrar disso, vou lá e pego.

PESQUISADORA: Você falou que está com um bloqueio. Aí você procura esse livro para te desbloquear.

VIOLLET: Tanto ele [*Chão de Vento*], quanto o *Até que a Vida nos Separe*.

PESQUISADORA: E por que que você acha que acontece esse desbloqueio, o quê desbloqueia?

VIOLLET: Acho que é os sentimentos que os livros me trazem. Por causa do aprendizado que eu tive com eles na primeira vez que eu li.

PESQUISADORA: Você precisa lembrar esses aprendizados, aí você volta lá. Seria isso?

VIOLLET: Sim. Daí me faz ter um estalo nas leituras de novo.

As duas obras funcionam para Viollet como mecanismos de retorno às suas motivações iniciais, ao cerne do porquê de sua prática de leitura. Assim, diante de um bloqueio na leitura de algum livro, um possível desânimo ou perda de sentido, as duas narrativas citadas respondem à pergunta – para quê ler? – lembrando Viollet dos processos psíquicos que já experienciou por meio da leitura literária.

Essa disposição dos leitores para retomarem uma narrativa e dialogarem com ela constantemente, revela a potencialidade do processo de circum-ambulação, que mantém os sujeitos num exercício constante de questionamento de suas interpretações e visões de mundo. Além disso, tal processo permite o trabalho com as

⁶⁹ FIGUEIREDO, Flora. *Chão de Vento*. São Paulo: Geração, 2005.

dimensões da memória e do esquecimento, o que o sujeito não se atreve a esquecer e o que deseja gravar na mente.

Conforme apontado por Roubakine (1998), o leitor exercita comparações que se referem a si próprio ao folhear e reler livros que já leu, compara suas memórias e reaviva os seu antigos engramas⁷⁰, bem como os engramas das circunstâncias que acompanharam a sua leitura. Esses antigos engramas (inscrições) são comparados aos engramas do presente porque são realmente revividos. Por meio desse processo, o leitor estuda a si mesmo de modo mais profundo do que pensa, uma vez que a releitura e a reflexão sistemática das qualidades atribuídas à obra certamente resultarão em um novo aprendizado de algo que até então permanecera no seu inconsciente.

6.3 IDENTIFICAÇÃO E CATARSE

Nesta seção abordam-se experiências dos colaboradores da pesquisa relacionadas à identificação e catarse. Em relação ao primeiro termo, Sharp (1993) afirma que a identificação é um processo psicológico, relacionado à projeção e introjeção, baseado na identidade, que se ajusta inconscientemente, entre sujeito e objeto.

A ficção, segundo Sapiro (2019), fornece um esquema interpretativo do funcionamento do mundo social, ao associar representações sociais às experiências internalizadas pelo leitor, revelando aspectos desconhecidos e despertando sentimentos, como pena e indignação. A noção de identificação serve como modo de “comparar, situar, analisar e mostrar no geral (pela construção de tipos ou de destinos sociais), em um duplo processo de autossocioanálise e de julgamento da ficção sob a relação da verossimilhança e da moral (SAPIRO, 2019, p.130).”

A leitura de uma obra específica pode ocasionar no leitor sentimentos de identificação. Uma leitura identificadora fornece ao leitor um ponto de vista privilegiado para o entendimento de si mesmo e dos seus próprios pensamentos, sentimentos e comportamentos. As leituras identificadoras

Vêm ao encontro de desejos, amenizam ou ressaltam frustrações diante da realidade. Levam-nos a outros tempos e lugares, imaginários ou não, mas que naquelas circunstâncias respondem a uma necessidade, provocam

⁷⁰ Marca permanente deixada na psique de um indivíduo por força das experiências psíquicas por ele sofridas. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/engrama/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

intensa satisfação ou, ao contrário, desencadeiam angústia, levando à depressão. Tudo se passa num processo de identificação; não temos controle racional sobre isso, pelo menos naquele momento (MARTNS, 1994, p.49).

O leitor permite-se ler a si mesmo nas entrelinhas da obra literária, recebendo, a todo instante, lembretes e pistas sobre o seu próprio eu. “Todos temos um texto secreto submerso em nós, não sabemos o que ele diz e, entretanto, nada, provavelmente nos interessa mais do que ele” (ROLLIN, 2011 *apud* PETIT, 2019, p. 54). Nessa perspectiva, a leitura permite o encontro de palavras que possam expressar as experiências vividas, figurações que permitem a encenação, direta ou indireta, dos capítulos mais difíceis da vida. Por meio da leitura, o leitor dispara “tomadas de consciência súbitas de uma verdade interior, acompanhadas de uma sensação de prazer e pela liberação de uma energia travada” (PETIT, 2019, p. 54).

O livro *A Última Grande Lição*, já citado em outras seções (ver seções 5.4.5 e 6.1), desencadeou em Annie um processo de identificação, uma vez que ela assistiu a um retorno sobre ela mesma ao ler a narrativa. Ao afirmar que a leitura “me deu um choque assim de realidade, foi um copo d’água gelada no meio da minha cara”, Annie demonstra que o texto funcionou como uma tomada de consciência súbita de uma verdade interior (PETIT, 2013), uma forma de esclarecimento sobre uma parte de si mesma até então desconhecida. Isso permitiu que ela decifrasse sua própria experiência, pois foi o texto que a “leu”, permitindo que ela explorasse algo dentro de si mesma. Dessa forma, ela conseguiu se libertar do contexto em que estava presa, no caso, a depressão e revolta ocasionadas pelo diagnóstico de um conjunto de doenças graves.

Percebe-se também uma dimensão de apropriação, diante da fala da leitora de que o livro “estava conversando comigo”. Tal experiência é descrita por Petit (2013) como uma espécie de raptó, uma vez que o leitor lê o texto como se fosse dirigido especificamente para ele, feito sob medida. O leitor, portanto, curva o escrito aos seus próprios caprichos, permitindo fazer passar pelas palavras seus próprios desejos (PETIT, 2013).

A leitura literária durante a adolescência trouxe impactos positivos, segundo Kambili, no sentido de refrear sua rebeldia inconsequente. A identificação das situações narradas na literatura com suas experiências pessoais, modificou a atitude da leitora, fazendo-a refletir e criticar seu próprio comportamento.

KAMBILI: Eu fui uma adolescente bem rebelde. Eu acho que aquela... Eu não sei assim explicar muito bem. Mas, eu acho que a leitura ela sempre me acalmava assim... Me trazia o chão. Porque, às vezes, eu me sentia muito,

assim, eu quero fazer o que eu quero fazer, eu quero viver minha vida, eu quero viver tudo, eu quero tudo de aventura que eu puder viver. E isso, muitas vezes, é um pensamento adolescente que traz marcas pra gente. Que, às vezes, a gente acaba fazendo escolhas erradas, coisas que vão te machucar depois. E a leitura, ela foi me trazendo esse pé no chão. Muitas vezes, eu lia um livro e eu trazia pra minha vida. E eu pensava o que eu tô fazendo, sabe? Nossa, isso não tá legal. Nossa eu tive um crescimento pessoal muito grande. Principalmente, quando eu me deparava, às vezes, com um dilema naquele livro que parecia com alguma coisa que eu tinha vivido. Então, isso me fazia meio que um 'plim'. Kambili, vamos pensar o que você tá fazendo? Isso foi me amadurecendo bastante. Hoje em dia, eu peguei essa rebeldia... Eu não sei se é pela forma que eu fui criada... Eu tinha um senso de tudo eu contradizer, tudo eu queria ir contra, sabe. E hoje eu peguei isso... Agora, mais velha, eu peguei isso... Eu entendi que, sim, eu devo ter essa indignação, sim. Mas eu preciso dosar, para não prejudicar também as pessoas, entendeu. E é uma coisa que a leitura ela vai te trazendo [...].

O processo de identificação com o texto literário também ocorreu com Elizabeth, ao ler uma obra sobre violência contra a mulher. De acordo com a leitora, o grupo de mulheres que estava lendo a história “tava sofrendo ali junto”. Assim, infere-se que o livro possibilitou às leitoras identificarem-se com os sofrimentos vividos pelo feminino de modo coletivo, relacionados às opressões e violências diversas enfrentadas por todas as mulheres.

ELIZABETH: [...] a gente leu um livro esse ano que era *Flores Partidas*⁷¹. Meu, o livro é muito pesado, muito pesado. Porque ele fala sobre rapto de mulheres né e que elas eram usadas para abusos, não só físicos, mas também de cortar as meninas, várias situações. São livros que, todo mundo que tava lendo, principalmente a maioria que era mulher, todo mundo tava sofrendo ali junto [...].

A identificação de um leitor com o papel do herói ou da heroína, durante ou mesmo após a leitura propicia a vivência de várias emoções, o que é abordado por Dumont (2000) como um processo de catarse. Porém, a autora alerta que o leitor não se corporifica no papel do personagem, não se incorpora no contexto da trama de maneira inocente, não participa do desenrolar da narrativa de maneira ingênua. O leitor experimenta os fatos e as consequências como se fossem genuinamente reais, entretanto não personifica o personagem, de forma que consegue separar os dois mundos. A catarse pode ser compreendida da seguinte maneira:

A definição de catarse mostra-a como basicamente mobilizadora: o espectador não apenas sente prazer, mas também é motivado à ação. Esta característica acentua a função comunicativa da arte verbal, que, por seu turno, depende do processo vivido pelo recebedor: o de identificação. Esta é provocada pela experiência estética e leva o sujeito à adoção de um modelo (ZILBERMAN, 1989, p. 57).

⁷¹ SLAUGHTER, Karin. **Flores partidas**. Rio de Janeiro: HaperCollins, 2016.

Kambili discorre a respeito da sua predileção por narrativas dramáticas, principalmente aquelas que abordam contextos de guerra. A vivência de situações tão extremas, descritas nas páginas dos livros, fazem com que Kambili mergulhe na alteridade e sinta o sofrimento do outro. Quanto ao sofrimento, Kambili conhece o seu próprio – a depressão, o luto pela gestação abortada – mas, ao permitir-se sentir a crueldade da guerra, ela se afunda na dor e, ao terminar o livro, sente-se forte, motivada, viva. Esse movimento catártico é descrito pela leitura no seguinte trecho:

KAMBILI: Então assim o drama ele me faz... Principalmente questão de guerra, que é uma... Graças a Deus eu não vivi em nenhuma época que tivesse alguma... Mas eu gosto de entender como as pessoas se sentiram passando por aquele momento, sabe. E desperta nas pessoas o melhor e pior lado né, aquele momento... Vamos dizer, no nosso contexto de pandemia, algumas pessoas se revelaram de certa forma com mais humanidade e outras não. Então assim eu gosto muito de ver esse lado humano da gente naquela situação extrema. Acho que isso me atrai na questão do drama, na questão do sofrer, do muitas vezes cair, mas não desistir. Às vezes, nem todos tem final feliz né, infelizmente, mas... É bem real né, é a vida. E eu choro viu, sou chorona com drama. E quanto mais sofrido, mais você gosta (risos).

Em um momento de depressão profunda, Viollet tinha pensamentos suicidas quando leu a obra *Até que a Morte nos Separe*, já citada na seção 5.4.5. Por meio da narrativa, a leitora teve a experiência catártica de morrer junto com a protagonista. Após essa morte simbólica, Viollet começa a repensar sobre a importância de sua própria vida.

VIOLLET: Ele conta a história de cinco amigas, que são amigas de infância e todo ano elas se encontram. Mas fazia, se não me engano, três ou quatro anos que elas não conseguiam se reunir as cinco, sempre uma faltava. Daí nesse ano, todas se reúnem. Mas o maior motivo é que uma delas está com câncer. E não vai fazer o tratamento. Ela decidiu que se ela vai morrer, ela vai morrer sem fazer o tratamento. E foi justamente a história dessa amiga que decide morrer sem fazer o tratamento que fez eu... Não, se a Luana, que é a personagem, tá passando por isso, passou por isso tudo e ela ainda quer viver... Ela não quer fazer o tratamento porque ela sabe que ela vai sofrer. E o estágio do câncer dela tá tão avançado, que ela sabe que, mesmo com o tratamento, as chances são mínimas dela sobreviver, ela prefere não fazer. A lição que ela deixa pra cada uma... Ela é lésbica, ela é casada com a Cris... Que ela deixa pra cada uma, inclusive pra esposa, é tão lindo. E ela deixa cartas. É o final do livro que eu estou contando, ela deixa a carta. E a carta que ela deixa pra Cris mexe muito comigo. Eu sou, igual eu falei, eu sou muito ruim de chorar, mas com livro eu consigo chorar. E acho que foi o livro que eu mais chorei. Eu acabei esse livro desidratada. É muito linda a história, a lição que a Narah passa [...]. Então esse livro, a história desse livro...

A catarse também pode ser identificada no discurso de Annie, uma vez que ela afirma a forte vivência de sentimentos durante a leitura de *A Última Grande Lição*. De acordo com Dumont (2000), sentimentos de alegria, dor, piedade e revolta são comumente vivenciados em uma leitura que apresenta para o leitor uma função

catártica. Uma fala que retrata a catarse é quando a leitora diz que “a partir do momento que ele recebeu essa sentença de morte no livro, foi o momento que ele mais viveu [...] ele vai morrendo aos poucos e vai vivendo muito. E esse viver muito era o que eu mais precisava naquele momento”.

A catarse pode ocorrer também por meio da vivência de sentimentos intensos durante a leitura, que acabam por liberar as emoções reprimidas pelos próprios sujeitos.

VIOLLET: Eu, vamos dizer, na vida normal, eu não choro. Eu sou muito dura comigo mesma, com os sentimentos. Mas, ao ler, ao escrever... Eu consigo chorar ao ler, eu consigo liberar os sentimentos que eu não consigo liberar.

Contudo, uma leitura que evoca identificação nem sempre será agradável ao leitor. A leitura de *A Culpa é das Estrelas*⁷² foi para Annie uma intromissão. De acordo com Petit (2013), alguns leitores temem uma leitura muito identificadora, uma vez que um livro que apresente uma situação muito parecida com a sua vivência pode revelar-se incômoda.

Nessa situação específica, Annie se deparou com uma leitura de um livro que retrata a vida de dois jovens apaixonados que convivem com o câncer e a morte de um deles no final da narrativa. Para Annie, a leitura foi invasiva, pois narrou uma vivência semelhante demais à sua, de forma romântica e irreal. Por ter vivido o luto pela morte do namorado, que sofria de câncer, Annie sentiu que a obra literária distorceu os sentimentos experienciados na realidade.

ANNIE: Quando eu li *A Culpa é das Estrelas* eu fiquei com muita raiva. Eles romantizaram um sentimento que não é romântico. E isso me deixou muito incomodada, fiquei muito revoltada de ver ‘ai que lindo a dor é tão bonita’. Não é bonito! E aquilo ali me fez lembrar de muitas coisas assim. Quando eu vi o filme, eu fiquei muito revoltada também, então... Não foi uma experiência legal.

PESQUISADORA: Então você chegou a ler *A culpa é das estrelas*. E o que ele te causou, na verdade, foi uma revolta, de você ver que aquilo dali não foi real, que na realidade é diferente.

ANNIE: Isso. Me deixou muito, muito, revoltada. [...] é por isso que eu falo... ‘Ai eles eram tão maduros em lidar com aquilo ali e ver a poesia’. Não! A gente quer quebrar tudo! A gente quer gritar, chorar... A gente não quer ver ‘ai, nossa, é meu pra sempre’. A gente não quer! A gente não quer o ‘é meu pra sempre’, a gente quer o pra sempre de verdade!

Após a análise dos depoimentos dos leitores, compreende-se que tanto a identificação como a catarse são experiências estéticas promovidas pelo texto literário, que exercem funções de comunicação, transgressão e até mesmo libertação (como

⁷² GREEN, John. *A Culpa é das Estrelas*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

ocorre na catarse). Cada leitor encontra na arte elementos que dizem respeito à sua própria subjetividade enquanto sujeito.

6.4 CONSOLAÇÃO

A ficção pode servir como aliada na vivência de uma dura realidade quando o leitor apropria-se da literatura que faz uso do mecanismo de consolação, por meio do qual tudo que é posto em crise durante a narrativa é reestruturado no final (DUMONT, 2000). Nesse sentido, a leitura enquanto passatempo, revela a disponibilidade do leitor em entregar-se ao universo apresentado pelo texto, desligando-se das circunstâncias concretas e imediatas. A leitura, então, pode transformar-se em uma válvula de escape de uma dura realidade, mas, por outro lado, auxilia a elaborar, direta ou indiretamente, por meio do relaxamento das tensões, sentimentos difíceis de serem compreendidos e vivenciados (MARTINS, 1994).

A uma leitura consoladora não se pode, pois, imputar o rótulo de alienante, não significando que o leitor seja desatento ou incapaz de pensar sobre um texto. Tal modo de ler permite extravasar emoções, alimentar fantasias e sentimentos que, no cotidiano, não se pode ou não se quer expressar. Por vezes, a leitura emocional é reprimida e desconsiderada em prol de uma pretensa atitude intelectual. Diante disso, leitores sentem, com frequência, necessidade de justificar e racionalizar seus gostos literários (MARTINS, 1994).

Uma situação adversa superada por Annie com o uso da leitura foi a decepção de não ser aprovada no vestibular. Na fala da entrevistada, percebe-se que a leitura auxiliou-a a encontrar forças para sair do local onde ela se encontrava imobilizada. Por meio da leitura, Annie conseguiu reunir energia para iniciar seus estudos novamente. Petit (2013, p. 114) considera que a leitura pode ser um ponto de apoio para que os jovens realizem deslocamentos metafóricos em diferentes terrenos de suas vidas como, por exemplo, “[...] para que continuem seus estudos ou sua carreira profissional, impedindo assim que se detenham, imobilizados pelos fracassos escolares e o desemprego [...]”.

ANNIE: Quando eu não passei no primeiro vestibular que eu tive... Eu fui muito confiante, eu tinha certeza que eu ia passar, eu tinha certeza porque eu estudei muito, muito, muito. Aí não passar e não passar por muito pouco, aquilo foi assim... Eu precisei ler muito pra fechar aquele ciclo, pra poder começar outro, sabe. Eu abri um ciclo que eu tinha certeza de que eu ia entrar, que ia dar tudo certo e me frustrei, fechei esse ciclo, terminei ele, curti isso, digeri. E aí os próprios livros me abriram um outro portal na minha cabeça,

pra que eu tivesse vontade de tentar de novo, de estudar de novo, fazer tudo de novo.

Elizabeth é a leitora, dentre os entrevistados, que mais faz uso de leituras consoladoras. Seu discurso é estruturado em torno da concepção da leitura literária como algo que acalma sua ansiedade, que a distrai e que traz leveza para as situações difíceis. Tal visão pode ser exemplificada no seguinte trecho, no qual a leitora discorre sobre como romances clichês auxiliam-na em momentos difíceis:

ELIZABETH: Acho que o que me ajuda bastante, sempre, são romances de época, que são de autoras variadas. Tanto é que são leituras que eu geralmente faço mais. [...] são os livros que mais me ajudam em qualquer outro momento, porque são leituras rápidas. E são bem levezinhos, né. São aqueles que o pessoal diz ser água com açúcar, que são bem levezinhos, pra distrair realmente a cabeça.

PESQUISADORA: Então quando você está num momento pesado, você busca uma leitura mais leve. Seria isso?

ELIZABETH: Sim.

PESQUISADORA: Para dar uma equilibrada?

ELIZABETH: Sempre (risos). [...] Tem que ter um equilíbrio da leitora.

A busca pela consolação nas obras literárias está diretamente relacionada ao quadro de ansiedade relatado por Elizabeth. A entrevistada evidenciou, por diversas vezes, os sintomas decorrentes da ansiedade, como coração acelerado, falta de ar, a sensação de sentir dores pelo corpo, insônia, agitação, transtorno alimentar. Segundo ela, a leitura literária auxilia sua mente a desacelerar e acalmar-se.

PESQUISADORA: Então a leitura, de certa forma, ela te acalma um pouco, ela te ajuda a se concentrar. Seria isso?

ELIZABETH: Sim.

PESQUISADORA: Ela dá um sossego para sua cabeça, vamos dizer assim, para essa mente que está sempre agitada demais.

ELIZABETH: É porque quando a gente tá lendo... Eu, pelo menos, quando eu leio, tipo tô focada na história. Tem hora que eu esqueço o que tá acontecendo ao meu redor. Se tiver outro problema, fica para lá. Então eu estou ali, tô concentrada naquela história, no que os personagens estão vivendo, no que está sendo apresentado para mim.

Ao relatar uma crise de ansiedade específica, decorrente da sobrecarga de trabalho, Elizabeth foi perguntada se realizou alguma leitura específica nesse momento, que tenha amparado seu sofrimento.

ELIZABETH: Na verdade eu reli, né, *O Pequeno Príncipe*⁷³. Que eu gosto muito porque, mesmo que pareça um livro infantil, mas ele traz muitas reflexões pra nossa vida. Pra gente pensar nossa vida e tentar acho que amenizar o nosso sentimento, às vezes, de angústia, de todas as coisas.

⁷³ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

A consolação na literatura também foi estratégia utilizada por Paiva, ao vivenciar uma desilusão amorosa. Com o término de um noivado conturbado, Paiva vivenciou um processo depressivo, no qual afirma que “eu só saía pra trabalhar, não saía da cama, não queria ir pra lugar nenhum”.

PAIVA: Mas quando a gente tem um processo de velório, que eu acho que isso é um processo de velório, é um luto. É um luto com a pessoa viva, mas é um luto. Que você tá tentando entender o processo... Você acha que não presta, você acha que não é uma boa pessoa. Depois de seis anos de namoro, etc, que é você que tá errado. É um processo de luto.

A convite de uma amiga, Paiva começou a escrever para um blog literário e, em seguida, ingressou em um clube de leitura. Assim, por meio da literatura e da amizade com outros leitores, Paiva iniciou seu processo de melhora da depressão.

PAIVA: Falei ‘eu não tenho experiência, eu não tenho estudo, eu estudei até o segundo grau... Eu sei de livro, eu sei de ler, eu não tenho estudo’. Mas a confiança que a [nome da amiga] teve em mim naquele momento, como ela sabe a capacidade minha de literatura, a gente sempre discutiu literatura... E ela me chama pro blog, já me deu uma esperança. Pra você ver como que mexe... A minha ex-namorada ainda continuou vindo aqui, tentando conversar, tentando voltar o namoro [...]. Ela tava invocada, porque ela viu que eu tava tentando recuperar. E aí eu comecei a ler mais coisas. A literatura, ela me salvou, mas eu tive um processo de velório que durou um ano e pouquinho ainda. Mas a [nome da amiga] me chama pro [nome do blog], depois eu vou pro clube do livro. E eu caminhar pro clube do livro que eu começo a sair dessa depressão. Aí que eu volto com a literatura mesmo mais a fundo.

Contudo, essa leitura que conforta, acalenta e consola não é recurso eficaz para qualquer circunstância adversa. Em uma das entrevistas, Annie afirma incomodar-se com a certeza do final feliz nos livros de romance, considerando a incerteza dos livros de terror mais interessante. É perceptível como, em seu discurso, Annie nega os artifícios da consolação, o que pode estar atrelado ao fato de que leitores em momentos de grande aflição, muitas vezes, preferem uma literatura que atravessa o sofrimento. Tal leitura, paradoxalmente, conforta mais do que um livro que evoca pequenos prazeres (PETIT, 2013).

ANNIE: Eu acho que é a surpresa... Aguardar o que o autor vai fazer para me surpreender, o que a gente não encontra muito no romance. Eu tô num grupo de romance da Arqueiro, e me incomoda saber que vai ficar todo mundo bem. Me incomoda esperar o romance, me incomoda a personagem principal só tá plena se ela tiver casada, isso me incomoda. E a gente não tem essa necessidade, esse vínculo total com o terror, de aguardar o final feliz. Não que a gente não goste de final feliz, eu gosto de final feliz, mas essa espera, essa... Ânsia do que ele vai me aprontar dessa vez é o que mais chama atenção.

A busca por leituras literárias como forma de consolação é, por vezes, alvo de julgamento e menosprezo. A leitura consoladora seria superficial, clichê, previsível, uma afronta à literatura dita séria, consolidada, artística. De fato, a literatura que utiliza

mecanismos de consolação não é do agrado de todos, como a própria Annie relatou durante a pesquisa. Contudo, a consolação não pode ser pontuada como algo de menor valor, tendo em vista os depoimentos dos leitores que elaboram suas dores por meio da leitura consoladora. Essa literatura tem, pois, seu lugar e o leitor que faz uso dela não pode ser reduzido a um leitor inferior, desinteressado ou leviano. Ao contrário, o leitor que busca consolo na leitura conhece-se em profundidade e sabe exatamente a dose de literatura de que necessita.

6.5 AMPLIFICAÇÃO

A amplificação é um termo junguiano referente a um método associativo e interpretativo que ocorre, conforme esclarece Paula (2005, p. 22), por meio de “paralelismos entre conteúdos diversos (e provenientes de várias fontes) relacionados a um tema, se busca ultrapassar uma atitude puramente pessoal e individualista (e, portanto, tendenciosa) sobre uma questão”.

Kambili relata a resolução de conflito interno emocional por meio da leitura do livro *Comer, Rezar e Amar*⁷⁴. Por ter sido criada em um contexto familiar onde a religião era o ponto fundamental que guiava todo e qualquer comportamento, Kambili possuía conflitos entre o que ela própria concebia com relação à espiritualidade e o que foi imposto a ela pela religião.

KAMBILI: E ano passado eu tava lendo ele, sabe quando você fala assim eu vou ler esse livro, mas acho que eu não vou gostar não. Eu apaixonei com o livro. Porque ele me ajudou a entender uma questão muito... Que era muito difícil para mim. Eu ficava entre o crer em Deus, porque eu tive aquela criação cristã e aquele lado que eu falo, mas gente como pode existir um Deus se existe tanta maldade? Então eu ficava muito nesse conflito. E lendo esse livro eu consegui entender um pouco da questão da espiritualidade, da busca por Deus. Por você buscar para você, e não para ir frequentar a religião tal. Eu não sou contra religião, sabe. Mas assim eu acho que eu fui tão presa nisso durante um tempo, que eu não consigo lidar muito tempo. Assim, aquele ‘ah você tem que fazer assim, você tem que’.... sabe.

Por meio da leitura desse livro específico, que trouxe um outro posicionamento acerca da religiosidade, Kambili consegue elaborar o que viveu (as crenças de sua família) e criar um diálogo interno sobre as concepções em relação à divindade, construindo um pensamento mais autônomo sobre a espiritualidade.

KAMBILI: Mas esse livro me fez entender que o buscar Deus é independente dessa questão de religião, sabe. Ele me fez muito entender isso. E uma coisa que a personagem, acho que até aconteceu mesmo, acho que uma jornalista que escreveu o livro, ela fala que ela estava muito deprimida, ela escreveu

⁷⁴ GILBERT, Elizabeth. **Comer, rezar e amar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

um pedido de ajuda pra Deus. E eu achei muito interessante o que ela falou, assim, 'Deus não chegou para mim e falou a solução, mas eu senti'. Ela fala que ela sentiu no coração dela, que ela deveria buscar as coisas simples da vida. Porque, às vezes, ela ia tão em busca de, e eu tenho esse problema né, em busca de... Eu quero muito me realizar profissionalmente, eu quero dar uma vida melhor com meu filho, eu quero isso, eu quero... E essa ansiedade, às vezes, afasta a gente de olhar pro filho da gente e só apreciar o sorriso dele, apreciar que ele tá bem de saúde. Então esse livro me levou muito profundamente... Nossa foi uma experiência maravilhosa que eu tive. Ela, principalmente, se eu não me engano, que ela vai para Índia e ela começa a buscar essa espiritualidade fora dos tempos, fora da vida moderna... E ela foi ali viver junto com eles, aquela vida que eles levam buscando Deus simplesmente por buscar, não por ter coisas, sabe. Esse livro ele resolveu essa questão muito assim pra mim. Eu acho que do tempo que eu vivi a bíblia eu não consegui ter essa reflexão tão grande do que quando eu li esse livro. É um livro que eu recomendo pra todo mundo, muito bom mesmo.

O livro *Correio Feminino*⁷⁵, da aclamada Clarice Lispector, trouxe para Annie outros pontos de vista que auxiliaram-na a compreender sobre os movimentos feministas. Em dois momentos da entrevista, a leitora cita o pai como principal figura que orientou-a em relação às pautas feministas, contudo, o discurso dele só tornou-se claro para ela por meio da leitura de uma terceira voz.

ANNIE: *Correio Feminino* foi o primeiro contato com o feminismo que eu tive. Todo mundo fala que é um livro machista, mas eu entendi, pelo menos eu preferi acreditar que eu entendi a ironia da coisa toda, que ela fala no *Correio Feminino*. Foi o primeiro momento que eu entendi, é isso que meu pai quer dizer quando ele fala as coisas sobre feminismos, é sobre isso que ele tá falando.

Questões relacionadas aos movimentos feministas também foram descobertas por Elizabeth durante a leitura das obras da inglesa Jane Austen. A sua vivência como mulher, em confronto com as imposições sociais, encontra eco nas histórias de mulheres da era vitoriana.

ELIZABETH: É porque eu gosto muito de como a Jane Austen trabalha a sociedade daquele período. E ver que, embora fosse um período em que as mulheres fossem obrigadas a casar porque era o que tinha, teoricamente tinha, na sociedade, a gente vê que muitas mulheres nem todas queriam aquilo. E que não eram só beleza ou só mulheres que queriam casar, mas tinham outras que eram inteligentes, que gostavam de ler, que gostavam de fazer outras coisas e não viver em função tipo de um homem ou de um casamento.

Ao identificar-se com a narrativa de determinado contexto histórico, Elizabeth pesquisa por informações históricas. Somam-se, assim, vozes distintas: a de Jane Austen, a visão da escritora e da testemunha do período; e a da História, fatos reais e analisados. De posse de informações advindas de fontes distintas, Elizabeth constrói seu conhecimento, suas opiniões e análises.

⁷⁵ LISPECTOR, Clarice. **Correio Feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ELIZABETH: Então hoje em dia, além tipo de ler esses romances ou outros gêneros, ativei muita a questão histórica das histórias, o momento que a sociedade passou naquele período. Então a gente acaba fazendo muita busca. Se eu tenho curiosidade de saber daquele período vou pesquisar o que foi que aconteceu, porque tá me contando aquilo né. Aqueles momentos de guerra, outros momentos que são citados assim, para saber porque a sociedade ou aquelas pessoas tinham alguma posição daquele jeito [...]. Acho que a gente acaba ficando meio fissurada de tá lendo uma história, deve ter alguma coisa aqui, um fato que teve ter alguma posição. Tipo, eu gosto muito de pesquisar o lugar, porque que tem história que já traz o mapa para gente né da localização e tem outras que não. Então eu gosto de procurar lugares realmente reais, que dá pra gente ver no Google o local, pra ver uma imagem. Se for fulano tá passeando num parque, então tem uns casos que são reais, a gente consegue visualizar, buscando, pra gente ter uma visão maior da história.

As leitoras supracitadas passaram por processos de amplificação, uma vez que o mergulho nas obras literárias ocasionou associações diversas com vários temas (religiosidade, feminismos, história), o que permitiu a compreensão de posicionamentos distintos, o desarraigamento da opinião inicial – por vezes nebulosa, tendenciosa ou restrita - e a assimilação de uma concepção mais ampla sobre a temática, construída a partir de múltiplas vozes.

6.6 O PERFIL DE LEITURA EM CONTEXTOS ADVERSOS: A PROPOSIÇÃO DO CONCEITO DE LEITURA FLUÍDICA

“Os livros contam a história da gente...” (Annie)

Ao chegar ao fim da análise dos depoimentos dos leitores participantes da pesquisa é possível compreender as múltiplas atribuições simbólicas feitas à leitura literária e os decorrentes processos psíquicos envolvidos nessa prática. Ressalta-se que tais processos atuam auxiliando os leitores a vivenciarem situações de adversidade, as intempéries da vida, as condições humanas da existência. A leitura, nesse contexto, é emocional (MARTINS, 1994), reparadora (PETIT, 2013), autobiográfica e projetiva (BÉRTOLO, 2014), possibilitando a ressignificação das experiências do sujeito nas dimensões individuais e sociais. Tal leitura é “inútil” (PETIT, 2009b), não serve a fins práticos e objetivos, desconcerta e desorienta (COMPAGNON, 2009), e, exatamente por essas razões, humaniza (CANDIDO, 1988).

Sob o olhar da Ciência da Informação, no novo paradigma de apropriação da informação (PERROTI, 2013), o leitor, em consonância com sua identidade social e histórica (CHARTIER, 2009), elege a vontade e o desejo (CERTEAU, 1994)

apropriando-se de forma simbólica (PERROTTI; PIERUCCINI, 2007) do texto literário, introjetando informações de modo a elaborar e construir conhecimentos e de reconstruir-se psicologicamente (PETIT, 2009a).

As inter-relações entre o leitor e o texto literário foram discutidas de forma minuciosa ao longo das três grandes categorias de análise. Na categoria **histórias de vida e trajetórias de Leitura** foi possível averiguar **como os sujeitos se apresentam**, suas identidades, preferências e gostos, sendo a caracterização como leitor algo que define a maior parte dos entrevistados. Quanto às **adversidades enfrentadas** constatou-se que todos os colaboradores da pesquisa vivenciam ou já vivenciaram contextos de adversidade social relacionados às condições socioeconômicas desfavoráveis, todos enfrentam adversidades psíquicas – dentre elas, depressão, ansiedade, traumas, luto, abandono –, e quatro vivenciaram adversidades físicas – doenças, abusos sexuais, aborto, alcoolismo. No que concerne à **prática da leitura no cotidiano**, a atividade é incorporada ao cotidiano dos leitores, inserindo-se nas brechas da rotina ou aliada das pausas e momentos de espera ao longo do dia. Em relação à formação dos sujeitos como leitores, os **principais mediadores de leitura** identificados foram os professores e a figura materna, sendo que emergiram, nas falas dos leitores, relatos sobre a precariedade das bibliotecas públicas e escolares que tiveram acesso. Quanto às **preferências literárias**, interesses distintos foram alegados – suspense e terror, romance romântico, drama, poesia e romance político – o que se associa às características identitárias, personalidades e vivências de cada leitor, revelando que não há um gênero específico que auxilie o leitor em contextos adversos, de modo que se pode depreender que a interferência nesse processo é, pois, fruto de uma abertura do próprio leitor para que isso ocorra.

Na segunda categoria, **apropriação simbólica da leitura**, analisaram-se as simbologias da leitura, coletadas com o uso da ACI, sendo as **imagens da leitura literária**: o avião em plano de voo, o pássaro voando, a palavra paz, a balança, gente; **o ritmo da leitura**, o estilo musical que a representa: a bossa nova, o jazz e o rock; e o animal que representa **o eu-leitor**: o gato, a coruja e a raposa. Da análise desses símbolos evocados – com base na justificativa dos leitores, seu contexto de vida e as relações efetivadas com o referencial teórico da pesquisa – chegou-se a cinco modos de apropriação simbólica ou **subcategorias de símbolos atribuídos à prática da leitura literária**. Na subcategoria **equilíbrio emocional** discutiu-se o sentido mais latente da leitura no discurso dos entrevistados, a manutenção da mente sã, o suporte

emocional e a capacidade terapêutica da leitura. Em **fuga/refúgio** destacou-se a evasão por meio da leitura, estratégia utilizada pelos leitores para deslocarem-se metaforicamente das suas dores, encontrando refúgio no espaço íntimo criado pela obra literária. Já na subcategoria **identidade** abordou-se a capacidade dos leitores de reordenar seu mundo subjetivo pela prática da leitura, construindo e reconstruindo sua concepção de si mesmo por meio da narrativa. No que se refere à **conexão**, compreendeu-se as relações profundas com a alteridade vividas pelos leitores por meio do texto literário, a emergência da empatia e comiseração, o processo de humanização por meio da literatura. A **elaboração da morte** pela leitura de obras literárias, vivenciada por duas leitoras entrevistadas, possibilitou a ressignificação da finitude da existência, impactando diretamente em novas maneiras de enxergar a vida.

Por fim, a categoria **experiências de leitura no enfrentamento de situações adversas** contemplou relatos íntimos dos colaboradores da pesquisa relacionados a cinco processos psíquicos. O **processamento e integração** de traumas e experiências dolorosas - como o diagnóstico de doenças, os abusos sexuais e o abandono familiar - foram identificados em associação à leitura de obras literárias. A **circum-ambulação** foi observada em casos de releituras de livros em busca de questões relacionadas à existência humana, à compreensão do luto e às pulsões de vida e de morte. Experiências de **identificação e catarse** através da literatura foram relatadas pelos leitores, possibilitando a expressão de sentimentos e até mesmo a sua libertação. A **consolação** foi uma estratégia utilizada pelos leitores para trazer leveza em situações difíceis e, assim, utilizarem leituras consoladoras em busca do acalanto em momentos de ansiedade, depressão, decepção e desilusão amorosa. Enfim, o processo de **amplificação** foi experienciado por algumas leitoras como forma de compreender, de modo mais amplo, temáticas e concepções, que anteriormente eram-lhes percebidas através de viéses restritos e tendenciosos.

A retomada dos principais resultados da investigação tornou-se necessária para que fosse realizada uma análise dos perfis de leitura assumidos pelos colaboradores da pesquisa, que ficaram evidenciados através dos símbolos e processos psíquicos analisados. Annie, Elizabeth, Viollet, Kambili e Paiva possuem suas próprias trajetórias de leitura, suas preferências e memórias literárias, seus modos de ler.

Quanto às experiências particulares de leitura, Roubakine (1998) compreende que o estudo dos leitores deve ser orientado para as individualidades, pois é fictícia a

ideia da existência de um “leitor em geral”. O autor desconstrói a noção de “homem em geral” existente em antigas doutrinas no campo da psicologia, que caracterizavam as funções psíquicas como se fossem idênticas em todas as pessoas, e, acrescenta que se pode aplicar análise semelhante aos leitores. Nas palavras de Roubakine (1998, p. 136) “Um ‘homem em geral’ é tão fictício como um ‘leitor em geral’. O limiar da consciência depende da personalidade e do estado da personalidade, e não representa nada de constante”.

Diante desse construto, a seguir, caracteriza-se a respectiva trama leitora – inter-relação entre os níveis de leitura textual, autobiográfico, metaliterário, ideológico - de cada leitor, que se relaciona aos perfis de leitura: inocente, projetiva, letraferida, sectária, civil (BÉRTOLO, 2014).

Annie trilha por leituras de terror e suspense, que possam romper com a noção de vida cotidiana, a rotina tida como comum – acordar, trabalhar, sair, retornar – que lhe foi negada devido às suas condições físicas. Sua leitura é projetiva, introspectiva, autobiográfica, de modo que mergulha em suas dores e tramas, procurando seu processamento.

Dotada da mente agitada dos ansiosos, Elizabeth, busca na leitura inocente a evasão dos problemas diários, para encontrar a serenidade do seu espaço íntimo, no seu refúgio pessoal construído pelos livros. A ansiedade, o medo da catástrofe, a solidão, o abandono, a taquicardia e as dores imaginárias encontram consolo no romance de época, no amor de um jovem casal apaixonado que, na ficção, encontra um final feliz. Mais que a obra literária, o importante para ela é o processo da leitura, é permanecer lendo.

Por sua vez, a trama leitora de Viollet parece permitir que ela mergulhe fundo em sua própria dor, por vezes quase afundando, mas firmando-se na literatura como uma forma de flutuar. A leitura autobiográfica, segundo seu relato, possibilitou a ela experimentar a morte por meio da narrativa literária, encontrando motivos para viver. Trancada no quarto, no escuro da madrugada, na segurança dos livros, Viollet transita entre a leitura projetiva e a leitura inocente.

Criada na rigidez dos dogmas religiosos, Kambili encontrou sua liberdade na leitura. A leitora busca na leitura projetiva a vivência de um drama maior que o seu, para que possa, com efeito catártico, suportar a depressão, o aborto, os conflitos emocionais. Com a vivência da alteridade, ela realiza também uma leitura sectária, ideológica, retornando ao real mais empática e esperançosa.

À procura da sua própria humanidade, Paiva se jogou na literatura em busca do seu aprimoramento pessoal, deixando para trás aquele que ele define como o homem “babaca”, machista, racista, o alcoólatra, o “cara errado”. De lá para cá, se reavaliando como um sujeito humanizado, relata ter se conectado com a comunidade e, a partir disso, ter passado a humanizar toda e qualquer pessoa. Submergindo, assim, na leitura sectária para fazer parte desse mundo feito de gente.

À luz da teoria de Bértolo (2014), explorada na subseção 2.2.1, os leitores analisados nessa investigação, enquadrar-se-iam como leitores projetivos, inocentes ou sectários, não alcançando o ideal do leitor civil, equilibrado e coerente. Embora o conjunto de perfis de leitura proposto por Bértolo (2014) seja uma contribuição muito relevante, esse conceito em particular, por ser praticamente inalcançável, poderia ser descrito como uma idealização do autor ou, em uma hipótese muito positiva, alcançado apenas por sujeitos extraordinariamente diferenciados.

Se a teoria do referido autor propõe um modelo de equilíbrio na prática da leitura, os leitores entrevistados demonstraram que cabe a eles decidirem para qual lado desejam pender na balança. A composição harmoniosa constituída pelos quatro níveis de leitura – textual, autobiográfico, metaliterário, ideológico – no âmbito da empiria é fluida, e os leitores se atrevem a navegar por eles como bem desejam. Perante o equilíbrio idealizado, os leitores firmam-se como protagonistas, demarcando que são eles os donos da experiência da leitura. Desse modo, os leitores participantes dessa pesquisa ousaram transitar entre os perfis de leitura, indo da inocente à projetiva, passando pela leitura sectária, em distintos momentos.

Nessa perspectiva, o ideal do leitor civil dá lugar a um novo perfil de leitor, um leitor fluido, que transita por vários perfis de leitura. Nesta conjectura, a presente pesquisa propõe o conceito de leitura fluídica⁷⁶ ou perfil fluídico de leitura literária, na qual o leitor é capaz de guiar-se pela sua necessidade atual e transitar por diversos perfis de leitura, de modo a atender às suas necessidades psicológicas, emocionais e sociais (FIGURA 19).

A leitura fluídica seria, pois, uma leitura dotada de flexibilidade, maleabilidade, elasticidade, suavidade e intensidade, relacionando-se ao leitor que se deixa levar,

⁷⁶ Que diz respeito ou é da natureza do fluido. **Fluídica**. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/flu%C3%ADdica>. Acesso em: 05 abr. 2021.

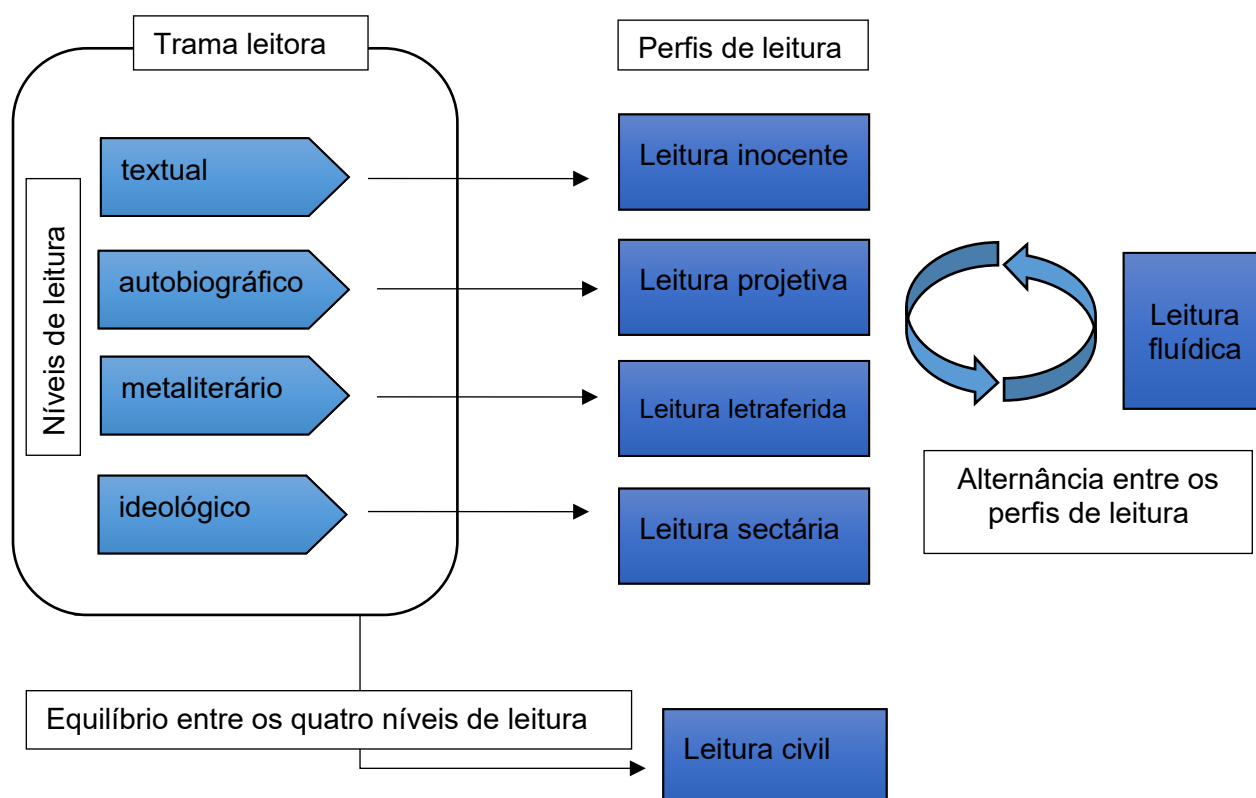
que se aventura por qualquer perfil de leitura. O leitor fluídico não pretende autorregular-se de maneira a equilibrar os níveis textual, autobiográfico, metaliterário e ideológico de leitura, sentindo-se livre para aprofundar-se em apenas um nível ou quantos forem necessários para que essa leitura possa atender aos seus desígnios como leitor. Tais desígnios são contextualizados no mundo vivido pelo sujeito leitor, relacionam-se às instâncias individuais e coletivas, moldados por necessidades emocionais, psicológicas e sociais.

Contrariando a visão de Bértolo (2014) de que a leitura ideal (ou civil) é o caminho para que o leitor consiga não só um meio de satisfação pessoal, mas também a formação de uma cidadania crítica e democrática, os leitores colaboradores desta pesquisa demonstraram em seus relatos terem alcançado novas esferas de compreensão de si mesmos e do mundo que os cerca por meio de outros perfis de leitura, considerados na teoria do autor como dotados de “desequilíbrios”. Compreende-se que uma leitura não pode ser invalidada ou considerada de menor qualidade e, conseqüentemente, de menor impacto, por ser realizada puramente de maneira inocente, projetiva ou sectária. Por vezes, o que o sujeito leitor necessita é de entregar-se a um determinado perfil de leitura e se aventurar por ele, o que pode ocasionar em uma somatória de experiências, memórias, reflexões e sentimentos que irão auxiliá-lo no enfrentamento de determinada adversidade. Em outro momento, esse mesmo leitor irá exercitar um outro perfil de leitura ou a uma mescla de perfis, alternando seus tipos de leitura da forma que melhor lhe convier, o que resultará em uma multiplicidade de experiências com as obras literárias, sem a necessidade de um esforço artificial em prol de um ajuste perfeito e autorregulado entre os níveis de leitura.

Tal concepção é fruto do processo de análise dos dados coletados na investigação, que evidenciou a caracterização de um perfil de leitor que se apropria do texto literário de modo dinâmico e em conformidade com suas necessidades momentâneas, guiando-se por uma bússola interna que intui qual a leitura necessária para cada ocasião. É esse o leitor que se dedica aos romances de “banca de jornal e revistas” quando sua mente pede descanso dos pensamentos ansiosos; que busca dramas quando está sofrendo para libertar-se por meio da catarse; que se consola nos romances de época quando quer afastar-se temporariamente das crises no local de trabalho; que lê o mesmo livro sem parar até conseguir, de tanto circular em torno de referências a um tema doloroso, elaborar uma experiência traumática; que lê livros

de terror quando o horror das suas dores físicas está grande demais; que identifica suas ideologias ou as daqueles com quem convive nas leituras quando precisa compreender o mundo e as pessoas. Assim, por meio da leitura fluídica, o leitor organiza e desorganiza, constrói e reconstrói suas memórias de leitura como costura uma colcha de retalhos, ora com uma leitura inocente, ora com uma leitura projetiva, que se junta a uma leitura sectária, tecendo um percurso diverso, aparentemente desconexo e desequilibrado, mas que evoca o cerne do processo vivido pelo leitor em cada momento de sua vida. Esse leitor, intimamente, se conhece, mais do que saber do que precisa, ele sente.

Figura 19 – Amplificação do conjunto de perfis de leitura de Bértolo (2014) com a inserção do perfil fluídico de leitura



Fonte: Elaborado pela autora com base em Bértolo (2014).

Diante da trajetória de vida e leitura dos entrevistados, tendo conhecimento dos simbolismos atribuídos por eles à prática da leitura, evidencia-se que, para esses sujeitos, o ato de ler não é um prazer desinteressado, não podendo reduzir-se a uma prática esvaziada de significados. A leitura para os colaboradores da pesquisa representa mais do que a ação de virar páginas, sendo uma atividade capaz de tocar

as regiões mais tumultuadas de suas vidas, atuando como um suporte para a vivência de suas dores emocionais, como modo de resistência às adversidades.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Talvez conviesse nesse momento pensarmos o texto menos como objeto [...] e mais como acontecimento, algo que acontece ao leitor” (MARTINS, 1994, p. 52).

A leitura não irá mudar o mundo. A literatura não tornará as pessoas mais empáticas, a sociedade mais democrática. O leitor não é um ser humano mais evoluído. O mundo continuará com suas violências e desigualdades. As pessoas viverão dores e dramas. A leitura vai ser fiscalizada e, eventualmente, censurada por Estados, religiões e Igrejas. Os livros vão ser usados como estratégia de dominação. A cultura letrada ainda será forma de segregação. Seria ingenuidade pensar na leitura literária como ponto de partida e chegada de uma sociedade melhor. A leitura literária não deve ser idealizada, pois, sozinha, não é estratégia capaz de modificar macroestruturas.

Entretanto, há muitas instâncias em que a leitura literária protagoniza ações de ruptura, transgressão, enfrentamento, resistência. O percurso dessa pesquisa percorreu sobre a potencialidade da leitura literária em ser apropriada pelo sujeito como forma de resistir às adversidades. A análise realizada demonstrou que a leitura não é simples distração, mero prazer desprezioso, mas sim, experiência afetiva, social e existencial, capaz de proporcionar autonomia, elucidar vivências singulares, promover a atividade psíquica, despertar emoções e pensamentos.

Com base no objetivo geral da pesquisa, investigar a apropriação simbólica da leitura literária por leitores em situações de adversidade, no que se refere às fragilidades físicas, psicológicas ou sociais, considera-se que o mesmo foi alcançado, visto que os resultados da investigação abrangeram e analisaram de modo a inter-relacionar as trajetórias de vida dos leitores, seus contextos sociais, as adversidades enfrentadas, suas memórias de leitura, as atribuições simbólicas da leitura literária e as experiências de leitura em meio a contextos de adversidades múltiplas.

No que tange ao primeiro objetivo específico, caracterizar a apropriação simbólica da leitura literária pelos leitores, o capítulo 5 dedicou-se integralmente a análise dessa perspectiva, onde se discutiram as imagens eleitas pelos colaboradores da pesquisa como representações simbólicas da própria leitura e de si mesmos enquanto leitores, assim como os cinco símbolos principais atribuídos à prática da

leitura identificados nos depoimentos - equilíbrio emocional, fuga/refúgio, identidade, conexão, elaboração da morte.

O segundo objetivo específico, compreender a relação entre as experiências de leitura e o enfrentamento de situações adversas – sejam elas fragilidades físicas, psicológicas ou sociais, foi contemplado no capítulo 6, que analisou as experiências de leitura relatadas pelos leitores em distintos casos envolvendo trauma, luto, crises, abusos sexuais, aborto, doenças, pobreza, desestrutura familiar, solidão, abandono, imposições religiosas, tentativas de suicídio, dores físicas e emocionais. Compreendeu-se que a leitura literária em contextos *a priori* desfavoráveis a essa prática revelou-se como suporte para a vivência de importantes processos psíquicos – processamento/integração, circum-ambulação, identificação/catarse, consolação, amplificação. Foi exatamente nessas situações adversas que os leitores encontraram os significados e os motivos para dedicarem-se a leitura e, mais do que isso, aprofundarem e destrincharem essa leitura (mesmo que inconscientemente) de modo a acionarem processos psíquicos que lhes possibilitam uma melhor lida com as consequências das adversidades vivenciadas.

A pesquisa também propôs o conceito de leitura fluídica, na qual o leitor é capaz de guiar-se pela sua necessidade atual e transitar por diversos perfis de leitura, de modo a atender às suas necessidades psicológicas, emocionais e sociais. Tal perfil foi evidenciado nessa investigação, categorizando o leitor que se apropria dos textos literários de modo dinâmico e intuitivo de maneira a enfrentar as adversidades.

Quanto à metodologia, a junção dos métodos Abordagem Clínica da Informação e História Oral apresentou-se como uma escolha satisfatória, pois, a partir dessa confluência metodológica, conectou-se a pesquisa à dimensão viva das histórias de vida dos leitores e das suas lembranças de leituras. A História Oral permitiu a compreensão das trajetórias e memórias dos colaboradores da pesquisa, suas respectivas percepções sobre suas experiências pessoais, suas maneiras de compreensão da realidade e dos contextos de adversidade nos quais estão inseridos. Por sua vez, a ACI possibilitou o acesso às dimensões subjetivas e inconscientes dos sujeitos, de modo a tornar possível a captação de informações para além do discurso direto dos leitores entrevistados, de modo a apreender os conteúdos imagéticos e simbólicos, que foram essenciais na etapa de análise dos dados.

A adoção da entrevista semiestruturada e, de modo complementar, a técnica do incidente crítico, como técnicas de coleta de dados, mostrou-se como uma escolha

bastante acertada, devido ao seu alinhamento com os métodos utilizados. De modo semelhante, a análise de conteúdo apresentou-se como técnica fundamental no processo de análise dos dados coletados, particularmente, na formação das três categorias e 19 subcategorias de análise que guiaram a análise, apresentação e discussão dos resultados.

Durante a pesquisa, houve problemas decorrentes do desenvolvimento de uma investigação totalmente remota em meio ao contexto pandêmico, como quedas de conexão da rede de internet e falhas em áudio e vídeo durante as entrevistas, o que afetou o desenho metodológico da pesquisa que, em outro contexto, poderia contemplar uma segunda rodada de entrevistas. No tocante ao aspecto social da pesquisa, considera-se que a compreensão do contexto social dos colaboradores da pesquisa foi parcialmente prejudicada, uma vez que as entrevistas por videochamada não conseguiram abarcar nuances que encontros pessoais *in loco* poderiam trazer, de modo a caracterizar melhor as condições de vida dos participantes. Entretanto, é necessário apontar um aspecto positivo das entrevistas realizadas remotamente, que se relaciona à possibilidade de entrevistar pessoas de várias localidades, o que em condições normais (e dadas às restrições de financiamento às pesquisas nos anos entre 2019 e 2022) poderia ter se tornado um limitador e restringindo uma eventual coleta de dados presencial a uma região específica.

Outro ponto limitador é o fato de que, devido a profundidade com a qual as entrevistas precisavam ser conduzidas para que os objetivos fossem alcançados a contento e as limitações temporais às quais está submetida uma pesquisa de doutoramento, tornou-se impossível pesquisar um número maior de sujeitos. Isso não compromete a qualidade dos resultados obtidos, mas diminui (como é o caso da maioria dos estudos de caso) as possibilidades de sua generalização. Isso posto, evidencia-se a possibilidade de um aprofundamento futuro das reflexões aqui propostas através do desenvolvimento de novos estudos com novos grupos de pessoas que experimentem outras categorias de situações adversas.

Quanto aos leitores entrevistados, a pesquisa contribui para desmitificar algumas concepções do senso comum, tanto em relação ao perfil dos leitores – idade, escolaridade, profissão – como os impactos da leitura na vivência dos sujeitos. Se, na linguagem popular, “a leitura salva vidas”, nesta pesquisa esse “salvamento” foi identificado, compreendido e analisado como os cinco processos psíquicos decorrentes da prática da leitura no enfrentamento de situações adversas –

processamento/integração, circum-ambulação, identificação/catarse, consolação, amplificação. Foi surpreendente identificar o protagonismo dos leitores na criação de estratégias de enfrentamento às adversidades (sejam elas conscientes ou não) recorrendo à prática da leitura literária para encontrar, ainda que de modo não necessariamente intencional, fortalecimento emocional, acolhimento, escape, reconstrução psíquica, elaboração de traumas, compreensão de si mesmos e do mundo que os cerca.

A relação afetiva dos leitores com a literatura ficou evidente em seus depoimentos, essa conexão do ser humano com a arte da narração, um vínculo profundo, uma necessidade. Verificou-se que não existe uma tipologia específica de obra que possa ser indicada para o enfrentamento das adversidades e que os leitores trabalharam com o que tinham à mão, entre clássicos, romances de banca, best-sellers, literatura nacional e estrangeira, poesia e prosa, o que parece indicar que não há regra para impulsionar a capacidade de reconstrução do leitor por meio da leitura literária. O essencial, talvez, seja uma disposição, uma abertura pessoal que permita que esse processo ocorra, e uma ligação especial com a literatura, uma compreensão subjetiva de sua aptidão criativa, construtiva, frutiva.

Como pesquisas complementares e futuras, sugere-se, como já indicado acima, o estudo de outros grupos de pessoas e de outros tipos de adversidades, bem como um estudo mais detalhado dos contextos sociais de leitores que experienciam adversidades, de modo a elucidar de maneira mais completa seus elementos sociológicos. Recomenda-se a expansão dos estudos sobre leitura literária no campo da CI, indicando-se o uso da Abordagem Clínica da Informação para análise dos fenômenos infocomunicacionais em diferentes grupos e contextos. Por fim, propõe-se o aprofundamento da proposta conceitual de leitura fluídica e sua aplicação em outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Flávia Ferreira. **Mediação e leitura na biblioteca escolar**: estudo de casos múltiplos. 2019. 124f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

ADICHIE, Chimamanda. **Hibisco Roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AISHANDO BOOKS. **Conheça a Série Damas Perfeitas da Autora Nahra Mestre**. Disponível em: <https://aishando.home.blog/2019/03/09/resenha-a-estrangeira-nhra-mestre/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

ALBOM, Mitch. **A Última Grande Lição**: o sentido da vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

ALMEIDA, Eliana Guimarães. **Literatura juvenil sob a ótica de leitores adolescentes de meios populares**. 2019. 343f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

ALVES, Mariana de Souza. **Práticas leitoras e informacionais nas bibliotecas comunitárias em Rede da Releitura - PE**. 2017. 223f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

ANTUNES, Maria Leonor Amorim. Abordagem Clínica da Informação: o imaginário Biblioteca/Google na perspectiva dos nativos digitais. **Prisma**, Porto, n. 34, p. 127-154, 2017. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma/issue/view/241>. Acesso em: 21 jul. 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. São Paulo: KMA, 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; DUMONT, Lígia Maria Moreira. As perspectivas de estudos sobre os sujeitos no PPGCI/UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, 2019, p. 85-101.

ARAÚJO, Eliane Pawlowski Oliveira; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. Comportamento informacional: introdução de perspectivas simbólicas e afetivas em investigações sobre usuários de informação. **Prisma**, Porto, n. 34, p. 46-63, 2017. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma/issue/view/241>. Acesso em: 21 jul. 2020.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

AUN, Marta Pinheiro. **No lar sem coroa**: o tempo invadido, a informação rarefeita (estudo da relação das empregadas domésticas com a informação e a leitura). 1993.

139f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

BAPTISTA NETTO, Irêneo. Jazz é música para os ouvidos e para a alma. *In: Gazeta do Povo*, 15 set. 2007. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/jazz-e-musica-para-os-ouvidos-e-a-alma-an6p5ifjtfyipwzw50dzt6afi/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

BARBOSA, Andreza Gonçalves; SÁ, Jéssica Patrícia Silva de; FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. Leitura coletiva em grupos de WhatsApp. *In: SÁ, Jéssica Patrícia Silva de et al (Org.). Bibliotecári@s e as redes sociais*. Belo Horizonte: ABMG, 2020. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6150> . Acesso em: 14 abr. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. E-book.

BARRETO, Damaris de Queiroz. **A leitura literária no contexto acadêmico**. 2019. 99f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

BAZÍLIO, Ana Paula Matos. **Mediação, Leitura e Inclusão social**: um caminho para ação cultural na Biblioteca Pública - o caso das Bibliotecas Parques. 2014. 119f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Arte e Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis**: sobre leitura e crítica. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul., 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BOWKER, John. **The Oxford Dictionary of World Religions**. New York: Oxford University Press, 1999.

BRAGA, Felipe Alves de Lima. **Uma cartografia da leitura**: o imaginário leitor fortalezense na segunda metade do século XIX. 2018. 232f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

BRITO, Luiz Percival Leme de. **Ao revés e ao avesso**: leitura e formação. São Paulo, Pulo do gato, 2015.

BUTLER, Octavia. **Kindred**: Laços de sangue. São Paulo: Morro Branco, 2017

CALDAS, Elaine Formentini. **A trajetória dos programas oficiais de leitura e da biblioteca pública no Brasil durante o período de 1937-2004**. 2005. 182f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2005.

CALDIN, Clarice. Leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>. Acesso em: 14 abr. 2021.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CARVALHO, Maria da Conceição. Biblioteca pública e educação: apontamentos sobre o papel da leitura hoje. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, número especial, p.186-194, out./dez. 2014.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 23.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. 4. ed. São Paulo: Centauro Editora, 1984.

COELHO, Clara Duarte. **As bibliotecas comunitárias e o fomento à leitura**: uma análise da Rede Leitora Terra das Palmeiras de São Luís-MA. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

COLLIN, Catherine *et al.* **O livro da Psicologia**. São Paulo: Globo, 2012.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Arned, 2006. 328p.

COSTA, Raquel Santos. **A leitura no campo informacional brasileiro**: a temática leitura nos trabalhos dos ENANCIB - 1994 a 2013. 2015. 88f. Dissertação (Mestrado

em Ciência da Informação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

COUTO, Gleice. **A onde encontrei meu lar**: um conto de Natal. [S.l.]: Edição da autora, 2014. [e-book].

CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologia para estudo de usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 5-19, jul. 1982.

CULTURA GENIAL. **Livro Orgulho e Preconceito, de Jane Austen**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/orgulho-e-preconceito-jane-austen/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

DEL TORO, Guilherme; FUNKE, Cornelia. **O Labirinto do Fauno**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

DICKENS, Charles. **Uma canção de Natal**. São Paulo: Peixoto Neto, 2018.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. A opção pela literatura de massa: simples lazer, ou alienação? **Investigación Bibliotecológica**, México, v. 14, n. 28, p. 166-177, jun. 2000. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=962830>. Acesso em: 30 jun. 2020.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura e Ciência da Informação. *In*: SANTOS, Andrea Pereira dos; GOMES, Suely Henrique de Aquino; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Interfaces da Leitura**. Goiânia: UFG, 2016.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura. **DataGramZero**, v.3, n.6, dez. 2002.

FAILLA, Zoara (Org.) **Retratos da Leitura no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Instituto Pró-Livro, 2020.

FARIAS, Fabíola Ribeiro. **A leitura e a biblioteca pública compreendidas pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas**: uma análise crítica. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FARIAS, Fabíola Ribeiro; CARVALHO, Maria da Conceição. Os discursos sobre a leitura na formação de leitores. **Em questão**, v. 20, n. 2, p. 108-129, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/38658>. Acesso em: 25 jul. 2020.

FERNANDES, Raquel Gonçalves da Silva de Araújo. **O estímulo à leitura em bibliotecas prisionais por meio do desenvolvimento de dinâmicas culturais**. 2019. 157f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

FIGUEIREDO, Flora. **Chão de Vento**. São Paulo: Geração, 2005.

FIORATTI, Carolina. Mapa interativo mostra as 13 principais emoções causadas pela música. *In: Super Interessante*, 7 jan. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/mapa-interativo-mostra-as-13-principais-emocoes-causadas-pela-musica/>. Acesso em 29 jan. 2021.

FLANAGAN, John. The Critical incident technique. *Psychological Bulletin*, July 1954. *apud* PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas; GOMES, Hagar Espanha; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; OLIVEIRA, Regina Maria Soares de. A aplicação da técnica do incidente crítico em estudos de usuários da informação técnico-científica: uma abordagem comparativa. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 8, n. 1, p. 25-417, mar.1979. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000002701>. Acesso em: 09 jul. 2020.

FLYNN, Gillian. **Garota exemplar**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

FLYNN, Gillian. **Objetos cortantes**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2005.

FRANK, Annie. **O Diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GAGLIONI, Cesar. Como está a procura por livros durante a quarentena. **Nexo Jornal**, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2020/04/14/Como-est%C3%A1-a-procura-por-livros-durante-a-quarentena>. Acesso em: 13 jul. 2020.

GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2019. E-book.

GALVÃO, Pedro. Cresce a busca por clássicos durante a quarentena. **Diário de Pernambuco**, 25 maio 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/05/cresce-a-busca-por-classicos-durante-a-quarentena.html>. Acesso em: 13 jul. 2020.

GAMBINI, Roberto. Entrevista. **Jornal Sonhos**, Belo Horizonte, v. 2, 19 nov. 2000.

GILBERT, Elizabeth. **Comer, rezar e amar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**. 5.ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

GREEN, John. **A Culpa é das Estrelas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Cascais: Principia, 2006.

HALFON, Daniel Gondin. **Os dias e os livros**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

HOSSEINI, Khaled. **A Cidade do Sol**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996. (O ato da leitura, v.2).

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KEPNES, Caroline. **Você**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

KING, Stephen. **Misery**: Louca Obsessão. Rio de Janeiro: Suma das Letras, 2014.

KING, Stephen. **O cemitério**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

KLEIN, Melanie. Essais de Psychanalyse. Paris: Payout, 1976 *apud* PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Ed. 34, 2013.

KNAPP, Paulo; CAMINHA, Renato Maiato. Terapia cognitiva do transtorno de estresse pós-traumático. **Rev Bras Psiquiatr**, n. 25, v.1, p. 31-36, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: ontem, hoje, amanhã. São Paulo: Unesp, 2018.

LANGAN, Ruth. **Corações indômitos**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

LEGIÃO URBANA. **Fábrica**. Composição: Renato Russo. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22506/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Correio Feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

LITERATURA POLICIAL. **Stephen king**: 5 curiosidades sobre Misery: louca obsessão. Disponível em: <https://literaturapolicial.com/2018/11/30/5-curiosidades-sobre-misery-louca-obsessao-filme-lancado-em-30-de-novembro-de-1990/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

MACHADO, Frederico Borges. **Políticas de Estado e bibliotecas públicas**: um estudo de caso do Plano Distrital do Livro e da Leitura. 2015. 313f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MACHADO, Pâmela Bastos. **Netos de Lobato**: modos de ler O Sítio do Picapau Amarelo no século XXI. 2014. 103f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. **Leitura recreativa na escola de 1º grau da Rede Oficial Municipal de Ensino de Belo Horizonte**. 1980. 127f. Dissertação (Mestrado em Administração de Bibliotecas) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1980.

MARTUCCELLI, Danilo. **Gramáticas del individuo**. Buenos Aires: Losada, 2007.

MAROZO, Luís Fernando da Rosa. A contribuição de Even-Zohar para a abordagem da literatura. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 22, n.2, p. 9-19, jul./dez. 2018.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTINS, Marcus Vinícius Rodrigues. **A biblioteca escolar no processo de escolarização da leitura no contexto do Movimento Escola Nova: 1920-1940**. 2013. 142f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. História oral como fonte: problemas e métodos. **Histórias**, Rio Grande, v. 2, n.1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395>. Acesso em: 14 abr. 2021.

MESTRE, Narah. **Até que a Vida nos Separe**. [S.l.]: Edição do autor, 2016 [e-book].

MESTRE, Narah. **A Viúva**. Belo Horizonte: Portal 2019.

MULLER, Sophia. **Enlouquecida**. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2014.

OLIVEIRA, Maria Jaciara de Azevedo. **As histórias em quadrinhos como fonte de informação: uma leitura de Fábulas no âmbito da Ciência da Informação**. 2014. 186f. Mestrado (Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

PAIVA, Marcelo Rubens. **Feliz Ano Velho**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. **Contribuição da biblioteca escolar no efeito escola relacionado à Prova Brasil - Leitura: estudo em Belo Horizonte, Contagem e Betim**. 2016. 264f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. A Abordagem Clínica da Informação e o Paradigma Indiciário: contribuições metodológicas de um diálogo para a introdução da dimensão do imaginário como tema na pesquisa das práticas informacionais em Ciência da Informação. **Prisma**, n. 34, p. 24-45, 2017. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/issue/view/241>. Acesso em: 21 jul. 2020.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. A investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo a abordagem clínica da informação como proposta metodológica. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 3, Número Especial, p. 30-44, out. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/16756>. Acesso em: 21 jul. 2020.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, Número Especial, p. 118-132, out. 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/12539/8027>. Acesso em: 07 jul. 2021.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 12., Brasília, 2011. **Anais** [...]. Brasília: UNB, 2011. p. 1-20.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. **Informação e psicodinâmica organizacional**: um estudo teórico. 1999. 206f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. **O símbolo como mediador da comunicação nas organizações**: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira. 2005. 367 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PAULA, Claudio Paixão Anastácio de; ARAÚJO, Eliane Pawlowski Oliveira. Evoluções metodológicas de pesquisas em ciência da informação: análise crítica das contribuições do uso das representações simbólicas e da arquetipologia da abordagem clínica da informação. *In: SILVA, Armando Malheiro et al. Informação e Imaginário*. Editora UFMG, no prelo.

PEREIRA, Ana Maria Gonçalves dos Santos. **Leitura para enfermos**: uma experiência em um hospital psiquiátrico. 1987. 114f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1987.

PEREIRA, Paulla Rosane dos Santos Coelho. **Os faróis do saber e seus agentes de leitura em Curitiba – Paraná**. 2016. 141f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia, 2016.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas; GOMES, Hagar Espanha; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; OLIVEIRA, Regina Maria Soares de. A aplicação da técnica do incidente crítico em estudos de usuários da informação técnico-científica; uma abordagem comparativa. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 8, n. 1, p. 25-417, mar.1979. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000002701>. Acesso em: 09 jul. 2020.

PERROTTI, Edmir. Olhando a Significação: do paradigma do acesso ao da apropriação de informação. *In: MARTELETO, Regina Maria (Org.). Informação, saúde e redes sociais*: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. *In*: LARA, Marila Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Deisy Pires (Org.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/Infoeducacao.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009a.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Ed. 34, 2013.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2009b.

PETI, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Ed. 34, 2019.

PINHEIRO, Edna Gomes. **Do limiar da casa ao olho da rua**: crianças e adolescentes em situação de risco e suas histórias de leitura – das práticas singulares ao olhar plural da Ciência da Informação. 2013. 235f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PIRES, Álvaro. De Quelques Enjeux Épistemologiques d'Une Méthodologie générale pour les Sciences Sociales. *In*: POUPART at al. La Recherche Qualitative Enjeux Épistemologiques et Méthodologiques. Gaetan Morin, Canadá, 1997, p. 3-83. *apud* GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Cascais, Portugal: Principia, 2006. 95 p.

PUNTEL, Luiz. **Meninos Sem Pátria**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Como os cinco dedos da mão. *In*: CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011. p. 6-11.

RAMOS, Rubem Borges Teixeira. **Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades**: um estudo etnometodológico sobre o leitor e a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics. 2017. 252f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

RAMOS, Rubem Borges Teixeira. **Histórias em quadrinhos na sociedade contemporânea**: lazer, produção e obtenção de Conhecimento na leitura das revistas de superheróis. 2008. 164f. Dissertação (Mestre em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1997. v. 3.

ROBLEDO, Beatriz Helena. Antología de poesía colombiana para niños. Bogotá: Alfaguara, 2007 *apud* PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009a.

ROLLIN, Oliver. À quoi servent les livres?. Mediapart, 2011 *apud* PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Ed. 34, 2019.

ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale en Bibliologie, 1998. v. 1.

SÁ, Jéssica Patrícia Silva de. **Ler e compartilhar na web**: práticas informacionais de blogueiros literários. 2018. 240f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SÁ, Jéssica Patrícia Silva de; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. O papel do bibliotecário na disseminação da leitura: acesso, incentivo e mediação. *In*: SÁ, Jéssica Patrícia Silva de; BARBOSA, Andreza Gonçalves; COSTA, Maria Elizabeth de Oliveira; SANTA ANNA, Jorge (Org.). **Fundamentos e práticas de mediação no contexto informacional**. Belo Horizonte: ABMG, 2020. p. 270-287. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6151>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Fred. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SAPIRO, Gisèle. **Sociologia da literatura**. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019.

SERFATY-GARZON, Perla. Dictionnaire critique de l'habitation et du Logement. Paris: Armand Colin, 2003. p.27-30. *apud* PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. *In*: LARA, Marila Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Deisy Pires (Org.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/Infoeducacao.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SHARP, Daryl. **Léxico Junguiano**: um manual de termos e conceitos. São Paulo: Cultrix, 1993.

SILVA, Rachel Polycarpo da. **Biblioteca para quem não sabe ler?**: a quebra de paradigma sobre leitura, leitores, usuários... 2014. 190f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

SILVEIRA, Nise da. **Gatos: a emoção de lidar**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.

SILVESTRE ESTELA, Flor de Maria. **A biblioteca escolar nos projetos de leitura nas escolas que obtiveram os melhores resultados do Enem**. 2015. 126f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. Práticas informacionais: desafios teóricos e empíricos de pesquisa. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE USOS E USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO, 1., Fortaleza. [Anais...], 2017. Disponível em: <http://www.eneu2017.ufc.br/index.php/eneu/1/paper/viewFile/60/31>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SLAUGHTER, Karin. **Flores partidas**. Rio de Janeiro: HaperCollins, 2016.

SOCIOPOÉTICA. **A voz de Kambili: hibridismo cultural em Hibisco roxo de Chimamanda Ngozi Adichie** Disponível em: <http://novo.revista.uepb.edu.br/index.php/SOCIOPOETICA/article/view/130>. Acesso em: 14 jan. 2021.

SOUSA, Ana Livia Mendes de. **Contações de história na região do Cariri Cearense: memória, identidade cultural e a mediação da leitura**. 2017. 88f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017a.

SOUSA, Laiana Ferreira de. **Encontro com as memórias leitoras do bibliotecário contador de histórias**. 2017. 132f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017b.

TARSO, Paulo de. No ritmo da Bossa Nova o Brasil ganhou o mundo. *In*: **Cidadão Cultura**, 22 ago. 2016. Disponível em: <https://www.cidadaocultura.com.br/no-ritmo-da-bossa-nova-o-brasil-ganhou-o-mundo/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

TEIXEIRA, Nathany. **Área Militar**. Itaúna: Sonho de livro, 2020.

THOMAS, Angie. **O ódio que você semeia**. Rio de Janeiro: Galera, 2017.

TOOROP, Jan. **O Grave, where is thy Victory?**. 1892. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/2681285/free-illustration-image-death-art-nouveau-angel>. Acesso em: 18. Mar. 2021.

VALDEZ, Tatyane Christina Gonçalves Ferreira. **Comunidades de prática online para as bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES: um espaço de discussão sobre a mediação da leitura e da informação**. 2015. 139p. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

VIA9. **Feliz Ano Velho**. Disponível em: <https://via9.webnode.com/products/feliz-ano-velho/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

WIERZCHOWSKI, Leticia. **Um Farol no Pampa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Letras**, Curitiba, n. 44, p. 185-196, 1995. Disponível:
https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3051/Leitura_e_leitorYUNES.pdf. Acesso em: 24 jan. 2021.

ZÉRAFFA, Michel. Roman et société. Paris: Presses Universitaires de France, 1971 *apud* DUMONT, Lígia Maria Moreira. A opção pela literatura de massa: simples lazer, ou alienação? **Investigación Bibliotecológica**, México, v. 14, n. 28, p. 166-177, jun. 2000. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=962830> . Acesso em: 30 jun. 2020.

ZILBERMAN, Regina. A estética da recepção e o acolhimento brasileiro. **Rev. dos cursos de Pós-Graduação em Letras UFPA**, Belém, n.12, p.7-17, jul./dez. 1999. Disponível em:
<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/search/authors/view?firstName=Regina&middleName=&lastName=Zilberman&affiliation=PUC-RS&country=BR>. Acesso em: 14 abr. 2021.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

APÊNDICE A – Trabalhos sobre leitura literária na Ciência da Informação (continua)

Autor	Título	Tipo	Instituição	Ano	Tema
ABREU, Flávia Ferreira	Mediação e leitura na biblioteca escolar: estudo de casos múltiplos	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	2019	Investiga ações de mediação e incentivo à leitura realizada por bibliotecários e professores nas bibliotecas escolares.
ALVES, Mariana de Souza	Práticas leitoras e informacionais nas bibliotecas comunitárias em Rede da Releitura-PE	Dissertação	Universidade Federal de Pernambuco	2017	Avaliação das práticas de leitura realizadas pelas bibliotecas comunitárias.
AUN, Marta Pinheiro	No lar sem coroa: o tempo invadido, a informação rarefeita (estudo da relação das empregadas domésticas com a informação e a leitura)	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	1993	Apropriação da informação/leitura por empregadas domésticas.
BARRETO Damaris de Queiroz	A leitura literária no contexto acadêmico	Dissertação	Universidade Federal do Ceará	2018	Práticas de leitura literária de discentes de programas de pós-graduação em CI.
BAZÍLIO, Ana Paula Matos	Mediação, Leitura e Inclusão social: um caminho para ação cultural na Biblioteca Pública- o caso das Bibliotecas Parques	Dissertação	Universidade Federal Fluminense	2014	Investigação sobre a atuação de bibliotecas públicas no que se refere à mediação de leitura e ação cultural.
BRAGA, Felipe Alves de Lima	Uma cartografia da leitura: o imaginário leitor fortalezense na segunda metade do século XIX	Dissertação	Universidade Federal do Ceará	2018	Regate da historiografia da literatura e da leitura de Fortaleza.
CALDAS, Elaine Formentini	A trajetória dos programas oficiais de leitura e da biblioteca pública no Brasil durante o período de 1937-2004	Dissertação	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	2005	Análise de políticas públicas de leitura em certo recorte histórico no contexto brasileiro.
COELHO, Clara Duarte	As bibliotecas comunitárias e o fomento à leitura: uma análise da Rede Leitora Terra das Palmeiras de São Luís-MA	Dissertação	Universidade Estadual de Londrina	2018	Investigação sobre projetos de mediação de leitura em bibliotecas comunitárias do Maranhão.
COSTA, Raquel Santos	A leitura no campo informacional brasileiro: a temática leitura nos trabalhos dos ENANCIB - 1994 a 2013	Dissertação	Universidade Federal Fluminense	2015	Levantamento bibliográfico sobre leitura em anais de congresso da CI.

Trabalhos sobre leitura literária na Ciência da Informação (continuação)

Autor	Título	Tipo	Instituição	Ano	Tema
FARIAS, Fabíola Ribeiro	A leitura e a biblioteca pública compreendidas pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas: uma análise crítica	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	2013	Análise das concepções teóricas sobre leitura e biblioteca pública atribuídas pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas.
FERNANDES, Raquel Gonçalves da Silva de Araújo	O estímulo à leitura em bibliotecas prisionais por meio do desenvolvimento de dinâmicas culturais	Dissertação	Universidade Federal do Sergipe	2019	Desenvolvimento de um modelo de dinâmica cultural para incentivo à leitura nos presídios.
MACHADO, Frederico Borges	Políticas de Estado e bibliotecas públicas: um estudo de caso do Plano Distrital do Livro e da Leitura	Dissertação	Universidade de Brasília	2015	Análise de políticas públicas sobre leitura no contexto brasileiro.
MACHADO, Pâmela Bastos	Netos de Lobato: modos de ler o Sítio do Picapau Amarelo no século XXI	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	2014	Apropriação simbólica da leitura por crianças leitoras da obra de Monteiro Lobato.
MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade	Leitura recreativa na escola de 1º grau da rede oficial municipal de ensino de Belo Horizonte	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	1980	Investiga as preferências de leitura e lazer dos alunos, assim como a mediação de leitura realizada por professores e bibliotecários.
MARTINS, Marcus Vinícius Rodrigues	A biblioteca escolar no processo de escolarização da leitura no contexto do Movimento Escola Nova: 1920-1940	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	2013	Análise histórica do lugar da biblioteca escolar nas escolas de Minas Gerais.
OLIVEIRA, Maria Jaciara de Azeredo	As histórias em quadrinhos como fonte de informação: uma leitura de Fábulas no âmbito da Ciência da Informação	Dissertação	Universidade Federal Fluminense	2014	Análise das histórias em quadrinhos como fontes de informação e o perfil do leitor de quadrinhos.
PAIVA, Marília de Abreu Martins de	Contribuição da biblioteca escolar no efeito escola relacionado à Prova Brasil - Leitura: estudo em Belo Horizonte, Contagem e Betim	Tese	Universidade Federal de Minas Gerais	2016	Compreensão das possíveis contribuições das bibliotecas escolares nos resultados dos alunos na Prova Brasil-Leitura.

Trabalhos sobre leitura literária na Ciência da Informação (continuação)

Autor	Título	Tipo	Instituição	Ano	Tema
PEREIRA, Ana Maria Gonçalves dos Santos	Leitura para enfermos: uma experiência em um hospital psiquiátrico	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba	1987	Biblioterapia e serviços bibliotecários como terapia auxiliar para doentes mentais.
PEREIRA, Paulla Rosane dos Santos Coelho	Os faróis do saber e seus agentes de leitura em Curitiba – Paraná	Dissertação	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro	2016	Análise da mediação de leitura realizada por profissionais nos faróis do saber no Paraná.
SÁ, Jéssica Patrícia Silva de	Ler e compartilhar na web: práticas informacionais de blogueiros literários	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	2018	Identificação das práticas informacionais de leitores/produtores de conteúdo que se inserem na blogosfera literária para compartilhar experiências de leitura.
SILVA, Rachel Polycarpo da	Biblioteca para quem não sabe ler?: a quebra de paradigma sobre leitura, leitores, usuários...	Dissertação	Universidade Federal Fluminense	2014	Análise da biblioteca escolar e da formação de leitores na Educação Infantil.
PINHEIRO, Edna Gomes	Do limiar da casa ao olho da rua: crianças e adolescentes em situação de risco e suas histórias de leitura - das práticas singulares à pluralidade do olhar da ciência da informação	Tese	Universidade Federal de Minas Gerais	2013	Investigação das experiências e das histórias de leitura de crianças e adolescentes imersos em situação de risco.
RAMOS, Rubem Teixeira Borges	Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades: um estudo etnometodológico sobre o leitor e a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics	Tese	Universidade Federal de Minas Gerais	2017	Análise das experiências de leitores brasileiros e norte-americanos quanto à leitura das histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics.
RAMOS, Rubem Borges Teixeira	Histórias em quadrinhos na sociedade contemporânea: lazer, produção e obtenção de conhecimento na leitura das revistas de super-heróis	Dissertação	Universidade Federal de Minas Gerais	2008	Análise das histórias em quadrinhos e de sua apropriação por parte do público leitor.

Trabalhos sobre leitura literária na Ciência da Informação (conclusão)

Autor	Título	Tipo	Instituição	Ano	Tema
SILVESTRE ESTELA, Flor de María	A biblioteca escolar nos projetos de leitura nas escolas que obtiveram os melhores resultados do Enem	Dissertação	Universidade de Brasília	2015	Análise dos projetos de leitura realizados em bibliotecas escolares.
SOUSA, Ana Lúvia Mendes de	Contações de história na região do Cariri Cearense: memória, identidade cultural e a mediação da leitura	Dissertação	Universidade Federal de Pernambuco	2017	Investigação sobre a contribuição da contação de histórias para construção da identidade cultural e mediação de leitura na comunidade.
SOUSA, Laiana Ferreira de	Encontro com as memórias leitoras do bibliotecário contador de histórias	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba	2017	Analisa as memórias da trajetória de leitura de bibliotecários que atuam como contadores de histórias e mediadores de leitura.
VALDEZ, Tatyane Christina Gonçalves Ferreira	Comunidades de prática online para as bibliotecas dos colégios de aplicação das IFES: um espaço de discussão sobre a mediação da leitura e da informação	Dissertação	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	2015	Mediação da leitura e da informação no âmbito das bibliotecas escolares.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados obtidos no levantamento bibliográfico.

APÊNDICE B – Teses e dissertações na CI sob o prisma do leitor

No lar sem coroa: o tempo invadido, a informação rarefeita (estudo da relação das empregadas domésticas com a informação e a leitura)

A dissertação de Aun (1993) investiga a relação das empregadas domésticas, que trabalham em Belo Horizonte, com a informação e a leitura. Foi analisado como as trabalhadoras se apropriam – ou não – destas informações de forma a lhes possibilitar um crescimento que as ajude a vencer a exclusão social, permitindo a construção de sua cidadania. Foi verificado, por meio de entrevistas, se existia o hábito da leitura por parte das domésticas, quais seriam as necessidades de leitura e a busca por informações. Os resultados apontam para uma pobreza informacional a qual esta categoria profissional está submetida, fruto do capitalismo e do patriarcado como forças mantenedoras da desigualdade. Conclui-se que as domésticas têm acesso à informação, contudo, este acesso é mais uma proximidade física do que cognitiva, sendo assim, suas necessidades informacionais não são atendidas. Elas possuem interesse na leitura, porém, possuem dificuldade com os textos.

A leitura literária no contexto acadêmico

A dissertação de Barreto (2018) averiguou a inserção da leitura literária na vivência de discentes de programas de pós-graduação em Ciência da Informação do Ceará. A pesquisa qualitativa baseou-se no entendimento da prática leitora como ação intrinsecamente ligada aos meandros sociais e culturais dos estudantes. Um aspecto a ser destacado é a conjunção de quatro pontos para justificar a introdução da temática no campo da Ciência da Informação, a saber: leitura, mediação, conhecimento e informação. Por meio de entrevistas semiestruturadas, verificou-se que o ingresso no ensino superior ocasiona o progressivo afastamento das práticas de leitura literária.

Netos de Lobato: modos de ler o Sítio do Picapau Amarelo no século XXI

A dissertação de Machado (2014) investigou os modos de ler e atribuir sentidos à literatura infantil na contemporaneidade, compreendendo como as crianças se apropriam da obra de Monteiro Lobato no século XXI. A autora traçou o perfil dos leitores, suas motivações e dificuldades de leitura, a partir de sua subjetividade, seu contexto histórico e social. Ressalta-se a argumentação embasada no caráter social da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, com ênfase na compreensão da leitura como processo de apropriação simbólica. A análise dos dados coletados, por meio de entrevistas, sugere que a literatura lobateana interessa aos leitores infantis contemporâneos, como também é lida e atualizada em seus sentidos por eles.

Leitura recreativa na escola de 1º grau da rede oficial municipal de ensino de Belo Horizonte

A dissertação de Magalhães (1980), um estudo sobre leitura recreativa em escolas municipais de Belo Horizonte, visando à obtenção de informações sobre as preferências de lazer e leitura dos alunos de 5ª a 8ª série, analisando também as facilidades de acesso ao livro proporcionadas pela escola e atividades desenvolvidas por professores e bibliotecários para incentivar a leitura recreativa. O trabalho centrou-se na temática da leitura de lazer, excluindo-se abordagens teóricas sobre leitura informativa. A pesquisa apresentou os resultados de forma

quantitativa. Os dados obtidos comprovaram que a leitura ocupa posição secundária entre as atividades recreativas, não sendo considerada lazer principal pelos alunos. Dentre as preferências dos leitores estão os livros contendo aventuras e histórias de amor. O desempenho da biblioteca escolar foi considerado pouco significativo em relação à leitura recreativa.

Ler e compartilhar na web: práticas informacionais de blogueiros literários

Sá (2018) investigou as possibilidades de compartilhamento de leituras no ambiente virtual por parte dos leitores literários. Assim sendo, a pesquisa objetivou investigar os blogs literários buscando averiguar as práticas informacionais dos blogueiros no que diz respeito aos seus papéis como leitores, produtores de conteúdo e mediadores de leitura nos círculos sociais de blogueiros, pertencentes à blogosfera literária. A leitura literária foi discutida com ênfase na sua apropriação e no seu compartilhamento. A metodologia consistiu no uso da netnografia, utilizando-se a análise documental e a entrevista semiestruturada como técnicas de coleta de dados. Os resultados apontaram as práticas informacionais realizadas pelas oito blogueiras identificadas na amostra, que foram elencadas em quatro categorias: leitura, identidade, ações de informação e interação. A respeito dos papéis exercidos pelas blogueiras na blogosfera literária, identificou-se que elas atuam como leitoras e como produtoras de conteúdo.

Do limiar da casa ao olho da rua: crianças e adolescentes em situação de risco e suas histórias de leitura - das práticas singulares à pluralidade do olhar da ciência da informação

A tese de Pinheiro (2013) teve como objetivo analisar as influências da leitura, advinda da educação não-formal, no mundo de vida de crianças e jovens amparados por ONGS em João Pessoa, buscando compreender as experiências e as histórias de leitura de crianças e adolescente imersas em situação de risco. Destaca-se a forma sólida com a qual a autora articula a interseção dos domínios entre os campos da leitura e da Ciência da Informação à medida que considera a leitura como fonte e forma de apropriação de informação e de conhecimento, que oportuniza a construção de ideias e ações para favorecer o leitor a se (re)construir diante das adversidades da vida. Por meio do método fenomenológico, as técnicas de coleta de dados utilizadas foram a observação participante e a entrevista baseada na escuta sensível, em desenhos comentados e na história de vida tópica. Como resultados, obteve-se que as práticas de leituras realizadas estão diretamente relacionadas às propostas de inclusão e ressocialização de crianças e adolescentes participantes dos projetos sociais, uma vez que, levam à autonomia, a resiliência e ao empoderamento.

Encontro com as memórias leitoras do bibliotecário contador de histórias

A dissertação de Sousa (2017b) objetivou analisar as memórias leitoras do bibliotecário contador de histórias, avaliando se possuem relação com suas práticas enquanto mediador de leitura. A proposta de analisar o bibliotecário no seu papel de leitor literário articulou referenciais teóricos sobre mediação da informação, leitura literária, oralidade e memória. A adoção da História Oral como método guiou a coleta de dados realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados constataram a relação dos bibliotecários com a leitura desde sua constituição enquanto leitores até o impacto causado pela prática leitora em suas atuações profissionais como contadores de histórias.

As histórias em quadrinhos como fonte de informação: uma leitura de Fábulas no âmbito da Ciência da Informação

A dissertação de Oliveira (2014) investigou as possibilidades de inserção das histórias em quadrinhos no campo da Ciência da Informação a partir da constatação de que essas narrativas poderiam apresentar-se como fonte de informação para os leitores. A pesquisa discutiu as relações entre quadrinhos, cultura, educação e informação para defender o fato da narrativa quadrinística ser relevante fonte de informação dos modos de ser e pensar do mundo contemporâneo. Por meio da aplicação de questionários, delineou-se o perfil do leitor de quadrinhos e a natureza de sua relação com esta narrativa. Por fim, apresentou-se a percepção dos leitores do universo dos quadrinhos, assim como propostas de mediação e dinamização deste tipo de acervo.

Histórias em quadrinhos na sociedade contemporânea: lazer, produção e obtenção de conhecimento na leitura das revistas de super-heróis

Em sua dissertação, Ramos (2008) investigou as histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics e seu público leitor, considerando essas narrativas como instrumento divulgador da informação e também de construção do conhecimento, capazes de permitir ao leitor perceber, interagir e recriar o mundo ao seu redor, através da formação de opiniões e reflexões. A análise das entrevistas identificou elementos presentes nas histórias em quadrinhos de super-heróis utilizados pelos leitores em suas vidas.

Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades: um estudo etnometodológico sobre o leitor e a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics

Já na tese, Ramos (2017) analisa as experiências de leitores brasileiros e norte-americanos quanto às histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics, considerando que, por meio da leitura, o leitor é exposto a uma gama variada de ideias e informações, as quais levam a uma contínua reorganização e interiorização de conhecimentos. Tal leitura é considerada como fonte e forma de apropriação de informação e de introjeção do conhecimento. A metodologia recorre ao emprego da observação participante e da entrevista, bem como do conceito de história de vida tópica, para fornecer subsídio ao percurso metodológico da pesquisa qualitativa. Os resultados apontam que os leitores de quadrinhos interpretam e introjetam os conhecimentos veiculados e adquiridos por meio da leitura, os quais são por eles recorridos em um ou mais aspectos ou momentos de sua vida.

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista semiestruturada

Bloco 1 – História de vida e trajetória de leitura

1. Dados pessoais. Fale um pouco sobre você (idade, escolaridade, profissão, ocupação, estado civil, com que mora, hobbies).
2. História pessoal e trajetória como leitor (a). (Quem é você? Conte-me sua história... Como você chegou até aqui? Quando foi que você se interessou pela leitura? Como isso aconteceu? O que aconteceu desde então?)
3. Houve alguém que estimulou o seu gosto pela leitura? Quem?
4. Como é a sua relação com a leitura literária atualmente?
5. Possui gêneros literários preferidos? O que te atrai nesses gêneros?
6. Com que frequência você lê livros literários?
7. Como você descreveria o seu cotidiano como leitor(a)?
8. Quais são as suas motivações para ler?
9. Ciclos (Se a sua vida fosse uma plantação... em que momento do cultivo ela estaria? - preparo da terra, sementeira, irrigação, retirada de matos, etc – Por que você diz isso? Você diria que a sua relação com a leitura evoluiu ou involuiu com o tempo? Você poderia narrar casos ou situações que evidenciem essa opinião?).

Bloco 2 – Aspectos simbólicos da leitura literária

10. Qual o papel da leitura na sua vida?
11. Quais sentimentos a leitura desperta em você?
12. Um símbolo para a leitura (Se eu lhe pedisse para escolher uma imagem diferente do livro ou do ato de ler para descrever a leitura, que imagem você usaria? Por que você escolheu essa imagem?).
13. Comparação do ato da leitura com um estilo musical (Se você fosse comparar a leitura a um estilo musical que estilo ela seria? Por quê?).
14. Comparação de você, enquanto lê ou enquanto leitor (a), com um animal. (E se você tivesse que escolher um animal para representar você mesmo (a) enquanto lê ou enquanto leitor (a), qual você escolheria? Por quê?)

Bloco 3 – Experiências vivenciais de uso da leitura literária para o enfrentamento de situações adversas

15. Relato de conflitos com a experiência da leitura (Conte-me um caso ou uma situação em que a leitura de um livro ajudou você numa situação de conflito ocorrida a sua vida. Que livro foi? Como ele ajudou? Conte-me outra.).
16. Relato de experiências significativas com a experiência da leitura (Conte-me uma história significativa com a leitura de uma obra literária. Por que essa situação marcou você? Conte-me outra.).
17. Já ocorreram mudanças na sua vida e em você mesmo(a) por causa ou em decorrência da prática da leitura? Quais?
18. Existem livros que são especiais na sua vida? Quais? Que situações permitiram a criação de vínculos entre você e esses livros? Por que você acha que isso aconteceu?
19. Você considera que a leitura te auxiliou a enfrentar/superar situações difíceis em sua vida? Que situações foram essas? Como isso ocorreu? E se esses livros não existissem, como teria sido?

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Participante

Prezado (a) Senhor (a),

Eu, Jéssica Patrícia Silva de Sá, orientada pelo Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula, estou realizando um trabalho de pesquisa cujo objetivo é compreender a apropriação simbólica da leitura por parte de leitores que vivenciam situações adversas. Esta pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em nível de doutorado, e possui cunho estritamente acadêmico sem fins comerciais.

Diante disso, tenho a satisfação de convidá-lo(a) para participar desta pesquisa, como voluntário (a), concedendo-me uma entrevista sobre sua relação com a leitura de obras literárias. Na entrevista serão abordados tópicos referentes à sua relação com a leitura e os livros lidos, além das experiências de leitura que marcaram sua vida. Durante a entrevista e eventuais conversas ao longo do processo, os fatos observados que sejam importantes para a pesquisa serão anotados e haverá gravação em áudio e posterior transcrição por mim. A entrevista será agendada previamente, com duração de aproximadamente uma hora.

A sua identidade e a sua participação nesta pesquisa serão mantidas em sigilo e os dados divulgados pela pesquisa não conterão nomes ou quaisquer outras informações que permitam identificá-lo (a). Seu nome não será usado na divulgação dos dados, sendo utilizado um nome fictício para quaisquer referências a sua pessoa. Os arquivos contendo as gravações e transcrições da entrevista não serão acessados por outras pessoas, além mim e de meu orientador. Garanto a confidencialidade desses registros, comprometendo-me a manter os arquivos sob minha guarda.

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento ou indenizações pela mesma. O benefício de sua participação nesta pesquisa será a contribuição com este estudo, que visa compreender como os leitores atribuem significado à prática da leitura literária ao enfrentar adversidades. Há pouco risco relacionado à sua participação na pesquisa, apenas o de que você se sinta constrangido(a) durante a condução da entrevista ou desconfortável em responder alguma das questões. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. Caso decida retirar-

se do estudo, favor me contactar pessoalmente ou através do telefone ou *e-mail* informados no final deste Termo. Você também poderá entrar em contato comigo ou com meu orientador, por telefone ou *e-mail*, caso sinta necessidade de maiores esclarecimentos sobre essa pesquisa. Em caso de dúvidas éticas, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em pesquisa da UFMG (COEP-UFMG), cujo telefone, *e-mail* e endereço completo constam no final desse Termo.

Certa de que as informações acima apresentadas lhe forneceram os esclarecimentos necessários em relação a essa pesquisa e caso haja concordância de sua parte em participar deste estudo, solicito que manifeste sua concordância assinando o seguinte Termo de Consentimento Livre Esclarecido em duas vias de igual teor (uma via ficará em seu poder):

Assinatura do (a) participante

Assinatura da pesquisadora (orientanda)

Assinatura do pesquisador (orientador)

Local e data

TÍTULO DO PROJETO: Aspectos simbólicos da prática da leitura literária em contextos de adversidade

PESQUISADORA: Jéssica Patrícia Silva de Sá
e-mail: j.jessicadesa@gmail.com - Telefone: (31) 98552-7301

ORIENTADOR: Claudio Paixão Anastácio de Paula
e-mail: claudiopap@hotmail.com – Telefone: (31) 3409-6121

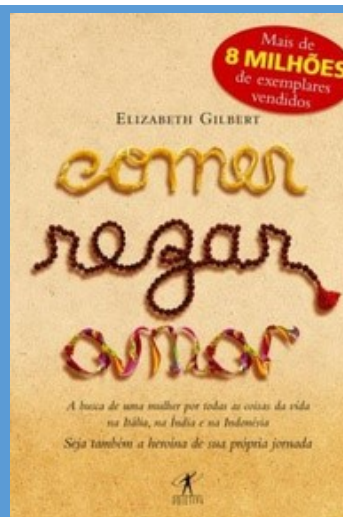
INSTITUIÇÃO: Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação
Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.
Telefone: (31) 3409-6103

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP-UFMG)

e-mail: coep@prpq.ufmg.br - Telefone: (31) 3409-4592
Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.
Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

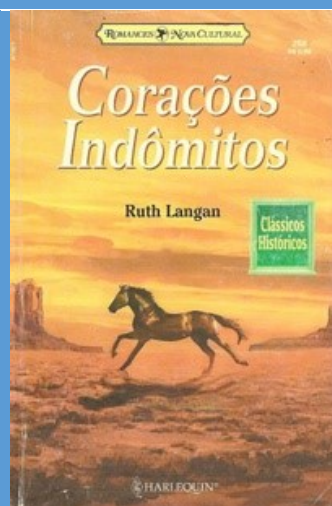
APÊNDICE E – Livros citados pelos colaboradores da pesquisa

Livro	Sinopse
	<p>Cinco vidas... Cinco mulheres... Cinco amigas de infância que seguiram caminhos totalmente diferentes, caminhos que acabaram se cruzando e se entrelaçando após a abertura de um baú de lembranças... Um baú onde depositaram suas metas, desejos, sonhos e o que queriam para o seus futuros. Quinze anos depois, se reúnem para descobrir o que haviam guardado. Apesar de estarem afastadas, no reencontro, além dos questionamentos que a abertura do baú acarreta, elas descobrem que tem que lidar com algo muito maior, algo que poderá mudar o futuro de todas... Uma história de amor, amizade e superação.</p> <p>Disponível em: https://www.amazon.com.br/At%C3%A9-que-Vidas-nos-Separe-ebook/dp/B01K3ATIGS. Acesso em: 05 abr. 2021.</p>
	<p>Mariam tem 33 anos. Sua mãe morreu quando ela tinha 15 anos e Jalil, o homem que deveria ser seu pai, a deu em casamento a Rashid, um sapateiro de 45 anos. Ela sempre soube que seu destino era servir seu marido e dar-lhe muitos filhos. Mas as pessoas não controlam seus destinos. Laila tem 14 anos. É filha de um professor que sempre lhe diz: "Você pode ser tudo o que quiser." Ela vai à escola todos os dias, é considerada uma das melhores alunas do colégio e sempre soube que seu destino era muito maior do que casar e ter filhos. Mas as pessoas não controlam seus destinos. Confrontadas pela história, o que parecia impossível acontece: Mariam e Laila se encontram, absolutamente sós. E a partir desse momento, embora a história continue a decidir os destinos, uma outra história começa a ser contada, aquela que ensina que todos nós fazemos parte do "todo humano", somos iguais na diferença, com nossos pensamentos, sentimentos e mistérios.</p> <p>Disponível em: https://www.skoob.com.br/livro/56ED76. Acesso em: 05 abr. 2021.</p>
	<p>Flora se situa nesse universo poético de palavras tantas vezes mágicas. Neste livro, ela descreve o que vê em sua volta e o que ocorre dentro de si. E o que ocorre em sua volta somente olhos atentos de um poeta podem notar. Somente o olhar preciso de um poeta pode descobrir. Somente o gesto claro de um poeta como ela pode distinguir. A poesia fere e às vezes dói. O poema se faz aos poucos envolvendo a palavra em seu apelo e em sua magia. Em Flora Figueiredo a poesia flui. Mulher, ela tem direito a tudo e a poesia sabe que é assim. A poesia se deixa levar nesse avental de tardes que ela carrega em sonhos e distâncias.</p> <p>Disponível em: http://www.florafigueiredo.com/obra/chao-de-vento. Acesso em: 05 abr. 2021.</p>



Em torno dos 30 anos, Elizabeth Gilbert enfrentou uma crise da meia-idade precoce. Tinha tudo que uma americana instruída e ambiciosa teoricamente poderia querer - um marido, uma casa, um projeto a dois de ter filhos e uma carreira de sucesso. Mas em vez de sentir-se feliz e realizada, foi tomada pelo pânico, pela tristeza e pela confusão. Enfrentou um divórcio, uma depressão debilitante e outro amor fracassado, até que se viu tomada por um sentimento de liberdade que ainda não conhecia. Foi quando tomou uma decisão radical - livrou-se de todos os bens materiais, demitiu-se do emprego, e partiu para uma viagem de um ano pelo mundo - sozinha.

Disponível em: <https://www.skoob.com.br/comer-rezar-amar-1168ed1596.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.



Dakota, América do Norte, 1867

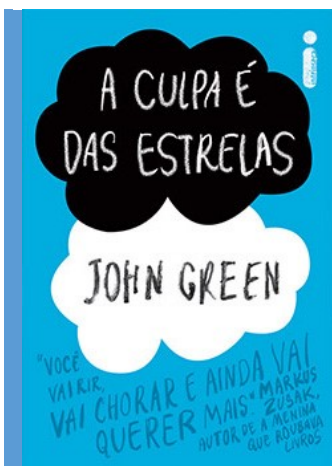
Kitty Conover era uma jovem bem diferente das que moravam em Misery. Sempre vestida com trajes masculinos de pele de gamo e com os cabelos loiros e encaracolados presos sob um chapéu de aba larga, ela era conhecida por sua tenacidade em perseguir, por semanas a fio, os rastros de cavalos selvagens. Dormia tão bem ao relento, sob as estrelas, quanto no calor de uma cama. Distingua as rochas pelo formato, conhecia os picos das montanhas um por um e cada curva das trilhas. Acima de tudo, ela aprendera a esperar o inesperado e a resolver qualquer contratempo. Mas Bo Chandler foi uma surpresa que pegou Kitty desprevenida. Depois de salvar a vida de Bo, ela começou a sentir os primeiros e inegáveis sintomas do verdadeiro amor. E não ficou nem um pouco satisfeita com isso! Ela entendia de cavalos, mas os homens eram uma espécie bem mais complicada. Kitty não estava disposta a confiar seu coração a um desconhecido que acendia nela faíscas mais eletrizantes do que os relâmpagos de uma tempestade de verão!

Disponível em: <https://www.skoob.com.br/coracoes-indomitos-26464ed28753.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.



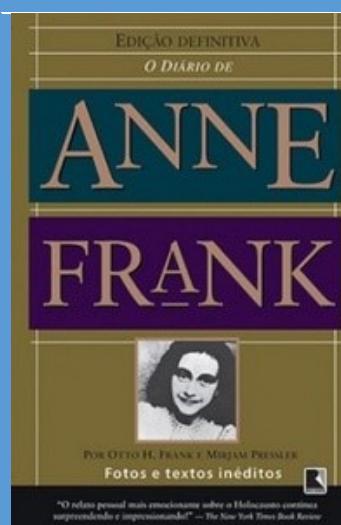
Se você trabalha fora, comanda ou dirige equipes, trata de assuntos comerciais com homens, interessa-se por força da profissão, pela cotação do mercado, pela contabilidade mecanizada, enfim, se você é obrigada a deixar de lado as maneiras delicadas e muito femininas, muito cuidado! O grande perigo que a ameaça é a masculinização de seus gestos, de sua palestra, de seus pensamentos". O conselho, quem diria, é de Clarice Lispector, e faz parte do lançamento Correio feminino, uma seleção de textos da escritora publicados em colunas e suplementos femininos da imprensa brasileira durante as décadas de 50 e 60, organizados pela professora Aparecida Maria Nunes. Lidos hoje, estes textos delineiam o contorno da mulher e da sociedade brasileira nos chamados anos dourados. Sob pseudônimos ou como ghost writer, esta Clarice Lispector jornalista feminina revela ao leitor as inquietações, hábitos e tendências da mulher brasileira nas décadas de 50 e 60. E o livro Correio Feminino cumpre seu papel ao apresentar esta nova faceta da escritora, para deleite de todos.

Disponível em: <https://www.rocco.com.br/livro/correio-feminino/>. Acesso em: 06 abr. 2021.



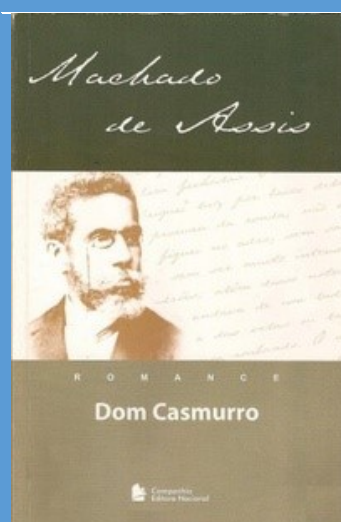
Com humor, doçura e melancolia, John Green narra o romance de dois adolescentes que se conhecem em um Grupo de Apoio para Crianças com Câncer. Hazel é uma paciente terminal cuja vida vem sendo prolongada por uma nova droga. Augustus foi jogador de basquete até perder uma perna para o osteossarcoma. Como Hazel, Gus gosta de ironizar os clichês do mundo do câncer - sua principal arma para encarar a doença que abrevia seus dias.

Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/livro/237/>. Acesso em: 05 abr. 2021.



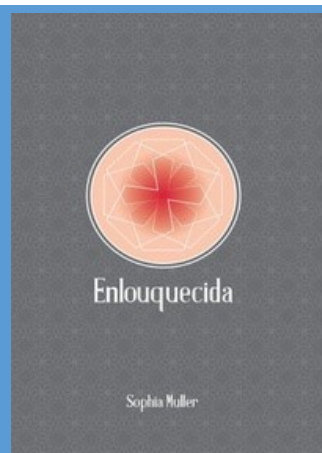
O depoimento da pequena Anne Frank, morta pelos nazistas após passar anos escondida no sótão de uma casa em Amsterdã, ainda hoje emociona leitores no mundo inteiro. Seu diário narra os sentimentos, medos e pequenas alegrias de uma menina judia que, com sua família, lutou em vão para sobreviver ao Holocausto. Lançado em 1947, O Diário de Anne Frank tornou-se um dos maiores sucessos editoriais de todos os tempos. Um livro tocante e importante que conta às novas gerações os horrores da perseguição aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Agora, seis décadas após ter sido escrito, este relato finalmente é publicado na íntegra, com um caderno de fotos e o resgate de trechos que permaneciam inéditos. Uma nova edição que aprofunda e aumenta nossa compreensão da vida e da personalidade dessa menina que se transformou em um dos grandes símbolos da luta contra a opressão e a injustiça. E consagra O Diário de Anne Frank como um dos livros de maior importância do século XX. Uma obra que deve ser lida por todos, para evitar que atrocidades parecidas voltem a acontecer neste mundo.

Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/17724ED19114>. Acesso em: 05 abr. 2021.



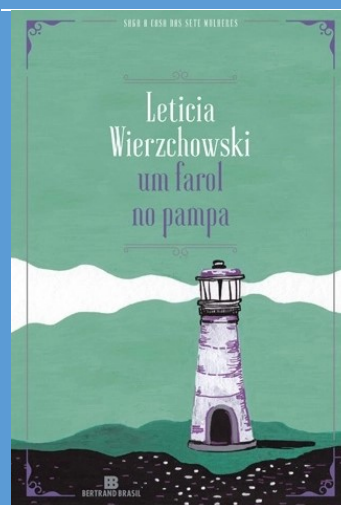
Nesta obra, Machado de Assis apresenta a história de Bentinho, o Dom Casmurro, que relembra sua vida e seu amor por Capitu. Clássico do realismo, Dom Casmurro aborda com sutileza a questão do ciúme e do adultério.

Disponível em: <https://www.skoob.com.br/dom-casmurro-180ed188263.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.



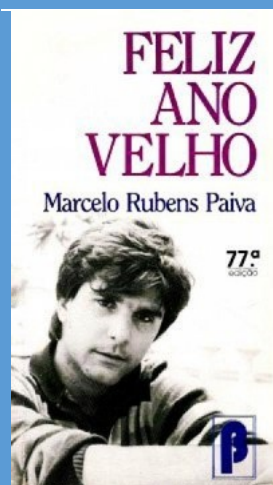
Clara veio do interior e tem um desafio pela frente. Se manter num dos maiores escritórios de advocacia do País e ainda se sustentar na cidade grande, mas felizmente ela pode contar com sua amiga de infância, Julie. Tudo estava encaminhando corretamente em seus planos, até que ela conhece um homem misterioso que faz suas pernas bambearem. Nunca na vida ela sentiu dessa forma e ela tem medo que o passado possa vir assombrá-la com esse sentimento. Mas será que a mocinha do interior vai se render os encantos dele? Será que ele não vai se afastar ao descobrir seus segredos?

Disponível em: <https://www.skoob.com.br/enlouquecida-379838ed429472.html>. Acesso em: 06 abr. 2021.



Relançamento com nova capa do segundo livro da saga A casa das sete mulheres. Em Um farol no pampa, segundo livro da saga de Leticia Wierzchowski, acompanhamos o destino de um jovem chamado Matias na esteira dos assombrosos acontecimentos que levam o Império do Brasil à Guerra do Paraguai. A história de Matias se mescla com a vida das personagens femininas de A casa das sete mulheres e, mais uma vez, Manuela dá a sua voz para nos contar o que foi feito do Rio Grande e da sua gente depois que a Revolução Farroupilha teve seu malfadado final. E traz de volta para o leitor a companhia de personagens queridas como D. Antônia, D. Ana, Caetana, Mariana e Perpétua.

Disponível: <https://www.record.com.br/produto/um-farol-no-pampa/>. Acesso em: 05 abr. 2021.



Publicado originalmente em 1982, o livro é um relato verdadeiro do acidente que deixou Marcelo tetraplégico, a poucos dias do Natal de 1979. Jovem paulista de classe média alta, vida boa, muitas namoradas, estudante de Engenharia Agrícola na Unicamp, ele vê sua vida se transformar num pesadelo em questão de segundos. Durante um passeio com um grupo de amigos, Marcelo, de farra, resolve dar um mergulho no lago. Meio metro de profundidade. Uma vértebra quebrada. O corpo não responde. Começa ali, naquele mergulho, a história de Feliz Ano Velho. A partir do acidente, Marcelo vê sua vida mudar radicalmente. Seus dias no hospital, as visitas que recebeu, as histórias que viveu são relatadas sob uma nova perspectiva: a de um jovem que sempre fez tudo o que podia e queria, e que, agora, sentado em uma cadeira de rodas, vê-se impotente diante dos acontecimentos, dependendo da ajuda de amigos e familiares para reaprender a viver.

Disponível em: <https://www.skoob.com.br/feliz-ano-velho-924ed456115.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.



IRMÃS. ESTRANHAS. SOBREVIVENTES.

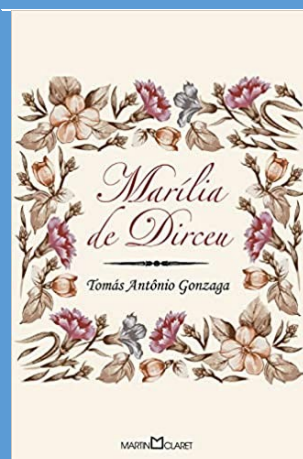
Quando Lydia contou para a irmã que o cunhado havia tentado estuprá-la, Claire não acreditou. Dezoito anos depois, porém, tudo o que Claire achava saber sobre o marido se prova uma mentira. Quando vídeos escondidos no computador de Paul mostram uma face terrível do homem que ela julgava conhecer, Claire percebe que o drama de sua família tem muitas camadas, que precisarão ser descobertas antes que a assustadora verdade venha à tona.

Disponível em: <https://harpercollins.com.br/produto/flores-partidas/#!>. Acesso em: 06 abr. 2021.



Protagonista e narradora de Hibisco roxo, a adolescente Kambili mostra como a religiosidade extremamente "branca" e católica de seu pai, Eugene, famoso industrial nigeriano, inferniza e destrói lentamente a vida de toda a família. O pavor de Eugene às tradições primitivas do povo nigeriano é tamanho que ele chega a rejeitar o pai, contador de histórias encantador, e a irmã, professora universitária esclarecida, temendo o inferno. Mas, apesar de sua clara violência e opressão, Eugene é benfeitor dos pobres e, estranhamente, apoia o jornal mais progressista do país. Durante uma temporada na casa de sua tia, Kambili acaba se apaixonando por um padre que é obrigado a deixar a Nigéria, por falta de segurança e de perspectiva de futuro. Enquanto narra as aventuras e desventuras de Kambili e de sua família, o romance também apresenta um retrato contundente e original da Nigéria atual, mostrando os remanescentes invasivos da colonização tanto no próprio país, como, certamente, também no resto do continente.

Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12753>. Acesso em: 05 abr. 2021.



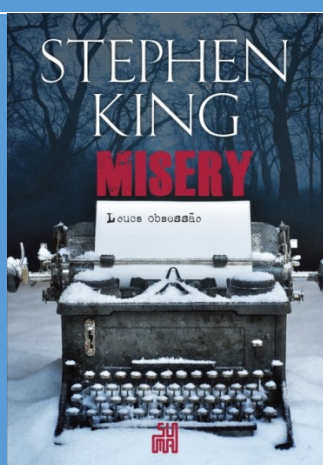
"Marília de Dirceu" reúne a maior parte da breve produção literária de Tomás Antônio Gonzaga. As líras que compõem esta obra, muito além de um extravasamento amoroso, são um diálogo com os acontecimentos políticos, sociais e artísticos testemunhados pelo poeta e foram compostas, em parte, em seu período de cárcere, que antecedeu o exílio. Marcada pelo dualismo entre o universo imanente que é a arte e a realidade como ponto de partida, entre o presente turbulento do século XVIII e a Antiguidade clássica, "Marília de Dirceu" influenciou toda a literatura brasileira vindoura, renunciou o Romantismo e tornou-se um dos mais importantes clássicos de nossa língua. Num período em que o Brasil era parte do Império Português e em que literatura brasileira e portuguesa ainda não se distinguiam, Tomás Antônio Gonzaga deu alguns dos primeiros passos rumo a uma literatura nacional.

Disponível em: <http://martinclaret.com.br/livro/marilia-de-dirceu/>. Acesso em: 05 abr. 2021.



Filhos de um jornalista perseguido por questões políticas, Marcão e Ricardo foram forçados a deixar o Brasil. Juntamente com seus pais, os irmãos fugiram para o Chile e, em seguida, para a França. Acompanhando os passos desses garotos, o leitor vai conhecer a jornada de muitos jovens que tiveram de abandonar seu país por causa do regime militar, imposto em 1964. Em seus livros, o consagrado escritor Luiz Puntel faz o leitor refletir sobre problemas brasileiros e assim adquirir uma postura crítica sobre a realidade que o cerca. Em *Meninos sem pátria*, o autor aborda os temas da ditadura e do sofrimento do exílio, além de levar o leitor para uma viagem por diferentes países e culturas.

Disponível em: <https://www.skoob.com.br/meninos-sem-patria-1858ed523158.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.



Paul Sheldon é um famoso escritor reconhecido pela série de best-sellers protagonizados por Misery Chastain. No dia em que termina de escrever um novo manuscrito, decide sair para comemorar, apesar da forte nevasca. Após derrapar e sofrer um grave acidente de carro, Paul é resgatado pela enfermeira aposentada Annie Wilkes, que surge em seu caminho. A simpática senhora é também uma leitora voraz que se autointitula a fã número um do autor. No entanto, o desfecho do último livro com a personagem Misery desperta na enfermeira seu lado mais sádico e psicótico. Profundamente abalada, Annie o isola em um quarto e inicia uma série de torturas e ameaças, que só chegará ao fim quando ele reescrever a narrativa com o final que ela considera apropriado. Ferido e debilitado, em *Misery - Louca obsessão*, Paul Sheldon terá que usar toda a criatividade para salvar a própria vida e, talvez, escapar deste pesadelo.

Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=27052144>. Acesso em: 05 abr. 2021.



Na Inglaterra do final do século XVIII, as possibilidades de ascensão social eram limitadas para uma mulher sem dote. Elizabeth Bennet, de vinte anos, uma das cinco filhas de um espirituoso, mas imprudente senhor, no entanto, é um novo tipo de heroína, que não precisará de estereótipos femininos para conquistar o nobre Fitzwilliam Darcy e defender suas posições com perfeita lucidez de uma filósofa liberal da província. Lizzy é uma espécie de Cinderela esclarecida, iluminista, protofeminista. Neste livro, Jane Austen faz também uma crítica à futilidade das mulheres na voz dessa admirável heroína recompensada, ao final, com uma felicidade que não lhe parecia possível na classe em que nasceu.

Disponível em: <https://www.skoob.com.br/orgulho-e-preconceito-819ed400361.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.



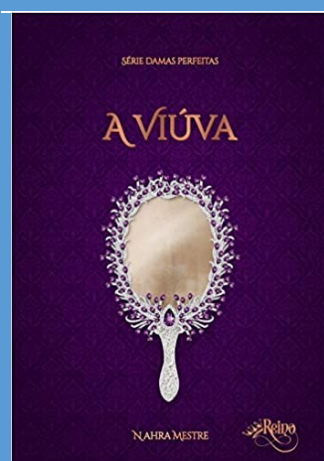
O livro conta a história do complexo Pequeno Príncipe. Ao narrar a evolução da instituição, seus personagens e o contexto de cada tempo, o livro resgata a memória do cuidado e do amor ao ser humano, devolve a cada um o mistério da infância. De repente retornam os sonhos. Reaparece a lembrança de questionamentos, desvelam-se incoerências acomodadas, quase já imperceptíveis na pressa do dia-a-dia. Voltam ao coração escondidas recordações... O reencontro, o homem-menino.

Disponível em: <https://www.skoob.com.br/o-pequeno-principe-693ed743296.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.



Cada um de nós teve na juventude uma figura especial que, com paciência, afeto e sabedoria, nos ajudou a escolher caminhos e olhar o mundo sob uma perspectiva diferente. Talvez tenha sido um avô, um professor ou um amigo da família – uma pessoa mais velha que nos compreendeu quando éramos jovens, inquietos e inseguros. Para Mitch Albom, essa pessoa foi Morrie Schwartz, seu professor na faculdade. Vinte anos depois, eles se reencontraram quando o velho mestre estava à beira da morte. Com o contato e a afeição restabelecidos, Mitch passou a visitar Morrie todas as terças-feiras, tentando sorver seus últimos ensinamentos. Durante 14 encontros, eles trataram de temas fundamentais para a felicidade e a realização humana. Através das ágeis mãos de Mitch e do bondoso coração de Morrie nasceu A última grande lição, que nos transmite maravilhosas reflexões sobre amor, amizade, medo, perdão e morte.

Disponível em: <https://sextante.com.br/livros/a-ultima-grande-licao/>. Acesso em: 05 abr. 2021.



Após atirar à queima-roupa no próprio marido, Viollet se vê livre de um casamento abusivo, em que sofreu todos os tipos de agressões físicas e psicológicas. Apesar de sentir-se aliviada, ela não consegue se libertar da culpa. O que Viollet não esperava era que John, seu amor de infância, usasse todas as armas para tê-la novamente em sua vida. Em uma busca desesperada para reencontrar a mulher que fora um dia, e disposta a se manter de luto pelo tempo estipulado pela sociedade vitoriana, ela precisa lutar contra si mesma para não sucumbir às investidas de John. Entretanto tem certeza de que, mesmo que seu coração implora para se entregar, seu corpo não suportará ser tocado novamente. Romance de época que retrata o conflito de uma dama enlutada, a luta entre a leveza e o pesar, entre a liberdade e a culpa. A escolha de ser feliz ou viver na amargura.

Disponível em: https://www.amazon.com.br/Vi%C3%BAva-S%C3%A9rie-Damas-Perfeitas-Livro/dp/8552925168/ref=tmm_pap_swatch_0?encoding=UTF8&qid=&sr=. Acesso em: 05 mar. 2021.